(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO XIII - 1º VOL. - JUN. 2023 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL – BRASIL

Germanos Farhat

Paul van Ostaijen

Ilse Aichinger

Anna de Noailles

Saint-John Perse

Hovhannes Tumanian

Toshiko Tamura

Antoni Pogorièlski

Xavier Bonfill i Trias

Juana Manuela Gorriti

L. S. Simckes

Adèle Toussaint-Samson

José María Arguedas

Juliano, o Apóstata

Severo Sarduy

Guy de Maupassant

Pierre Peuchmaurd

+

Cantos floridos

Nezahualcóyotl, Tecayehuatzin, Temilotzin, Ayocuan

ISSN 2177-5141

26

tradução
μετάφραση
ترجمة
ԹԱՐԳՄԱՆՈՒԹՅՈՒՆ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
ภาษาแปล
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canlı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 13, n. 26, 1º vol., jun. 2023
Bilingue: 12 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex
Licenciada na Creative Commons – Open Access

As traduções publicadas na revista são de propriedade intelectual de seus respectivos tradutores, amparada pela Lei dos Direitos Autorais, Lei nº 9610, de 1998. Qualquer reprodução, sem a devida menção ou licença, será considerada apropriação indevida. E qualquer cópia de trechos, excertos ou passagens das traduções, será considerada plágio.

INTRO

"Minhas flores não acabarão
meus cantos não cessarão."

Nezahualcóyotl

EDITORIAL

notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E HQS
Aline Daka

REVISÃO E ASSISTÊNCIA
Amanda Zampieri

REVISÃO EDITORIAL
Thaís Fernandes

CONSULTORIA LINGUÍSTICA
Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS
Equipe (n.t.)

Ա Ժ
Բ Ի
Գ Լ
Դ Խ
Ե Ծ
Զ Կ
Է Հ
Ը Ձ

A invenção do alfabeto é uma revolução na história das escritas. Trata-se de um sistema fonético onde cada símbolo representa um som ou mais de um e onde não há ligação entre os significados e a representação gráfica do texto. Sua origem teve início com o surgimento dos primeiros símbolos, que consistiam em ideogramas ou pictogramas, formados por desenhos representativos feitos a partir de objetos. E o primeiro conhecido, segundo a historiografia, é o fenício, criado por volta de 1200 a.C. E embora todo alfabeto seja uma convenção, um deles reserva detalhes *sui generis*, o armênio, desenvolvido no século V d.C., dono de uma origem particular, impulsionada, sobretudo, pela tradução.

O alfabeto armênio foi desenvolvido pelo monge, teólogo, hinógrafo e linguista armênio Mesrobes Mastósio e pelo católico erudito Isaque I, o Parta. Mesrobes, na tarefa de conceber um alfabeto que seria utilizado para traduzir a Bíblia para o novo reino cristão, pôs-se a desenvolvê-lo. Ao lado de Isaque I, que o auxiliou a inventá-lo, e do monge e calígrafo grego Rufinus, que o ajudou a modelar a escrita, inventou um alfabeto com 36 novas letras, criando uma combinação entre os sons da língua falada no século V e o novo alfabeto. Como protótipo, utilizou algumas escritas, como o alfabeto Pahlavi, uma forma de escrita do persa-médio usada em textos sacerdotais armênios, o siríaco e o grego. Embora haja evidências de um alfabeto armênio anterior ao século V, mencionado por historiadores greco-romanos, assim como registros em escrita cuneiforme, oriundos do antigo Reino de Urartu, o alfabeto, tal como o conhecemos, foi desenvolvido entre 404 e 406 d.C. pelos hoje chamados Santos Tradutores, que possibilitaram o nascimento da literatura armênia e da época das grandes traduções dos textos patrísticos, dos cânones litúrgicos e dos textos históricos.

E o exemplo mais antigo do alfabeto é uma dedicatória inscrita sobre uma das portas da Igreja de São Sarkis, no vilarejo de Tekor, datada 480 d.C., atualmente em ruínas. Já a capa desta edição da (n.t.) traz a inscrição esculpida no antigo mosteiro de Sanahin, do século X, outrora uma escola de iluminadores, calígrafos e eruditos, cujas paredes albergaram uma das mais célebres bibliotecas manuscritas da Armênia medieval, o Matenadaran de Sanahin. E o armênio, ao lado de outros 11 idiomas, também faz parte deste número da revista que oferece, por sua vez, um pequeno *matenadaran* de textos e manuscritos.

E é justamente um manuscrito clássico que o abre, os *Cantos floridos* | *Xochicuicatl*, dos poetas nahuas Nezahualcóyotl, Tecayehuatzin, Temilotzin e Ayocuan, por Scott Ritter Hadley; seguidos do *Diwan* | ديوان, do poeta sírio Germanos Farhat, por Isabela Alves

Pereira; dos *Epigramas* | *Ἐπιγράμματα*, do imperador romano Juliano, o Apóstata, por Frederico Fidler; de *Alguns poemas reunidos* | *Enkele verzamelde gedichten*, do belga Paul van Ostaijen, por Vinícius Posansky; da *Resposta invernal* | *Winterantwort*, da austríaca Ilse Aichinger, por Evelyn Petersen; de *Te amo como se nem sequer vivesses* | *Je t'aime comme si tu n'existais pas*, da francesa Anna de Noailles, por Juliana Ramos; dos *Danos perfeitos* | *Parfait dommages*, do francês Pierre Peuchmaurd, por Natan Schäfer; e de *Dois elogios* | *Deux éloges*, do francês Saint-John Perse, por Mônica Costa Netto.

Na sequência, sete narrativas, em sete idiomas diferentes, ilustram as páginas da seção de Contos e Capítulos: *O Rei Taramela* | *Չախչախ Թագավորը*, do escritor armênio Hovhannes Tumanian, por Fernando Januário Pimenta; *O caminho da montanha* | *山道*, da japonesa Toshiko Tamura, por Karen Kazue Kawana; *A vendedora de roscas de papoula de Lafiértovo* | *Лафертовская маковница*, do russo Antoni Pogoriélski, por Márcia Chagas Kondratiuk e Ekaterina Vólkova Américo; *O pinheiral e O pinheiral destruído* | *La pineda i La pineda destruïda*, do catalão Xavier Bonfill i Trias, por Elisa Bicca; *Cenas de Lima* | *Escenas de Lima*, da argentina Juana Manuela Gorriti, por Roberta Vilas Boas; *O rato morto* | *Dead Mouse*, do estadunidense L. S. Simckes, por Tiago Hermano Breunig; *Uma parisiense no Brasil* | *Une parisienne au Brésil*, da francesa Adèle Toussaint-Samson, por Vera Lúcia de Azevedo Siqueira.

Em "ensaios", apresentamos a leitura do peruano José María Arguedas *Entre o quéchua e o espanhol: a angústia do mestiço* | *Entre el kechwa y el castellano: la angustia del mestizo*, por Sergio Ricardo Oliveira, e as elucubrações do cubano Severo Sarduy em seus *Aforismos*, por Marco Antonio Bojorquez Martínez. E na seção de encerramento, rememoramos e republicamos, pela primeira vez ao lado do original, a tradução de *Amor* | *Amour*, de Guy de Maupassant, vertido pela tradutora Olívia Krähenbühl, publicado em 1941 na antiga *Revista do Brasil*, e depois, em 1947, no *Diário de Notícias*.

Por fim, a maioria dos idiomas presentes nesta edição partem de alfabetos, há muito idealizados e formalizados através da literatura, fonte da tradução. No caso da Armênia, foi uma criação essencial em sua história, pois as primeiras 36 letras foram destinadas a ser "os 36 pilares" de sua nação, edificados pelos Santos Tradutores. O alfabeto armênio desempenhou um papel enorme na preservação da identidade nacional e cultural de seu povo, tendo evoluído e florescido não só pelas mãos de escritores, mas também de tradutores de ofício dedicados. Eis mais um evento onde a tradução joga um duplo papel, atuando, de um lado, como um agente de transposição cultural, e de outro, como um mecanismo de transferência histórica, aproximando e desprovincializando, e construindo pontes – necessárias – entre o tempo passado e o presente, entre o ponto de partida e o de chegada.

Que se abram as páginas aos abecedários! ■

Os editores
Desterro, setembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Fac-símiles e originais: ▪ Archive.Org, para "Xochicuicatl", seleção poética; ▪ الديوان/Aldiwan (Ar. Saudita/Emir. Árabes), para "الديوان", de Germanos Farhat; ▪ Archive.Org, para "Επιγράμματα", de Juliano, o Apóstata; ▪ Digitale Bibliotheek voor de Nederlandse Letteren (Hol.), para "Enkele verzamelde gedichten", de Paul van Ostaijen; ▪ Google Books, para "Winterantwort", de Ilse Aichinger; ▪ Gallica (Fra.), para "Je t'aime comme si tu n'existais pas", de Anna de Noailles; ▪ Google Books, para "Parfait dommages", de Pierre Peuchmaurd; ▪ Wikisource, para "Deux éloges", de Saint-John Perse; ▪ Wikisource, para "Չախչախ Թագավորը", de Hovhannes Tumanian; ▪ Google Books e 青空文庫/Aozora Bunko (Jap.), para "山道", de Toshiko Tamura; ▪ Archive.Org, para "Лафертовская маковница", de Antoni Pogoriélski; ▪ Museu de Sant Boi de Llobregat/Arxiu Històric Municipal (Catalunha), para "La pineda i La pineda destruïda", de Xavier Bonfill i Trias; ▪ Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (Esp.), para "Escenas de Lima", de Juana Manuela Gorriti; ▪ Gallica (Fra.), para "Une parisienne au Brésil", de Adèle Toussaint-Samson; ▪ Biblioteca Central Pedro Zulen - UNMSM (Peru), para "Entre el kechwa y el castellano: la angustia del mestizo", de José María Arguedas; ▪ Hemeroteca da Biblioteca Nacional - BN, para "Amor", de Guy de Maupassant, tradução de Olívia Krähenbühl; ▪ Gallica (Fra.), para "Amour", de Guy de Maupassant. **Direitos de publicação:** ▪ Fictioninc.com (EUA), para "Dead Mouse", de L. S. Simckes; ▪ Ediciones Universal (EUA), para "Aforismos", de Severo Sarduy. **Direitos autorais cedidos:** ▪ L. S. Simckes, para "Dead Mouse".

(n.t.) | 26°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados
aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons,
Licença Internacional 4.0
Open Access

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA

Xochicuicatl | Cantos floridos
de Nezahualcóyotl, Tecayehuatzin, Temilotzin, Ayocuan...
por Scott Ritter Hadley
10

Diwan | ديوان
de Germanos Farhat
por Isabela Alves Pereira
41

Ἐπιγράμματα | Epigramas
de Juliano, o Apóstata
por Frederico Fidler
48

Enkele verzamelde gedichten
Alguns poemas reunidos
de Paul van Ostaijen
por Vinícius Posansky
61

Winterantwort | Resposta invernal
de Ilse Aichinger
por Evelyn Petersen
72

Je t'aime comme si tu n'existais pas
Te amo como se nem sequer vivesses
de Anna de Noailles
por Juliana Ramos
83

Parfait dommages | Danos perfeitos
de Pierre Peuchmaurd
por Natan Schäfer
90

PROSA POÉTICA

Deux éloges | Dois elogios
de Saint-John Perse
por Mônica Costa Netto
106

CONTOS

Չախչախ Թագավորը | O Rei Taramela
de Hovhannes Tumanian
por Fernando Januário Pimenta
122

山道 | O caminho da montanha
de Toshiko Tamura
por Karen Kazue Kawana
134

Лафертовская маковница
A vendedora de roscas de papoula de Lafiértovo
de Antoni Pogoriélski
por Márcia Chagas Kondratiuk
e Ekaterina Vólkova Américo
158

La pineda i La pineda destruïda
O pinheiral e O pinheiral destruído
de Xavier Bonfill i Trias
por Elisa Bicca
201

Escenas de Lima | Cenas de Lima
de Juana Manuela Gorriti
por Roberta Vilas Boas
208

Dead Mouse | O rato morto
de L. S. Simckes
por Tiago Hermano Breunig
233

Une parisienne au Brésil | Uma parisiense no Brasil
de Adèle Toussaint-Samson
por Vera Lucia de Azevedo Siqueira
249

ENSAIOS

Entre el kechwa y el castellano: la angustia del mestizo
Entre o quéchua e o espanhol: a angústia do mestiço
de José María Arguedas
por Sergio Ricardo Oliveira
277

Aforismos | Aforismos
de Severo Sarduy
por Marco Antonio Bojorquez Martínez
286

MEMÓRIA

Amour | Amor
de Guy de Maupassant
por Olívia Krähenbühl
304

poesia

(n.t.) | Artamet

CANTOS FLORIDOS

SELEÇÃO POÉTICA

O TEXTO: Seleção com 12 poemas extraídos da seção "Xochicuicatl" ("Cantos floridos), publicados na coletânea *In xochitl in cuicatl. Flor y canto: la poesía de los Aztecas*, organizada por Birgitta Leander, em 1972: "Minhas flores não acabarão" ("Ah tlamiz noxochiuh"), "Canto a Nezahualcoyotl" ("Xochipetlatipan"), "Flores da alma..." ("Itzmolini xochitl..."), "Flores da primavera" ("Yecoc xochitl"), "Vivemos em um bom tempo..." ("Yeccan tinemico xochipan…"), "Teu coração é um livro de cantos" ("Amoxcalco pehua cuica"), "Flores de tempos chuvosos" ("Ica xon ahuiyacan"), "A amizade é uma chuva de flores" ("Ayn ilhuicac itic ompa ye ya huitz"), "A amizade acima de tudo" ("Iz catqui tla yetetl"), "Com cantos, envolvo a comunidade" ("Ye ni hualla, antocnihuan in"), "Bebamos agora" ("Ma ye toconican") e "Cantemos agora" ("Tla oc toncuicacan"). No conjunto, oferecem uma imagem do mundo dos astecas antes da conquista espanhola, uma visão antes antropológica do que poética, escrita em náuatle clássico.

Texto traduzido: Leander, Birgitta (Org.). "Xochicuicatl". In. *In xochitl in cuicatl. Flor y canto: la poesía de los Aztecas.* Traducción de Ángel M. Garibay. México: Instituto Nacional Indigenista, 1972, pp. 87-121.

O AUTOR: Seleção de poesia asteca organizada em 1972 por Birgitta Leander, especialista em códices astecas e professora da Universidad Complutense de Madrid e Uppsala University, autora de *La poesia náhuatl, función y caráter* (1971). Já a tradução ao espanhol do texto náuatle é assinada por Ángel M. Garibay (1892-1967), filólogo e historiador de culturas mesoamericanas pré-colombianas, especificamente dos povos nahuas. Os poemas, alguns atribuídos aos poetas Nezahualcóyotl, Tecayehuatzin, Temilotzin e Ayocuan Cuetzpaltzin, são compilados a partir de dois manuscritos com canções e poemas nahuas do século XVI, os *Cantares mexicanos* e os *Romances de los señores de la Nueva España*.

O TRADUTOR: Scott Ritter Hadley (EUA) é pós-graduado em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Reside em Puebla, México, onde leciona latim, inglês e espanhol na Universidad Autónoma de Puebla. É tradutor da atual literatura indígena mexicana, incluindo a totonaca, a zapoteca e a náuatle. Para a (n.t.) traduziu Manuel E. Sainos, Víctor Cata, Fabiola Carrillo Tieco, entre outros.

XOCHICUICATL

"Ah tlamiz noxochiuh
ah tlamiz nocuic."

NEZAHUALCÓYOTL, TECAYEHUATZIN,
TEMILOTZIN, AYOCUAN...

AH TLAMIZ NOXOCHIUH

(de Nezahualcoyotl)

Ah tlamiz noxochiuh
ah tlamiz nocuic
in nocon ya ehua
zan nicuicanitl.

Xexelihui moyahua
cozahuia xochitl:
ye on calaquilo
zacuan calitic.

Colección de cantares mexicanos (f. 16 v.)

XOCHIPETLATIPAN

Xochipetlatipan
tocon ya icuilohua
in mocuic in matlatol
nopiltzin oo
ti Nezahualcoyotzin.
Ahuayya yahui yya yye
ohuayya ya Ohuaya Ohuaya.

A icuiliuh moyollo
tlapapal xochitica:
tocon ya icuilohua
in mocuic in motlatol
nopiltzin oo
ti Nezahualcoyotzin.
Ahuayya yahui yya yye
Ohuaya ya Ohuaya Ohuaya.

Romances de los señores de la Nueva España (f. 18 v.)

ITZMOLINI XOCHITL...

Itzmolini xochitl, celia, mimilihui,
cueponi... Yehuaya.
Mitecpa on quiza in cuicaxochitl in
tepan tic tzetzeloa, tic ya moyahua Aya
iticuicanitl! Ohuaya.
Ohuaya Ohuaya Ohuaya anahue
Xon ahuican Huiya antocnihuan Yehuaya
ma on netotilo in xochincalitec
in onca ye noncuica Aya
inicuicanitl! Ohuaya.

Cantares mexicanos (f. 33 v.)

YECOC XOCHITL

Yecoc xochitl:
ma in nequimilolo,
ma in necuiltonolo,
antepilhuan.
Huel ixtihuitz
cuecueyontihuitz.
Zan xopan nomacicatihuitz
cempohualxochitl.
Yecoc xochitl tepepitech.

Colección de cantares mexicanos (f. 14 r.)

YECCAN TINEMICO XOCHIPAN…
(de Yoyontzin)

Yeccan tinemico xochipan tinemico,
ah in tocnihuan.
¡Ma yuhcan quentetl,
ma on nemohua!

In zan in ni Yoyon
ye nican paqui
toyollo tixco timatico
yectli totlatol
ah in tocnihuan.
In zan achico.
¡Ma yuhcan quentetl,
ma on nemohua!

Colección de cantares mexicanos (f. 69 r.)

AMOXCALCO PEHUA CUICA
(de Nezahualcoyotl)

Amoxcalco pehua cuica
yeyecohua Yehuaya ( )
quimoyahua xochitl
on ahuia cuicatl.
Oha mayya hue hahuayya ohuaya ohuaya.

Icahuaca cuicatl
oyohualli ehua-tihuitz
zan quinanquiliya
toxochayacach
quimoyahua xochitl
on ahuia cuicatl.

Xochiticpac cuica
in yectli cocoxqui
ye con ya totoma
a-itec.
Ho ilili yaha ilili yio
hui ohui ohui Ohuaya Ohuaya.

Zan ye con nanquilia
in nepepan quechol
in yeetli quechol
in huel ya cuica
Ha ilili yaha ililili
ohui ohui ohui Ohuaya Ohuaya.

Amoxtlacuilol in moyollo
tocuicaticaco in tictzotzona in mohuehueuh
in ticuicanitl
xopan cala itec,
in tonteyahuiltiya.
Yao yli yaha ilili lili iliya ohama hayya Ohuaya Ohuaya.

Zan tic moyahua
in puyuma xochitli
in cacahua xochitli
in ticuicanitl
xopan cala itec
in tonteyahuiltiya
Yao ya oli yaha ilili lili iliya ohama Ohuaya Ohuaya.

Xochitli tic ya mana
in nepapan xochitli
ic zan tonteyahuiltiya
ti tepiltzan o ti Nezahualcoyotzin
ah noyol quimati
momaco on maniya
timocozcatiya
xopan in xochitli.
No ama ha om hama kay yaha Ohuaya Ohuaya.

Zan moch ompa ye huitze
onmeyocan ilhuicatli itec
o ica tonteyahuiltiya
ti tepiltzin o ti Nezahualcoyotzin
ah noyol quimati
momaco on maniya
timocozcatiya
xopan in xochitli.

Romances de los señores de la Nueva España (fs. 38 r.-39 v.)

ICA XON AHUIYACAN

Ica xon ahuiyacan
ihuinti xochitli
tomac mani Aya.
Ma on te ya aquiloto
xochicozquitl:
in toquiappancaxochiuh:
tla celia xochitli
cueponia xochitli:
oncan nemi tototl
chachalaca tlatohua. Hahaya
hual on quimati teotl ichan Ohuaya Ohuaya.

Zaniyo in toxochiuh
ica tonahuiyacan
zaniyo in cuicatl Aya
ica on pupulihui
in amotlaocol
in tepilhuan
ica yehua amelel on quiza. Ohuaya Ohuaya.

Quiyocoya in ipalnemohua Aya
qui ya hual temohuiya
Moyocoyatzin
in ayahauilo xochitli
ica yehua amelel on quizá. Ohuaya Ohuaya.

Romances de los señores de la Nueva España (f. 19 r.)

AYN ILHUICAC ITIC OMPA YE YA HUITZ
(de Ayocuan)

Ayn ilhuicac itic ompa ye ya huitz
in yectli yan xochitl, yectli yan cuicatl.
Conpoloan tellel,
conpoloan totlayocol,
y tlacahzo yehuatl in chichimecatl teuctli in Tecayehuatzin.
¡Yca xonahuiacan!

Moquetzalizquixochintzetzeloa in icniuhyotl.
Aztacaxtlatlapantica,
ye on malinticac in quetzalxiloxochitl:
ymapan onnehnemi,
conchihchichintinemih
in teteuctin, in tepilhuan.

Zan teocuitlacoyoltototl:
o huel yectlin amocuic,
huel yectli in anquehua.
Anquin ye oncan y xochitl yiahualiuhcan.
Y xochitl ymapan amoncate, yn amontlahtlahtoa.
¿On ach anca tiquechol, in Ipalnemoa?
¿O ach anca titlatocauh yehuan teotl?
Achtotiamehuan anquitztoque tlahuizcalli,
amoncuicatinemi.

Maciuhtia o in quinequi noyollo
zan chimalli xochitl,
in ixochiuh Ipalnemoani.
¿Quen conchiuaz noyollo yehua?
Onen tacico,
tonquizaco in tlalticpac.
¿Zan ca iuhquin onyaz
in o ompopoliuhxochitla?
¿An tle notleyo yez in quenmanian?
¿An tle nitauhca yez in tlalticpac?
¡Manel xochitl, manel cuicatl!

¿Quen conchihuaz noyollo yehua?
Onen tacico,
tonquizaco in tlalticpac.

Man tonahuiacan, antocnihuan,
ma onnequechnahualo nican.
Xochintlalticpac, ontiyanemi.
Ye nican ayac quitlamitehuaz
in xochitl, in cuicatl,
in mani a ychan Ipalnemohuani.

Yn zan cuel achitzincan tlalticpac.
¿Oc no iuhcan quenonamican?
¿Cuix oc pacohua?
¿Icniuhtihua?
¿Auh yn amo zanio nican
tontiximatico in tlalticpac?

Colección de cantares mexicanos (f. 10 r.)

IZ CATQUI TLA YETETL

Iz catqui tla yetetl
toxochio *Ahuaye*
ihuan tocuic
quipolohua telel
ah in totlaocol in. *Ohuaya Ohuaya.*

Yya tocnihuan *Aya*
xon ahuiyacan
ah mochipa tlalticpac
zan cen on quizaz
in icniuhyotli *Ohuaya Ohuaya.*

Romances de los señores de la Nueva España (f. 16 v.)

YE NI HUALLA, ANTOCNIHUAN IN
(de Temilotzin)

Ye ni hualla, antocnihuan in:
noconcozcazoya,
nictzinitzcamana,
nictlauhquecholihuimolohua,
nicteocuitla icuiya,
nicquetzalhuixtoilpiz
in icniuhyotli.
Nic cuicailacatzoa cohuayotli.
In tecpan nicquixtiz,
an ya tonmochin,
quin icuac tonmochin in otiyaque ye Mictlan.
In yuh ca zan tictlanehuico.

Ye on ya nihualla,
ye on ninoquetza,
cuica nonpictihuiz,
cuica nonquixtihuiz,
antocnihuan.
Nech hualihua teotl,
nehua ni xochhuatzin,
nehua ni Temilotzin,
nehua ye nonteicniuhtiaco nican.

Romances de los señores de la Nueva España (f. 2 r.)

MA YE TOCONICAN

Ma ye toconican
ma ye tocon cuacan
cacahuaxochitli
ye ic tonahuiacan.
O ya cuepunqui
moxoch Ahuaya Ohuaya.

Cacahuaxochitla
qui ihuintia noyollo Yeehuaya
qui ihuintia noyollo Yeehuaya.
Ma ic ninapantiuh
zan no ye yuhcan
ma ica huel yatiuh
noyollo Yeehuaya
maca in cuetlahuia
xochitla Ohuaya Ohuaya.

¡Ma yuh niyahui
in yuhcan
ma nocpacxochiuh…!
Ma yuh niyahui
in yuhcan
ma noxochicozqui
ma ica malintiuh
ye ompa xochitli.
¡Ma nocpacxochiuh…!
maca in cuetlahuia
xochitla Ohuaya Ohuaya

Romances de los señores de la Nueva España (f. 9 r. y v.)

TLA OC TONCUICACAN
(de Tecayehuatzin)

Tla oc toncuicacan,
tla oc toncuicatocan,
in xochitonalo calitec,
¡antocnihuan!
¿Catlique?
In nicquicnamiqui,
¿canin quintemohua?
quen on huehuetitlan,
ya nican ah.
Zan nixochitlatlaoncoya,
in namocniuhtzin,
in zan chichimecatecuitli,
Tecayehuatzin.
¿Ac in,
aoc timochin,
tic ahuiltizque,
tic huellamachtizque,
Moyocoyatzin?

Intla ca nipa, yeccan ten, Tlaxcalla,
noxoxochipoyoncuica.
Tla poyoncuica
in Xicontencatli, in Temilotzin,
zan Cuitlizcatl tecuitli.

Cuauhtamiyohuachan,
Ocelóyohualichan,
Huexotzinco.
In oncan in itlamicohuacan
in maceuhcatzin, in in Tlacahuepan.
Niman oncan on ahuiya
ixochicuapilhuan,
ixopancala itecuhhuan.

Zan cacahuaxochitica,
tlapapahuitihuitze,
ye oncan in xochiahahuiya
aitec.
Yehuantzin conitquitihuitze iteocuitlachimal.
Ma tla iecacehuaz,
teoaxochicuauhcocoltica,
quetzalipantica
tonteahuiltico
xopancala itec.

Chalchiuhtetzilacatli ihcacahua,
xochiayauac quiyahuitl
on quiztoc in tlalticpac.
Zacuan cala imanca
in ixtilahuaquitequi.
Ye temohua ipiltzin,
xoxopan in ompa temoya,
in Ipalnemohuani.
In mocuicaizhuayotia
moxochiapana huehuetitlan,
momalina.
Ye motech on quiza
a ihuintixochitli,
¡ma xon ahuiyacan!

Romances de los señores de la Nueva España (fs. 1 r.-2 r.)

CANTOS FLORIDOS

"Minhas flores não acabarão
meus cantos não cessarão."

NEZAHUALCÓYOTL, TECAYEHUATZIN,
TEMILOTZIN, AYOCUAN...

MINHAS FLORES NÃO ACABARÃO

(de Nezahualcóyotl[1])

Minhas flores não acabarão
meus cantos não cessarão
eu os elevarei
sou apenas um cantor.

Repartidas, difundidas
as flores amarelam:
são levadas a uma casa
de plumas douradas.

[1] *Nezahualcóyotl:* referência ao poeta, filósofo e governante de Texcoco, Nezahualcóyotl (1402-1472). (n.t.)

CANTO A NEZAHUALCOYOTL

No tapete de flores
tu pintas
teu canto, tua palavra
oh, meu príncipe
tu, Nezahualcóyotl.
Ahuayya yahui yya yye
Ohuaya ya Ohuaya Ohuaya.

Vai pintando teu coração
com flores policromas:
tu pintas
teu canto, tua palavra,
oh, meu príncipe
tu, Nezahualcóyotl.
Ahuayya yahui yya yye
Ohuaya ya Ohuaya Ohuaya

FLORES DA ALMA...

As flores da alma rebentam, brilham,
abrem suas pétalas... *Yehuaya*.
De teu interior saem as flores do canto
e as espalhas e fazes cair umas sobre as outras *Aya*
tu és cantor! *Ohuaya.*
Ohuaya Ohuaya Ohuaya anahue
Gozai, meus amigos *Yehuaya*
que seja uma dança entre flores
lá sou eu quem canto *Aya*
sou cantor! *Ohuaya.*

FLORES DA PRIMAVERA

As flores chegaram:
que elas sejam gala,
que elas sejam riqueza,
oh príncipes.
E nos mostram suas faces
prontas para abrir suas pétalas.
Só na primavera alcançam a perfeição
as muitas flores que chegaram.
À beira da montanha.

VIVEMOS EM UM BOM TEMPO...
(de Yoyontzin[2])

Vivemos em um bom tempo, vivemos sobre as flores,
oh amigos!
Ainda que seja apenas um momento,
que assim se viva!

Eu sou Yoyon[3]
aqui estou feliz
passamos a conhecer nosso rosto e coração
são belas nossas palavras
oh amigos!
Apenas por um breve instante!
Ainda que seja apenas um momento,
que assim se viva!

[2] *Yoyontzin:* possível referência ao governante de Texcoco no período colonial, Jorge Yoyontzin (?-1533). (n.t.)
[3] *Yoyon:* abreviação de Yoyontzin (*cf.* nota 2). (n.t.)

TEU CORAÇÃO É UM LIVRO DE CANTOS
(de Nezahualcoyotl)

Na casa do musgo aquático
começa a cantar *Yehuaya* ( )
derrama as flores
encanta o canto.
Oha mayya hue hahuayya ohuaya ohuaya.

O canto reverbera
os chocalhos tocam levemente
e as sonalhas floridas
respondem a eles
derrama as flores
encanta o canto.

Canta sobre as flores
o belo faisão
já entoa seu canto
na água.
Ho ilili yaha ilili yio
hui ohui ohui Ohuaya Ohuaya.

E respondem a ele
os variados pássaros vermelhos
os belos pássaros vermelhos
que cantam lindamente
Ha ilili yaha ililili
ohui ohui ohui Ohuaya Ohuaya.

Teu coração é um livro de cantos
vieste para fazer teu canto ser ouvido
tu és cantor
entre flores primaveris
encantas as pessoas.
Yao yli yaha ilili lili iliya ohama hayya Ohuaya Ohuaya.

Começaste a distribuir
flores de fragrância inebriante

flores preciosas
tu és cantor
entre flores primaveris
encantas as pessoas.
Yao ya oli yaha ilili lili iliya ohama Ohuaya Ohuaya.

Ofereces flores
variadas flores
e com elas encantas as pessoas
oh príncipe Nezahualcóyotl
ah, meu coração sente isso
crescem e perduram
e com elas fazes um colar
com flores primaveris.
No ama ha om hama kay yaha Ohuaya Ohuaya.

De lá vêm todas, do lugar
da Dualidade, de dentro do céu:
e com elas encantas as pessoas
oh príncipe Nezahualcóyotl
ah, meu coração sente isso
crescem e perduram
e com elas fazes um colar
com flores primaveris.

FLORES DE TEMPOS CHUVOSOS

Deleitai-vos
com as flores inebriantes
que estão em nossas mãos. *Aya*
Vinde colocar nos pescoços
os colares de flores:
nossas flores da estação chuvosa:
que estejam frescas
que abram os botões:
lá voa a ave
chilreia, gorjeia. *Hahaya*
E vem conhecer a casa de Deus. *Ohuaya Ohuaya.*

Apenas com nossas flores damos prazer
apenas com nossos cantos
vai desaparecendo *Aya*
nossa tristeza
com elas
oh, príncipes
fujais de vosso tédio. *Ohuaya Ohuaya.*

São criadas por aquele que faz tudo viver *Aya*
que as faz nascer
o Árbitro Supremo
com essas flores agradáveis
fujais de vosso tédio. *Ohuaya Ohuaya.*

A AMIZADE É UMA CHUVA DE FLORES
(de Ayocuan[4])

Do interior do céu vêm
as belas flores, os belos cantos.
Nosso anseio os torna feios,
nossa inventividade os põe a perder,
a não ser os do príncipe chichimeca Tecayehuatzin[5].
Com os dele, alegrai-vos!

A amizade é uma chuva de flores preciosas.
Brancas madeixas de penas de garça
se entrelaçam com preciosas flores vermelhas:
nos galhos das árvores,
andam e libam, debaixo deles,
os senhores e os nobres.

Vosso belo canto:
um dourado pássaro cascavel,
o elevais lindamente.
Estais em uma cerca de flores.
Cantais sobre os galhos floridos.
Tu és, por acaso, a ave preciosa do Doador da Vida?
Por acaso, tens falado com Deus?
Tão logo viste o amanhecer,
começaste a cantar.

Esforce-se, queira meu coração
as flores do escudo,
as flores do Doador da Vida.
O que meu coração poderá fazer?
Viemos em vão,
brotamos na Terra.
Apenas assim posso partir
como as flores que pereceram?

[4] *Ayocuan*: referência ao poeta e filósofo Ayocuan Cuetzpaltzin (séc. XV), de Tecamachalco. (n.t.)
[5] *Tecayehuatzin*: referência ao governante, filósofo e poeta Tecayehuatzin (sécs. XV e XVI), de Huexotzinco. (n.t.)

Nada restará de meu nome?
Nada de minha fama aqui na Terra?
Ao menos flores, ao menos cantos!
O que meu coração poderá fazer?
Viemos em vão,
brotamos na Terra.

Desfrutemos, oh amigos,
que haja abraços aqui.
Agora caminhamos sobre a Terra florida.
Ninguém fará com que terminem aqui
as flores e os cantos,
eles perduram na casa do Doador da Vida.

Aqui, na Terra, é a região do momento fugaz.
Também é assim no lugar onde de algum modo se vive?
Alguém é feliz por lá?
Há amizade por lá?
Ou apenas aqui na Terra
chegamos a conhecer nossos rostos?

A AMIZADE ACIMA DE TUDO

Eis aqui
que sejam três *Ahuaye*
nossas flores, nossos cantos
acabam com nosso tédio
com nosso pesar. *Ohuaya Ohuaya.*

Oh meus amigos *Aya*
estai felizes
nem sempre na Terra
funcionará tão só e totalmente
a amizade! *Ohuaya Ohuaya.*

COM CANTOS, ENVOLVO A COMUNIDADE
(de Temilotzin[6])

Eu vim, oh amigos nossos:
com colares, eu cinjo,
com plumas de *tzinitzcan*[7], dou alicerce,
com plumas de arara, eu cerco,
pinto com as cores do ouro,
com as penas esvoaçantes de um *quetzal*[8], alio-me
ao grupo de amigos.
Com cantos, envolvo a comunidade.
Fá-la-ei entrar no palácio,
lá estaremos todos,
até que tenhamos ido para Mictlan[9].
Assim nos doaremos uns aos outros.

Eu já vim,
me levanto,
forjarei canções,
farei que brotem,
para vós, amigos nossos.
Sou um enviado de Deus,
sou o dono das flores,
sou Temilotzin,
vim aqui para fazer amigos.

[6] *Temilotzin:* referência ao poeta e governador Temilotzin (séc. XVI), de Tlatelolco, defensor de Tenochtitlán. (n.t.)
[7] *Tzinitzcan*: pássaro cujas penas eram usadas como adorno; surucuá-de-coleira. (n.t.)
[8] *Quetzal:* pássaro de plumagem verde-esmeralda, símbolo da realeza entre os astecas; quetzal-resplandecente. (n.t.)
[9] *Mictlan:* o submundo ou inframundo da mitologia asteca; a terra dos mortos. (n.t.)

BEBAMOS AGORA

Bebamos agora
comamos agora
o cacau em flor
deleitemo-nos com ele.
Pois suas corolas já
abriram as flores *Ahuaya* *Ohuaya.*

O cacau em flor
embriaga meu coração *Yeehuaya*
embriaga meu coração *Yeehuaya.*
Que eu ande
com ele adornado
e da mesma forma
possa ir meu coração
e que não murchem
as flores! *Ohuaya* *Ohuaya.*

Que eu vá assim
da mesma forma
dai minha guirlanda...!
Que eu vá assim
da mesma forma
e que meu colar de flores
se entrelace
com as flores de lá.
Dai minha guirlanda...!
e que não murchem
as flores! *Ohuaya*

CANTEMOS AGORA
(de Tecayehuatzin)

Cantemos agora,
continuemos com os cantos,
em meio à luz florida e ao calor,
oh amigos nossos!
Quem são?
Vou ao encontro deles,
onde os procuro?
No lugar dos tambores,
aqui mesmo.
Só concebo cantos floridos,
eu, vosso amigo,
sou apenas o Sr. Chichimeca[10],
Tecayehuatzin.
Alguém,
talvez nem todos nós,
daremos alegria,
faremos feliz
o próprio Inventor?

Espero que lá, em bom tempo, em Tlaxcala,
entoem meus cantos floridos e letárgicos.
Que entoem os cantos que embriagam
de Xicohténcatl[11], de Temilotzin,
do príncipe Cuitlizcatl[12].

O Tamoanchán[13] das águias,
a Casa da noite dos tigres,
estão em Huexotzinco.
Lá é o lugar da morte

[10] *Chichimeca:* nome dado pelos astecas a várias tribos seminômades que habitavam o norte do México à época. (n.t.)
[11] *Xicohténcatl:* referência ao guerreiro e herói Xicohténcatl Axayacatzin (1484-1521), de Tlaxcala. (n.t.)
[12] *Cuitlizcatl:* possível referência a Tlatlalpaltzin Cuitlizcatl, senhor de Ocotelolco. (n.t.)
[13] *Tamoanchán:* na mitologia asteca, o paraíso, lugar mítico habitado pelos deuses, onde a humanidade foi criada. (n.t.)

de quem faz oferendas, Tlacahuepan[14].
Lá se regozijam
as flores que são a comunidade dos príncipes,
os senhores, em suas casas de primavera.

Com flores de cacau,
exclama e vem veloz,
e com as flores se regozija
lá dentro das águas.
Vem depressa com seu escudo dourado.
E com leques,
com o cajado de flores vermelhas,
com bandeiras de pena de *quetzal*
daremos alegria
dentro das casas de primavera.

Os timbales cor de jade ressoam,
chuva de orvalho florido
caiu sobre a Terra.
Na casa das plumas amarelas
está chovendo com força.
Seu filho desceu,
na primavera desce lá,
é o Doador da Vida.
Seus cantos fazem crescer
se adornam com flores no lugar dos tambores,
se entrelaçam.
Estão saindo daqui
as flores que embriagam,
alegrai-vos!

[14] *Tlacahuepan:* na mitologia nahua, deus das conquistas, o irmão mais novo do deus da guerra Huitzilopochtli. (n.t.)

DIWAN

GERMANOS FARHAT

O TEXTO: Seleção com três poemas de Germanos Farhat: "Imóvel a virgem Maria chora" (« بموقف مريم العذراء تبكي »), "Por amor Deus se fez homem" (« صار الإلهُ بحبه متأنساً ») e "Aquele que se fez monge" (« إن من صار راهباً »), que integram seu ontológico *dīwān*, composto de 373 composições. Sua produção poética versa sobre sua fé, seu amor a Deus e Cristo, sua devoção a Maria e sua vocação de monge. Escritos em forma de *qassīda*, cujo estilo remonta ao período pré-islâmico, entre os beduínos da Península arábica, seus versos são comumente seccionados em dois hemistíquios, enquanto a rima está presente no segundo hemistíquio de cada verso. Sua poesia revela seu domínio da cultura poética árabe, mostrando aos cristãos que podem expressar suas crenças através da língua árabe, que se revela capaz de abraçar a diversidade religiosa.

Texto traduzido:
ديوان السيد جرمانوس فرحات. طبعة ثانية. المطبعة الكاثوليكية للآباء اليسوعيين. بيروت 1894.

O AUTOR: Germanos Farhat (1670-1732), escritor e monge sírio, nasceu em Alepo. Foi o primeiro bispo maronita nascido na cidade síria e a residir nela até o fim da vida. Recebeu sólida formação na Escola Maronita de Alepo e dedicou-se particularmente ao estudo da língua árabe. Nessa época, a comunidade maronita, embora ainda usasse o siríaco no contexto doméstico e litúrgico, já estava arabizada, o que demandava a tradução de obras cristãs para essa língua, como a própria Bíblia. Farhat foi um dos maiores contribuidores para a produção e tradução de material literário, catequético e linguístico para esse público. Além de poesia e prosa, escreveu livros sobre gramática, morfologia e linguagem.

A TRADUTORA: Isabela Alves Pereira é bacharel em Letras Português-Árabe pela UFRJ e mestranda em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA) na USP. É professora de árabe, intérprete voluntária do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) e integrante do grupo TARJAMA – Escola de Tradutores de Literatura Árabe Moderna. Para a (n.t.) traduziu Shinouda III.

ديوان

« أجره أكملٌ فقل
تسعةٌ ليس تنكر.»

جرمانوس فرحات

بموقف مريم العذراء تبكي

بموقف مريم العذراء تبكي تجاه وحيدها فوق الصليب
تنوح على مصاب ابنٍ وحيدٍ وتسترذي المصاب عن المصيب

صار الإلهُ بحبه متأنساً

صار الإلهُ بحبه متأنساً من مريم فهي الرجا والبابُ

ليخلص الخاطي الأسير بموته ويؤمه الإنسان وهو تراب

إن من صار راهباً

إن من صار راهباً فهو بالفضل أشهرُ

عمره التام صالحٌ وهو بالطهر أطهر

إثمه نادرٌ كما فعله فيه أندر

رده عنه أسرعٌ سعيه التامُ أحذر

نومه أيمنٌ كذا غيثه الخير أمطر

طهره أعجلٌ ومن جاء بالطهر يُشكَر

موته أكفلٌ فإن مات بالخير يقبر

أجره أكملٌ فقل تسعةٌ ليس تنكر

DIWAN

"Sua recompensa é o mais perfeito solo fértil
que não se corrompe pela noite."

GERMANOS FARHAT

IMÓVEL A VIRGEM MARIA CHORA

Imóvel a Virgem Maria chora
Enlutada pelo agonizante filho único
Diante de seu unigênito pregado na Cruz
Ela o consola em sua aflição

POR AMOR DEUS SE FEZ HOMEM

Por amor Deus se fez homem
Para salvar por sua morte o pecador | cativo

Por Maria pois única esperança e porta
E conduzir o homem, tão somente pó

AQUELE QUE SE FEZ MONGE

Aquele que se fez monge
Em sua plena idade é virtuoso
Sua iniquidade é rara
Sua resposta é a mais rápida
Seu sono é dos justos
Sua pureza é a mais prematura
Sua morte é certa
Sua recompensa é o mais perfeito
| solo fértil
É o mais ilustre em sua boa fama
E o mais casto em sua pureza
Pois ele a fez rara dentro de si
Sua busca é plena, cuidadosa
Sua bondade emana
E aquele que se mostra casto é grato
E se é uma boa morte ele é enterrado
que não se corrompe pela noite

EPIGRAMAS

JULIANO, O APÓSTATA

O TEXTO: Os epigramas do Imperador Juliano (331-363 d.C.) chegaram até nós por meio da *Antologia Palatina* e, posteriormente, da *Antologia Grega*, com a adição de novos poemas e novas atribuições. Nesta seleção de seis epigramas satíricos e enigmáticos, o último imperador pagão do Império Romano fala de seu desgosto pela cerveja quando a experimentou na Gália, do arrebatamento causado pelo som de um órgão, da performance de um equilibrista, de uma brincadeira com um verso da *Odisseia*, de uma observação sobre a figura do centauro e de uma atitude frente ao destino.

Texto traduzido: Julian (emperor). "Epigrams". In. *The works of the emperor Julian*. Vol. III. Translated by Wilmer C. Wright. London: Loeb Classical Library, 1923, pp. 304-309.

O AUTOR: Flavius Claudius Julianus ou Juliano, o Apóstata (331-363), nasceu em Constantinopla. Foi o último imperador pagão de Roma, sobrinho de Constantino. Como imperador, exerceu grande influência na manutenção das conquistas romanas na Gália e liderou uma expedição contra o Império Sassânida, que resultou em sua morte em junho de 363 d.C. Como filósofo e pensador, é autor de hinos, panegíricos, sátiras, cartas, epigramas e uma obra polêmica contra o cristianismo emergente. Conhecido como o Apóstata pela sua ardente renúncia ao monoteísmo e ao cristianismo, é lembrado tanto por suas obras quanto por sua atuação política na restauração do culto aos Deuses, dos templos, das iniciações e dos oráculos.

O TRADUTOR: Frederico Fidler é licenciado em Letras Português pela UFSM e mestrando na UFRGS. Estudioso de grego e línguas antigas, desenvolve pesquisa e tradução de textos neoplatônicos e trabalha em uma edição comentada de Sobre os Deuses e o Mundo, de Salústio.

Ἐπιγραμματα

" Ὡς ἐθέλει τὸ φέρον σε φέρειν, φέρου· ἢν δ' ἀπιθήσῃς,
καὶ σαυτὸν βλάψεις, καὶ τὸ φέρον σε φέρει."

FLAVIUS CLAUDIUS JULIANUS

1

Εἰς οἶνον ἀπὸ κριθῆς

τίς, πόθεν εἶς, Διόνυσε; μὰ γὰρ τὸν ἀληθέα Βάκχον,
οὔ σ' ἐπιγιγνώσκω, τὸν Διὸς οἶδα μόνον·
κεῖνος νέκταρ ὄδωδε, σὺ δὲ τράγου. ἦ ῥά σε Κελτοὶ
τῇ πενίῃ βοτρύων τεῦξαν ἀπ' ἀσταχύων·
τῷ σε χρὴ καλέειν Δημήτριον, οὐ Διόνυσον,
πυρογενῆ μᾶλλον καὶ Βρόμον, οὐ Βρόμιον.

2

Εἰς τὸ ὄργανον

ἀλλοίην ὁρόω δονάκων φύσιν· ἦ που ἀπ' ἄλλης
χαλκείης τάχα μᾶλλον ἀνεβλάστησαν ἀρούρης
ἄγριοι· οὐδ' ἀνέμοισιν ὑπ' ἠερίοισι δονεῦνται,
ἀλλ' ἀπὸ ταυρείης προθορὼν σπήλυγγος ἀήτης
νέρθεν ἐυτρήτων καλάμων ὑπὸ ῥίζαν ὁδεύει.
καί τις ἀνὴρ ἀγέρωχος, ἔχων θοὰ δάκτυλα χειρῶν,
ἵσταται ἀμφαφόων κανόνας συμφράδμονας αὐλῶν,
οἱ δ' ἁπαλὸν σκιρτεῦντες ἀποθλίβουσιν ἀοιδήν.

3

Αἴνιγμα εἰς κοντοπαίκτην

ἔστι τι δένδρον τῶν ἀνακτόρων μέσον,
οὗ ῥίζα καὶ ζῇ, καὶ λαλεῖ καρποῖς ἅμα,
μιᾷ δ' ἐν ὥρᾳ καὶ φυτεύεται ξένως,
καὶ καρπὸν αὔξει, καὶ τρυγᾶται ῥιζόθεν.

4

εἰς τὸν παρόντα Ὁμηρικὸν στίχον ἓξ πόδας ἔχοντα ὧν οἱ τρεῖς εἰσι δάκτυλοι

«κούρη Ἰκαρίοιο περίφρων Πηνελόπεια»
ἓξ ποσὶν ἐμβεβαυῖα τριδάκτυλος ἐξεφαάνθη.

5

Εἰς ἱπποκένταυρον

ἀνδρόθεν ἐκκέχυθ' ἵππος· ἀνέδραμε δ' ἱππόθεν ἀνήρ,
ἀνὴρ νόσφι ποδῶν, κεφαλῆς δ' ἄτερ αἰόλος ἵππος·
ἵππος ἐρεύγεται ἄνδρα, ἀνὴρ δ' ἀποπέρδεται ἵππον.

6

Ἰουλιανοῦ τοῦ παραβάτου

ὡς ἐθέλει τὸ φέρον σε φέρειν, φέρου· ἢν δ' ἀπιθήσῃς,
καὶ σαυτὸν βλάψεις, καὶ τὸ φέρον σε φέρει.

EPIGRAMAS

"Como quer que o que leva te leva, deixa-te levar.
Se rebelas, ainda te leva e te machucarás."

JULIANO, o APÓSTATA

1

DO VINHO FEITO DE CEVADA

onde que isto é você, Dioniso? por Baco!,
o verdadeiro, eu não o reconheço aqui.
tenho olhos apenas pro filho de Zeus.
ele tem a fragrância do néctar mais doce,
este, almíscar, bem como um curral de carneiros.
deve ser porque aqui não tem uvas que os Celtas
tiram isto de dentro de uma saruga.
Dioniso? devo chamá-lo é de Dimitri,
bem-torrado, o Torrão, mas jamais o Trovão.

2

DE UM ÓRGÃO

que palhetas estranhas eu vejo. decerto
são de um tipo que cresce em brasagem feroz.
não entortam com vento nem sopro algum,
mas, do fundo do fole de couro taurino,
das raízes às hastes, perfuram os ares.
tem um homem altivo de dedos velozes,
agrupando-as em barras, tocando as escalas,
e elas cantam sensíveis pulsando ao toque.

3

O ENIGMA DO EQUILIBRISTA

uma árvore ergue-se em meio ao templo,
os seus frutos tem fala e a raiz é animada,
ela cresce engraçada em um só momento,
e se apanha a colheita bem rente à calçada.

4

DESSES VERSOS DE HOMERO EM SEIS PÉS DE TRÊS SÍLABAS

"filha de Icário guerreiro, Penélope muito sensata"[1],
desce da escada em seis pés, com três dedos sobre o corrimão.

[1] *Odisseia*, Canto XVI, verso 435, tradução de Carlos Alberto Nunes. (n.t.)

5

DO HIPOCENTAURO

da barriga humana expeliu-se um cavalo
e da espádua equina lançou-se um homem,
é sem pé nem cabeça o centauro fugaz.
lá de cima, ele arrota conforme um homem
e, de baixo, ele peida que nem um cavalo.

6

DE JULIANO, O APÓSTATA

como quer que o que leva te leva, deixa-te levar.
se rebelas, ainda te leva e te machucarás.

ALGUNS POEMAS REUNIDOS

PAUL VAN OSTAIJEN

O TEXTO: Seleção com cinco poemas de Paul van Ostaijen, selecionados a partir de *Verzamelde Gedichten* (*Poesia reunida*): "Noite" ("Avond"), "Melopeia" ("Melopee"), "Silêncio" ("Rust"), "O suicídio do marinheiro" ("Zelfmoord des Zeemans") e "O velho homem" ("De oude man"). No conjunto, os poemas deixam entrever os estilos e os artifícios que o autor incorporou durante sua breve, mas produtiva, trajetória literária, que floresceu entre 1916 e 1933, aliada aos principais experimentos de vanguarda da época, como o dadaísmo e o expressionismo.

Texto traduzido: Ostaijen, Paul van. *Verzamelde Gedichten* (Verzameld Werk deel 1 + 2). Borgers, Gerrit (Ed.). Amsterdam: Prometheus/Bert Bakker, 1996.

O AUTOR: Paul van Ostaijen (1896-1928), poeta e escritor belga de língua holandesa, nasceu na Antuérpia. Sua poesia, imersa no espírito vanguardista europeu, e sendo ele próprio um dândi, mostra influxos do dadaísmo e do expressionismo, por tensionar os limites do texto escrito ao brincar com as pontuações, as palavras homófonas até o projeto gráfico dos livros. Sua obra mais conhecida, *Bezette stad*, de 1921, é considerada um exemplar único da chamada "poesia concreta". Era um flamingante ativo, defensor da independência flamenga. Por causa disso, durante a Primeira Guerra Mundial, precisou fugir para Berlim, onde conheceu muitos artistas de vanguarda.

O TRADUTOR: Vinícius Posansky é poeta de haicais e graduando do curso de Letras Português-Alemão pela UFPR, voltando-se aos estudos tradutórios.

ENKELE VERZAMELDE GEDICHTEN

"Ach, m'n ziel is louter klanken
in dit uur van louter kleuren."

PAUL VAN OSTAIJEN

AVOND

Ach, m'n ziel is louter klanken
In dit uur van louter kleuren;
Klanken, die omhoge ranken
In een dolle tuin van geuren.

Mei 1914

MELOPEE

Voor Gaston Burssens

Onder de maan schuift de lange rivier
Over de lange rivier schuift moede de maan
Onder de maan op de lange rivier schuift de kano naar zee

Langs het hoogriet
langs de laagwei
schuift de kano naar zee
schuift met de schuivende maan de kano naar zee
Zo zijn ze gezellen naar zee de kano de maan en de man
Waarom schuiven de maan en de man getweeën gedwee naar de zee

RUST

Leg uw hoofd zo in mijn arm
dat van uw voorhoofd naar uw mond mijn blik schuive
over de kam van uw neus
Leg uw hoofd zo
ik leg op uw mond mijn hand
wees rust

ZELFMOORD DES ZEEMANS

De zeeman
hij hoort de stem der Loreley
hij ziet op zijn horloge
en springt het water in

DE OUDE MAN

Een oud man in de straat
zijn klein verhaal aan de oude vrouw
het is niets het klinkt als een ijl treurspel
zijn stem is wit
zij gelijkt een mes dat zo lang werd aangewet
tot het staal dun werd
Gelijk een voorwerp buiten hem hangt deze stem
boven de lange zwarte jas
De oude magere man in zijn zwarte jas
gelijkt een zwarte plant
Ziet gij dit snokt de angst door uw mond
het eerste smaken van een narkose

ALGUNS POEMAS REUNIDOS

"Ah, minha alma são meros fragores
nesta hora de meras cores."

PAUL VAN OSTAIJEN

NOITE

Ah, minha alma são meros fragores
Nesta hora de meras cores;
Fragores, elevadas flores
Num louco jardim de odores.

Maio de 1914

MELOPEIA

Para Gaston Burssens

Sob a lua desliza o longo rio
Sobre o longo rio desliza lesada a lua
Sob a lua no longo rio desliza a canoa para o mar

Pelos juncos eretos
pelos prados rasteiros
desliza a canoa para o mar
desliza a canoa seguindo o deslizar da lua para o mar
Assim vão velejando ao mar a canoa a lua e o homem
Por que a lua e o homem deslizam calmamente para o mar

SILÊNCIO

Deita tua cabeça em meu braço
para que da tua testa à boca meu olhar deslize
sobre a ponte do teu nariz
Deita tua cabeça então
deitarei minha mão em tua boca
te acalma

O SUICÍDIO DO MARINHEIRO

O marinheiro
Ele ouve a voz da Loreley
Ele olha para o relógio
E pula na água

O VELHO HOMEM

Um velho homem na rua
sua historinha para a velha mulher
não é nada soa como uma fina tragédia
sua voz é branca
ela parece uma faca que foi tão utilizada
que o ferro se tornou frágil
Como um apetrecho essa voz pende fora dele
acima do longo casaco preto
O velho esguio em seu casaco preto
parece uma planta preta
Vê esse medo irrompendo de tua boca
o primeiro gosto da narcose

RESPOSTA INVERNAL

ILSE AICHINGER

O TEXTO: Seleção com cinco poemas de Ilse Aichinger, extraídos da coletânea *Verschenkter Rat* (*Conselho não solicitado*), publicada em 1978: "Resposta invernal" ("Winterantwort"), "Dedicatória" ("Widmung"), "Correspondência" ("Briefwechsel), "Olhar antigo" ("Alter Blick") e "Prematuro" ("Verfrüht"). Em sua poesia, o silêncio e a memória são temas recorrentes, assim como as indagações sobre a natureza da linguagem.

Texto traduzido: Aichinger, Ilse. *Verschenkter Rat: Gedichte*. Frankfurt: S. Fischer, 1991.

A AUTORA: Ilse Aichinger (1921-2016), poeta e escritora austríaca de ascendência judaica, nasceu em Viena. Reconhecida como uma das principais representantes da literatura alemã do pós-guerra, sua família foi perseguida pelo nazismo e parte dela assassinada no campo de Trostinets. Integrou o Grupo 47, formado por autores e críticos que queriam revitalizar a literatura da Áustria e espalhar ideias democráticas no país após o fim da guerra. Em seus romances, além de evocar as perseguições raciais de que fora vítima durante a ocupação nazista, retrata os problemas e as inquietudes do homem moderno, prisioneiro de sua própria angústia e precariedade.

A TRADUTORA: Evelyn G. Petersen de Barros é tradutora e intrega o programa formativo para tradutores literários da Casa Guilherme de Almeida.

WINTERANTWORT

"Ist es nicht ein finsterer Wald,
in den wir gerieten?"

ILSE AICHINGER

WINTERANTWORT

Die Welt ist aus dem Stoff,
der Betrachtung verlangt:
keine Augen mehr,
um die weißen Wiesen zu sehen,
keine Ohren, um im Geäst
das Schwirren der Vögel zu hören.
Großmutter, wo sind deine Lippen hin,
um die Gräser zu schmecken,
und wer riecht uns den Himmel zu Ende,
wessen Wangen reiben sich heute
noch wund an den Mauern im Dorf?
Ist es nicht ein finsterer Wald,
in den wir gerieten?
Nein, Großmutter, er ist nicht finster,
ich weiß es, ich wohnte lang
bei den Kindern am Rande,
und es ist auch kein Wald.

WIDMUNG

Ich schreibe euch keine Briefe,
aber es wäre mir leicht, mit euch zu sterben.
Wir ließen uns sacht die Monde hinunter
und läge die erste Rast noch bei den wollenen Herzen,
die zweite fände uns schon mit Wölfen und Himbeergrün
und dem nichts lindernden Feuer, die dritte, da wär ich
durch das fallende dünne Gewölk mit seinen spärlichen Moosen
und das arme Gewimmel der Sterne, das wir so leicht überschritten,
in eurem Himmel bei euch.

BRIEFWECHSEL

Wenn die Post nachts käme
und der Mond
schöbe die Kränkungen
unter die Tür:
Sie erschienen wie Engel
in ihren weißen Gewändern
und stünden still im Flur.

ALTER BLICK

Ich habe mich gewöhnt an dieses Fenster
und daß der Schnee durch meine Augen fällt,
aber wer ist den Verlorenen nachgegangen
durch das offene Gartentor,
wer besiegelte, was da war,
die Regentonne
und den Mond als Mond,
alle gefrorenen Gräser?
Wer schaukelte vor dem Morgen,
daß die Stricke krachten,
wer legt die Wachshand
auf das Küchenfenster,
ließ sich im Weißen nieder
und nahm mich selber auf?

VERFRÜHT

Du legst mir keinen Stein hin,
um unsere alte Trauer zu erhöhen,
gibst mir kein Licht zum Fürchten
und keine Furcht, damit es heller wird,
und nicht einmal den Fetzen Schwermut,
den jeder Stern verlangt.
Du treibst um deinen Findling
und ich habe die Wachsfräulein
noch immer nicht gefunden,
die stiller sind
als Jesus in der Krippe,
noch nicht.

RESPOSTA INVERNAL

"Será mesmo escuro o bosque
em que nos perdemos?"

ILSE AICHINGER

RESPOSTA INVERNAL

O mundo é da matéria
que exige contemplação:
já não há olhos
que enxerguem os brancos gramados,
não há ouvidos que ouçam
o silvo das aves nos ramos.
Vovó, que fim tiveram teus lábios
que sorveriam as relvas,
e quem nos inala o céu por inteiro
e atrita as faces feridas
nos muros da aldeia até hoje?
Será mesmo escuro o bosque
em que nos perdemos?
Não, vovó, ele não é escuro,
eu sei, por muito tempo habitei
seus confins, junto às crianças,
e ele tampouco é um bosque.

DEDICATÓRIA

Não vos escrevo carta alguma,
mas não me custaria morrer convosco.
Desceríamos lentamente pelas luas
e o primeiro repouso ainda seria junto aos corações de lã,
o segundo nos encontraria com os lobos e as silvas
e o fogo jamais aplacável, o terceiro, aí eu estaria entre vós,
pelas tênues nuvens em queda com seus musgos exíguos
e a pobre multidão de estrelas, que tão facilmente cruzamos,
em vosso céu.

CORRESPONDÊNCIA

Se o correio chegasse à noite
e a lua
empurrasse os insultos
sob a porta:
pareceriam anjos
em muda espera no vestíbulo
com seus trajes brancos.

OLHAR ANTIGO

Habituei-me a esta janela
e ao cair da neve através de meus olhos,
mas quem perseguiu os desgarrados
pelo portão aberto do jardim,
quem selou o que ali havia,
o barril de chuva
e a lua como lua,
todas as relvas congeladas?
Quem foi ao balanço antes do amanhecer
e fez as cordas rangerem,
quem deixou a mão de cera
na janela da cozinha,
sentou-se no branco
e acolheu a mim mesma?

PREMATURO

Não me deixas sequer uma pedra
para exaltar o nosso antigo luto,
não me dás sequer uma luz que amedronte,
nem um medo que a faça mais reluzente,
nem mesmo o farrapo da melancolia
a que aspira toda estrela.
Vagas ao redor de teu enjeitado
e continuo a ignorar
o paradeiro das moças de cera,
mais silenciosas
que Jesus na manjedoura;
ainda não.

TE AMO COMO SE NEM SEQUER VIVESSES

ANNA DE NOAILLES

O TEXTO: Seleção com três poemas de Anna de Noailles, pertencentes ao livro *Poème de l'amour*, de 1924: LV, LXIX e LXXXVII. No conjunto, os poemas não apenas expressam o sentimento amoroso de uma voz feminina, como também pensam o amor, propondo uma extensa meditação sobre as etapas e os estados de espírito que o atravessam. Noailles desenha uma espécie de itinerário do sentimento amoroso, que passa pela confissão, o desejo, a dependência, a incomunicabilidade, e também pela consciência aguda dos males que a sujeição amorosa impinge à mulher, com a consequente vontade de amar menos.

Texto traduzido: Noailles, Anna de. *Poème de l'amour*. Paris: Arthème Fayard & Cie., 1924.

A AUTORA: Anna de Noailles (1876-1933), poeta e escritora francesa, nasceu em Paris. De família aristocrata e descendência greco-romena, teve uma educação voltada às artes, sobretudo à literatura. É autora de romances, uma autobiografia e uma quinzena de livros de poemas, tendo sido amiga de escritores como Colette, André Gide e Jean Cocteau. Reconhecida em vida, foi a primeira mulher condecorada pela Legião de Honra francesa e admitida na Real Academia da Língua e da Literatura Francesa da Bélgica. E em 1904, em oposição ao Prêmio Goncourt, junto de outras mulheres, criou o prêmio Vie Heureuse, que se tornaria o Prix Fémina, ainda existente.

A TRADUTORA: Juliana Ramos é poeta, tradutora, editora e revisora. Graduada em Letras (Português e Francês) pela USP, cursou os Programas Formativo e de Aprimoramento em Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida. É autora de *No coração fosco da cidade* (Impressões de Minas, 2018) e integra a antologia *Corpo de terra* (Quelônio, 2021).

JE T'AIME COMME SI TU N'EXISTAIS PAS

"C'est un climat qui t'environne,
intact et pur."

ANNA DE NOAILLES

LV

Vis sans efforts et sans débats,
Garde tes torts, reste toi-même,
Qu'importent tes défauts ? Je t'aime
Comme si tu n'existais pas,

Car l'émanation secrète
Qui fait ton monde autour de toi
Ne dépend pas de tes tempêtes,
De ton cœur vif, ton cœur étroit,

C'est un climat qui t'environne,
Intact et pur, et dans lequel
Tu t'emportes, sans que frissonne
Ton espace immatériel :
– L'anxieux frelon qui bourdonne
Ne peut pas altérer son ciel…

LXIX

Si vraiment les mots t'embarrassent,
Ne dis rien. Rêve. N'aie pas froid ;
C'est moi qui parle et qui t'embrasse ;
Laisse-moi répandre sur toi,
Comme le doux vent dans les bois,
Ce murmure immense, à voix basse…

LXXXVII

Le plus hanté des deux amants
A moins besoin de son ivresse
Que de voir faiblir son tourment.
Il lui faut que cet excès cesse !

– Je ne veux pas mourir avant
De t'avoir trouvé moins charmant…

TE AMO COMO SE NEM SEQUER VIVESSES

"Existe um clima a te envolver,
puro, inviolado."

ANNA DE NOAILLES

LV

Vive sem disputas, reclamos;
Sê tu mesmo, que importam esses
Teus defeitos? Pois eu te amo
Como se nem sequer vivesses.

As secretas emanações
Do teu mundo ao redor de ti
Independem dos teus tufões,
Do teu vivo, estreito sentir.

Existe um clima a te envolver,
Puro, inviolado, no qual
Te exaltas, sem fazer tremer
Teu espaço imaterial
– O inquieto zangão a gemer
Não muda o azul sideral.

LXIX

Se as palavras te causam medo,
Nada diz. Sonha. Foi-se o frio.
Sou eu quem te falo, te enredo.
Que eu verta sobre ti, no estio,
O meu baixo, imenso murmúrio,
Brisa que sopra o arvoredo.

LXXXVII

Mais vale ao amante perdido
Ver fenecer o seu torpor
Que desfrutar dum gozo tido.
Que cesse o excesso de amor!

– Não quero ver meus dias findos
Sem que eu te veja menos lindo…

DANOS PERFEITOS

PIERRE PEUCHMAURD

O TEXTO: Seleção com cinco poemas de Pierre Peuchmaurd: "O caso do puritano" ("L'affaire du puritain") e "Desfiado" ("L'effiloche"), de *L'Oiseau nul* (1984), e "Por baixo das portas" ("Dessus de portes"), "Íris cachoeira" ("Iris cascade") e "Flor branca" ("Fleur blanche"), de *Parfait Dommages et autres achèvements* (2007). No conjunto, os poemas são emblemáticos da obra de Peuchmaurd, representando o poder de síntese e de desnorteamento através da invenção, sem porém renunciar à sensibilidade aguçada que culmina em um lirismo ardente, que não faz concessões a lugares-comuns e clichês, e obra em prol de uma renovação de horizontes. Em seus versos, destaca-se a centralidade atribuída à imagem, assim como sua íntima associação ao ritmo, que aparece mais como pulsação do que como metrônomo.

Textos traduzidos: Peuchmaurd, P. *L'Oiseau nul*. Paris: Éditions Seghers, 1984; *Parfait Dommages et autres achèvements*. Montréal: L'Oie de Cravan, 2007.

Agradecimentos: ao poeta francês Laurent Albarracin, pelo envio das cópias dos originais.

O AUTOR: Pierre Peuchmaurd (1948-2009), poeta francês, nasceu em Paris. Após se encontrar fortuitamente na juventude com André Breton, aproximou-se do movimento surrealista e a partir dele orientou sua visão de mundo, participando das turbulências estudantis de Maio de 1968, relatadas em seu primeiro livro *Plus vivant que jamais* (*Mais vivo do que nunca*). É autor de uma vasta obra poética, tendo participado de revistas surrealistas, como *Coupure* e *Le Cerceau*, e fundado, na década de 1990, as Éditions Myrddin, na cidade de Brive, onde faleceu.

O TRADUTOR: Natan Schäfer é mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná e pela Université Lumière Lyon 2. Membro da Biblioteca Psicanalítica de Berlim (PsyBi), foi professor da UNESPAR e tradutor convidado nas residências Looren América Latina (Suíça) e Passa Porta (Bélgica). Atualmente se dedica à edição, à tradução e às artes, capitaneando a Contravento Editorial, publicando a coluna "A Fresta" e colaborando com a *Revista Pessoa*. Para a (n.t.) traduziu Jean-Pierre Duprey e Jacques Rigaut.

PARFAIT DOMMAGES

"J'étais une anatomie cheminante,
une dépense de santé au retour du printemps."

PIERRE PEUCHMAURD

L'AFFAIRE DU PURITAIN

à Jacqueline

Alors le puritain se tait : il vient de reconnaître son désir. Ciel noir, la cape du ciel sur tout ce cœur.

Il a reconnu la terre rousse, l'herbe mouillée, la peur. Et derrière les remparts, la grande piscine aveugle.

Il s'est vu mort, et vivant pour cela : le baiser de la folle.

Il s'est éteint dans la lumière, dans l'or pâle de l'accueil.

L'EFFILOCHE

Le mouton balance sa tête bleue.
C'est à force de rouille, de
barbelés, de neige, qu'elle est
devenue bleue. Et c'est à cause
du bleu qu'il balance sa tête
folle.

Il mêle à ses oignons des roses
de tissu rose, il rédige des
chroniques. Le lundi, rue
Christine, il va faire boire
ses lions et ils le lui rendent
bien.

C'est assez machinal, malgré tout,
la mer. Sauf qu'un oiseau crevé,
déjà décomposé, vient rétrécir
le large.

Le soir, au fond des lois, il tire
de nouvelles règles des plus
anciens usages. Il ne croit pas
aux exceptions.

Qui donne du fil à retordre
les nuits ? Qui donne du plomb
à filer la douleur ? Qui fait de
l'ombre sous la lampe du désir ?
Qui n'éteint pas lorsque tu
veux dormir ?

L'angoisse l'a saisi à mi-côte.
Il a dû s'arrêter, chercher un
souffle mort. Il ne l'a pas
trouvé, est resté là longtemps,
seule ombre dans le bleu.

(L'escargot, le bouchon de champagne, la petite main gantée dans la patte de l'athlète, sur ses couilles ahuries, le rire absent des choses qui voient mourir les choses – l'effiloche, mon amour, l'effiloche.)

DESSUS DE PORTES

J'étais un chien assis
sur des soleils, des précautions
je cachais sous un banc
mes valeurs paysannes

J'étais un dé à coudre
au doigt de ma marraine,
je tournais dans le sens
des épingles de sûreté
L'âne broutait les raisons de la pluie

J'étais la proie d'un saule
et ses mille compliments
allaient au poisson gras
à la suintante chenille

J'étais une langue pendante
sur un vieux bastingage
je traînais des baisers
de rouille et de rancœur,
du cordage pour la soif

J'étais un peau de lapin
rejetée par la mer
J'étais un chat perché
dessus un sou percé
Ma fille aussi était comme ça

J'étais un oiseau arrêté
Il y en a qu'on surprend
dans les trous bleus des bois,
et on me surprenait

J'étais le septième siècle
Ça ne m'arrivait pas souvent,

mais ce jour-là
j'étais le septième siècle

J'étais la poutre dans mon œil
et l'allumette au fil de l'eau
j'étais la fleur du menuisier
J'étais la fille de mon maître,
je couchais avec moi sur de longs établis

J'étais une anatomie cheminante,
une dépense de santé au retour du printemps,
une touffe de paille trempée de sang

J'étais l'aube d'une migraine
et le vol d'un vautour
dans une cage thoracique
J'étais ce qui arrive

J'étais du temps perdu,
des après-midi chauves
un morceau d'horizon
sur une ligne occupée

J'étais une chose ou l'autre
et souvent la dernière
à quoi j'aurais pensé
J'avais plus de mort que de mal

IRIS CASCADE

à Guy Cabanel

Je vivais au pied de la cascade
j'étais jeune et humide
tous les mille ans je changeais d'ombre
je mangeais des loirs et des papillons
Et puis rien n'est venu

Les pierres roulaient dans le soleil
Il y avait du soleil une ou deux fois par nuit
et des bêtes prolongées avec des rires de femmes
il y avait des femmes une ou deux fois par rêve
Je ne sais pas ce que c'est

L'hiver, caravanes caravelles
attendaient qu'on invente les mots
pour passer devant moi
Une mousse orange couvrait le ciel
Je me réveillais tard

Les soirs d'été
je pariais sur l'onagre, sur les truites électriques
sur l'impatience du rouge
Je pariais sur mes peaux dans les forêts naissantes
L'iris poussait dans l'œil du diable

FLEUR BLANCHE

Je ne sais plus écrire
Je sais la fleur blanche du désastre
Les lances du pur amour
La lumière de ton corps
Fait un nœud dans ma gorge
Illumine l'ombre
Fait un nœud dans ma gorge
Illumine même le jour
Fait un nœud dans ma gorge
La lumière de ta gorge
Fait un nœud de lumière
L'ombre vaste de ton corps
Illumine même le jour
Ton corps de biche plus grande
De biche par-dessus l'eau
De biche dans l'air des poudres
Ton corps sanglant de marbre
Ton corps repousse les mots
D'un haussement de lumière
Fait un nœud dans la nuit
Où se forment les mots
À la source des mots
Elle pose un lien de soif
Le puits de ta lumière
S'ouvre dans mon silence
Et ton bâillon de plume de poil
Et de poison,
Ton bâillon d'incendie
Est la fleur du silence

DANOS PERFEITOS

"Eu era uma anatomia caminhante
um dispêndio de saúde na volta da primavera."

PIERRE PEUCHMAURD

O CASO DO PURITANO

Para Jacqueline

Então o puritano se cala: acaba de reconhecer seu desejo. Céu negro, a capa do céu esvoaçante cobre o coração todo.

Ele reconhece a terra roxa, a grama molhada, o medo. E atrás das muralhas, a grande piscina cega.

Ele se viu morto, e vivo para aquilo: o beijo da louca.

Ele se apagou na luz, no ouro pálido das boas-vindas.

DESFIADO

O carneirinho balança a cabeça azul.
De tanta ferrugem, de tanto arame
farpado e neve ela
ficou azul. E é por causa
do azul que ele balança a cabeça
louca.

Às suas cebolas mistura rosas
de tecido rosa e fica escrevendo
crônicas. Segunda-feira, na rua
Christine, dá de beber aos
seus leões e eles lhe caem
tão bem.

Apesar de tudo, o oceano é bem
maquinal. Exceto se um pássaro morto,
já decomposto, vem encolher
o alto-mar.

À noite, no fundo das leis, ele
obtém novas regras dos mais
antigos costumes. Ele não acredita
nas exceções.

Quem faz as noites perderem
o fio da meada? Quem apruma o fio
da dor? Quem faz
sombra sob a lâmpada do desejo?
Quem não apaga quando você
quer dormir?

A angústia o pegou no meio do caminho.
Ele teve de parar, buscar um
alento morto. Ele não o
encontrou, ficou ali um bom tempo,
única sombra no azul.

(O caramujo, a rolha de
champanhe, a mãozinha
enluvada na perna do
atleta, em seus testículos
aturdidos, o riso ausente das
coisas que veem a morte
das coisas – desfiado,
meu amor, desfiado).

POR BAIXO DAS PORTAS

Eu era um cão sentado feito lucarna
em cima de sóis, de precauções
eu escondia debaixo de um cesto
meus valores camponeses

Eu era um dedal
no dedo da dinda,
eu girava no sentido
dos alfinetes de fraldas
O asno ruminava as razões da chuva

Eu era a presa de um salgueiro
e seus mil cumprimentos
se destinavam ao peixe oleoso
à escorregadia lagarta

Eu era uma língua pendendo
em uma velha amurada
eu arrastava beijos
de ferrugem e rancor,
do cordame para a sede

Eu era uma pele de lebre
devolvida pelo mar
Eu era um gato pendurado
sobre um tostão furado
Assim era minha filha

Eu era um passarinho detido
Tem aqueles que a gente pega de surpresa
nos buracos azulados dos bosques,
e eu fui pego de surpresa

Eu era o século sétimo
Isso não me acontecia com muita frequência,

mas naquele dia
eu era o século sétimo

Eu era a viga em meu olho
e o fósforo gota a gota
eu era a flor do marceneiro
Eu era a menina de meu mestre,
eu deitava comigo em longas bancadas

Eu era uma anatomia caminhante
um dispêndio de saúde na volta da primavera,
um tufo de palha encharcado de sangue

Eu era a aurora de uma enxaqueca
e o voo de um abutre
em uma caixa torácica
Eu era o que acontece

Eu era tempo perdido,
tardes carecas
um pedaço de horizonte
em uma linha ocupada

Eu era uma coisa ou outra
e com frequência a última
na qual teria pensado
Eu estava mais morto do que em apuros

ÍRIS CACHOEIRA

para Guy Cabanel

Eu vivia na beira da cachoeira
tinha juventude e umidade
a cada mil anos mudava de sombra
comia arganazes e borboletas
E depois não veio mais nada

As pedras rolavam no sol
Uma ou duas vezes por noite aparecia o sol
e bichos prolongados com riso de mulheres
uma ou duas vezes por sonho apareciam mulheres
Não sei o que era

No inverno, caravanas caravelas
esperavam que se inventassem palavras
para passar diante de mim
Um musgo laranja cobria o céu
Eu acordava tarde

Nas noites de verão
apostava no jumento, nas trutas elétricas
na impaciência do vermelho
Apostava em minhas peles nas florestas nascentes
A íris brotava no olho do diabo

FLOR BRANCA

Já não sei escrever
Sei a flor branca do desastre
As lanças do amor maior
A luz de teu corpo
Dá um nó na minha garganta
Ilumina a sombra
Dá um nó na minha garganta
Ilumina até mesmo a luz do dia
Dá um nó na minha garganta
A luz da tua garganta
Dá um nó de luz
A sombra vasta do teu corpo
Ilumina até mesmo a luz do dia
Teu corpo de gazela maior
De gazela sobre a água
De gazela no ar de pólvoras
Teu corpo de mármore sangrando
Teu corpo rejeita as palavras
Com um dar de ombros de luz
Dá um nó na noite
Onde se formam as palavras
Ela põe um laço de sede
Na fonte das palavras
O poço de tua luz
Se abre em meu silêncio
E teu bocejo de pluma de pelo
E veneno,
Teu bocejo de incêndio
É a flor do silêncio

prosa poética

(n.t.) | Hayravank

DOIS ELOGIOS

SAINT-JOHN PERSE

O TEXTO: Dois poemas de Saint-John Perse pertencentes à coletânea *Éloges* (*Elogios*), publicada em 1911, que reúne composições escritas entre 1904 e 1910: "Escrito na Porta" ("Écrit sur la porte") e "Para comemorar uma infância" ("Pour fêter une enfance"). A temática memorial da coletânea está presente em ambos os poemas, datados de 1910, nos quais é explícita a referência à ilha natal do poeta, Guadalupe, nas Antilhas francesas, lugar que o poeta abandonou aos 12 anos e ao qual nunca mais retornou.

Texto traduzido: Perse, Saint-John. *Éloges : suivi de La Gloire des Rois, Anabase, Exil*. Paris : Gallimard, 1967.

O AUTOR: Saint-John Perse (1887-1975), pseudônimo de Alexis Leger, poeta e diplomata francês, nasceu em Pointe-à-Pitre, na ilha de Guadalupe. Em 1914 ingressou no serviço diplomático, como cônsul na China, e trabalhou como consultor de literatura francesa na Biblioteca do Congresso, em Washington. Lançou seu primeiro livro de poesias, *Éloges*, em 1911, escrito sob influência do simbolismo. Mais tarde, desenvolveu um estilo mais pessoal, caracterizado por uma linguagem mais pura e precisa, transmitido por meio de uma métrica litúrgica e termos exóticos. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1960.

A TRADUTORA: Mônica Costa Netto é mestra em Filosofia pela Paris 8. Atua como professora, tradutora e intérprete.

DEUX ÉLOGES

"Mon front sous des mains jaunes, mon front,
te souvient-il des nocturnes sueurs ?"

SAINT-JOHN PERSE

ÉCRIT SUR LA PORTE

J'ai une peau couleur de tabac rouge ou de mulet,

j'ai un chapeau en moelle de sureau couvert de toile blanche.

Mon orgueil est que ma fille soit très-belle quand elle commande aux femmes noires,

ma joie, qu'elle découvre un bras très-blanc parmi ses poules noires ;

et qu'elle n'ait point honte de ma joue rude sous le poil, quand je rentre boueux.

Et d'abord je lui donne mon fouet, ma gourde et mon chapeau.

En souriant elle m'acquitte de ma face ruisselante ; et porte à son visage mes mains grasses d'avoir

éprouvé l'amande de kako, la graine de café.

Et puis elle m'apporte un mouchoir de tête bruissant ; et ma robe de laine ; de l'eau pure pour rincer mes dents de silencieux :

et l'eau de ma cuvette est là ; et j'entends l'eau du bassin dans la case-à-eau.

Un homme est dur, sa fille est douce. Qu'elle se tienne toujours

à son retour sur la plus haute marche de la maison blanche,

et faisant grâce à son cheval de l'étreinte des genoux,
il oubliera la fièvre qui tire toute la peau du visage en dedans.

J'aime encore mes chiens, l'appel de mon plus fin cheval,
et voir au bout de l'allée droite mon chat sortir de la maison en compagnie de la guenon…
toutes choses suffisantes pour n'envier pas les voiles des voiliers
que j'aperçois à la hauteur du toit de tôle sur la mer comme un ciel.

POUR FETER UNE ENFANCE

«King Light's Settlements»

I

Palmes!...

Alors on te baignait dans l'eau-de-feuilles-vertes ; et l'eau encore était du soleil vert ; et les servantes de ta mère, grandes filles luisantes, remuaient leurs jambes chaudes près de toi qui tremblais…

(Je parle d'une haute condition, alors, entre les robes, au règne de tournantes clartés.) Palmes ! et la douceur d'une vieillesse des racines… ! La terre alors souhaita d'être plus sourde, et le ciel plus profond, où des arbres trop grands, las d'un obscur dessein, nouaient un pacte inextricable…

(J'ai fait ce songe, dans l'estime : un sûr séjour entre les toiles enthousiastes.)

Et les hautes

racines courbes célébraient l'en allée des voies prodigieuses, l'invention des voûtes et des nefs,

et la lumière alors, en de plus purs exploits féconde, inaugurait le blanc royaume où j'ai mené peut-être un corps sans ombre…

(Je parle d'une haute condition, jadis, entre des hommes et leurs filles, et qui mâchaient de telle feuille.)

Alors, les hommes avaient une bouche plus grave, les femmes avaient des bras plus lents ;

alors, de se nourrir comme nous de racines, de grandes bêtes taciturnes s'ennoblissaient ;

et plus longues sur plus d'ombre se levaient les paupières…

(J'ai fait ce songe, il nous a consumés sans reliques.)

II

Et les servantes de ma mère, grandes filles luisantes… Et nos paupières fabuleuses… Ô

clartés ! Ô faveurs !

Appelant toute chose, je récitai qu'elle était grande, appelant toute bête, qu'elle était belle et bonne.

Ô mes plus grandes

fleurs voraces, parmi la feuille rouge, à dévorer tous mes plus beaux

insectes verts ! Les bouquets au jardin sentaient le cimetière de famille. Et une très petite sœur était morte : j'avais eu, qui sent bon, son cercueil d'acajou entre les glaces de trois chambres. Et il ne fallait pas tuer l'oiseau-mouche d'un caillou… Mais la terre se courbait dans nos jeux comme fait la servante,

celle qui a droit à une chaise si l'on se tient dans la maison.

… Végétales ferveurs, ô clartés ô faveurs !...

Et puis ces mouches, cette sorte de mouches, vers le dernier étage du jardin, qui étaient comme si la lumière eût chanté !

… Je me souviens du sel, je me souviens du sel que la nourrice jaune dut essuyer à l'angle de mes yeux.

Le sorcier noir sentenciait à l'office : « Le monde est comme une pirogue, qui, tournant et tournant, ne sait plus si le vent voulait rire ou pleurer… »

Et aussitôt mes yeux tâchaient à peindre un monde balancé entre les eaux brillantes, connaissaient le mât lisse des fûts, la hune sous les feuilles, et le gui et les vergues, les haubans de liane,

où trop longues, les fleurs s'achevaient en des cris de perruches.

III

… Puis ces mouches, cette sorte de mouches, et le dernier étage du jardin… On appelle. J'irai… Je parle dans l'estime.

– Sinon l'enfance, qu'y avait-il alors qu'il n'y a plus ?

Plaines ! Pentes ! Il y

avait plus d'ordre ! Et tout n'était que règnes et confins de lueurs. Et l'ombre et la lumière alors étaient plus près d'être une même chose…Je parle d'une estime… Aux lisières le fruit

pouvait choir

sans que la joie pourrît au rebord de nos lèvres.

Et les hommes remuaient plus d'ombre avec une bouche plus grave, les femmes plus de songe avec des bras plus lents.

… Croissent mes membres, et pèsent, nourris d'âge ! Je ne connaîtrai plus qu'aucun lieu de

moulins et de cannes, pour le songe des enfants, fût en eaux vives et chantantes ainsi distribué… À droite

on rentrait le café, à gauche le manioc (ô toiles que l'on plie, ô choses élogieuses !) Et par ici étaient les chevaux bien marqués, les mulets au poil ras, et par là-bas les bœufs ;

ici les fouets, et là le cri de l'oiseau Annaô

– et là encore la blessure des cannes au moulin.

Et un nuage

violet et jaune, couleur d'icaque, s'il s'arrêtait soudain à couronner le volcan d'or,

appelait-par-leur-nom, du fond des cases, les servantes !

Sinon l'enfance, qu'y avait-il alors qu'il n'y a plus ?...

IV

Et tout n'était que règne et confins de lueurs. Et les troupeaux montaient, les vaches sentaient le sirop-de-batterie… Croissent mes membres

et pèsent, nourris d'âge ! Je me souviens des pleurs

d'un jour trop beau dans trop d'effroi, dans trop d'effroi !... du ciel blanc, ó silence ! qui flamba comme un regard de fièvre… Je pleure, comme je

pleure, au creux de vieilles douces mains…

Oh ! c'est un pur sanglot, qui ne veut être secouru, oh ! ce n'est que cela, et qui déjà berce mon front comme une grosse étoile du matin.

… Que ta mère était belle, était pâle

lorsque si grande et lasse, à se pencher,

elle assurait ton lourd chapeau de paille au soleil, coiffé d'une double feuille de siguine,

et que, perçant un rêve aux ombres dévoué, l'éclat des mousselines

inondait ton sommeil !

… Ma bonne était métisse et sentait le ricin ; toujours j'ai vu qu'il y avait les perles d'une sueur brillante sur son front, à l'entour de ses yeux – et si tiède, sa bouche avait le goût des pommes-rose, dans la rivière, avant midi.

… Mais de l'aïeule jaunissante et qui si bien savait soigner la piqûre des moustiques,

je dirai qu'on est belle, quand on a des bas blancs, et que s'en vient, par la persienne, la sage fleur de feu vers vos longues paupières d'ivoire.

… Et je n'ai pas connu toutes Leurs voix, et je n'ai pas connu toutes les femmes, tous les hommes qui servaient dans la haute demeure de bois ; mais pour longtemps encore j'ai mémoire

des faces insonores, couleur de papaye et d'ennui, qui s'arrêtaient derrière nos chaises comme des astres morts.

V

… Ô ! j'ai lieu de louer !

Mon front sous des mains jaunes, mon front, te souvient-il des nocturnes sueurs ?

du minuit vain de fièvre et d'un goût de citerne ?

et des fleurs d'aube bleue à danser sur les criques du matin

et l'heure midi plus sonore qu'un moustique, et des flèches lancées par la mer de couleurs… ?

Ô j'ai lieu ! ô j'ai lieu de louer !

Il y avait à quai des hauts navires à musique. Il y avait des promontoires de campêche ; des fruits de bois qui éclataient… Mais qu'a-t-on fait des hauts navires à musique qu'il y avait à quai ?

Palmes ! Alors

une mer plus crédule et hantée d'invisibles départs,

étagée comme un ciel su-dessus des vergers, se gorgeait de fruits d'or, de poissons violets et d'oiseaux.

Alors, des parfums plus affables, frayant aux cimes les plus fastes,

ébruitaient ce souffle d'un autre âge, et par le seul artifice du cannelier au jardin de mon père – ô feintes !

glorieux d'écailles et d'armures un monde trouble délirait.

(… Ô j'ai lieu de louer ! Ô fable généreuse, ô table d'abondance !)

VI

Palmes !

et sur la craquante demeure tant de lances de flamme !

… Les voix étaient un bruit lumineux sous-le-vent… La barque de mon père, studieuse, amenait de grandes figures blanches ; peut-être bien, en somme, des Anges dépeignés ; ou bien des hommes sains, vêtus de belle toile et casqués de sureau (comme mon père, qui fut noble et décent).

… Car au matin, sur les champs pâles de l'Eau nue, au long de l'Ouest, j'ai vu marcher des Princes et leurs Gendres, des hommes d'un haut rang, tous bien vêtus et se taisant, parce que la mer avant midi est un Dimanche où le sommeil a pris le corps d'un Dieu, pliant ses jambes.

Et des torches, à midi, se haussèrent pour mes fuites.

Et je crois que des Arches, des Salles d'ébène et de fer-blanc s'allumèrent chaque soir au songe des volcans,

à l'heure où l'on joignait nos mains devant l'idole à robe de gala.

Palmes ! et la douceur

d'une vieillesse des racines… ! Les souffles alizés, les ramiers et la chatte marrone

trouaient l'amer feuillage où, dans la crudité d'un soir au parfum de Déluge,

les lunes roses et vertes pendaient comme des mangues.

… Or les Oncles parlaient bas à ma mère. Ils avaient attaché leur cheval à la porte. Et la Maison durait, sous les arbres à plumes.

1907.

DOIS ELOGIOS

"Minha fronte sob mãos encardidas, minha fronte,
lembra-te dos suores noturnos?"

SAINT-JOHN PERSE

ESCRITO NA PORTA

Tenho a pele cor de tabaco vermelho ou de mula,

tenho um chapéu de miolo de sabugueiro coberto de tecido branco.

Meu orgulho é que minha filha esteja linda quando manda nas mulheres negras;

minha alegria, que ela mostre um braço alvíssimo entre suas galinhas pretas;

e que ela não se envergonhe de minha face rude sob os pelos, quando regresso enlameado.

E antes de tudo lhe entrego meu chicote, meu cantil e meu chapéu.

Sorrindo, ela me perdoa a cara suada; e leva ao rosto minhas mãos engorduradas de ter

experimentado a amêndoa de cacau, o grão de café.

E então ela me traz um lenço de cabeça esvoaçante; e meu manto de lã; água pura para enxaguar meus dentes de silencioso;

e a água da minha bacia está aqui; e ouço a água do reservatório na caixa-d'água.

Um homem é duro, sua filha é delicada. Que ela permaneça sempre

no mais alto degrau da casa branca quando ele retornar,

e ao livrar seu cavalo da pressão dos joelhos,
ele esquecerá a febre que puxa a pele do rosto para dentro.

Amo ainda meus cães, o chamado do meu cavalo mais fino,
e ver ao fim da alameda direita meu gato saindo de casa acompanhado da macaca...
todas as coisas suficientes para não se ter inveja das velas e dos veleiros
que percebo à altura do telhado de zinco no mar como um céu.

PARA COMEMORAR UMA INFÂNCIA

"King Light's Settlements"

I

Palmeiras !...

Então te banhavam na água-de-folhas-verdes; e a água ainda era um sol verde; e as criadas de tua mãe, moças altas e viçosas, agitavam as pernas quentes perto de ti, trêmulo...

(Falo de uma condição elevada, entre os vestidos, então, no reino de rodopiantes claridades.) Palmeiras! e a suavidade de uma velhice das raízes...! A terra desejou então ser mais surda, e o céu mais profundo, onde árvores grandes demais, exaustas de um obscuro desígnio, tramavam um pacto inextricável...

(Tive esse sonho, com estima: uma estadia segura entre telas entusiastas.)

E as altas

raízes curvas celebravam a fuga de vias prodigiosas, a invenção das abóbadas e das naves,

e a luz então, fecunda das mais puras façanhas, inaugurava o reino branco onde talvez eu tenha carregado um corpo sem sombra...

(Falo de uma condição elevada, outrora, entre os homens e suas filhas, e que mascavam certa folha.)

Então, os homens tinham uma boca mais grave, as mulheres braços mais lentos;

então, por se alimentarem de raízes como nós, grandes bestas taciturnas eram enobrecidas;

e mais longas sobre mais sombra se levantavam as pálpebras...

(Tive esse sonho, que nos consumiu sem relíquias.)

II

E as criadas de minha mãe, moças altas e viçosas... E nossas pálpebras fabulosas... Ó

claridades! ó favores!

Chamando cada coisa, recitei que ela era grande, chamando cada animal, que ele era belo e bom.

Ó minhas maiores

flores vorazes, em meio à folha rútila, a devorar todos os meus mais belos

insetos verdes! Os buquês do jardim exalavam como o cemitério da família. E uma irmãzinha havia morrido: eu tive seu caixão de mogno, que cheira bem, entre os espelhos de três quartos. E não se podia matar o beija-flor com uma pedra... Mas a terra se curvava em nossas brincadeiras como faz a criada,

aquela que tem direito a uma cadeira quando ficamos em casa.

... Vegetais fervores, ó claridades ó favores!...

E havia as moscas, essa espécie de moscas, lá no último patamar do jardim, que eram como se a luz tivesse cantado!

... Lembro-me do sal, lembro-me do sal que a ama encardida teve de enxugar no ângulo dos meus olhos.

O feiticeiro negro sentenciava na dispensa: "O mundo é como uma canoa, que, girando e girando, já não sabe se o vento queria rir ou chorar..."

E meus olhos logo tratavam de pintar um mundo oscilante nas águas brilhantes, conheciam o mastro liso dos fustes, a gávea sob as folhas, e as retrancas e as vergas, os ovéns de cipó, onde, longas demais, as flores terminavam na gritaria de periquitos.

III

Havia as moscas, essa espécie de moscas, e o último patamar do jardim... Chamam. Irei... Falo com estima.

– E a infância, o que havia nela então que não há mais?

Planícies! Encostas! Nela

havia mais ordem! E tudo era apenas reinos e confins de clarões. E sombra e luz estavam mais próximas de ser a mesma coisa... Falo de uma estima... Nas bordas da mata o fruto

podia cair

sem que a alegria apodrecesse na beira dos nossos lábios.

E os homens agitavam mais sombras com bocas mais graves, as mulheres mais sonho com braços mais lentos.

... Crescem meus membros, e pesam, nutridos pela idade! Nunca tornaria a conhecer um lugar com moinhos e canas, para o sonho das crianças, que fosse em águas vivas e cantantes assim distribuído... À direita

guardava-se o café, à esquerda a mandioca (oh lonas que se dobram, oh coisas elogiosas!) E por aqui ficavam os cavalos bem marcados, as mulas de pelo curto, e lá os bois;

aqui os chicotes, e lá o grito do pássaro Annaô[1]

– e ainda lá a ferida das canas na moenda.

E uma nuvem

amarela e violeta, cor de icaco, quando parava de repente coroar de ouro o vulcão,

chamava-por-seus-nomes, do fundo das cabanas, as criadas!

E a infância, o que havia nela então que não há mais?...

IV

E tudo era apenas reinos e confins de clarões. E os rebanhos subiam, as vacas tinham cheiro de melaço... Crescem meus membros

e pesam, nutridos pela idade! Lembro-me dos choros

de um dia bonito demais em meio a pavor demais, pavor demais!... céu branco, ó silêncio! que ardeu como um olhar febril... Eu choro, como eu

choro, na concha de velhas mãos macias...

Oh! é um puro pranto, que não quer socorro, oh! é só isso, mas logo serena minha fronte como uma enorme estrela da manhã.

... E como tua mãe era bonita, era pálida

quando, tão alta e abatida, inclinando-se,

ajustava teu pesado chapéu de palha ou de sol, decorado com uma folha dupla de arácea,

e como, transpassando um sonho devotado às sombras, o brilho das musselinas

inundava teu sono!

[1] O misterioso pássaro Annaô, mencionado por Perse, ainda é objeto de controvérsia entre seus críticos. Sua não identificação gerou uma dúvida acerca de sua existência, relegada à ficção por alguns e afirmada por outros. (n.t.)

... Minha ama era mestiça e exalava rícino; sempre vi que havia pérolas de um suor brilhoso em sua testa, ao redor de seus olhos – e morna, sua boca tinha o gosto dos jambos, no riacho, antes do meio-dia.

... Mas da avó encardida que sabia tão bem tratar as picadas de mosquito,

eu diria que se é bela quando se usa meias brancas, e que sai pela persiana a sábia flor de fogo em direção às suas longas pálpebras de marfim.

... E eu não conheci todas as Suas vozes, e não conheci todas as mulheres, todos os homens que serviam na casa grande de madeira; mas por muito tempo ainda lembrarei

das faces insonoras, cor de mamão e de tédio, que ficavam paradas atrás de nossas cadeiras como astros mortos.

V

... Ó! Cabe-me louvar!

Minha fronte sob mãos encardidas, minha fronte, lembra-te dos suores noturnos?

da meia-noite vazia de febre e daquele gosto de cisterna?

e das flores da aurora azul a dançar nas enseadas da manhã

e do meio-dia, hora mais sonora que um mosquito, e das flechas lançadas pelo mar de cores...?

Ó cabe-me! ó cabe-me louvar!

Havia no cais grandes navios com música. Havia promontórios de campeche; frutos silvestres que estouravam... Mas o que foi feito dos grandes navios com música que estavam no cais?

Palmeiras...! Então

um mar mais crédulo e assombrado por partidas invisíveis,

em camadas como um céu sobre pomares, se enchia de frutos dourados, peixes violetas e pássaros.

Então, perfumes mais afáveis, desbravando os cimos mais fastos,

propalavam esse sopro de uma outra era, e tendo a caneleira do jardim de meu pai por único artifício – ó fingimentos!

glorioso com suas escamas e armaduras um mundo confuso delirava

(... Ó cabe-me louvar! Ó fábula generosa, ó mesa farta!)

VI

Palmeiras!...

e sobre a crosta crocante permanecem tantos lances de chamas!

... As vozes eram um ruído luminoso sob-o-vento... O barco de meu pai, estudioso, trazia grandes figuras brancas: talvez, em suma, Anjos despenteados; ou homens sadios, vestidos com tecidos finos e cobertos com chapéus de sabugueiro (como meu pai, que era nobre e decente).

... Pois, pela manhã, nos pálidos campos d'Água nua, margeando a oeste, eu vi os Príncipes e seus Genros andando, homens de elevada posição, todos bem vestidos e calados, porque o mar antes do meio-dia é um Domingo em que o sono tomou o corpo de um Deus, dobrando suas pernas.

E tochas, ao meio-dia, ergueram-se para minhas fugas.

E creio que Arcos, Salas de ébano e folha de flandres se iluminavam todas as noites ao sonho dos vulcões,

na hora em que juntávamos as mãos diante do ídolo com roupa de gala.

Palmeiras!... e a suavidade

de uma velhice das raízes...! Os ventos alísios, as pombas e a gata marrom

perfuravam a amarga folhagem onde, na crueza de um anoitecer perfumado de Dilúvio,

as luas rosas e verdes pendiam como mangas.

... Os Tios falavam baixo com minha mãe. Eles haviam amarrado o cavalo na entrada. E a Casa durou, sob as paineiras.

1907.

contos

(n.t.) | Erebuni

O Rei Taramela

Hovhannes Tumanian

O texto: Escrito em 1907, "O Rei Taramela" («Չախչախ Թագավորը») é um dos 22 contos populares armênios escritos por Hovhannes Tumanian, pertencente à coletânea Հեքիաթներ (*Contos de fada*), publicada em 1930. Narra a história de uma astuta raposa, um pobre moleiro e de reinados imaginários. As narrativas de Tumanian são escritas o mais próximo possível da oralidade, ao incluir regionalismos, variações e idiomatismos não dicionarizados, além de reiterações. São ambientadas geralmente no interior, na zona rural, com personagens muitas vezes anônimos. Linguisticamente, destaca-se nelas a forma de narrar armênia, dada no presente do indicativo, e não no tempo passado, como ocorre com o português.

Texto traduzido: Թումանյան, Հովհաննես. «Չախչախ Թագավորը». Հեքիաթներ. Երեւան: Պետական Հրատարակչություն, 1930.

O autor: Hovhannes Tumanian (1869-1923), poeta, escritor e tradutor armênio, nasceu no vilarejo de Dsegh. Considerado o poeta nacional da Armênia, escreveu contos, fábulas, poemas narrativos e artigos literários, colaborando para diversos periódicos. Sua obra narrativa, simples e natural, escrita de forma realista, e sua poesia, de farta inspiração, o tornaram amplamente conhecido em seu país. Foi também tradutor de poetas russos e ingleses, como Pushkin e Lord Byron, e dos contos dos Irmãos Grimm. Viajou pelo Cáucaso em busca de paz entre os povos da região em um período de grandes hostilidades sociopolíticas. Faleceu em Moscou, na Rússia.

O tradutor: Fernando Januário Pimenta é docente da Área de Língua e Literatura Armênia na USP. Foi professor de língua portuguesa em escolas públicas estaduais e municipais de São Paulo. Hoje leciona língua armênia e se dedica à tradução de sua literatura. Para a (n.t.) traduziu Yeghia Temirtchipashian.

Չախչախ Թագավորը

«Չախչախը մի շատ հարուստ թագավոր է,
ես էլ նրա վեզիրն եմ։»

ՀՈՎՀԱՆՆԵՍ ԹՈՒՄԱՆՅԱՆ

Լինում է, չի լինում՝ մի աղքատ ջաղացպան։

Մի պատռված քուրք հագին, մի ալրոտ փոստալ գլխին ապրելիս է լինում գետի ափին, իր կիսավեր ջաղացում։ Ունենում է մի մոխրոտ բաղաջ ու մի կտոր պանիր։

Մի օր գնում է, որ ջաղացի ջուրը թողնի, գալիս է, տեսնում՝ պանիրը չկա։

Մին էլ գնում է՝ ջուրը կապի, գալիս է, տեսնում՝ բաղաջը չկա։

Էս ո՞վ կլինի, ո՞վ չի լինի։ Մտածում է, մտածում ու ջաղացի շեմքում թակարդ է լարում։ Առավոտը վեր է կենում, տեսնում մի աղվես է ընկել մեջը։

– Հը՞, գող անիծված, դու ես կերել իմ պանիրն ու բաղարջը, հա՞. կաց, հիմի ես քեզ պանիր ցույց տամ։ – Ասում է ջաղացպանն ու լինգը վերցնում է, որ աղվեսին սպանի։

Աղվեսը աղաչանք-պաղատանք է անում։ «Ինձ մի՛ սպանի, – ասում է, – մի կտոր պանիրն ի՞նչ է, որ դրա համար ինձ սպանում ես։ Կենդանի բաց թող, ես քեզ շատ լավություն կանեմ»։

Ջաղացպանն էլ լսում է, կենդանի բաց է թողնում։

Էս աղվեսը գնում է, էդ երկրի թագավորի աղբանոցում ման է գալի ման, մի ոսկի է գտնում։ Վազ է տալիս թագավորի մոտ։

– Թագավորն ապրած կենա, ձեր կոտը մի տվեք։ Չախչախ թագավորը մի քիչ ոսկի ունի, չափենք ետ կբերենք:

– Չախչախ թագավորն ո՞վ է, – զարմացած հարցնում է թագավորը։

– Դու դեռ չես ճանաչում, – պատասխանում է աղվեսը։ – Չախչախը մի շատ հարուստ թագավոր է, ես էլ նրա վեզիրն եմ։ Կոտը տո՛ւր, տանենք ոսկին չափենք, հետո կճանաչես։

Կոտը առնում է տանում, աղբանոցում գտած ոսկին ամրացնում կոտի ճեղքում, իրիկունը ետ բերում, տալիս։

– Օ՜ֆ, – ասում է, – զոռով չափեցինք։

– Մի՞թե ճշմարիտ սրանք կոտով ոսկի են չափել, – մտածում է թագավորը։ Կոտը թափ է տալիս, զնգալեն մի ոսկի է վեր ընկնում:

Մյուս օրը աղվեսը ետ գալիս է, թե՝ Չախչախ թագավորը մի քիչ ակն ու մարգարիտ ունի, ձեր կոտը տվեք, չափենք, կբերենք։

Կոտն առնում է, տանում։ Մի մարգարիտ է գտնում, կոխում է կոտի արանքը, էլ ետ իրիկունը ետ բերում։

– Օ՜ֆ, – ասում է, – մեռանք, մինչև չափեցինք։ Թագավորը կոտը թափ է տալի, մարգարիտը դուրս է թռչում։ Մնում է զարմացած, թե էս Չախչախ թագավորն ինչքան հարուստ պետք է լինի, որ ոսկին, ակն ու մարգարիտը կոտով է չափում։

Անց է կենում մի քանի օր։ Մի օր էլ աղվեսը գալիս է թագավորի մոտ խնամախոս, թե՝ Չախչախ թագավորը պետք է ամուսնանա, քու աղջիկն ուզում է։

Թագավորը ուրախանում, աշխարհքով մին է լինում։

– Դե գնացեք, – ասում է, – շուտ արեք, հարսանիքի պատրաստություն տեսեք։

Թագավորի պալատում իրար են անցնում, հարսանիքի պատրաստություն են տեսնում, իսկ աղվեսը ջաղացն է վազում։

Վազում է, ջաղացպանին աչքալուս տալի, թե՝ հապա՜, թագավորի աղջիկը քեզ համար ուզել եմ։ Պատրաստ կաց, որ գնանք, հարսանիք անենք։

– Վա՜յ, քու տունը քանդվի, ա՛յ աղվես, էդ ի՞նչ ես արել, – ասում է վախեցած ջաղացպանը։ – Ես՝ ո՞վ, թագավորի աղջիկը՝ ո՞վ։ Ո՛չ ապրուստ ունեմ, ո՛չ տունուտեղ, ո՛չ մի ձեռք շոր... Հիմի ես ի՞նչ անեմ...

– Դու մի՛ վախենա, ես ամեն բան կանեմ, – հանգստացնում է աղվեսն ու ետ վազում թագավորի մոտ:

Վազելով ընկնում է պալատը. Հա՛յ-հարա՛յ, Չախչախ թագավորը մեծ հանդեսով գալիս էր, որ պսակվի: Ճամփին թշնամի զորքերը հանկարծ վրա տվին, մարդկանց կոտորեցին, ամեն բան տարան: Ինքը ազատվեց, փախավ: Ձորում մի ջաղաց կա, եկել է, մեջը մտել: Ինձ ուղարկեց, որ գամ, իմաց անեմ, շոր տանեմ, ձի տանեմ, գա պսակվի, շուտով գնա, իր թշնամիներից վրեժն առնի:

Թագավորն իսկույն ամեն բան պատրաստում է, տալիս աղվեսին, հետն էլ շատ ձիավորներ է դնում, որ պատվով ու փառքով իր փեսին պալատ բերեն:

Գալիս են, հանդեսով ջաղացի դռանը կանգնում: Ջաղացպանի քուրքը հանում, թագավորի շորերը հագցնում, նստեցնում են նժույգ ձիուն: Շրջապատված մեծամեծներով, առջևից՝ ձիավորներ, ետևից՝ ձիավորներ, էսպես հանդեսով բերում են թագավորի պալատը: Իր օրումը պալատ չտեսած ջաղացպա՛ն. շշկլված, բերանը բաց մին չորս կողմն է, մին հագի շորերին է նայում, խլշկոտում ու զարմանում:

– Էս ինչո՞ւ չտեսի նման դեսուդեն է նայում, աղվես ախպեր, – հարցնում է թագավորը: – Կարծես տուն չլինի տեսած, շոր չլինի հագած:

– Չէ՛, դրանից չի, – պատասխանում է աղվեսը: – Նայում է ու համեմատում իր ունեցածի հետ, թե իր ունեցածը որտե՛ղ, էս որտե՛ղ...

Նստում են ճաշի: Տեսակ-տեսակ կերակուրներ են բերում: Ջաղացպանը չի իմանում՝ որին ձեռք տա կամ ինչպես ուտի:

– Ինչո՞ւ չի ուտում, աղվես ախպեր, – հարցնում է թագավորը:

– Գալու ժամանակ ճամփին որ կողոպտեցին, նրա համար միտք է անում: Չեք կարող երևակայել, տեր թագավոր, թե ինչքան բան տարան, և, վերջապես, ինչ անպատվություն էր էդ մեր թագավորի համար: Ի՞նչպես հաց ուտի, – պատասխանում է աղվեսը հառաչելով:

– Բան չկա, դարդ մի՛ անի, սիրելի փեսա, աշխարհք է, էդպես էլ կպատահի, – խնդրում է թագավորը: – Այժմ հարսանիք է, ուրախանանք, քեֆ անենք:

Ու քեֆ են անում, ուտում, խմում, ածում, պար գալի. յոթն օր, յոթ գիշեր հարսանիք անում: Աղվեսն էլ դառնում է քավոր:

Հարսանիքից հետո թագավորը իր աղջկանը մեծ բաժինք է տալի ու հանդեսով ճամփա դնում Չախչախ թագավորի հետ։

– Կացե՛ք, ես առաջ գնամ, տունը պատրաստեմ, դուք իմ ետևից եկեք, – ասում է քավոր աղվեսը ու վազ տալի։

Վազ է տալի, վազ, տեսնում է՝ մի դաշտում մեծ նախիր է արածում։

– Էս ո՞ւմ նախիրն է։

Ասում են.

– Շահ-Մարինը։

– Պա՛, Շահ-Մարի անունը էլ չտաք, որ թագավորը նրա վրա բարկացել է, զորքով իմ ետևից գալիս է. ով նրա անունը տվավ՝ գլուխը կտրել կտա։ Որ հարցնի, թե ումն է, ասեք՝ Չախչախ թագավորինը. թե չէ՝ վայն եկել է, ձեզ տարել։

Վազ է տալի, վազ, տեսնում է՝ ոչխարի հոտը սարերը բռնել է։

– Էս ո՞ւմն է։

– Շահ-Մարինը։

Հովիվներին էլ նույնն է ասում։

Վազ է տալի, վազ, տեսնում է՝ ընդարձակ արտեր, հնձվորները միջին հնձում են։

– Էս ո՞ւմ արտերն են։

– Շահ-Մարինը։

Հնձվորներին էլ նույնն է պատվիրում։

Վազ է տալի, վազ, տեսնում է՝ անվերջ խոտհարքներ։

— Էս ո՞ւմն են։

– Շահ-Մարինը։

Խոտ հարողներին էլ նույնն է ասում։ Հասնում է Շահ-Մարի պալատին։

– Շահ-Մա՛ր, ա՛ Շահ-Մա՛ր, – գոռում է, հեռվից վազելով։ – Քու տունը չքանդվի, միամիտ նստել ես։ Թագավորը քեզ վրա բարկացել է, մեծ զորքով գալիս է, որ քեզ սպանի, տունուտեղդ քանդի, տակնուվրա անի, ունեցած-չունեցածդ էլ թագավորական գրի։ Մի անգամ քեզ մոտ մի վառիկ եմ կերել էն աղուհացը դեռ չեմ մոռացել։ Վազեցի, եկա, որ քեզ իմացնեմ։ Շուտ արա, գլխիդ ճարը տես, քանի չի եկել։

– Ի՞նչ անեմ, ո՞ւր գնամ, – հարցնում է սարսափած Շահ-Մարը ու տեսնում է, որ, ճշմարիտ, հեռվից փոշի բարձրացնելով, գալիս է թագավորը։

– Փախի՛, շուտով ձի նստի, փախի՛, էս երկրից կորի՛, էլ ետ չնայես։

Շահ-Մարը իսկույն նստում է իր լավ ձին ու փախչում էդ երկրից։

Աղվեսի ետևից գալիս են հարսանքավորները։ Գալիս են զուռնով, թմբուկով, երգով, զորքով, հրացան արձակելով ու աղմուկով։

Գալիս են Չախչախ թագավորն ու իր կինը ոսկեզօծ կառքի մեջ, նրանց առջևից ու ետևից՝ անհամար ձիավորներ։

Հասնում են մի դաշտի։ Տեսնում են՝ մեծ նախիր է արածում։

– Էս ո՞ւմ նախիրն է, – հարցնում են ձիավորները։

– Չախչախ թագավորինը, – պատասխանում են նախրապանները։

Անց են կենում։ Հասնում են սարերին։ Տեսնում են՝ ոչխարի սիպտակ հոտը սարերը բռնել է։

– Էս ո՞ւմն է, – հարցնում են ձիավորները։

– Չախչախ թագավորինը, – պատասխանում են հովիվները։

Անց են կենում։ Հասնում են ընդարձակ արտերի։

– Էս ո՞ւմ արտերն են։

– Չախչախ թագավորինը։

Հասնում են խոտհարքներին։

– Էս ո՞ւմն են։

– Չախչախ թագավորինը։

Ամենքը մնացել են զարմացած, Չախչախ թագավորն ինքն էլ քիչ է մնում՝ խելքը թռցնի։

Էսպեսով, աղվեսի ետևից գալիս են, հասնում Շահ-Մարի պալատներին։

Քավոր Աղվեսն էնտեղ արդեն տեր է դառել, կարգադրություններ է անում։ Ընդունում է խնամիներին, ու նորից սկսում են քեֆը։

Յոթն օր, յոթ գիշեր էլ էստեղ են քեֆ անում, ու խնամիները վերադառնում են իրենց տեղերը։

Չախչախ թագավորը, իր կինն ու Քավոր Աղվեսն ապրում են Շահ-Մարի պալատներում։ Իսկ թագավորից վախեցած Շահ-Մարը մինչև էսօր էլ դեռ գնում է։

O Rei Taramela

"O Taramela é um rei muito rico
e eu sou o vizir dele."

HOVHANNES TUMANIAN

Era uma vez um moleiro pobre.

Sua veste, um *kurk*[1] rasgado; na cabeça, um gorro de pele surrado, farinhento; vivia na beira do rio, no seu moinho em ruínas. Tinha um *baghadj*[2] só em cinzas e um teco de queijo.

Um dia, foi descartar a água do moinho, voltou e viu: nada do queijo.

Outra vez partiu, para ligar a água, voltou e viu: nada do *baghadj*.

Isto... quem é que poderia ser? Pensou, pensou, e armou uma armadilha na entrada do moinho. Levantou-se de manhã e viu que uma raposa caíra nela.

– Hum, ladrão desgraçado, é você que comeu o meu queijo e o *baghadj*, né? Fique, que agora eu vou lhe mostrar o queijo – disse o moleiro, e apanhou o pé-de-cabra para matar a raposa.

A raposa fez rogos e súplicas. – "Não me mate!" – disse. – "O que é um pedaço de queijo para, por causa disso, você me matar? Deixe-me sair viva, eu lhe farei muita coisa boa".

O moleiro, de fato, escutou, e a deixou sair viva.

A raposa partiu. Ficou rodando e rodando no aterro do rei daquela terra, e achou uma moeda de ouro. Foi correndo até o rei.

[1] Casaco espesso de pele para o inverno, comprido como um sobretudo. (n.t.)
[2] Na culinária armênia, pão doce arredondado e com padrões desenhados na parte superior. (n.t.)

– Vida longa ao rei! Dai, pois, vossa jarra. O rei Taramela tem um pouco de ouro; vamos pesá-lo, e a trazemos.

– O rei Taramela é quem? – perguntou surpreso o rei.

– Você ainda não o conhece – respondeu a raposa. – O Taramela é um rei muito rico e eu sou o vizir dele. Dê a jarra, para a levarmos e pesarmos o ouro, depois vai conhecê-lo.

Pegou a jarra e levou. Prendeu a moeda de ouro encontrada no aterro em uma fresta da jarra, que trouxe e entregou ao entardecer.

– Ufa! – disse – Com esforço o pesamos.

– Será verdade que eles pesaram o ouro com a jarra? – pensou o rei. Ao dar uma sacudida na jarra, saltou uma moeda, tinindo, para fora.

No outro dia, a raposa voltou: "O rei Taramela tem algumas joias e pérolas. Dai vossa jarra, para as pesarmos; e a trazemos".

Pegou a jarra e levou. Achou uma pérola, enfiou-a na fresta da jarra e, de novo, ao entardecer, trouxe-a de volta.

– Ufa! – disse – Vamos morrer até pesar tudo. No que o rei deu uma sacudida na jarra, a pérola voou para fora. Ficou surpreso: "Quão rico deve ser este rei Taramela, que pesa ouro, joias e pérolas com jarras".

Passaram-se uns tantos dias. Um dia, a mesma raposa veio até o rei arranjar casamento: "O rei Taramela precisa se casar e quer sua filha".

O rei alegrou-se sem igual no mundo.

– Então vão – disse –, façam logo isso, vejam os preparativos do casamento.

No palácio do rei, se alvoroçavam para os preparativos do casamento, enquanto a raposa corria ao moinho.

Correu para dar as boas novas ao moleiro: "Venha! Pedi a mão da filha do rei para você. Fique pronto para partirmos e fazermos o casamento".

– Ah! Que tua casa caia, sua raposa! O que é que tu fizeste? – disse o moleiro amedrontado. – Quem, eu? Quem, a filha do rei?! Não tenho nem sustento, nem lar, nem uma muda de roupa... e agora, o que eu vou fazer...?

– Não se amedronte! Eu farei tudo – a raposa o tranquilizou e correu de volta ao rei.

Saiu em disparada ao palácio: "Acuda! O rei Taramela estava vindo com grande pompa se casar. No caminho, as tropas inimigas de repente lhe caíram em cima, massacraram os homens e levaram tudo. Ele mesmo se livrou e fugiu. Havia um moinho em um barranco, o rei veio e entrou nele. Mandou-me

vir e dar notícia, levar roupas e levar cavalos, para ele vir se casar e ir logo se vingar de seus inimigos".

O rei imediatamente preparou tudo e deu à raposa, assim como dispôs muitos cavaleiros para trazer seu genro com honra e glória ao palácio.

Vieram com pompa e pararam à porta do moinho. Despiram o *kurk* do moleiro, vestiram-no com as roupas do rei e o montaram em um cavalo puro-sangue. Rodeado por notáveis, cavaleiros à frente e cavaleiros atrás, com pompa assim, trouxeram-no ao palácio do rei. O moleiro, que jamais vira na vida um palácio, embasbacado, ora ficava com a boca escancarada, ora olhava as roupas que vestia, espiava, e se maravilhava.

– Por que ele fica olhando para lá e para cá como quem nunca viu, irmã raposa? – perguntou o rei. – É de pensar que ele nunca tenha visto casas ou vestido roupas assim.

– Não, não é nada disso – respondeu a raposa. Ele está olhando e comparando com o que tem: onde está, onde está tudo o que tem...?!

Sentaram-se para almoçar. Trouxeram comidas de todo tipo. O moleiro não sabia no que tocar ou como comer.

– Por que ele não come, irmã raposa? – perguntou o rei.

– Ele está pensando consigo mesmo sobre quando foi roubado no caminho. Você não pode imaginar, senhor rei, o tanto que levaram dele, e que desonra afinal isso tem sido para o nosso rei. Como ele vai conseguir comer? – respondeu a raposa, lamentando.

– Sem problema, não se aflija, caro genro, assim é o mundo, isso pode acontecer – pediu o rei. – Agora é o casamento, vamos nos alegrar e festejar.

E a festa fizeram: comeram, beberam, tocaram e dançaram. Foram sete dias e sete noites de casamento. E a raposa tornou-se o padrinho.

Depois do casamento, o rei deu um grande dote à sua filha e com pompa a pôs para partir com o rei Taramela.

– Fiquem! Eu vou na frente, preparar a casa. Vocês vêm depois de mim – disse o padrinho-raposa e saiu correndo.

Correu que correu, e viu, em um campo, uma grande manada pastando.

– De quem é esta manada?

Disseram:

– É do Rei-Cobra.

– Opa! Não dê nome ao Rei-Cobra, que o rei se zangou com ele e vem com tropas atrás de mim: quem der nome a ele está dando a cabeça a perder.

Se perguntarem de quem é, diga: "É do rei Taramela". Se não, ai do senhor, está perdido.

Correu que correu, e viu rebanhos de ovelhas ocupando as montanhas.

– De quem é isto?

– É do Rei-Cobra.

E também disse o mesmo aos pastores.

Correu que correu, e viu extensos campos onde os ceifadores ceifavam.

– São de quem estes campos?

– Do Rei-Cobra.

Deu a mesma ordem aos ceifadores.

Correu que correu e viu campinas sem fim.

– Isto é de quem?

– É do Rei-Cobra.

Disse o mesmo aos que segavam feno. Chegou ao palácio do Rei-Cobra.

– Rei-Cobra, ha, Rei-Cobra! – gritou, de longe, correndo. – Que sua casa não caia, você tem sido ingênuo. O rei se zangou com você e vem vindo com grandes tropas matá-lo, destruir teu lar e revirar o que mais você tiver, palavra de rei. Uma vez comi com você um galeto e ainda não esqueci aquela bonança. Corri e vim informá-lo. Anda logo, salve o seu pescoço enquanto ele não vem.

– O que vou fazer? Aonde vou? – perguntou aterrorizado o Rei-Cobra e viu que, deveras, de longe, a poeira se levantava, e vinha o rei.

– Fuja! Monte depressa o cavalo, fuja! Suma desta terra e não olhe para trás!

O Rei-Cobra, em um átimo, montou seu bom cavalo e fugiu daquela terra.

Atrás da raposa vieram os convidados do casamento. Vieram com zurnas[3], tambores, canções, tropas, com disparar de armas e barulho.

Vieram o rei Taramela e sua mulher em uma carruagem ornada em ouro, à frente e atrás deles um sem-número de cavaleiros.

Chegaram a um campo. Viram uma grande manada pastando.

– Esta manada é de quem? – perguntaram os cavaleiros.

[3] Instrumento de sopro (զուռնա), tocado em festas e banquetes, ainda usado em músicas folclóricas na Eurásia central, na Ásia ocidental e no norte da África. (n.t.)

– É do rei Taramela – responderam os vaqueiros.

Passaram adiante. Chegaram às montanhas. Viram rebanhos de ovelhas brancas ocupando as montanhas.

– Isto é de quem? – perguntaram os cavaleiros.

– É do rei Taramela – responderam os pastores.

Passaram adiante. Chegaram a extensos campos.

– Estes campos são de quem?

– São do rei Taramela.

Chegaram às campinas.

– Isto é de quem?

– É do rei Taramela.

Todos ficaram maravilhados, o próprio rei Taramela também ficou um tanto: perdeu a cabeça.

E assim vieram atrás da raposa e chegaram ao palácio do Rei-Cobra.

Padrinho Raposa, ali, já tinha virado dono do lugar, e distribuía ordens. Recebeu os parentes da noiva, e de novo começou a festa.

Fizeram ali, ainda, sete dias e sete noites de festa, e os parentes da noiva retornaram a suas terras.

O rei Taramela, sua mulher e Padrinho Raposa passaram a viver no palácio do Rei-Cobra. Pois o Rei-Cobra, mesmo até hoje, ainda segue com medo do rei.

O CAMINHO DA MONTANHA

TOSHIKO TAMURA

O TEXTO: "O caminho da montanha" (**山道**) é um conto da escritora Toshiko Tamura, publicado na revista **中央公論** (*Fórum Central*), em novembro de 1938. O enredo é simples: uma mulher se hospeda na pousada de uma estância termal para fugir do amante, um homem casado, e este vai ao seu encontro para questioná-la sobre a sinceridade de seu amor. Trata-se de um texto poético em que o subentendido, o não dito e as ambiguidades ocupam um papel central, e que alude talvez ao relacionamento dela com Tsurujirô Kubokawa (1903-1974), marido de sua amiga, a escritora, Ineko Sata (1904-1998).

Texto traduzido: 田村 俊子. **山道**、中央公論、五十三巻十一月号, 1938年.

A AUTORA: Toshiko Tamura (1884-1945), poeta e escritora japonesa, nasceu em Tóquio. Cresceu em Asakusa, bairro popular e reduto de artistas de teatro. Ainda jovem, foi discípula do escritor Kôda Rohan e atuou por um curto período no teatro moderno japonês, até se consagrar no universo literário ao ganhar um concurso promovido pelo jornal *Asahi Shinbun*, com o romance**あきらめ**(*Renúncia*), de 1911. Após deixar o Japão em 1918, viveu também no Canadá, nos Estados Unidos e na China, país onde faleceu. Em geral, seus escritos trazem protagonistas que se veem às voltas com questões relacionadas ao papel da mulher na sociedade da época.

A TRADUTORA: Karen Kazue Kawana é autora da coletânea de poemas *Pequenas coisas* (Bestiário, 2021), da novela *O homem do jardim* (Urutau, 2022) e do pseudo-renga *Cancioneiro da desilusão* (Urutau, no prelo). É também tradutora da coletânea de contos *O limão* (Bestiário, 2021), de Motojirô Kajii; do renga *Três poetas em Minase*, em colaboração com Andrei Cunha e Roberto Schmitt-Prym (Bestiário, 2021), e da coletânea de contos *Mulheres* (Estação Liberdade, 2022), de Osamu Dazai. Para a (n.t.) traduziu Nankichi Niimi, Riichi Yokomitsu, Motojirō Kajii, Akiko Yosano, entre outros.

Contato: kkawanak@gmail.com

山道

「こぼすまいとした愛がこぼれてしまった。」

田村 俊子

「**頬**白が鳴いている。」

湯の湧く山の道を二人は歩いていた。秋の初めであった。

「ね。」

男は足を止めて、木の繁みの中に小鳥の姿を探した。

「彼所に居る。」

男は直ぐに見付けた。

「何所に?」

女には中々小鳥が見付からなかった。青い空の下に、金色の日の光りを振り撒かれてい眠る樹の間から、細い小枝を差交わす頭上を仰いで、男に言われた方角を眼で探した。細かに群がる葉の輪廓が、どれも小鳥の姿に見紛われた。

「ほら。ほら。彼所に居る。」

男は女の頬に顔を差寄せ、小鳥の留まっている木へと、女の視線を導くように女の脊丈に自分の脊丈を屈ませて、女の眼角から其方へと指で一線を引いた。

「ほら。彼所に。」

早く見付けなければ小鳥は逃げてしまう。女はあせった。何の木かと男の頬りに示す指先から其の方角を辿り、まぶしい光りを仰いで彼方此方と眼を彷徨わした。

「見付からない?」

男はがっかりしたように、高く上げていた腕を下ろした。小鳥は女を焦らすように、直ぐ近くで囀り続けている。

「あの鳴声。ね。」

頬白は民謡歌人だと男は云った。

樹から樹へと、女は小鳥の姿を探した。針金のような細い線を青い空に描いている小枝の枝先きに、木の葉がひらひらと秋の風に揺れている。

「ああ。居た。」

思いがけない木の上に、ふと見付けた。其所からは奥深く見える雑木林の中の一本の木の頂上に、一枚の葉を蔭にして、小鳥は形のよい小さい姿を空に刻んだように止まらせていた。ペン先きのような嘴と、小さい頭を空を覗くように動かしている。仔細らしく小首を傾げて、不思議な大地を与えているような賢気な恰好であった。

「あんな高いところに。」

男は女が小鳥を見付けた喜びに、もう一度小鳥の方へ眼を向けた。

「頬白って、きっと木のてっぺんに居るものよ。」

と女に教えた。

「可愛らしい鳥ね。」

とうとう見付けた喜びと、二人の眼が暫らく其の小鳥の上に、一つになって注がれる楽しさとで、女の顔にも微笑が溢れた。もう見失うことのない鮮明さで、小鳥は一層はっきりした姿を、小枝の先きに軽々と置いていた。

「ほら。飛んだ。」

男が又、小鳥の行方を示すように指さした。あわて、飛んで行った先きを、女もあわてて遥に見送った。男の愛を潜めた思いを乗せたま、で行ってしまった残り惜しさで、女は小鳥の見えなくなった木と空の方へ、愛情を追う果てしない思いを投げた。

小鳥で騒いだあとの忘れられていた林の中の静かさが、一層深い静かさになって二人の足許に蘇生った。

「頬白って可愛い鳥ね。」

男の胸を覗けば、そこに小鳥が居るような可愛しさで女が云った。

「可愛い鳥ね。あの鳥だけは、他の小鳥と鳴声が違う。」

小さく響きのこもる声で、深く囀る鳴声が女の耳にささやかに残っている。意識した詩のこころを、歌のリズムに震わしているような鳴声なのであった。

崖際の長く伸びた雑草が、道に深々とした陰影を作っている。二人の外には誰れにも逢わぬ静かな道であった。

「い、道ね。」

秋の麗わしさが、人間の姿も彩っている。男の髪に光りが揺ぎ、女の頬には日を受けて血の紅色が射している。

まだ夏の色を帯びている白い雲が山の端にふわりと漂っていた。熱を剥がれた日光が道に沿う山から道の上に光りを落している。時々足を止めて男は崖の彼方の山や林を眺めた。杉の森は夏の深い色を光りの中に保って、劃然とした緑の層の濃淡を浮かしていた。

「あの杉、きれいね。」

男は自分の眼に映る印象を一つ一つ景色の中から拾い出して女に指さした。自分の美しいと思う感覚へ、女の感覚を誘い込むことを楽しむように、

「ね。」

と女と肩を並べて、自分の視線へ女の視線を促した。女は又男が誘い込もうとする感覚へ、素直に誘い込まれることが楽しかった。

「きれいね。」

男が感じる美しさで、女も杉の森の緑を眺めた。男が美しく見るものは女にも美しかった。男の感じる深い緑の色は、女にはもっと深い新鮮な緑に見えるのであった。男の語る自然の形容が、女の眺める山や、雲や、水のすがたを愛のこもる豊かな色彩で印象づけた。

又頬白が何所かで鳴いた。

「頬白よ。」

直ぐ小鳥を探そうとするように、男は声の聞こえてくる方へ耳をすます。

鳴声が遠くの方でしていた。男は女の手を引いて、林の中へ入った。女の踏んで行く草履の下で落葉がかさくと音を立てる。其の音にも男へ気を兼ねて、女は小鳥よりも自分が驚き、男に引っ張られながら、男の忍ばせる足取りに従って行く。小鳥は深く隠れて今度は容易に見付からなかった。男は女の手を放して、一人で樹の間を縫って歩いた。

「あんなところに。」

男が女を呼んだ。

「ね。見てごらん。」

小鳥を見付ける喜びで、そっと近寄ってくる女に、小鳥の留まる樹を指さした。林の外の、山の中腹の一本の樹に、小鳥は最前と同じような優しい黒点を置いていた。

「ほんとう。」

方角を教えられると、一度見馴れた小鳥の姿が直ぐ女の眼に入った。

「同じ鳥かしら。」

「さっきの鳥らしいね。」

小鳥の翼の上に残しておいた愛が、広々とした空間から女の胸へ戻って来た。

お互いの中で惹き合っているもの、絡み合っているものを感じながら、触れられぬものを二人の間に隔て、、其れをそっと覗き合っているような時間を、女は其れだけの意味の時間にして守ろうとしていた。男が女の許へ尋ねて来るようになり、其れが何故なのかと云うことは知っていても、其の意味を解いては悪いと思うこ、ろで、女は男を迎えた。そんな日はどれだけ続いても、何も云わずに斯うして顔を合わせたま、で、愛のこ、ろを注いだ盃をそっと二人で捧げ持つような内気な喜びは、唯其れだけで足りた。二人の指と指が触れた瞬間に、愛は盃からこぼれて了う。

愛がこぼれたら、結局愛が失われるような運命に行くのではないかと女は思った。面に注がれている男の愛は、男自身の生活の中から、秘密に分けられて来た愛なのであった。

こぼすまいとした愛がこぼれてしまった。

誰れの手がこぼしたか。女は其れを振返ることから自分を反向け、そして唯、逢えば別れることを考える。踏み込んではならなかった生活の中へ、一歩を踏み入れた憂欝さで、女は重いころを抱きながら、愛着はまた振切れると思って一人で此所へ来た。

離れていれば、女はまだ澄んだ感情で男を思うことが出来た。

「ここまで来て、何所へ引っ返せと云うのか。」

と男は手紙に書いていた。女は今なら元へ引返せるような気がして

いる。

男は其れを許さないと云うのだろうか。自分に真実を迫ってくる男の、生活の愛の裂け目から、新らしい愛へどんな破壊が響いてくるかを男は考えているのであろうか。自分が男から取上げる愛情は、男からだけの愛情ではなかった。其の愛情に生きるものからも奪ってくるような愛情であった。

何故自分に黙って、そんな所へ一人で行ってしまったのか。其の気持は解るようでもあり、解らないようでもある。

あなたが自分と同じ所にいないことがどれほど寂しいか、あなたに其れが解らぬ筈がない

二人が此所まで来て、あなたは何所へ引っ返そうと云うのだろうか。

男が湯の宿へ来た。そして手紙に書いてよこしたことを繰返して云った。

「斯うしている時間に何うして別れることが考えられるのだろう。」

其れが不思議だと云った。濃やかな愛情を示しながら、直ぐにも其れを棄てることを考える。人間の心に何うして其の様な邪慳さが考えられるのだろうか。

「愛情がほんとうでさえあったら。」

と男が云う。

「愛情がほんとうでさえあったら?」

其れだけで足りる二人の生活であったろうか。男は女の真実が足りないのだと云う。真実をもっと男に求めたら、男の生活は何うなるのであろうか。

「二人の生涯に別れる日が来ないで済むと思う?」

何うしてそんな事を聞かなければならないのだろうかと、男は無言に女を見た。女には其れより先きのことが云えなかった。

「あなたは何かを欺いている。」と男が云う。

「然うだろうか。」

女には思いがけなかった。自分は愛を欺いてはいない。欺いているものは自分ではないと思う。

「其れなら僕が欺いていると云うの。」

女には然うだとは云えなかった。

「どちらも愛を欺いてはいない。けれど現実を欺いているのではないのか知ら。二人なが ら現実を吹いている。」

現実を欺くのが苦しくて、別れようとしている自分なのではないか。男の生活は自分と二人だけの生活ではなかった。男は現実から面を背向けているのだと女は思う。

「現実を欺く辛さよりも、別れる辛さの方が我慢ができる。」

と女は云い切りたかった。男は別れることを考える女の愛情が男よりも足りないことを責めている。現実から面を背向けている男の愛情の方が女よりも強いと云えるのだろうか。

女には無理にも、男が面を背向けている其の現実へ、男をまともに振向かせようと為ることも出来なかった。

男は現実を欺かねばならぬ程に、女を愛するこ、ろが強いのだと云う。然う云う悲しい愛情を信じなければならないのだろうか。女が欲しい愛情は、分けられたものではなかった。

「其れならば何故ー」

女の悔いは、其れ故に男と別れることを考えるのであった。

「別れられる?」

今ならば別れられると女は思う。男にはそれが不思議であった。

この病気は病気からばかりではないーーと云ってよこした男の顔は、病いと思いに蒼くやつれていた。女は男を痛わり慰めたーーその昨夜の女の優しさを男は思い浮べながら、其の優しさの何所に「別れるこころ」があるのかと。

其の温泉の山の道であった。

二人だけの時間には、暗い思いを射させないことを昨夜男が女に約束させた。秋の光りの中に二人の愛情が楽しく散乱している。秋は二人に美しかった。明日の苦悩は明日の苦悩に任せておけばよかった。それが二人の現実を欺くことであっても、二人の時間が愛情で満ちるならーー

女の胸に匂わしている香水が、秋の香りを含む女の匂いのように男の頬を掠めた。女の室にはいつも何かの花が匂っていた。男に慣れた其の花の匂いや、女の好む香水の匂いが、女の甘い感覚へ男の情を溶け込ませる。

慣れた匂いは其の時々の新らしい魅力で男をとらえた。風がさらさ

らと山の上の林を渡って行った。

百舌鳥の声が姦しく近くに聞こえる中を、微かな頬白の声が響いている。

「頬白よ。」

懐しい小鳥の声が直ぐ女の耳に聞こえた。

「うむ。」

まだ山道は浅かった。二人の背後には僅かな人家が見下ろされる。遠方に其の声を聞き付けた男は、

「飼っている鳥かも知れないね。」

と云った。

「鳴かなくなった。」

男は小鳥の姿を求めて、彼方此方と雑木の中を踏み歩いた。小鳥は其の辺に居なかった。

「矢っ張り飼っているのね。」

あの小鳥を飼っている家は何処なのかと女は人家の見える辺りを眺めた。竹林に囲まれて南画に見るような雅致を備えた厚い藁葺屋根が見えた。

「きっと、あの家の中に小鳥の棲家があるのね。」

其処が平和な男の隠れた棲家のように思われる。小鳥に思情を結ぶ懐しさが、女にお伽噺に似た空想を抱かせる。其の棲家の内には男と共に棲む他の影があった。心の隅に追いやられていた影に、其の影が重なり、女の胸が暗くなった。

山道を奥へと先きに上って行った男が道傍の木を折って、女の為に杖をこしらえていた。

「杖をこしらえて上げよう。」

男は病いを忘れているような晴れやかな眉をしている。其の顔を見て女も明るく笑った。

男が女と離れている時、幻の中に吸うようにしている女の微笑であった。女は男を見て微笑することを忘れなかった。恋の技巧は真ご、ろからも生れてくる。何時の間にか意識した優しさで、そして素直さで、男の胸に寄り添おうとしている自分の姿を、女は嘘の姿とは思わなかった。

女は屈んで道傍の紫苑を摘んだ。男も其れを見ると同じように屈んで花を摘み、女の手に持ち添えてやった。

「頬白を飼おうかしら。」

女は男と別れたあとで、男が小鳥の中で一番好きだと云う頬白を飼う自分を空想した。

小鳥に慰められて、過ぎ去った愛の骸の中で淋しく生きる果敢なさが、今の自分の生活にもあるような、そして、其の果敢なさへ男の心を惹こうとする切ないものが、涙のような湿やかさで女の胸を濡おしてくる。

「別れる。」

ことを――自分の強さで別れることの出来る間に、男から別れることを考えながら女は歩いていた。男の思う儘に愛情の底深く落ち入った後の苦悩は女にだけ残ることが、女の心に又浮んできた。

「まだ、今ならば――」

溺愛へと自分の心が崩れて行く、其の愛情の過程を女の恋の経験が女に教える。溺愛の中に苦しむものは自分であった。――

自分だけの足音に気が付いて周囲を見廻した。男の姿が見えなかった。道は一と筋で、人の隠れる草叢の繁みもなかった。周囲に眼を放ちながら迂っ潤りと立った女の前へ、男が笑いながら後から廻って来た。

「あなたの直ぐ後に尾いて来た。僕が後に廻ったのをあなたはちっとも知らなかった?」

何を考えていたのかと男が聞いた。

「別れることを――」

「また。」

男は煙草を出して、マッチに火を点けた。紫の煙りが陰鬱に曇った眉をかすめて、ゆらゆらと男の髪にか、った。

「あなたは何うしてもっと僕に求めないの。」

「もっとあなたに求めたら何うなるの?」

「昨夜の約束を忘れたの。」

男が緩やかな声で云った。ふと頬に落した愛の印が光りにまぶしく交ざって、秋の色彩の中に明るく散った。

「あの雲。」

女の心をそちらへ移すように、男が空を仰ぎながら、

「見てごらん。」

と云った。

「あれはもう秋の雲よ。」

仰いだ水色の空に白い小波雲が模様を染めている。太陽が西の方に傾いていた。

夕方に近づく風景の変化が、広い天地に少しずつ動いていた。

「もう夕方になるのね。」

其れを感じながら、女は遠い山を見た。

道が二つに分れていた。山から伐り出す木を積んで、車で町に送る軌道が、一つの道に敷かれていた。二人は軌道に沿って右へ山道を下りた。

木を積んだ車が山から軌道を下りて来た。夫が先きに立って車を引き、妻が後方から前屈みになって押して行く。二人は眼を其れに惹かれて、二人の前を通り過ぎるまで見守った。

「夫婦ね。」

これに似た生活の、苦労を共にする夫婦の生活が、女の眼の底に映った。

其れを追うと云うのでもなかった。同じ道を車の走って行く後ろから続いて歩いた。中途に開かれた林に沿って迂曲する道の方角へ、車は見えなくなったが、二人が其所に行き着いた時、車を停めた夫婦は木の切株に腰をかけて休んでいた。

夫婦は二人を見ると人の善い村人たちのように会釈した。夫の方は刻んだような上品な面長な顔をしている。其れが二人の眼に付いた。長い血の系統を其の顔だけに残しているような普通の人とは別な顔であった。王朝時代の衣冠を着けた絵に見るようであった。其の顔が労働に簀れて、いっぱいに皺んでいる。妻も日に焦けた、はっきりした輪廓を持った顔に豊かな笑いを湛えて近寄る女を見上げた。

男が車の傍に寄った。

どれだけの重さがあるのか、其れを試そうとするように、車の傍にあった肩当てを斜に肩にかけて車を引いた。一分も動かないのを、夫婦は笑いながら眺めている。

煙草入れから煙管に煙草を詰めた老人は一と口喫った煙りを静に吐いている。都の人の戯れに好意を見せる品のいい笑いが唇に動いている。女も其れに笑顔を向けながら、自分は車の後方へ廻った。

「私が押して上げる。」

男は其れを眼で受けて、又車を引いた。女が押す力は、重い車には触るほどの力にもな眠らなかった。其れを見て、面白そうに夫婦が笑った。男も女も自分たちの力のない可笑しさよりも、唯一時の戯れの面白さに興じた笑いを夫婦の笑いに合わせて傍を離れた。

一日に一回ずつ、あの軌道を往復すると云う辛苦な生活の一面を思わず其所に見て、そして自分たちの生活を其れへ照らした。味気なさが人の生活の全部であるにしても、夫が重い車を引き、妻が其の後方を押して一日五里の軌道を往復する共稼ぎの夫婦の生活には純朴な愛の幸福があった。

車の上には夫婦の弁当包みが載っていた。あの食事を妻が拵えて朝早く村を出て行くのであろう。短い縞の単衣を着て、黒い木綿の脚絆を着け草鞋を穿いていた妻の姿が女の眼に残った。前屈みになって、夫の引く車に少しでも軽さを与える為に、有りたけの力で押して行った姿、煙草をのんで休む夫の傍に自分も腰をかけて休んでいた姿に、真実の人間の姿があった。

男が車を引き、自分が其の後方を押した一つの絵に、純朴な愛の生活を添えて眺めた。

「あの妻の持っている愛情は、自分の中にもある。」

と女は思う。

「車がちっとも動かなかったね。」

男は歩きながら思い出したように笑った。

「あの夫婦のようではなかったのね。」

閑寂な周囲をささやかに破る頻白の声が、思いがけなく二人に近い頭上から聞こえた。小鳥は直ぐに二人の眼にとまった。行手の山際の端の木に、突き出た小枝の疎らな木の葉の振い落ちた枝先きに、小鳥は居た。

「彼所に居る。」

二人は立止まって暫らく小鳥を仰いだ。鳴き止めた小鳥はじっとして其の木に留まっている。女は歩きながら時々小鳥を見上げた。ふと寂しいものが小鳥の姿から落ちて来た。たった一羽の小鳥の姿が人間の孤

独の姿に似ていた。

「さっきの鳥かも知れない。」

「何所かで飼っていると云ってた鳥ね。」

鳴き止んだま、、じっとしていた寂しい小鳥は、行き過ぎて振返った時にはもう何処かへ飛んでいた。

「居なくなった。」

男も見返った。

夕暮れに沈みかけた薄い日の色が、小鳥の飛んで行ったあとの木の辺りにかげっている。過ぎ去る人生の上に、拭われぬ印象の小さな黒点を人の上に留めようとしたような小鳥の影が、まだ女の眼に見えた。

O CAMINHO DA MONTANHA

"O amor que procuraram não derramar
acabou sendo derramado."

TOSHIKO TAMURA

– Uma escrevedeira está cantando.

Os dois percorriam o caminho da montanha de onde brotavam águas termais. Era o começo do outono.

– Você ouve?

O homem se deteve e procurou pelo pássaro em meio às copas das árvores.

– Onde será que ele está?

O homem o encontrou logo.

– Onde?

A mulher não conseguia encontrar o pássaro. Nos finos e pequenos galhos que se cruzavam acima de sua cabeça, entre as árvores salpicadas pelo dourado brilho do sol abaixo do céu azul, ela o procurava com os olhos na direção apontada pelo homem com o rosto voltado para o alto. Todas as silhuetas formadas pelas folhas que se juntavam estreitamente podiam ser confundidas com a de um pássaro.

– Olhe! Olhe! Está ali!

Curvando-se para ficarem na mesma altura, o homem aproximou seu rosto ao da mulher e, com a intenção de dirigir seu olhar, traçou uma linha com o dedo do canto dos olhos desta até a árvore onde o pássaro se encontrava.

– Olhe! Está ali!

Se não o encontrasse logo, o pássaro voaria. A mulher ficou aflita. Com o rosto voltado para a ofuscante luminosidade, ela dirigiu os olhos na direção da árvore para a qual o homem continuava a apontar e os moveu de um lado para o outro.

– Não está vendo?

Como se estivesse desapontado, o homem abaixou o braço que estava levantado. Como se quisesse enervar a mulher, o pássaro continuou a cantar bem perto.

– É esse canto, não é?

O homem disse que as escrevedeiras cantavam baladas folclóricas.

A mulher procurou pelo pássaro de árvore em árvore. As folhas balançavam na ponta dos pequenos galhos ao sabor do vento de outono e desenhavam finas linhas semelhantes a fios de arame no céu azul.

– Ah, achei!

Ela o encontrou de súbito sobre uma inusitada árvore. O pássaro estava parado à sombra de uma folha no alto de uma árvore que se via a distância, em meio a um bosque composto de diferentes espécies de árvores, sua pequena e bem torneada figura parecia esculpida no céu. Ele parecia examiná-lo movendo a pequena cabeça e o bico em forma de ponta de caneta. Inclinando-a de modo pensativo, sua aparência era a de um sábio que refletia sobre a peculiaridade do mundo.

– Naquele lugar tão alto!

A alegria da mulher por ter encontrado o pássaro fez com que o homem voltasse os olhos novamente em sua direção.

– As escrevedeiras estão sempre no topo das árvores – explicou ele à mulher.

– Parece ser um passarinho encantador, não?

A alegria de finalmente ter encontrado o pássaro, acrescido ao prazer que sentia pelo olhar dos dois se unir momentaneamente sobre ele, fez com que o rosto da mulher se abrisse em um sorriso. Ainda mais visível, sem que pudessem mais perdê-lo de vista, o pássaro repousava airoso sobre a ponta do pequeno galho.

– Olhe, ele voou!

O homem apontou o dedo outra vez para mostrar o paradeiro do pássaro. A mulher se apressou em ver para onde ele foi voando tão rápido. Pesarosa, como se o pássaro tivesse partido levando o amor secreto que ela nutria pelo

homem, a mulher se desfez do imensurável desejo de segui-lo e olhou na direção da árvore, onde não se via mais o pássaro, e do céu.

O silêncio no interior do bosque, quebrado pela algazarra suscitada pelo pássaro, ressurgiu ainda mais profundo ao redor dos dois.

– As escrevedeiras são passarinhos encantadores, não acha?

A mulher disse isso com afeto, olhando para o peito do homem como se o pássaro ali se aninhasse.

– É um passarinho encantador mesmo. O canto dele é diferente dos outros.

O gorjeio profundo e repleto de uma leve vibração ainda ressoava tenuamente nos ouvidos da mulher. Era um gorjeio no qual um espírito poético e lúcido parecia vibrar ao ritmo da melodia.

O mato que se alongava na beira da escarpa produzia uma profunda sombra sobre o caminho tranquilo. Não se via ninguém além de ambos ali.

– Que caminho bonito!

A formosura do outono também coloria os dois. Os cabelos do homem brilhavam, as bochechas da mulher recebiam os raios de sol e revelavam o carmesim do sangue.

Nuvens brancas, ainda tingidas pela cor do verão, pairavam suavemente junto à borda da montanha. Raios de sol destituídos de calor derramavam seu brilho da montanha ao longo do caminho sobre o próprio caminho. De vez em quando, o homem se detinha e olhava para a montanha e para o bosque além da escarpa. Flutuando em camadas de tons de verde bem definidas, o bosque de cedros conservava as intensas cores do verão sob essa luz.

– Aqueles cedros são bonitos, não acha?

O homem recolhia, uma a uma, as impressões da paisagem que lhe chegavam aos olhos e as apontava para a mulher. Como se quisesse ter o prazer de atrair os sentidos desta para aquilo que ele julgava belo.

– Não acha? – perguntava ao seu lado, convidando-a a olhar para onde ele olhava.

A mulher, por sua vez, sentia prazer em deixar que seus sentidos fossem atraídos sem resistência para aquilo que o homem os procurava atrair.

– Não são bonitos?

Como o homem o julgava belo, a mulher também contemplou o verdor do bosque de cedros. Aquilo que era belo para o homem, também era belo para a mulher. A intensa cor verde vista pelo homem parecia ainda mais ver-

de, intensa e fresca para a mulher. As descrições da natureza feitas pelo homem impregnavam a montanha, as nuvens e as águas que a mulher contemplava com as esplêndidas cores do amor.

Uma escrevedeira cantou em algum lugar outra vez.

– É uma escrevedeira!

O homem apurou os ouvidos na direção de onde vinha o canto, pronto a procurar pelo pássaro.

Era um canto distante. O homem puxou a mão da mulher e adentrou o bosque. As folhas caídas que a mulher pisava produziam um som seco sob suas sandálias. Procurando abafá-lo, a mulher seguia os passos furtivos do homem, mais surpresa do que um pássaro enquanto ele a puxava. O pássaro se escondia nos recônditos do bosque e desta vez não o encontraram com facilidade. O homem soltou a mão da mulher e caminhou sozinho entre as árvores.

– Está ali!

O homem chamou a mulher.

– Veja! Está ali!

Ele indicou a árvore onde o pássaro se encontrava com o dedo para a mulher que se aproximou devagar, contente por o terem encontrado. Como há pouco, o pássaro depositava um gracioso ponto negro em uma árvore no meio da montanha além do bosque.

– É mesmo!

A figura familiar do pássaro entrou no campo de visão da mulher assim que sua localização lhe foi indicada.

– Será que é o mesmo passarinho?

– Parece ser ele!

O amor que havia ficado nas asas do pássaro retornou da vastidão dos ares ao seio da mulher.

Sentindo que havia algo em seu interior que os atraía um ao outro, que os enlaçava um ao outro, e afastados por algo que se interpunha entre eles e que espiavam de relance, a mulher procurava cuidar para que esses instantes não adquirissem outro significado. O homem foi ao encontro da mulher e, embora soubesse qual era o motivo de sua visita, a mulher o recebeu com a sensação de que seria errado revelar-lhe isso. Não importava quanto esse dia durasse, bastava-lhes o reservado contentamento de permanecerem em si-

lêncio, olhando um para o outro, como se os dois segurassem uma taça na qual haviam vertido seu amor. No instante em que seus dedos se tocassem, o amor acabaria sendo derramado.

A mulher se questionava se, ao ser derramado, o amor não estaria destinado, enfim, a ser perdido. O amor que o homem havia vertido na taça era um amor que ele secretamente subtraía da própria vida.

O amor que procuraram não derramar acabou sendo derramado.

Pela mão de quem? Afastando esses pensamentos, a mulher pensava apenas na separação enquanto o via. Apesar de não se deixar dominar pela tristeza, esta havia produzido uma ponta de melancolia em sua existência e foi assim que ela acabou vindo para este lugar sozinha com o coração pesado, acreditando que poderia se desvencilhar desse amor.

Mantendo-se distante, a mulher ainda conseguia pensar no homem com as emoções serenas.

"Chegamos até aqui, agora pede que esqueçamos tudo?", escreveu o homem na carta.

A mulher acha que ainda é possível fazer com que as coisas voltem a ser como antes.

O homem não permitiria que isso ocorresse? O homem, que exigia que ela fosse sincera, pensaria nas repercussões destrutivas que as fissuras de sua vida amorosa trariam a seu novo objeto de afeto? A afeição que ela subtraía do homem não pertencia apenas a ele. Era uma afeição que também era subtraída de alguém que dela vivia.

Por que você veio para este lugar sem me dizer nada? Acho que entendo como se sente, mas também não a compreendo.

Duvido que não saiba como me sinto solitário quando não está comigo.

Chegamos até aqui, acha que é possível dar meia-volta?

O homem veio à pousada da estância termal. E repetiu aquilo que havia escrito na carta.

– Como pode pensar em terminar a esta altura?

Ele disse que não entendia. Demonstrar um amor tão terno e pensar em deitá-lo fora tão prontamente. Como o coração de uma pessoa podia engendrar algo tão cruel?

– Quando o amor é verdadeiro – disse o homem.

– Quando o amor é verdadeiro?

E isso seria suficiente para a vida dos dois? O homem diz que faltava sinceridade à mulher. O que seria da vida do homem se ele pedisse que ela fosse mais sincera?

– Você acha que o dia em que teremos de nos separar nunca chegará?

Como pode perguntar uma coisa dessas, era o que o homem dizia olhando para a mulher, sem fazer uso de palavras. Ele não conseguiu responder a essa pergunta.

– Você está sendo um tanto hipócrita – disse o homem.

– Ah, é?

Ela ficou surpresa. Seu amor nunca foi uma farsa. Quem era hipócrita não era ela.

– Quer dizer que eu é que sou hipócrita?

A mulher não conseguiu dizer que era isso mesmo.

– O amor de nenhum de nós é falso. Mas será que nossa realidade não é uma farsa? Ambos estamos traindo a realidade.

Não estou tentando me afastar de você porque trair a realidade é algo doloroso? A vida do homem não pertencia apenas aos dois. A mulher acha que o homem desvia o rosto da realidade.

– É mais fácil suportar a dor de terminarmos do que a dor de trair a realidade – quis dizer a mulher.

O homem acusa a mulher que pensa em pôr fim à relação de amar menos do que ele ama. Então o amor do homem que desvia o rosto da realidade seria maior do que o da mulher?

A mulher não conseguiu forçar o homem a encarar essa realidade da qual ele desviava a rosto.

O homem diz que o amor que ele sente pela mulher é tão grande que o obriga a trair a realidade. Era preciso acreditar nesse triste amor? O amor que a mulher queria não era um amor dividido.

– Se é assim, então por que...

Era essa a mágoa que fazia a mulher pensar em terminar.

– Você é capaz de terminar?

Neste momento, a mulher acredita ser capaz de fazer isso. O homem não entendia.

Não é só a doença física que me debilita... O rosto do homem que disse isso estava lívido e abatido pela doença e por seus pensamentos. A mulher

consolou o homem de sua dor... Recordando-se da doçura da mulher na noite anterior, o homem pergunta se há, nessa doçura, uma "vontade de terminar".

Eles estavam no caminho da montanha dessa estância termal.

Na noite anterior, o homem fez a mulher prometer que ela não deitaria sombras nos momentos em que estavam juntos. O amor dos dois está alegremente disperso em meio à luminosidade do outono. O outono era belo para os dois. Era bom deixar que as aflições de amanhã fossem as aflições de amanhã. Mesmo que os dois traíssem a realidade, isso preenchia seu tempo de amor juntos...

O perfume exalado pelo seio da mulher roçou a face do homem como uma mistura de odor feminino e aroma de outono. O quarto da mulher sempre cheirava a alguma flor. Esse aroma floral ao qual o homem estava habituado e o aroma do perfume apreciado pela mulher faziam com que os sentimentos do homem se dissolvessem na doce percepção da mulher.

Os odores familiares ocasionalmente se apossavam do homem com esse renovado encanto. O vento passava sobre o bosque no alto da montanha produzindo um farfalhar.

O tênue canto de uma escrevedeira ressoou em meio ao ruidoso e próximo canto dos picanços.

– É uma escrevedeira.

Os ouvidos da mulher logo escutaram o nostálgico canto do pássaro.

– Sim.

O caminho da montanha ainda estava deserto. Às suas costas, algumas poucas casas os observavam.

– Pode ser um passarinho criado por alguém – disse o homem que escutou esse canto distante.

– Parou de cantar.

O homem andou de um lado para o outro entre as árvores procurando pelo pássaro. Ele não estava nas proximidades.

– Deve ser mesmo um passarinho criado por alguém.

A mulher olhou para as casas que estavam à vista tentando imaginar qual delas criaria o pássaro. Cercado por um bosque de bambus, um espesso telhado de junco era visível. Ele tinha a elegância das pinturas chinesas.

– Aposto que aquele é o refúgio do passarinho.

Ele parecia ser o refúgio secreto de um homem pacífico. A nostalgia que sente pelo pássaro faz com que ela crie fantasias semelhantes a contos de fadas. Outra sombra habitava esse refúgio junto do homem. Essa sombra se sobrepôs à sombra que ela havia relegado a um canto de sua mente e seu interior escureceu.

O homem, que seguia montanha acima, partiu um galho ao lado do caminho e improvisava um bastão para a mulher usar na caminhada.

– Vou fazer um bastão para você.

As sobrancelhas do homem se moveram animadamente, ele parecia ter se esquecido de suas aflições. Vendo a expressão em seu rosto, a mulher também riu alegremente.

Distantes um do outro, o sorriso dela parecia tentar sugar o homem para dentro de um sonho. A mulher não se descuidava de olhar e sorrir para o homem. A arte do romance também nasce da sinceridade. A mulher não achava que mentia nas várias ocasiões em que se via procurando se aconchegar ao peito do homem, consciente de sua gentileza e docilidade.

A mulher se inclinou e colheu uma flor de áster. Ao vê-la fazer isso, o homem também se inclinou, colheu uma flor e a juntou à flor na mão da mulher.

– Acho que vou criar uma escrevedeira.

A mulher se imaginou criando uma escrevedeira, o pássaro de que o homem dizia mais gostar, depois que eles se separassem. A desolação de viver só no interior do cadáver de um amor defunto, consolada por um pássaro, e uma espécie de dor que já parece presente em sua vida e que procura conduzir o coração do homem a uma desolação semelhante; tais coisas traziam uma umidade parecida com a das lágrimas ao seio da mulher.

– Vou deixá-lo.

Pôr fim à relação enquanto tinha forças para deixar o homem, era sobre isso que a mulher refletia enquanto caminhava. Voltou a lhe ocorrer que a agonia de se precipitar nas profundezas do amor como queria um homem era apenas da mulher.

– Se fizer isso agora, ainda...

A experiência do amor ensinava à mulher o processo pelo qual essa afeição desmoronava em uma paixão cega. Quem sofria em meio a uma paixão cega era ela.

Ao se dar conta de que ouvia apenas seus passos, ela olhou ao redor. Não viu o homem. O caminho seguia em linha reta e não havia moitas de mato

atrás das quais alguém poderia se esconder. O homem havia dado uma volta e, vindo de trás, surgiu rindo à frente da mulher que, em pé, olhava distraída ao seu redor.

– Estava bem atrás de você. Não percebeu que dei uma volta e a seguia?

O homem perguntou em que ela pensava.

– Em nossa separação...

– De novo!

O homem pegou um cigarro e acendeu um fósforo. A fumaça violácea roçou as sobrancelhas nubladas de tristeza e tocou os cabelos do homem.

– Por que você não me quer mais?

– O que aconteceria se o quisesse mais?

– Você se esqueceu do que prometeu ontem à noite?

Perguntou o homem com uma voz terna. Os signos do amor que marcaram subitamente seu rosto se mesclaram fulgurantes aos raios do sol e dispersaram seu brilho em meio às cores do outono.

– Aquelas nuvens.

O homem olhava para o céu como se quisesse voltar a atenção da mulher para elas.

– Olhe!

Disse ele.

– Aquelas já são nuvens de outono.

Lá no alto, pequenas nuvens onduladas tingiam o céu azul claro. O sol se inclinava a oeste.

As mudanças na paisagem, próximo ao anoitecer, se faziam notar aos poucos na vastidão do céu e da terra.

– Já vai anoitecer, não é mesmo?

Sentindo isso, a mulher olhou para o céu.

O caminho se dividia em dois. Trilhos para transportar a madeira extraída da montanha com carretas até a cidade se estendiam sobre um deles. Ambos desceram pelo caminho que seguia ao longo dos trilhos à direita.

Uma carreta carregada de madeira veio descendo a montanha sobre os trilhos. O marido puxa a carreta à frente, a esposa se inclina e a empurra por

trás. Os olhos dos dois foram atraídos para essa cena e a observaram até que a carreta passasse diante deles.

– Eles são casados, não é mesmo?

Uma vida similar a essa, a vida de um casal que compartilha dificuldades, se refletiu no fundo dos olhos da mulher.

Não se podia dizer que os dois os seguissem. Mas eles continuaram no mesmo sentido atrás da carreta que avançava. Em determinado momento, ela desapareceu no ponto em que o caminho contornava uma área aberta do bosque, quando os dois chegaram ali, a carreta estava parada e o casal descansava sentado sobre um cepo.

Ao vê-los, o casal os cumprimentou com a cordialidade dos habitantes dos vilarejos. O rosto do marido é longo e nobre como uma escultura. Isso chamou a atenção dos dois. Era como se o sangue de uma antiga linhagem estivesse preservada nesse rosto, era um rosto diferente daquele das pessoas comuns. Como o das ilustrações das eras dinásticas que portavam ornamentos da nobreza. Esse rosto estava esgotado pelo trabalho e cheio de rugas. A esposa também levantou a face, de contornos bem definidos e queimada de sol, e olhou para a mulher que se aproximava com um grande sorriso.

O homem foi para perto da carreta.

Ele colocou o apoio que se encontrava ao seu lado diagonalmente sobre o ombro e puxou como se fosse verificar seu peso. O casal observa rindo, a carreta não se move nem um milímetro.

O velho, que havia enchido o cachimbo com o tabaco retirado da tabaqueira, expele a fumaça que havia aspirado em silêncio. O gracioso sorriso em seus lábios revela sua boa disposição para com os caprichos das pessoas da cidade. Voltando o rosto sorridente na direção do homem, a mulher foi para trás da carreta.

– Eu empurro!

O homem assentiu com o olhar e puxou a carreta outra vez. A força com a qual a mulher empurrou não teve qualquer efeito sobre a pesada carreta. O casal riu achando graça disso. O homem e a mulher se divertiram com essa brincadeira improvisada mais do que com sua cômica falta de força e se afastaram da carreta juntando suas risadas às do casal.

Eles inesperadamente viram, ali, uma existência árdua, feita de ir e vir por aqueles trilhos uma vez ao dia, e a compararam às suas próprias vidas. Mas, apesar de sua rudeza, havia a felicidade de um amor singelo na vida do casal

que trabalhava junto, indo e vindo por aqueles vinte quilômetros de trilhos todos os dias; o marido puxando a pesada carreta, a esposa empurrando-a por trás.

O embrulho com a marmita do casal estava sobre a carreta. A esposa provavelmente preparava aquela refeição de manhã cedo e deixava o vilarejo. A imagem da esposa, vestida com um quimono curto, listrado e sem forro, perneiras pretas em algodão e sandálias de palha, permanecia nos olhos da mulher. A imagem da esposa que se inclinava para frente, empurrando a carreta com todas as suas forças para torná-la mais leve para o marido puxar; a imagem da esposa sentada ao lado do marido que descansava fumando o cachimbo, nelas, havia seres humanos reais.

O homem puxando a carreta, enquanto ela seguia atrás e a empurrava; a mulher juntou uma vida de singelo amor a essa cena e a contemplou como a uma pintura.

"O amor que aquela esposa possui também existe dentro de mim", pensa a mulher.

– A carreta nem se mexeu!

O homem riu enquanto caminhava, como se tivesse se lembrado disso.

– Não éramos como aquele casal, não é mesmo?

De súbito, o canto de uma escrevedeira quebrou tenuemente o silêncio das imediações e se fez ouvir bem perto, acima de suas cabeças. O pássaro logo foi avistado pelos dois. Ele estava na ponta de um galho que se destacava entre os poucos galhos desfolhados de uma árvore na extremidade de uma prega da montanha no sentido em que seguiam.

– Ele está ali!

Os dois ficaram em pé, parados, observando o pássaro com os rostos levantados por algum tempo. O pássaro deixou de cantar e permaneceu imóvel sobre essa árvore. De vez em quando, a mulher olhava para o pássaro enquanto caminhava. Um sentimento de solidão provindo do pássaro se abateu sobre ela subitamente. A imagem de um pássaro solitário era semelhante à solidão humana.

– Talvez seja o passarinho de antes.

– Aquele que dissemos que era criado por alguém, não é?

Ela continuou caminhando e, quando se voltou, o imóvel e solitário pássaro já havia voado para algum lugar sem cantar mais.

– Ele sumiu.

O homem também olhou para trás.

A cor pálida do sol que mergulhava no crepúsculo lançava sombras ao redor da árvore da qual o pássaro havia partido. A mulher ainda podia ver a sombra do pássaro que parecia ter tentado pousar sobre a fugacidade da existência e deixar uma impressão indelével, um pequeno ponto negro, sobre eles.

A VENDEDORA DE ROSCAS DE PAPOULA DE LAFIÉRTOVO

ANTONI POGORIÉLSKI

O TEXTO: Considerada o primeiro exemplo do romantismo fantástico na prosa russa, a novela "A vendedora de roscas de papoula de Lafiértovo" («Лафертовская маковница»), de Antoni Pogoriélski, foi publicada originalmente na revista *Новости литературы* (*Notícias da literatura*), em 1825. Inscrita na categoria do fantástico, com características de crônica de costumes, e similar a um conto de fadas, a narrativa se refere ao final do século XVIII e é ambientada em um dos bairros fronteiriços de Moscou, Lafiértovo. O tema abordado é o conhecido "pacto com o diabo", porém o fantástico aqui se equilibra entre o terror e o maravilhoso, pelo fato de que os personagens não parecem perceber que as coisas que acontecem são sobrenaturais, ou, se percebem, isso não as impede de aceitá-las como naturais.

Texto traduzido: Погорельский, Антоний. "Лафертовская маковница". In. *Русская фантастическая повесть эпохи романтизма*. Москва: Советская Россия, 1987, c. 25-47.

O AUTOR: Antoni Pogoriélski (1787-1836), pseudônimo literário de Aleksei Peróvski, escritor russo, nasceu em Moscou. Estudou Ciências Filosóficas e Literárias na Universidade de Moscou, época em que começou a traduzir para o alemão, tornando-se, mais tarde, tradutor de Horácio. Voluntariou-se no exército para participar da Guerra Pa-triótica de 1812, na Alemanha, onde conheceu Hoffmann e a literatura romântica alemã. Em 1816, ao voltar para a Rússia, passou a se dedicar à carreira literária. Autor do aclamado romance *Монастырка* (*A noviça*), escreveu também novelas fantásticas, como *Двойник* (*O duplo*), além de contos infantis e textos sobre botânica.

AS TRADUTORAS: Márcia Chagas Kondratiuk é formada em Letras pela FFLCH-USP e Matemática pela PUC-SP. É educadora em Língua Portuguesa e Criação Literária, revisora e tradutora. Publicou *O Trem dos Animais* (2013), *Lagartoleta* (2014), *Deusas Cegas* (2018) e *A Fábrica do Tempo* (2019), pela Editora Giostri, e participou como co-tradutora da *Antologia do Humor Russo* (Editora 34, 2018).

Ekaterina Vólkova Américo é professora de Literatura e Língua Russa na UFF, tradutora e pesquisadora de literatura e teoria literária russa.

Para a (n.t.) traduziram Arkadi Aviértchenko.

Лафертовская маковница

“Из красноречивых ее уст изливались
рекою пророчества о будущих благах.”

АНТОНИЙ ПОГОРЕЛЬСКИЙ

Лет за пятнадцать пред сожжением Москвы недалеко от Проломной заставы стоял небольшой деревянный домик с пятью окошками в главном фасаде и с небольшою над средним окном светлицею. Посреди маленького дворика, окруженного ветхим забором, виден был колодезь. В двух углах стояли полуразвалившиеся анбары, из которых один служил пристанищем нескольким индейским и русским курам, в мирном согласии разделявшим укрепленную поперек анбара веху. Перед домом из-за низкого палисадника поднимались две или три рябины и, казалось, с пренебрежением смотрели на кусты черной смородины и малины, растущие у ног их. Подле самого крыльца выкопан был в земле небольшой погреб для хранения съестных припасов.

В сей-то убогий домик переехал жить отставной почтальон Онуфрич с женою Ивановною и с дочерью Марьею. Онуфрич, будучи еще молодым человеком, лет двадцать прослужил в поле и дослужился до ефрейторского чина; потом столько же лет верою и правдою продолжал службу в московском почтамте; никогда, или по крайней мере ни за какую вину, не бывал штрафован и наконец вышел в чистую отставку и на инвалидное содержание. Дом был его собственный, доставшийся ему по наследству от недавно скончавшейся престарелой его тетки. Сия старушка, при жизни своей, во всей Лафертовской части известна была под названием *Лафертовской Маковницы,* ибо промысл ее состоял в продаже медовых маковых лепешек, которые умела она печь с особенным искусством. Каждый день, какая бы ни была погода, старушка выходила рано поутру из своего домика

и направляла путь к Проломной заставе, имея на голове корзинку, наполненную маковниками. Прибыв к заставе, она расстилала чистое полотенце, перевертывала вверх дном корзинку и в правильном порядке раскладывала свои маковники. Таким образом сидела она до вечера, не предлагая никому своего товара и продавая оный в глубоком молчании. Лишь только начинало смеркаться, старушка собирала лепешки свои в корзинку и отправлялась медленными шагами домой. Солдаты, стоящие на карауле, любили ее, ибо она иногда потчевала их безденежно сладкими маковниками.

Но этот промысл старушки служил только личиною, прикрывавшею совсем иное ремесло. В глубокий вечер, когда в прочих частях города начинали зажигать фонари, а в окрестностях ее дома расстилалась ночная темнота, люди разного звания и состояния робко приближались к хижине и тихо стучались в калитку. Большая цепная собака Султан громким лаем провозглашала чужих. Старушка отворяла дверь, длинными костяными пальцами брала за руку посетителя и вводила его в низкие хоромы. Там, при мелькающем свете лампады, на шатком дубовом столе лежала колода карт, на которых от частого употребления едва можно было различить бубны от червей; на лежанке стоял кофейник из красной меди, а на стене висело решето. Старушка, предварительно приняв от гостя добровольное подаяние – смотря по обстоятельствам, – бралась за карты или прибегала к кофейнику и к решету. Из красноречивых ее уст изливались рекою пророчества о будущих благах, и упоенные сладкою надеждою посетители при выходе из дома нередко вознаграждали ее вдвое более, нежели при входе.

Таким образом, жизнь ее протекала покойно в мирных сих занятиях. Правда, что завистливые соседи называли ее за глаза колдуньею и ведьмою; но зато в глаза ей низко кланялись, умильно улыбались и величали бабушкою. Такое к ней уважение отчасти произошло от того, что когда-то один из соседей вздумал донести полиции, будто бы Лафертовская Маковница занимается непозволительным гаданием в карты и на кофе и даже знается с подозрительными людьми! На другой же день явился полицейский, вошел в дом, долго занимался строгим обыском и наконец при выходе объявил, что он не нашел ничего. Неизвестно, какие средства употребила почтенная старушка в доказательство своей невинности; да и не в том дело! Довольно того, что донос найден был неосновательным. Казалось, что сама судьба вступилась за бедную Маковницу, ибо скоро после того сын доносчика, резвый мальчик, бегая по двору, упал на гвоздь и выколол себе глаз; потом жена его нечаянно поскользнулась и вывихнула ногу; наконец, в довершение всех несчастий, лучшая корова их, не будучи

прежде ничем больна, вдруг пала. Отчаянный сосед насилу умилостивил старушку слезами и подарками, – и с того времени все соседство обходилось с нею с должным уважением. Те только, которые, переменяя квартиру, переселялись далеко от Лафертовской части, как например: на Пресненские пруды, в Хамовники или на Пятницкую, – те только осмеливались громко называть Маковницу ведьмою. Они уверяли, что сами видали, как в темные ночи налетал на дом старухи большой ворон с яркими, как раскаленный уголь, глазами; иные даже божились, что любимый черный кот, каждое утро провожающий старуху до ворот и каждый вечер ее встречающий, не кто иной, как сам нечистый дух.

Слухи эти наконец дошли и до Онуфрича. который, по должности своей, имел свободный доступ в передние многих домов. Онуфрич был человек набожный, и мысль, что родная тетка его свела короткое знакомство с нечистым, сильно потревожила его душу. Долго не знал он, на что решиться.

– Ивановна! – сказал он наконец в один вечер, подымая ногу и вступая на смиренное ложе, – Ивановна, дело решено! Завтра поутру пойду к тетке и постараюсь уговорить ее, чтоб она бросила проклятое ремесло свое. Вот она уже, слава Богу, добивает девятой десяток; а в такие лета пора принесть покаяние, пора и о душе подумать!

Это намерение Онуфрича крайне не понравилось жене его. Лафертовскую Маковницу все считали богатою, и Онуфрич был единственный ее наследник.

– Голубчик! – отвечала она ему, поглаживая его по наморщенному лбу, – сделай милость, не мешайся в чужие дела. У нас и своих забот довольно: вот уже теперь и Маша подрастает; придет пора выдать ее замуж, а где нам взять женихов без приданого? Ты знаешь, что тетка твоя любит дочь нашу; она ей крестная мать, и когда дело дойдет до свадьбы, то не от кого иного, кроме ее, ожидать нам милостей. Итак, если ты жалеешь Машу, если любишь меня хоть немножко, то оставь добрую старушку в покое. Ты знаешь, душенька...

Ивановна хотела продолжать, как заметила, что Онуфрич храпит. Она печально на него взглянула, вспомнив, что в прежние годы он не так хладнокровно слушал ее речи; отвернулась в другую сторону и вскоре сама захрапела.

На другое утро, когда еще Ивановна покоилась в объятиях глубокого сна, Онуфрич тихонько поднялся с постели, смиренно помолился иконе Николая Чудотворца, вытер суконкою блистающего на картузе орла и почтальонский свой знак и надел мундир. Потом, подкрепив сердце

большою рюмкою ерофеича, вышел в сени. Там прицепил он тяжелую саблю свою, еще раз перекрестился и отправился к Проломной заставе.

Старушка приняла его ласково.

– Эй, эй! племянничек, – сказала она ему, – какая напасть выгнала тебя так рано из дому да еще в такую даль! Ну, ну, добро пожаловать; просим садиться.

Онуфрич сел подле нее на скамью, закашлял и не знал, с чего начать. В эту минуту дряхлая старушка показалась ему страшнее, нежели лет тридцать тому назад турецкая батарея. Наконец он вдруг собрался с духом.

– Тетушка! – сказал он ей твердым голосом, – я пришел поговорить с вами о важном деле.

– Говори, мой милой, – отвечала старушка, – а я послушаю.

– Тетушка! недолго уже вам остается жить на свете; пора покаяться, пора отказаться от сатаны и от наваждений его.

Старушка не дала ему продолжать. Губы ее посинели, глаза налились кровью, нос громко начал стукаться об бороду.

– Вон из моего дому! – закричала она задыхающимся от злости голосом. – Вон, окаянный!., и чтоб проклятые ноги твои навсегда подкосились, когда опять ты ступишь на порог мой!

Она подняла сухую руку... Онуфрич перепугался до полусмерти; прежняя, давно потерянная гибкость вдруг возвратилась в его ноги: он одним махом соскочил с лестницы и добежал до дому, ни разу не оглянувшись.

С того времени все связи между старушкою и семейством Онуфрича совершенно прервались. Таким образом прошло несколько лет. Маша пришла в совершенный возраст и была прекрасна, как майский день; молодые люди за нею бегали; старики, глядя на нее, жалели о прошедшей своей молодости. Но Маша была бедна, и женихи не являлись. Ивановна чаще стала вспоминать о старой тетке и никак не могла утешиться.

– Отец твой, – часто говаривала она Марье, – тогда рехнулся в уме! Чего ему было соваться туда, где его не спрашивали? Теперь сидеть тебе в девках!

Лет двадцать тому назад, когда Ивановна была молода и хороша, она бы не отчаялась уговорить Онуфрича, чтоб он попросил прощения у тетушки и с нею примирился; но с тех пор как розы на ее ланитах стали уступать место морщинам, Онуфрич вспомнил, что муж есть глава жены своей, – и бедная Ивановна с горестью принуждена была отказаться от прежней власти. Онуфрич не только сам никогда не говорил о старушке, но строго

запретил жене и дочери упоминать о ней. Несмотря на то, Ивановна вознамерилась сблизиться с теткою. Не смея действовать явно, она решилась тайно от мужа побывать у старушки и уверить ее, что ни она, ни дочь нимало не причастны дурачеству ее племянника.

Наконец случай поблагоприятствовал ее намерению: Онуфрича на время откомандировали на место заболевшего станционного смотрителя, и Ивановна с трудом при прощанье могла скрыть радость свою. Не успела она проводить дорогого мужа за заставу, не успела еще отереть глаз от слез, как схватила дочь свою под руку и поспешила с нею домой.

– Машенька! – сказала она ей, – скорей оденься получше; мы пойдем в гости.

– К кому, матушка? – спросила Маша с удивлением.

– К добрым людям, – отвечала мать. – Скорей, скорей, Машенька; не теряй времени; теперь уже смеркается, а нам идти далеко.

Маша подошла к висящему на стене в бумажной рамке зеркалу, гладко зачесала волосы за уши и утвердила длинную темно-русую косу роговою гребенкою; потом надела красное ситцевое платье и шелковый платочек на шею; еще раза два повернулась перед зеркалом и объявила матушке, что она готова.

Дорогою Ивановна открыла дочери, что они идут к тетке.

– Пока дойдем мы до ее дома, – сказала она, – сделается темно, и мы, верно, ее застанем. Смотри же, Маша, поцелуй у тетки ручку и скажи, что ты соскучилась, давно не видав ее. Она сначала будет сердиться, но я ее умилостивлю; ведь не мы виноваты, что мой старик спятил с ума.

В сих разговорах они приблизились к дому старушки. Сквозь закрытые ставни сверкал огонь.

– Смотри же, не забудь поцеловать ручку, – повторила еще Ивановна, подходя к двери. Султан громко залаял. Калитка отворилась, старушка протянула руку и ввела их в комнату. Она приняла их за обыкновенных вечерних гостей своих.

– Милостивая государыня тетушка! – начала речь Ивановна.

– Убирайтесь к черту! – закричала старуха, узнав племянницу. – Зачем вы сюда пришли? Я вас не знаю и знать не хочу.

Ивановна начала рассказывать, бранить мужа и просить прощенья; но старуха была неумолима.

– Говорю вам, убирайтесь! – кричала она, – а не то!.. – Она подняла на них руку.

Маша испугалась, вспомнила приказание матушки и, громко рыдая, бросилась целовать ее руки.

– Бабушка сударыня! – говорила она, – не гневайтесь на меня; я так рада, что опять вас увидела!

Слезы Машины наконец тронули старуху.

– Перестань плакать, – сказала она, – я на тебя не сердита: знаю, что ты ни в чем не виновата, мое дитятко! Не плачь же, Машенька! Как ты выросла, как похорошела!

Она потрепала ее по щеке.

– Садись подле меня, – продолжала она, – милости просим садиться, Марфа Ивановна! Каким образом вы обо мне вспомнили после столь долгого времени?

Ивановна обрадовалась этому вопросу и начала рассказывать: как она уговаривала мужа, как он ее не послушался, как запретил им ходить к тетушке, как они огорчались, и как, наконец, она воспользовалась отсутствием Онуфрича, чтоб засвидетельствовать тетушке нижайшее почтение.

Старушка с нетерпением выслушала рассказы Ивановны.

– Быть так, – сказала она ей, – я не злопамятна; но если вы искренно желаете, чтоб я забыла прошедшее, то обещайтесь, что во всем будете следовать моей воле! С этим условием я приму вас опять в свою милость и сделаю Машу счастливою.

Ивановна поклялась, что все ее приказания будут свято исполнены.

– Хорошо, – молвила старуха, – теперь идите с Богом; а завтра ввечеру пускай Маша придет ко мне одна, не ранее, однако, половины двенадцатого часа. Слышишь ли, Маша? Приходи одна.

Ивановна хотела было отвечать, но старуха не дала ей выговорить ни слова. Она встала, выпроводила их из дому и захлопнула за ними дверь.

Ночь была темная. Долго шли они, взявшись за руки, не говоря ни слова. Наконец, подходя уже к зажженным фонарям, Маша робко оглянулась и прервала молчание.

– Матушка! – сказала она вполголоса, – неужели я завтра пойду одна к бабушке, ночью и в двенадцатом часу?..

– Ты слышала, что приказано тебе прийти одной. Впрочем, я могу проводить тебя до половины дороги.

Маша замолчала и предалась размышлениям. В то время когда отец ее поссорился со своей теткой, Маше было не более тринадцати лет; она тогда

не понимала причины этой ссоры и только жалела, что ее более не водили к доброй старушке, которая всегда ее ласкала и потчевала медовым маком. После того хотя и пришла уже она в совершенный возраст, но Онуфрич никогда не говорил ни слова об этом предмете; а мать всегда отзывалась о старушке с хорошей стороны и всю вину слагала на Онуфрича. Таким образом, Маша в тот вечер с удовольствием последовала за матерью. Но когда старуха приняла их с бранью, когда Маша при дрожащем свете лампады взглянула на посиневшее от злости лицо ее, тогда сердце в ней содрогнулось от страха. В продолжение длинного рассказа Ивановны воображению ее представилось, как будто в густом тумане, все то, что в детстве своем она слышала о бабушке... и если б в это время старуха не держала ее за руку, то, может быть, она бросилась бы бежать из дому. Итак, можно вообразить, с каким чувством она помышляла о завтрашнем дне.

Возвратясь домой, Маша со слезами просила мать, чтоб она не посылала ее к бабушке; но просьбы ее были тщетны.

– Какая же ты дура, – говорила ей Ивановна, – чего тут бояться? Я тихонько провожу тебя почти до дому, дорогой тебя никто не тронет, а беззубая бабушка тоже тебя не съест!

Следующий день Маша весь проплакала. Начало смеркаться – и ужас ее увеличился; но Ивановна как будто ничего не примечала, – она почти насильно ее нарядила.

– Чем более ты будешь плакать, тем для тебя хуже, – сказала она. – Что-то скажет бабушка, когда увидит красные твои глаза!

Между тем кукушка на стенных часах прокричала одиннадцать раз. Ивановна набрала в рот холодной воды, брызнула Маше в лицо и потащила ее за собою.

Маша следовала за матерью как жертва, которую ведут на заклание. Сердце ее громко билось, ноги через силу двигались, и таким образом они прибыли в Лафертовскую часть. Еще несколько минут шли они вместе; но лишь только Ивановна увидела мелькающий вдали между ставней огонь, как пустила руку Машину.

– Теперь иди одна, – сказала она, – далее я не смею тебя провожать.

Маша в отчаянье бросилась к ней в ноги.

– Полно дурачиться! – вскричала мать строгим голосом. – Что тебе сделается? будь послушна и не вводи меня в сердце!

Бедная Маша собрала последние силы и тихими шагами удалилась от матери. Тогда был в исходе двенадцатый час; никто с нею не повстречался, и нигде, кроме старушкина дома, не видно было огня. Казалось, будто

вымерли все жители той части города; мрачная тишина царствовала повсюду; один только глухой шум от собственных ее шагов отзывался у нее в ушах. Наконец пришла она к домику и трепещущею рукою дотронулась до калитки... Вдали на колокольне Никиты-мученика ударило двенадцать часов. Звуки колокола в тишине черной ночи дрожащим гулом расстилались по воздуху и доходили до ее слуха. Внутри домика кот громко промяукал двенадцать раз... Она сильно вздрогнула и хотела бежать... но вдруг раздался громкий лай цепной собаки, заскрипела калитка – и длинные пальцы старухи схватили ее за руку. Маша не помнила, как взошла на крылечко и как очутилась в бабушкиной комнате... Пришед немного в себя, она увидела, что сидит на скамье; перед ней стояла старуха и терла виски ее муравьиным спиртом.

– Как ты напугана, моя голубка! – говорила она ей. – Ну, ну! темнота на дворе самая прекрасная; но ты, мое дитятко, еще не узнала ее цены и потому боишься. Отдохни немного; пора нам приняться за дело!

Маша не отвечала ни слова; утомленные от слез глаза ее следовали за всеми движениями бабушки. Старуха подвинула стол на средину комнаты, из стенного шкафа вынула большую темно-алую свечку, зажгла ее и прикрепила к столу, а лампаду потушила. Комната осветилась розовым светом. Все пространство от полу до потолка как будто наполнилось длинными нитками кровавого цвета, которые тянулись по воздуху в разных направлениях – то свертывались в клуб, то опять развивались, как змеи...

– Прекрасно! – сказала старушка и взяла Машу за руку. – Теперь иди за мною.

Маша дрожала всеми членами; она боялась идти за бабушкой, но еще более боялась ее рассердить. С трудом поднялась она на ноги.

– Держись крепко за полы мои, – прибавила старуха, – и следуй за мной... не бойся ничего!

Старуха начала ходить кругом стола и протяжным напевом произносила непонятные слова; перед нею плавно выступал черный кот с сверкающими глазами и с поднятым вверх хвостом. Маша крепко зажмурилась и трепещущими шагами шла за бабушкой. Трижды три раза старуха обошла вокруг стола, продолжая таинственный напев свой, сопровождаемый мурлыканьем кота. Вдруг она остановилась и замолчала... Маша невольно раскрыла глаза – те же кровавые нитки все еще растягивались по воздуху. Но, бросив нечаянно взгляд на черного кота, она увидела, что на нем зеленый мундирный сюртук; а на место прежней котовой круглой головки показалось ей человеческое лицо, которое,

вытараща глаза, устремляло взоры прямо на нее... Она громко закричала и без чувств упала на землю...

Когда она опомнилась, дубовый стол стоял на старом месте, темно-алой свечки уже не было и на столе по-прежнему горела лампада; бабушка сидела подле нее и смотрела ей в глаза, усмехаясь с веселым видом.

– Какая же ты, Маша, трусиха! – говорила она ей. – Но до того нужды нет; я и без тебя кончила дело. Поздравляю тебя, родная, – поздравляю тебя с женихом! Он человек очень мне знакомый и должен тебе нравиться. Маша, я чувствую, что недолго мне осталось жить на белом свете; кровь моя уже слишком медленно течет по жилам и временем сердце останавливается... Мой верный друг, – продолжала старуха, взглянув на кота, – давно уже зовет меня туда, где остылая кровь моя опять согреется. Хотелось бы мне еще немного пожить под светлым солнышком, хотелось бы еще полюбоваться золотыми денежками... но последний час мой скоро стукнет. Что ж делать! чему быть, тому не миновать. – Ты, моя Маша, – продолжала она, вялыми губами поцеловав ее в лоб, – ты после меня обладать будешь моими сокровищами; тебя я всегда любила и охотно уступаю тебе место! Но выслушай меня со вниманием: придет жених, назначенный тебе тою силою, которая управляет большею частию браков... Я для тебя выпросила этого жениха; будь послушна и выдь за него. Он научит тебя той науке, которая помогла мне накопить себе клад; общими вашими силами он нарастет еще вдвое, – и прах мой будет покоен. Вот тебе ключ; береги его пуще глаза своего. Мне не позволено сказать тебе, где спрятаны мои деньги; но как скоро ты выйдешь замуж, все тебе откроется!

Старуха сама повесила ей на шею маленький ключ, надетый на черный снурок. В эту минуту кот громко промяукал два раза.

– Вот уже настал третий час утра, – сказала бабушка. – Иди теперь домой, дорогое мое дитя! Прощай! может быть, мы уже не увидимся... – Она проводила Машу на улицу, вошла опять в дом и затворила за собой калитку.

При бледном свете луны Маша скорыми шагами поспешила домой. Она была рада, что ночное ее свидание с бабушкой кончилось, и с удовольствием помышляла о будущем своем богатстве. Долго Ивановна ожидала ее с нетерпением.

– Слава Богу! – сказала она, увидев ее. – Я уже боялась, чтоб с тобою чего-нибудь не случилось. Рассказывай скорей, что ты делала у бабушки?

Маша готовилась повиноваться, но сильная усталость мешала ей говорить. Ивановна, заметив, что глаза ее невольно смыкаются, оставила до

другого утра удовлетворение своего любопытства, сама раздела любезную дочку и уложила ее в постель, где она вскоре заснула глубоким сном.

Проснувшись на другой день, Маша насилу собралась с мыслями. Ей казалось, что все случившееся с нею накануне не что иное как тяжелый сон; когда же взглянула нечаянно на висящий у нее на шее ключ, то удостоверилась в истине всего, ею виденного, – и обо всем с подробностью рассказала матери. Ивановна была вне себя от радости.

– Видишь ли теперь, – сказала она, – как хорошо я сделала, что не послушалась твоих слез?

Весь тот день мать с дочерью провели в сладких мечтах о будущем благополучии. Ивановна строго запретила Маше ни слова не говорить отцу о свидании своем с бабушкой.

– Он человек упрямый и вздорливый, – примолвила она, – и в состоянии все дело испортить.

Против всякого ожидания Онуфрич приехал на следующий день поздно ввечеру. Станционный смотритель, которого должность ему приказано было исправлять, нечаянно выздоровел, и он воспользовался первою едущею в Москву почтою, чтоб возвратиться домой.

Не успел он еще рассказать жене и дочери, по какому случаю он так скоро воротился, как вошел к ним в комнату прежний его товарищ, который тогда служил будочником в Лафертовской части, неподалеку от дома Маковницы.

– Тетушка приказала долго жить! – сказал он, не дав себе даже времени сперва поздороваться.

Маша и Ивановна взглянули друг на друга.

– Упокой, Господи, ее душу! – воскликнул Онуфрич, смиренно сложив руки. – Помолимся за покойницу, она имеет нужду в наших молитвах!

Он начал читать молитву. Ивановна с дочерью крестились и клали земные поклоны; но на уме у них были сокровища, их ожидающие. Вдруг они обе вздрогнули в одно время... Им показалось, что покойница с улицы смотрит к ним в комнату и им кланяется! Онуфрич и будочник, молившиеся с усердием, ничего не заметили.

Несмотря на то что было уже поздно, Онуфрич отправился в дом покойной тетки. Дорогою прежний товарищ его рассказывал все, что ему известно было о ее смерти.

– Вчера, – говорил он, – тетка твоя в обыкновенное время пришла к себе; соседи видели, что у нее в доме светился огонь. Но сегодня она уже не

являлась у Проломной, и из этого заключили, что она нездорова. Наконец, под вечер, решились войти к ней в комнату, но ее не застали уже в живых – так иные рассказывают о смерти старухи. Другие утверждают, что в прошедшую ночь что-то необыкновенное происходило в ее доме. Сильная буря, говорят, бушевала около хижины, тогда как везде погода стояла тихая; собаки из всего околотка собрались перед ее окном и громко выли; мяуканье ее кота слышно было издалека... Что касается до меня, то я нынешнюю ночь спокойно проспал; но товарищ мой, стоявший на часах, уверяет, что он видел, как с самого Введенского кладбища прыгающие по земле огоньки длинными рядами тянулись к ее дому и, доходя до калитки, один за другим, как будто проскакивая под нее, исчезали. Необыкновенный шум, свист, хохот и крик, говорят, слышен был в ее доме до самого рассвета. Странно, что до сих пор нигде не могли отыскать черного ее кота!

Онуфрич с горестью внимал рассказу будочника, не отвечая ему ни слова. Таким образом пришли они в дом покойницы. Услужливые соседки, забыв страх, который внушала им старушка при жизни, успели ее уже омыть и одеть в праздничное платье. Когда Онуфрич вошел в комнату, старушка лежала на столе. В головах у ней сидел дьячок и читал Псалтырь. Онуфрич, поблагодарив соседок, послал купить восковых свеч, заказал гроб, распорядился, чтоб было что попить и поесть желающим проводить ночь у покойницы, и отправился домой. Выходя из комнаты, он никак не мог решиться поцеловать у тетушки руку.

В следующий день назначено быть похоронам. Ивановна для себя и для дочери взяла напрокат черные платья, и обе явились в глубоком трауре. Сначала все шло надлежащим порядком. Одна только Ивановна, прощаясь с теткою, вдруг отскочила назад, побледнела и сильно задрожала. Она уверяла всех, что ей сделалось дурно; но после того тихонько призналась Маше, что ей показалось, будто покойница разинула рот и хотела схватить ее за нос. Когда же стали поднимать гроб, то он сделался так тяжел, как будто налитой свинцом, и шесть широкоплечих почтальонов насилу могли его вынесть и поставить на дроги. Лошади сильно храпели, и с трудом можно было их принудить двигаться вперед.

Эти обстоятельства и собственные замечания Маши подали ей повод к размышлениям. Она вспомнила, какими средствами сокровища покойницы были собраны, и обладание оными показалось ей не весьма лестным. В некоторые минуты ключ, висящий у нее на шее, как тяжелый камень давил ей грудь, и она неоднократно принимала намерение все открыть отцу и просить у него совета; но Ивановна строго за ней присматривала и беспрестанно твердила, что она всех их сделает несчастными, если не станет

слушаться приказаний старушки. Демон корыстолюбия совершенно овладел душою Ивановны, и она не могла дождаться времени, когда явится суженый жених и откроет средство завладеть кладом. Хотя она и боялась думать о покойнице и хотя при воспоминании об ней холодный пот выступал у нее на лице, но в душе ее жадность к золоту была сильнее страха, и она беспрестанно докучала мужу, чтоб он переехал в Лафертовскую часть, уверяя, что всякий их осудит, если они жить будут на наемной квартире тогда, когда у них есть собственный дом.

Между тем Онуфрич, отслужив свои годы и получив отставку, начал помышлять о покое. Мысль о доме производила в нем неприятное впечатление, когда вспоминал он о той, от которой он ему достался. Он даже всякий раз невольно вздрагивал, когда случалось ему вступать в комнату, где прежде жила старуха. Но Онуфрич был набожен и благочестив и верил, что никакие нечистые силы не имеют власти над чистою совестью; и потому рассудив, что ему выгоднее жить в своем доме, нежели нанимать квартиру, он решился превозмочь свое отвращение и переехать.

Ивановна сильно обрадовалась, когда Онуфрич велел переноситься в лафертовский дом.

– Увидишь, Маша, – сказала она дочери, – что теперь скоро явится жених. То-то мы заживем, когда у нас будет полна палата золота. Как удивятся прежние соседи наши, когда мы въедем к ним на двор в твоей карете, да еще, может быть, и четверней!..

Маша молча на нее смотрела и печально улыбалась. С некоторых пор у нее совсем иное было на уме.

За несколько дней перед их разговором (они еще жили на прежней квартире), Маша в одно утро задумавшись сидела у окна. Мимо ее прошел молодой хорошо одетый мужчина, взглянул на нее и учтиво снял шляпу. Маша ему тоже поклонилась и сама не знала от чего вдруг закраснелась! Немного погодя тот же молодой человек прошел назад, потом обернулся, прошел еще и опять воротился. Всякий раз он смотрел на нее, и у Маши всякий раз сильно билось сердце. Маше уже минуло семнадцать лет, но до сего времени никогда не случалось, чтоб у нее билось сердце, когда кто-нибудь проходил мимо окошек. Ей показалось это странным, и она после обеда села к окну – для того только, чтоб узнать, забьется ли сердце, когда опять пройдет молодой мужчина... Таким образом она просидела до вечера, однако никто не являлся. Наконец, когда подали огонь, она отошла от окна и целый вечер была печальна и задумчива; она досадовала, что ей не удалось повторить опыта над своим сердцем.

На другой день Маша, только что проснулась, тотчас вскочила с постели, поспешно умылась, оделась, помолилась Богу и села к окну. Взоры ее устремлены были в ту сторону, откуда накануне шел незнакомец. Наконец она его увидела; глаза его еще издали ее искали, а когда подошел он ближе, взоры их как будто нечаянно встретились. Маша, забывшись, приложила руку к сердцу, чтоб узнать, бьется ли оно?.. Молодой человек, заметив сие движение и, вероятно, не понимая, что оно значит, тоже приложил руку к сердцу... Маша опомнилась, покраснела и отскочила назад. После того она целый день уже не подходила к окну, опасаясь увидеть молодого человека. Несмотря на то, он не выходил у нее из памяти; она старалась думать о других предметах, но усилия ее были напрасны.

Чтоб разбить мысли, она вздумала ввечеру идти в гости к одной вдове, жившей с ними в соседстве. Входя к ней в комнату, к крайнему удивлению, увидела она того самого незнакомца, которого тщетно забыть старалась. Маша испугалась, покраснела, потом побледнела и не знала что сказать. Слезы заблистали у ней в глазах. Незнакомец опять ее не понял... он печально ей поклонился, вздохнул – и вышел вон. Она еще более смешалась и с досады заплакала. Встревоженная соседка посадила ее возле себя и с участием спросила о причине ее огорчения. Маша сама неясно понимала о чем плакала, и потому не могла объявить причины; внутренне же она приняла твердое намерение сколько можно убегать незнакомца, который довел ее до слез. Эта мысль ее поуспокоила. Она вступила в разговор с соседкой и начала ей рассказывать о домашних своих делах и о том, что они, может быть, скоро переедут в Лафертовскую часть.

– Жаль мне, – сказала вдова, – очень жаль, что лишусь добрых соседей; и не я одна о том жалеть буду. Я знаю одного человека, который очень огорчится, когда узнает эту новость.

Маша опять покраснела; хотела спросить, кто этот человек, но не могла выговорить ни слова. Услужливая соседка, верно, угадала мысли ее, ибо она продолжала так:

– Вы не знаете молодого мужчины, который теперь вышел из комнаты? Может быть, вы даже и не заметили, что он вчера и сегодня проходил мимо вашего дома; но он вас видел и нарочно зашел ко мне, чтоб расспросить у меня об вас. Не знаю, ошибаюсь ли я или нет, а мне кажется, что вы крепко задели бедное его сердечко! Чего тут краснеть? – прибавила она, заметив, что у Маши разгорелись щеки. – Он человек молодой, пригожий и если нравится Машеньке, то, может быть, скоро дойдет дело и до свадьбы.

При сих словах Машенька невольно вспомнила о бабушке. “Ах;! – сказала она сама себе, – не это ли жених мне назначенный?” Но вскоре

мысль эта уступила место другой, не столь приятной. “Не может быть, – подумала она, – чтоб такой пригожий молодец имел короткую связь с покойницею. Он так мил, одет так щеголевато, что, верно, не умел бы удвоить бабушкина клада!” Между тем соседка продолжала ей рассказывать, что он хотя из мещанского состояния, но поведения хорошего и трезвого, и сидельцем в суконном ряду. Денег у него больших нет, зато жалованье получает изрядное, и кто знает? может быть, хозяин когда-нибудь примет его в товарищи!

– Итак, – прибавила она, – послушайся доброго совета: не отказывай молодцу. Деньги не делают счастья! Вот бабушка твоя, – прости, Господи, мое согрешение! – денег у нее было неведь сколько; а теперь куда все это девалось?.. И черный кот, говорят, провалился сквозь землю – и деньги туда же!

Маша внутренне очень согласна была с мнением соседки; и ей также показалось, что лучше быть бедною и жить с любезным незнакомцем, нежели богатой и принадлежать – Бог знает кому! Она чуть было не открылась во всем; но, вспомнив строгие приказания матери и опасаясь собственной своей слабости, поспешно встала и простилась. Выходя уже из комнаты, она, однако, не могла утерпеть, чтоб не спросить об имени незнакомца.

– Его зовут Улияном, – отвечала соседка.

С этого времени Улиян не выходил из мыслей у Маши: все в нем, даже имя, ей нравилось. Но чтоб принадлежать ему, надобно было отказаться от сокровищ, оставленных бабушкою. Улиян был не богат, и, верно, думала она, ни батюшка, ни матушка не согласятся за него меня выдать! В этом мнении еще более она уверилась тем, что Ивановна беспрестанно твердила о богатстве, их ожидающем, и о счастливой жизни, которая тогда начнется. Итак, страшась гнева матери, Маша решилась не думать больше об Улияне: она остерегалась подходить к окну, избегала всяких разговоров с соседкою и старалась казаться веселою; но черты Улияна твердо врезались в ее сердце.

Между тем настал день, в который должно было переехать в лафертовский дом. Онуфрич заранее туда отправился, приказав жене и дочери следовать за ним с пожитками, уложенными еще накануне. Подъехали двое роспусок; извозчики с помощию соседей вынесли сундуки и мебель. Ивановна и Маша, каждая взяла в руки по большому узлу, и маленький караван тихим шагом потянулся к Проломной заставе. Проходя мимо квартиры вдовы-соседки, Маша невольно подняла глаза: у открытого окошка стоял Улиян с поникшею головою; глубокая печаль изображалась во всех чертах его. Маша как будто его не заметила и отворотилась в

противную сторону; но горькие слезы градом покатились по бледному ее лицу.

В доме давно уже ожидал их Онуфрич. Он подал мнение свое, куда поставить привезенную мебель, и объяснил им, каким образом он думает расположиться в новом жилище.

– В этом чулане, – сказал он Ивановне, – будет наша спальня; подле нее, в маленькой комнате, поставятся образа; а здесь будет и гостиная наша и столовая. Маша может спать наверху в светлице. Никогда, – продолжал он, – не случалось мне жить так на просторе; но не знаю, почему у меня сердце не на месте. Дай Бог, чтоб мы здесь были так же счастливы, как в прежних тесных комнатах!

Ивановна невольно улыбнулась. "Дай срок! – подумала она, – в таких ли мы будем жить палатах!"

Радость Ивановны, однако, в тот же день гораздо поуменьшилась: лишь только настал вечер, как пронзительный свист раздался по комнатам и ставни застучали.

– Что это такое? – вскричала Ивановна.

– Это ветер, – хладнокровно отвечал Онуфрич, – видно, ставни неплотно запираются; завтра надобно будет починить.

Она замолчала и бросила значительный взгляд на Машу, ибо в свисте ветра находила она сходство с голосом старухи.

В это время Маша смиренно сидела в углу и не слыхала ни свисту ветра, ни стуку ставней – она думала об Улияне. Ивановне страшнее показалось то, что только ей одной послышался голос старухи. После ужина она вышла в сени, чтоб спрятать остатки от умеренного их стола; подошла к шкафу, поставила подле себя на пол свечку и начала устанавливать на полки блюда и тарелки. Вдруг услышала она подле себя шорох, и кто-то легонько ударил ее по плечу... Она оглянулась... за нею стояла покойница в том самом платье, в котором ее похоронили!.. Лицо ее было сердито; она подняла руку и грозила ей пальцем. Ивановна, в сильном ужасе, громко вскричала. Онуфрич и Маша бросились к ней в сени.

– Что с тобою делается? – закричал Онуфрич, увидя, что она была бледна, как полотно, и дрожала всеми членами.

– Тетушка! – сказала она трепещущим голосом... Она хотела продолжать, но тетушка опять явилась пред нею... лицо ее казалось еще сердитее – и она еще строже ей грозила. Слова замерли на устах Ивановны...

– Оставь мертвых в покое, – отвечал Онуфрич, взяв ее за руку и вводя обратно в комнату. – Помолись Богу, и греза от тебя отстанет. Пойдем, ложись в постель: пора спать!

Ивановна легла, но покойница все представлялась ее глазам в том же сердитом виде. Онуфрич, спокойно раздевшись, громко начал молиться, и Ивановна заметила, что по мере того как она вслушивалась в молитвы, вид покойницы становился бледнее, бледнее – и наконец совсем исчез.

И Маша тоже беспокойно провела эту ночь. При входе в светлицу ей представилось, будто тень бабушки мелькала перед нею, – но не в том грозном виде, в котором являлась она Ивановне. Лицо ее было весело, и она умильно ей улыбалась. Маша перекрестилась – и тень пропала. Сначала она сочла это игрою воображения, и мысль об Улияне помогла ей разогнать мысль о бабушке; она довольно спокойно легла спать и вскоре заснула. Вдруг, около полуночи, что-то ее разбудило. Ей показалось, что холодная рука гладила ее по лицу... она вскочила. Перед образом горела лампада, и в комнате не видно было ничего необыкновенного; но сердце в ней трепетало от страха: она внятно слышала, что кто-то ходит по комнате и тяжело вздыхает... Потом как будто дверь отворилась и заскрипела... и кто-то сошел вниз по лестнице.

Маша дрожала как лист. Тщетно старалась она опять заснуть. Она встала с постели, поправила светильню лампады и подошла к окну. Ночь была темная. Сначала Маша ничего не видала; потом показалось ей, будто на дворе, подле самого колодца, вспыхнули два небольшие огонька. Огоньки эти попеременно то погасали, то опять вспыхивали; потом они как будто ярче загорели, и Маша ясно увидела, как подле колодца стояла покойная бабушка и манила ее к себе рукою... За нею на задних лапах сидел черный кот, и оба глаза его в густом мраке светились как огни. Маша отошла прочь от окна, бросилась на постель и крепко закутала голову в одеяло. Долго казалось ей, будто бабушка ходит по комнате, шарит по углам и тихо зовет ее по имени. Один раз ей даже представилось, что старушка хотела сдернуть с нее одеяло; Маша еще крепче в него завернулась. Наконец все утихло, но Маша во всю ночь уже не могла сомкнуть глаз.

На другой день решилась она объявить матери, что откроет все отцу своему и отдаст ему ключ, полученный от бабушки. Ивановна во время вечернего страха и сама бы рада была отказаться от всех сокровищ; но когда поутру взошло красное солнышко и яркими лучами осветило комнату, то и страх исчез, как будто его никогда не бывало. Наместо того веселые картины будущей счастливой жизни опять заняли ее воображение. "Не вечно же

будет пугать меня покойница, – думала она, – выйдет Маша замуж, и старуха успокоится. Да и чего теперь она хочет? Уж не за то ли она гневается, что я никак не намерена сберегать ее сокровища? Нет, тетушка! гневайся сколько угодно; а мы протрем глаза твоим рублевикам!"

Тщетно Маша упрашивала мать, чтоб она позволила ей открыть отцу их тайну.

– Ты насильно отталкиваешь от себя счастие, – отвечала Ивановна. – Погоди еще хотя дня два, – верно, скоро явится жених твой, и все пойдет на лад.

– Дня два! – повторила Маша, – я не переживу и одной такой ночи, какова была прошедшая.

– Пустое, – сказала ей мать, – может быть, и сегодня все дело придет к концу.

Маша не знала, что делать. С одной стороны, она чувствовала необходимость рассказать все отцу; с другой – боялась рассердить мать, которая никогда бы ей этого не простила. Будучи в крайнем недоумении, – на что решиться, вышла она со двора и в задумчивости бродила долго по самым уединенным улицам Лафертовской части. Наконец, не придумав ничего, воротилась домой. Ивановна встретила ее в сенях.

– Маша! – сказала она ей, – скорей поди вверх и приоденься: уж более часу сидит с отцом жених твой и тебя ожидает.

У Маши сильно забилось сердце, и она пошла к себе. Тут слезы ручьем полились из глаз ее. Улиян представился ее воображению в том печальном виде, в котором она видела его в последний раз. Она забыла наряжаться. Наконец строгий голос матери прервал ее размышления.

– Маша! долго ли тебе прихорашиваться? – кричала Ивановна снизу. – Сойди сюда!

Маша поспешила вниз в том же платье, в котором вошла в свою светлицу. Она отворила дверь и оцепенела!.. На скамье, подле Онуфрича, сидел мужчина небольшого росту, в зеленом мундирном сюртуке; то самое лицо устремило на нее взор, которое некогда видела она у черного кота. Она остановилась в дверях и не могла идти далее.

– Подойди поближе, – сказал Онуфрич, – что с тобою сделалось?

– Батюшка! это бабушкин черный кот, – отвечала Маша, забывшись и указывая на гостя, который странным образом повертывал головою и умильно на нее поглядывал, почти совсем зажмурив глаза.

– С ума ты сошла! – вскричал Онуфрич с досадою. – Какой кот? Это господин титулярный советник Аристарх Фалелеич Мурлыкин, который делает тебе честь и просит твоей руки.

При сих словах Аристарх Фалелеич встал, плавно выступая, приблизился к ней и хотел поцеловать у нее руку. Маша громко закричала и подалась назад. Онуфрич с сердцем вскочил со скамейки.

– Что это значит? – закричал он. – Эдакая ты неучтивая, точно деревенская девка!

Однако ж Маша его не слушала.

– Батюшка! – сказала она ему вне себя, – воля ваша! это бабушкин черный кот! Велите ему скинуть перчатки; вы увидите, что у него есть когти. – С сими словами она вышла из комнаты и убежала в светлицу.

Аристарх Фалелеич тихо что-то ворчал себе под нос. Онуфрич и Ивановна были в крайнем замешательстве, но Мурлыкин подошел к ним, все так же улыбаясь.

– Это ничего, сударь, – сказал он, сильно картавя, – ничего, сударыня, прошу не прогневаться! Завтра я опять приду, завтра дорогая невеста лучше меня примет.

После того он несколько раз им поклонился, с приятностью выгибая круглую свою спину, и вышел вон. Маша смотрела из окна и видела, как Аристарх Фалелеич сошел с лестницы и, тихо передвигая ноги, удалился; но, дошед до конца дома, он вдруг повернул за угол и пустился бежать как стрела. Большая соседская собака с громким лаем во всю прыть кинулась за ним, однако не могла его догнать.

Ударило двенадцать часов; настало время обедать. В глубоком молчании все трое сели за стол, и никому не хотелось кушать. Ивановна от времени до времени сердито взглядывала на Машу, которая сидела с потупленными глазами. Онуфрич тоже был задумчив. В конце обеда принесли Онуфричу письмо; он распечатал – и на лице его изобразилась радость. Потом он встал из-за стола, поспешно надел новый сюртук, взял в руки шляпу и трость и готовился идти со двора.

– Куда ты идешь, Онуфрич? – спросила Ивановна.

– Я скоро ворочусь, – отвечал он и вышел.

Лишь только он затворил за собою дверь, как Ивановна начала бранить Машу.

– Негодная! – сказала она ей, – так-то любишь и почитаешь ты мать свою? Так-то повинуешься ты родителям? Но я тебе говорю, что приму тебя

в руки! Только смей опять подурачиться, когда пожалует к нам завтра Аристарх Фалелеич!

– Матушка! – отвечала Маша со слезами, – я во всем рада слушаться, только не выдавайте меня за бабушкина кота!

– Какую дичь ты опять запорола? – сказала Ивановна. – Стыдись, сударыня; все знают, что он титулярный советник.

– Может быть, и так, матушка, – отвечала бедная Маша, горько рыдая, – но он кот, право, кот!

Сколько ни бранила ее Ивановна, сколько ее ни уговаривала, но она все твердила, что никак не согласится выйти замуж за бабушкина кота; и наконец Ивановна в сердцах выгнала ее из комнаты. Маша пошла в свою светлицу и опять принялась горько плакать.

Спустя несколько времени она услышала, что отец ее воротился домой, и немного погодя ее кликнули. Она сошла вниз; Онуфрич взял ее за руку и обнял с нежностью.

– Маша! – сказал он ей, – ты всегда была добрая девушка и послушная дочь!

Маша заплакала и поцеловала у него руку.

– Теперь ты можешь доказать нам, что ты нас любишь! Слушай меня со вниманием. Ты, я думаю, помнишь о маркитанте, о котором я часто вам рассказывал и с которым свел я такую дружбу во время Турецкой войны: он тогда был человек бедный, и я имел случай оказать ему важные услуги. Мы принуждены были расстаться и поклялись вечно помнить друг друга. С того времени прошло более тридцати лет, и я совершенно потерял его из виду. Сегодня за обедом получил я от него письмо; он недавно приехал в Москву и узнал, где я живу. Я поспешил к нему; ты можешь себе представить, как мы обрадовались друг другу. Приятель мой имел случай вступить в подряды, разбогател и теперь приехал сюда жить на покое. Узнав, что у меня есть дочь, он обрадовался; мы ударили по рукам, и я просватал тебя за его единственного сына. Старики не любят терять времени – и сегодня ввечеру они оба у нас будут.

Маша еще горче заплакала; она вспомнила об Улияне.

– Послушай, Маша! – сказал Онуфрич, – сегодня поутру сватался за тебя Мурлыкин; он человек богатый, которого знают все в здешнем околотке. Ты за него выйти не захотела; и признаюсь, – хотя я очень знаю, что титулярный советник не может быть котом или кот титулярным советником, – однако мне самому он показался подозрительным. Но сын приятеля моего – человек молодой, хороший, и ты не имеешь никакой

причины ему отказать. Итак, вот тебе мое последнее слово: если не хочешь отдать руку свою тому, которого я выбрал, то готовься завтра поутру согласиться на предложение Аристарха Фалелеича... Поди и одумайся.

Маша в сильном огорчении возвратилась в свою светлицу. Она давно решилась ни для чего в свете не выходить за Мурлыкина; но принадлежать другому, а не Улияну, – вот что показалось ей жестоким! Немного погодя вошла к ней Ивановна.

– Милая Маша! – сказала она ей, – послушайся моего совета. Все равно, выходить тебе за Мурлыкина или за маркитанта: откажи последнему и ступай за первого. Отец, хотя и говорил, что маркитант богат, но ведь я отца твоего знаю! У него всякий богат, у кого сотня рублей за пазухой. Маша! подумай, сколько у нас будет денег... а Мурлыкин, право, не противен. Хотя он уже не совсем молод, но зато как вежлив, как ласков! Он будет тебя носить на руках.

Маша плакала, не отвечая ни слова; а Ивановна, думая, что она согласилась, вышла вон, дабы муж не заметил, что она ее уговаривала. Между тем Маша, скрепя сердце, решилась принесть отцу на жертву любовь свою к Улияну. "Постараюсь его забыть, – сказала она сама себе, – пускай батюшка будет счастлив моим послушанием. Я и так перед ним виновата, что против его воли связалась с бабушкой!"

Лишь только смерклось, Маша тихонько сошла с лестницы и направила шаги прямо к колодезю. Едва вступила она на двор, как вдруг вихрь поднялся вокруг нее, и казалось, будто земля колеблется под ее ногами... Толстая жаба с отвратительным криком бросилась к ней прямо навстречу, но Маша перекрестилась и с твердостию пошла вперед. Подходя к колодезю, послышался ей жалостный вопль, как будто выходящий с самого дна. Черный кот печально сидел на срубе и мяукал унылым голосом. Маша отворотилась и подошла ближе; твердою рукою сняла она с шеи снурок и с ним ключ, полученный от бабушки.

– Возьми назад свой подарок! – сказала она. – Не надо мне ни жениха твоего, ни денег твоих; возьми и оставь нас в покое.

Она бросила ключ прямо в колодезь; черный кот завизжал и кинулся туда же; вода в колодезе сильно закипела... Маша пошла домой. С груди ее свалился тяжелый камень.

Подходя к дому, Маша услышала незнакомый голос, разговаривающий с ее отцом. Онуфрич встретил ее у дверей и взял за руку.

– Вот дочь моя! – сказал он, подводя ее к почтенному старику с седою бородою, который сидел на лавке. Маша поклонилась ему в пояс.

– Онуфрич! – сказал старик, – познакомь же ее с женихом.

Маша робко оглянулась – подле нее стоял Улиян! Она закричала и упала в его объятия...

Я не в силах описать восхищения обоих любовников. Онуфрич и старик узнали, что они уже давно познакомились, – и радость их удвоилась. Ивановна утешилась, узнав, что у будущего свата несколько сот тысяч чистых денег в ломбарде. Улиян тоже удивился этому известию, ибо он никогда не думал, чтоб отец его был так богат. Недели чрез две после того их обвенчали.

В день свадьбы, ввечеру, когда за ужином в доме Улияна веселые гости пили за здоровье молодых, вошел в комнату известный будочник и объявил Онуфричу, что в самое то время, когда венчали Машу, потолок в лафертовском доме провалился и весь дом разрушился.

– Я и так не намерен был долее в нем жить, – сказал Онуфрич. – Садись с нами, мой прежний товарищ, налей стакан цимлянского и пожелай молодым счастия и – многие лета!

A VENDEDORA DE ROSCAS DE PAPOULA DE LAFIÉRTOVO

"Dos seus lábios eloquentes derramavam-se,
feito um rio, profecias sobre graças futuras."

ANTONI POGORIÉLSKI

Uns quinze anos antes do grande incêndio de Moscou[1], não distante do posto Prolómnaia[2], havia uma pequena casa de madeira com cinco janelas na fachada principal e um quartinho acima da janela central. No meio do pequeno pátio, rodeado por uma cerca decrépita, via-se um poço. Nas duas extremidades, celeiros quase em ruínas, um dos quais servia de abrigo a perus forasteiros e galinhas russas, que dividiam o poleiro que o atravessava em convivência pacífica. Diante da casa, por trás do jardinzinho de plantas rasteiras, erguiam-se duas ou três sorveiras. E elas pareciam olhar com desprezo os arbustos de groselha negra e framboesa que cresciam a seus pés. Bem próximo ao alpendre, um pequeno depósito havia sido cavado para guardar provisões.

É nesse casebre paupérrimo que veio morar o carteiro aposentado Onúfritch, com a esposa Ivánovna e a filha Maria. Onúfritch, quando ainda jovem, serviu por uns vinte anos no campo e chegou até a patente de cabo; depois, por igual quantidade de anos continuou a servir, consagrando-se de corpo e alma ao Correio Central de Moscou; nunca foi multado, nem sequer acusado de infração, e por fim, retirou-se com a ficha limpa e aposentou-se por invalidez. A casa era uma propriedade que ele recebera de herança de uma tia idosa, falecida havia pouco. Essa velhota em vida era conhecida em

[1] Refere-se ao incêndio proposital de Moscou pelos habitantes da cidade durante a invasão napoleônica, em 1812. (n.t.)
[2] Um dos postos que demarcava os limites da cidade. (n.t.)

todo o bairro de Lafiértovo[3] como *a vendedora de roscas de papoula*, uma vez que seu ofício consistia em vender pães de mel e sementes de papoula que ela sabia assar com habilidade especial. Todos os dias, não importa o tempo que fizesse, a velha saía de sua casinha de manhã bem cedo e tomava a estrada para o posto Prolómnaia, tendo à cabeça uma cesta cheia de roscas. Ao chegar ao posto, ela estendia uma toalha limpa, virava a cesta de boca para baixo e dispunha suas roscas em uma certa ordem. Desse modo permanecia sentada até o anoitecer, não oferecendo sua mercadoria a ninguém, mas vendendo-a em profundo silêncio. Era só começar a escurecer, a velhota guardava suas roscas na cesta e, com passos vagarosos, dirigia-se a casa. Os soldados que estavam de guarda gostavam dela, pois ela, às vezes, lhes ofertava roscas de papoula irresistivelmente doces.

Mas essa ocupação da velha servia-lhe apenas como disfarce, pois que escondia um ofício completamente diferente. Na calada da noite, quando nas demais partes da cidade os lampiões começavam a ser acesos, e nas cercanias de sua casa instalava-se a escuridão noturna, pessoas de diversas classes e condições aproximavam-se com timidez de sua tapera e batiam de leve no portão. O grande cão Sultão, na corrente, anunciava com um latido forte os estranhos. A velha abria a porta e, com dedos compridos e ossudos, pegava o visitante pela mão e o conduzia aos aposentos de teto baixo. Lá, sob a luz bruxuleante de uma lamparina, sobre uma mesa de carvalho manca, estava um maço de cartas tão usadas que mal se podiam distinguir ouros de copas; no leito de tijolos, um bule de café em cobre vermelho; na parede, uma peneira pendurada. A velhota, tendo recebido antes uma doação voluntária do hóspede – a depender de suas condições –, pegava as cartas ou recorria ao bule de café e à peneira. Dos seus lábios eloquentes derramavam-se, feito um rio, profecias sobre graças futuras – e, embriagados de doce esperança, os visitantes, ao saírem da casa, quiçá a recompensassem duas vezes mais do que na entrada.

Sua vida transcorria tranquilamente nessas atividades pacíficas. É bem verdade que vizinhos invejosos a chamavam, pelas costas, de feiticeira e bruxa; mas que, à presença dela, se curvavam quase até o chão, sorriam afetuosamente e chamavam-na de vovó. Todo esse respeito em relação a ela foi originado, em parte, pelo seguinte fato: certa vez, um dos vizinhos inventou de prestar queixa à polícia, dizendo que a vendedora de roscas de Lafiértovo estaria fazendo adivinhações ilegais com baralho e café e até mesmo se relacionaria com pessoas suspeitas! Já no dia seguinte, apareceu um policial,

[3] Um dos bairros mais antigos da cidade de Moscou. (n.t.)

que entrou na casa, fez uma revista longa e rigorosa e, por fim, ao sair, declarou que não havia encontrado nada. Não se sabe que meios empregou a respeitável velhota para provar sua inocência; mas isso não é o mais importante! Basta dizer que a denúncia foi considerada sem fundamento. Parecia que o próprio destino interveio para defender a pobre vendedora de roscas; pois, logo depois disso, o filho do denunciante, um menino travesso, estando a correr pelo pátio, caiu sobre um prego e furou um olho; depois a esposa acidentalmente escorregou e torceu o pé; e, por fim, para coroar todos esses infortúnios, sua melhor vaca, não tendo nenhuma doença, de repente morreu. O vizinho, desesperado, a muito custo conseguiu agradar a velhota com lágrimas e presentes – e, desde então, toda a vizinhança passou a tratá-la com o devido respeito. Apenas aqueles que, ao mudarem de casa, iam para longe do bairro de Lafiértovo, como aos lagos Priésnenskie, ao bairro Khamóvniki ou à rua Piátsnitskaia, por exemplo – apenas esses ousavam chamar a vendedora de "bruxa" em voz alta. Asseguravam terem visto, eles próprios, nas noites escuras, um grande corvo de olhos ardentes como carvão em brasa voando sobre a casa da velhota; alguns até mesmo juravam que seu gato preto favorito, que toda manhã a acompanhava até o portão e toda noite a esperava, não era ninguém mais, ninguém menos, do que o próprio espírito impuro.

Esses rumores finalmente chegaram aos ouvidos de Onúfritch, que, por sua profissão, tinha acesso à antessala de muitas casas. Onúfritch era um homem devoto, e a ideia de que sua própria tia estreitasse relações com o impuro perturbou muito sua alma. Por muito tempo, ele não soube como agir.

– Ivánovna! – disse ele, enfim, uma noite, ao erguer a perna e ingressar no leito humilde. – Ivánovna, o caso está decidido! Amanhã cedo vou à casa de minha tia e tentarei persuadi-la a desistir do seu maldito ofício. Pois ela já está, graças a Deus, quase na casa dos noventa; e nessa idade, está na hora de fazer uma confissão: pensar sobre a alma.

A intenção de Onúfritch desagradou sua esposa ao extremo. Todos consideravam a vendedora de roscas de Lafiértovo uma mulher rica, e Onúfritch era seu único herdeiro.

– Meu pombinho! – respondeu ela, acariciando sua testa enrugada – faça-me o favor! Não se pode interferir nos assuntos alheios. Já temos bastantes preocupações. Macha está crescendo, chegará a hora de casá-la, e como encontraremos pretendentes sem um dote? Você sabe que sua tia tem grande afeição por nossa filha; ela é sua madrinha, e quando se cogitar em casamento, não podemos esperar favores de ninguém mais, a não ser dela. Se

você tem piedade de Macha, se você me ama nem que seja um pouco, então deixe a boa velha em paz. Você sabe, minh'alma...

Ivánovna quis prosseguir, quando viu que Onúfritch roncava. Mirou-o com tristeza, lembrando-se de que, em anos passados, ele não recebia suas falas com tanta frieza; virou-se para o outro lado e logo também se pôs a roncar.

Na manhã seguinte, Ivánovna ainda jazia nos braços do sono profundo quando Onúfritch discretamente se levantou, rezou com humildade ao ícone de Nicolau, o Milagreiro, passou um paninho na águia brilhante do seu quepe e no distintivo de carteiro e vestiu o uniforme. Depois, tendo fortalecido o coração com um grande copo de *erofiéitch*[4], saiu para o vestíbulo. Ali prendeu seu pesado sabre – mais uma vez se persignou e se dirigiu ao posto Prolómnaia.

A velha recebeu-o com afeto.

– Ai, ai, sobrinho! – disse ela. – Que desgraça o enxotou de casa tão cedo – e, ainda, para tão longe? Bem, bem, seja bem-vindo, vamos nos sentar.

Onúfritch sentou-se em um banco perto dela, deu uma tossida, sem saber por onde começar. Nesse momento, a velha decrépita lhe parecia mais aterrorizante do que – há trinta anos – o regimento turco. Finalmente ele reuniu coragem.

– Titia! – disse, com voz firme. – Vim lhe falar sobre um assunto importante.

– Fale, meu querido! – respondeu a velhota. – Estou ouvindo.

– Titia, não lhe resta muito tempo neste mundo; está na hora de se confessar, de abandonar Satanás e suas tentações.

A velha não o deixou continuar. Seus lábios ficaram azuis, seus olhos se encheram de sangue e seu nariz começou a bater com força sobre a barba.

– Fora de minha casa! – ela gritou, com voz embargada pela raiva. – Fora, maldito!... E que suas pernas desgraçadas vacilem para sempre quando você pisar de novo na minha soleira!

Ela ergueu a mão seca... Onúfritch quase desfaleceu de pavor; a ligeireza antiga e há muito perdida, de repente, lhe voltou às pernas: em um pulo, ele desceu as escadas e correu até sua casa, sem olhar para trás nem uma vez.

A partir de então, os laços entre a velhota e a família de Onúfritch foram totalmente rompidos. Passaram-se alguns anos. Macha chegou à idade da

[4] Tipo de vodka curtida com várias ervas. (n.t.)

perfeição e era bela como um dia de maio; os moços corriam atrás dela; os velhos, ao olharem para ela, lamentavam sua juventude passada. Mas Macha era pobre – e os pretendentes não apareciam. Ivánovna começou a lembrar-se cada vez mais da velha tia e não encontrava consolo.

– Seu pai – costumava dizer a Maria – naquele dia, perdeu o juízo! Por que ele foi se meter onde não era chamado? Agora você vai ficar para tia!

Vinte anos atrás, quando Ivánovna era jovem e bonita, ela não teria hesitado em persuadir Onúfritch a pedir perdão à sua tia e fazer as pazes com ela; mas, desde que o róseo de suas faces começou a ceder lugar às rugas, Onúfritch passou a se recordar de que o marido é o chefe de sua esposa – e a pobre Ivánovna, com tristeza, foi obrigada a desistir de seu antigo poder. Onúfritch não somente nunca falava sobre a tia, como também proibiu a mulher e a filha de fazê-lo. Apesar disso, Ivánovna resolveu se aproximar da tia. Não ousando agir às claras, ela decidiu, às escondidas do marido, ir visitá-la e lhe assegurar que ela e a filha não haviam tido nenhuma participação na tolice de seu sobrinho.

Finalmente, o acaso favoreceu sua intenção: Onúfritch foi mandado para substituir por algum tempo o chefe da estação que se encontrava doente, e Ivánovna, na despedida, escondeu a custo sua alegria. Mal teve tempo de acompanhar seu amado marido até o posto e enxugar as lágrimas dos olhos, ela já tomou sua filha pelo braço e arrastou-a para casa.

– Máchenka[5]! – disse ela. – Vá se vestir com a melhor roupa que tiver; vamos fazer uma visita.

– A quem, mamãe? – perguntou Macha, surpresa.

– A pessoas bondosas – respondeu a mãe. – Corra, Máchenka, não perca tempo; já está escurecendo e o caminho é longo.

Macha foi até o espelho pendurado na parede, emoldurado com papel – penteou os cabelos atrás das orelhas e afixou a longa trança louro-escura com um pente de osso; depois, envergou um vestido vermelho de chita e atou um lencinho de seda no pescoço; virou-se mais duas vezes para o espelho – e avisou à sua mãe que estava pronta.

No caminho, Ivánovna revelou à filha que estavam indo à casa da tia.

– Antes de chegarmos – disse ela – ficará escuro, então, é provável que a encontremos em casa. Preste atenção, Macha: beije sua mão e diga à titia que você está com saudades, depois de tanto tempo. Ela, no começo, ficará brava, mas vou amansá-la; afinal, não é nossa culpa se o velho ficou maluco.

[5] Forma carinhosa de Maria. (n.t.)

Conversando assim, aproximaram-se da casa da velhota. Por trás das venezianas fechadas havia uma claridade.

– Preste atenção, não se esqueça de beijar sua mão! – repetiu Ivánovna, ao se aproximarem da porta.

Sultão latiu alto. O portão se abriu, a velhota estendeu a mão e conduziu-as para a sala. Ela as havia tomado por visitantes noturnas habituais.

– Minha piedosa titia! – Ivánovna começou seu discurso...

– Vão para o diabo...! – gritou a velhota, ao reconhecer a sobrinha. – Para que vieram? Não as conheço, nem quero conhecer.

Ivánovna começou a contar, a insultar o marido e a lhe pedir perdão; mas a velha estava irredutível.

– Eu falei: vão embora! – gritava ela. – Senão... – e ela ergueu o braço em sua direção.

Macha, assustada, lembrou-se da ordem da mãe e, soluçando, lançou-se para lhe beijar as mãos.

– Vovó, senhora! – disse ela. – Não se zangue comigo; estou tão feliz de vê-la de novo!

As lágrimas de Macha, por fim, comoveram a velha.

– Pare de chorar – disse ela. – Eu não estou brava com você; sei que você não tem culpa de nada, minha filhinha! Não chore, Máchenka! Como você cresceu, como ficou bonita! – Ela acariciou sua bochecha. – Sente-se aqui comigo – prosseguiu. – Faça o favor de se sentar, Marfa Ivánovna! Como vocês foram se lembrar de mim depois de tanto tempo?

Ivánovna se alegrou com a pergunta e começou a contar como ela tentara persuadir o marido e como ele não a atendeu; como ele as proibiu de visitar a titia, e como elas ficaram desoladas; e como ela, por fim, aproveitando-se da ausência de Onúfritch, viera para hipotecar à tia o seu mais alto respeito. A velhota ouviu com impaciência as histórias de Ivánovna.

– Está bem – disse-lhe – eu não guardo rancor; mas se vocês desejam sinceramente que eu esqueça o passado, me prometam que seguirão minha vontade em tudo! Com essa condição, vou aceitá-las novamente sob o meu favor e eu farei Macha feliz.

Ivánovna jurou que seguiriam todas as suas regras com fervor.

– Muito bem – disse a velhota. – Agora vão com Deus; e amanhã à noite, que Macha volte aqui sozinha, não antes, porém, das onze e meia. Ouviu, Macha? Venha sozinha.

Ivánovna quis responder, mas a velha não lhe deixou dizer uma palavra. Ela se levantou, levou-as para fora e bateu a porta.

A noite estava escura. Elas caminharam por longo tempo de mãos dadas, sem dizer palavra. Finalmente, já se aproximando dos lampiões acesos, Macha olhou para trás com receio e quebrou o silêncio:

– Mamãe! – disse ela, em voz baixa – Será que amanhã vou mesmo sozinha à casa da vovó, depois das onze da noite?...

– Você ouviu que ela lhe ordenou para vir sozinha. Porém, posso acompanhá-la até a metade do caminho.

Macha calou-se e ficou entregue a seus pensamentos. Na época em que seu pai brigara com a tia, Macha não tinha mais de treze anos; ela não entendera o motivo da briga e só lamentou que não a levassem mais à casa da boa velhinha que sempre a mimava, servindo-lhe mel com papoula. Depois disso, embora ela já tivesse atingido a idade adulta, Onúfritch nunca disse uma palavra sobre o assunto; mas a mãe sempre se referia à velha de modo amigável e colocava toda a culpa em Onúfritch. Assim, naquela noite, Macha seguiu a mãe com prazer. Mas quando a velhota as recebeu com ofensas; quando Macha, à luz trêmula da lamparina, olhou o seu rosto azul de raiva, então seu coração estremeceu de medo. No decorrer do longo relato de Ivánovna, ela imaginara, como que dentro de uma névoa densa, tudo aquilo que ouvira sobre a avó na infância... E se naquele momento a velhota não tivesse segurado sua mão, ela teria saído correndo daquela casa. Então, pode-se imaginar como ela se sentia ao pensar no dia de amanhã.

Já em casa, Macha, com lágrimas, pediu à mãe que não a mandasse à casa da avó, mas suas súplicas foram em vão.

– Deixe de ser tola – dizia Ivánovna. – Do que ter medo? Eu vou acompanhá-la, bem quieta, quase até lá. No caminho ninguém vai tocar em você. E a vovó sem dentes também não vai comê-la.

O dia seguinte, Macha passou-o todo chorando. Começava a escurecer e o seu pavor aumentou; mas Ivánovna parecia não notar nada – ela a vestiu quase à força.

– Quanto mais você chorar, pior será – ela disse. – O que a vovó dirá ao ver seus olhos vermelhos?

Enquanto isso, o cuco do relógio na parede piou onze vezes. Ivánovna encheu a boca com água fria, borrifou o rosto de Macha e arrastou-a consigo.

Macha seguia a mãe como uma vítima levada ao sacrifício. Seu coração batia com força, suas pernas se mexiam a custo, e assim chegaram a Lafiértovo.

Elas ainda caminharam juntas por alguns minutos; mas assim que Ivánovna viu luz piscando entre as venezianas, soltou a mão de Macha.

– Agora vá sozinha – disse ela. – Daqui em diante não ouso seguir.

Macha, em desespero, jogou-se a seus pés.

– Chega de bobagem! – gritou a mãe com voz severa. – O que lhe pode acontecer? Seja obediente e não me deixe zangada!

Pobre Macha; reuniu suas últimas forças e, com passos silenciosos, afastou-se da mãe.

Estava terminando a décima primeira hora; não encontrou ninguém no caminho; e em nenhum lugar havia luz, além da casa da velhota. Pareciam extintos todos os habitantes daquela parte da cidade; um silêncio soturno reinava em toda parte; apenas o ruído abafado de seus passos ecoava em seus ouvidos. Por fim, chegou até a casa, e com mão trêmula, tocou o portão... Ao longe, no campanário de Nikita, o Mártir, soaram as doze horas. As batidas do sino, no silêncio da noite escura, com estampidos frementes, espalhavam-se pelo ar e atingiam seus ouvidos. Dentro da casa, o gato miou alto doze vezes. Ela estremeceu fortemente e quis fugir... Mas, de súbito, soou o latido de um cão acorrentado, o portão rangeu – e os dedos longos da velhota agarraram-na pela mão. Macha não se lembrava de como subiu ao alpendre e como foi parar na sala da avó... Ao recobrar um pouco os sentidos, viu-se sentada em um banco; diante dela, a velhota esfregava suas têmporas com ácido fórmico.

– Como você está assustada, minha pombinha! – disse ela. – Ora, ora! Está uma bela noite escura lá fora; mas você, minha criança, ainda não descobriu o seu valor, por isso tem medo. Descanse um pouco; é hora de começarmos o trabalho.

Macha não disse uma palavra; seus olhos, cansados de lágrimas, seguiam todos os movimentos da avó. A velhota moveu a mesa para o meio da sala; tirou do armário de parede uma grande vela vermelho-sangue, acendeu-a, fixou-a sobre a mesa e apagou a lamparina. A sala iluminou-se com um brilho rosa. Todo o espaço, do chão ao teto, estava como que preenchido por longos fios de cor sangrenta que se esticavam no ar em diversas direções, ora se enrolando como um novelo, ora se desenrolando como serpentes.

– Muito bem! – disse a velhota, e pegou-a pela mão. – Agora me siga.

Macha tremia com todos os seus membros; tinha medo de seguir a avó, mas temia ainda mais irritá-la. Com dificuldade, ela ficou de pé.

– Segure firme na minha saia! – acrescentou a velhota. – E me siga... não tenha medo de nada!

A velha começou a andar ao redor da mesa, entoando palavras incompreensíveis em um canto monótono; à sua frente marchava suavemente o gato preto de olhos cintilantes, com a cauda erguida. Macha cerrou os olhos com força, e com passos trêmulos seguiu a avó. Três vezes três a velha caminhou ao redor da mesa, continuando seu canto misterioso, acompanhado pelo ronronar do gato. De súbito ela parou e se calou... Macha abriu os olhos sem querer: os mesmos fios sangrentos ainda estavam esticados no ar. Mas quando lançou um olhar inadvertido em direção ao gato preto, ela viu que ele estava vestindo uma farda verde – e no lugar da antiga cabecinha redonda de gato, tinha um rosto humano que a olhava fixamente com olhos arregalados... Ela deu um grito e desabou no chão desfalecida...

Quando recobrou os sentidos, a mesa de carvalho estava de novo em seu lugar, a vela vermelho-sangue já não estava lá, e a lamparina ainda ardia sobre a mesa; a vovó, sentada ao seu lado, olhava-a nos olhos sorrindo, divertida.

– Como você é medrosa, Macha! – ela lhe disse. – Mas não precisa disso; eu acabei o trabalho sem você. Felicitações, querida! Eu a cumprimento, meu bem. Parabéns pelo noivo! É um homem a quem conheço muito bem e penso que você vai gostar dele. Macha, sinto que não tenho muito tempo para viver neste mundo; meu sangue já corre muito lento nas veias e, às vezes, meu coração para... Meu fiel amigo – continuou ela, fitando o gato – há muito está me chamando para lá, onde meu sangue já frio vai se aquecer novamente. Gostaria de viver um pouco mais sob o solzinho brilhante, gostaria de ainda admirar as moedinhas de ouro... Mas minha última hora vai soar em breve. O que eu posso fazer? O que tem que ser, será.

– Você, minha Macha – continuou a velha, beijando-a na testa com seus lábios flácidos –, você, depois que eu morrer, terá meus tesouros; eu sempre a amei e de bom grado cedo meu lugar a você! Mas me ouça com atenção: virá um noivo atribuído a você por aquela força que governa a maior parte dos casamentos... Eu implorei por este noivo a você; seja obediente e case-se com este. Ele vai lhe ensinar aquela ciência que me ajudou a acumular meu tesouro; com a força de ambos, ele dobrará de tamanho – e minhas cinzas poderão descansar. Tome esta chave; cuide dela mais do que de seus olhos. Não tenho permissão de lhe contar onde está escondido meu dinheiro; mas logo que você se casar, tudo lhe será revelado!

A velha pendurou no pescoço dela uma pequena chave presa a um cordão negro. Nesse instante, o gato miou alto duas vezes.

– Já passam das duas da manhã! – disse a vovó. – Agora vá para casa, minha querida filha! Adeus! Pode ser que não nos vejamos mais...

A velha acompanhou Macha até a rua, entrou de novo em casa e fechou o portão atrás de si.

Sob o pálido clarão da lua, Macha se dirigia para casa com passos apressados. Estava contente que seu encontro noturno com a vovó tivesse terminado, e pensava com prazer em sua futura fortuna. Ivánovna estava impaciente, pois a esperava há tempo.

– Graças a Deus! – disse ao vê-la. – Já temia que algo tivesse acontecido! Conte-me depressa, como foi com a vovó?

Macha estava prestes a obedecer, mas um forte cansaço a impediu de falar. Ivánovna, ao perceber que seus olhos se fechavam sozinhos, deixou para a manhã seguinte a satisfação de sua curiosidade, ela mesma despiu sua amada filha e colocou-a na cama, onde a menina logo caiu em um sono profundo.

Ao acordar no dia seguinte, Macha reuniu a custo seus pensamentos. Parecia-lhe que tudo o que acontecera no dia anterior não fora mais que um sonho desagradável. Mas quando olhou sem querer para a chave que pendia de seu pescoço, convenceu-se da veracidade do que havia visto, e contou tudo em detalhes à mãe. Ivánovna estava fora de si de contentamento.

– Agora você está vendo – disse ela – como fiz bem em não fazer caso de suas lágrimas?

Mãe e filha passaram todo aquele dia em doces sonhos sobre sua futura prosperidade. Ivánovna proibiu Macha estritamente de dizer ao pai uma só palavra sobre o encontro com a avó.

– Ele é um homem teimoso e desaforado – acrescentou ela – e é capaz de pôr tudo a perder.

Contrariando suas expectativas, no dia seguinte Onúfritch chegou tarde da noite. O chefe de estação, cuja função ele havia sido obrigado a desempenhar, havia se recuperado inesperadamente. Ele aproveitou a primeira diligência do correio para Moscou e voltou nela para casa.

Mal teve tempo de contar à esposa e à filha a casualidade que o fizera voltar tão rápido, quando entrou na sala um antigo camarada seu, que agora servia como vigia no posto Lafiértovo, não muito distante da casa da vendedora de roscas.

– A titia partiu desta para a melhor! – disse ele, sem se dar nem tempo de cumprimentá-los.

Macha e Ivánovna se entreolharam.

– Deus guarde sua alma! – exclamou Onúfritch, juntando as mãos com resignação. – Rezemos pela falecida; ela necessita de nossas orações!

Ele começou a recitar uma oração. Ivánovna e a filha fizeram o sinal da cruz, com reverências até o chão; mas em seus pensamentos estavam os tesouros que as aguardavam. De repente, ambas estremeceram ao mesmo tempo. Pareceu-lhes que a falecida, da rua, olhava para elas no quarto e que se curvava, saudando-as! Onúfritch e o vigia rezavam com devoção, e nada notaram.

Apesar de já ser tarde, Onúfritch dirigiu-se à casa da tia falecida. No caminho, seu antigo colega contou-lhe tudo o que sabia sobre sua morte.

– Ontem – ele disse – titia voltou para casa na mesma hora de sempre; os vizinhos viram que havia luz em sua casa. Mas hoje ela já não foi a Prolómnaia, e disso, concluiu-se que estava doente. Então, no fim da tarde, ousaram entrar em seu quarto, mas ela já não estava entre os vivos – assim alguns descreveram a morte da velha. Outros afirmam que, na noite anterior, alguma coisa extraordinária aconteceu em sua casa. Dizem que uma forte tempestade se desencadeou em volta do casebre, enquanto em toda parte o tempo estava ameno; os cachorros das redondezas se reuniram em frente à sua janela uivando desesperadamente; os miados de seu gato eram ouvidos de longe... Quanto a mim, nessa noite, eu dormia tranquilamente; mas meu colega, que estava de plantão, assegura ter visto como, desde o cemitério Vvediénskoie, as luzinhas, pulando no chão em longas filas, se estendiam em direção à sua casa, e chegando ao portão, uma após outra desapareciam, como que passando por baixo dele. Dizem que um barulho incomum, assobios, gargalhadas e gritos foram ouvidos na casa até o amanhecer. E o estranho é que até agora não conseguiram encontrar seu gato preto em lugar algum!

Onúfritch ouvia com amargura a história do vigia, sem responder uma palavra. Desse modo chegaram à casa da falecida. As vizinhas prestativas, esquecendo o medo que a velha lhes inspirava em vida, já haviam tido tempo de lavá-la e lhe colocar um vestido de festa. Quando Onúfritch entrou no cômodo, a velhota jazia sobre a mesa. Em sua cabeceira, um diácono lia um saltério. Onúfritch agradeceu às vizinhas e mandou comprar velas de cera, encomendou um caixão, ordenou que houvesse algo de beber e de comer para os que quisessem passar a noite com a defunta, e foi para casa. Ao deixar o cômodo, não encontrara forças para beijar a mão da titia.

O funeral estava marcado para o dia seguinte. Ivánovna alugou vestidos pretos para si e a filha, e ambas apareceram de luto completo. De início tudo

correu em perfeita ordem. Somente Ivánovna, ao despedir-se da tia, de súbito deu um salto para trás, pálida e tremendo fortemente. Ela disse a todos que tivera um mal-estar; mas depois confessou a Macha, às escondidas, que lhe pareceu que a defunta abrira a boca e quisera agarrá-la pelo nariz. Quando começaram a erguer o caixão, este ficou pesado como se estivesse repleto de chumbo, e seis carteiros de ombros largos mal puderam carregá-lo para fora e colocá-lo na carroça. Os cavalos arfavam e foi difícil fazê-los avançar.

Essas circunstâncias e as próprias observações de Macha levaram-na, depois, a várias reflexões. Ela se recordava dos meios pelos quais os tesouros da falecida foram adquiridos e a posse deles não lhe parecia muito elogiável. Havia momentos em que a chave que pendia em seu pescoço oprimia seu peito como uma pesada pedra, e ela decidia, seguidas vezes, tudo revelar ao pai e pedir seu conselho; no entanto, Ivánovna a vigiava de perto e não cessava de repetir que ela faria a todos infelizes, caso não obedecesse às ordens da velhota. O demônio da ganância possuíra por completo a alma de Ivánovna, de modo que ela mal podia esperar a hora em que aparecesse o noivo prometido e revelasse o meio de se apossarem da fortuna. Embora ainda com medo de pensar na falecida, e embora sua lembrança lhe fizesse brotar um suor frio no rosto, em sua alma a avidez pelo ouro era mais forte que o medo, e ela ficava importunando o marido para que se mudassem para o bairro Lafiértovo, alegando que, do contrário, todos iriam condená-los por morar em um apartamento alugado, quando possuíam casa própria.

Com tudo isso, Onúfritch, tendo completado seu tempo de serviço e se aposentado, começou a pensar na vida mansa. A ideia da casa lhe produzia uma sensação desagradável quando se lembrava de quem a havia herdado. Até estremecia sem querer, toda vez que lhe acontecia entrar no cômodo onde a velhota vivera. Porém, Onúfritch era um religioso devoto, acreditava que nenhuma força impura tinha poder sobre uma consciência limpa; e, portanto, ao considerar que seria mais proveitoso morar em casa própria do que alugar um apartamento, decidiu superar sua repulsa e se mudar.

Ivánovna rejubilou-se quando Onúfritch mandou fazer a mudança para a casa em Lafiértovo.

– Você vai ver, Macha – ela disse à filha – que agora não demora em aparecer o noivo. Que vida boa vamos ter quando tivermos a casa cheia de ouro! Como ficarão surpresos nossos antigos vizinhos quando entrarmos em seu quintal com nossa carruagem, e talvez até com quatro cavalos.

Macha olhava-a em silêncio e sorria tristemente. Há algum tempo ela trazia algo bem diverso em sua mente.

Alguns dias antes dessa conversa (eles ainda moravam no antigo apartamento), certa manhã, Macha estava sentada à janela, pensativa. Um jovem bem vestido passou por ela, olhou-a e educadamente tirou o chapéu. Macha também se inclinou e, sem saber o porquê, de repente corou! Um pouco mais tarde, o mesmo jovem veio na direção contrária; depois olhou para trás, passou de novo e tornou a passar. A cada vez ele a fitava, e a cada vez o coração de Macha batia com força. Macha já havia completado dezessete anos, mas até agora nunca lhe acontecera o coração disparar quando alguém passava em frente à janela. Aquilo lhe pareceu estranho, e ela, depois do almoço, foi sentar-se à janela – só para ver se o coração disparava quando o jovem de novo passasse... Assim ficou até o anoitecer, mas ninguém apareceu. Por fim, quando trouxeram as velas, ela se afastou da janela, mas durante toda a noite ficou triste e pensativa; estava aborrecida por não ter conseguido repetir a experiência com seu coração.

No dia seguinte, assim que acordou, Macha saltou da cama, lavou o rosto às pressas, vestiu-se, rezou a Deus... e sentou-se à janela. Seus olhos estavam fixos na direção de onde o estranho viera no dia anterior. Finalmente o viu; os olhos dele já de longe a buscavam – e quando ele chegou mais perto, os olhares de ambos se cruzaram como que por acaso. Macha, esquecendo-se de si mesma, levou a mão ao coração para sentir se estava disparado... O jovem rapaz, ao perceber esse movimento e sem saber o que ele significava, também colocou a mão no coração... Macha caiu em si, corou e saltou para trás. Depois disso, ela não se aproximou da janela o resto do dia, temendo ver o jovem. Entretanto, ele não lhe saía da memória; ela tentou pensar em outros assuntos, mas seus esforços foram em vão.

Para interromper esses pensamentos, decidiu visitar uma senhora viúva que morava na vizinhança. Ao entrar em sua sala, ela viu, com extremo espanto, aquele mesmo desconhecido que estava tentando esquecer em vão. Macha assustou-se, corou, depois ficou pálida e não sabia o que dizer. Lágrimas brilharam em seus olhos. O desconhecido, mais uma vez, não a entendeu... Curvou-se tristemente para ela, suspirou – e foi embora. Ela ficou ainda mais confusa e chorou de desgosto. A vizinha, alarmada, sentou-a a seu lado e perguntou-lhe com solicitude a causa de sua mágoa. A própria Macha não entendia com clareza por que chorava, e por isso não podia dizer a causa; mas por dentro, ela tomou a firme decisão de fugir o mais longe possível do desconhecido que a levara às lágrimas. Esse pensamento a tranquilizou. Ela entrou em conversação com a vizinha, começou a contar-lhe sobre seus assuntos familiares, dizendo que em breve eles talvez se mudassem para o posto Lafiértovo.

– Fico triste – disse a viúva –, muito triste por perder bons vizinhos; e não serei a única a lamentar. Conheço uma pessoa que ficará muito abalada quando receber essa notícia.

Macha corou novamente; ela queria perguntar quem era essa pessoa – mas não conseguiu pronunciar uma palavra. A vizinha prestativa adivinhou com acerto seus pensamentos, pois continuou:

– Você não conhece o jovem que acabou de sair da sala? Talvez você nem tenha notado que ontem e hoje ele passou em frente à sua casa; mas ele a viu, e veio à minha casa somente para fazer perguntas sobre você. Não sei se estou enganada ou não, mas você tocou profundamente seu pobre coraçãozinho! Não precisa ficar vermelha! – acrescentou, ao notar que as faces de Macha ardiam. – Ele é um rapaz jovem, bem apresentável, e se agradar a Macha, a história logo pode chegar ao casamento.

A essas palavras, Macha sem querer lembrou-se da avó. "Ah! – disse para si mesma – não seria ele o noivo que me foi prometido?". Mas logo esse pensamento cedeu lugar a outro, não tão agradável. "Não pode ser – pensou ela – que um rapaz tão bem apresentável tivesse uma relação próxima com a falecida. Ele é tão simpático, veste-se com tanta elegância, que com certeza não saberia multiplicar o tesouro da vovó!".

Enquanto isso, a vizinha continuava a contar que, embora ele viesse da pequena burguesia, era de boa conduta, sóbrio, e trabalhava como vendedor em uma loja de tecidos. Ele não tinha muito dinheiro; mas recebia um salário razoável, e quem sabe? Talvez o dono algum dia o aceitasse como sócio!

– Então – acrescentou ela –, ouça um bom conselho: não recuse o jovem. Dinheiro não traz felicidade! Veja, por exemplo, sua avó: – que Deus perdoe o meu pecado! – tinha dinheiro a não acabar mais; e agora, para onde foi tudo isso?... O gato preto, dizem, foi engolido pela terra – e o dinheiro foi junto!

Macha por dentro estava totalmente de acordo com a vizinha; também pensava que era melhor ser pobre e viver com um desconhecido gentil, do que ser rica e pertencer a – deus sabe quem! Ela por pouco não lhe revelou tudo; mas, lembrando-se das ordens estritas de sua mãe e temendo sua própria fraqueza, levantou-se às pressas, despedindo-se. Já ia saindo da sala; não podendo se conter, quis saber o nome do desconhecido.

– Ele se chama Ulián – respondeu a vizinha.

Desde então, Ulián não saía da cabeça de Macha; tudo nele, até o nome lhe agradava. Porém, para pertencer-lhe, teria que renunciar aos tesouros deixados por sua avó. Ulián não era rico, e certamente, pensava ela, nem o paizinho, nem a mãezinha concordariam em dar a ele em casamento! E cada vez

mais se convencia dessa opinião, porque Ivánovna falava sem parar sobre a riqueza que os aguardava e a vida feliz que começaria. Então, temendo a fúria da mãe, Macha decidiu não pensar mais em Ulián: evitava se aproximar da janela, fugia de qualquer conversa com a vizinha e se esforçava para mostrar-se alegre; mas as feições de Ulián incrustaram-se em definitivo no seu coração.

Até que chegou o dia em que deveriam se mudar para a casa no posto Lafiértovo. Onúfritch foi até lá primeiro, mandando que a mulher e a filha o seguissem com os pertences já embalados desde a véspera. Vieram duas carretas; os cocheiros, com a ajuda dos vizinhos, carregaram baús e móveis. Ivánovna e Macha levavam uma trouxa grande cada uma – e a pequena caravana dirigiu-se vagarosamente ao posto Prolómnaia. Ao passar diante do apartamento da viúva, Macha ergueu os olhos sem querer: junto à janela aberta estava Ulián, cabisbaixo; uma profunda tristeza exalava de seu semblante. Macha fingiu que não o notou, virou-se na direção oposta; mas lágrimas amargas rolaram por seu rosto pálido.

Na casa, Onúfritch esperava-as há tempo. Disse-lhes onde, em sua opinião, colocariam os móveis trazidos, e explicou como ele pensava que se ajeitariam na nova morada.

– Neste porão – disse ele a Ivánovna – será o nosso dormitório; ao lado, no pequeno quarto, serão colocados os ícones; e aqui será nossa sala de visita e de jantar. Macha pode dormir no quarto do andar de cima. Nunca – continuou ele – me aconteceu viver assim com tanto espaço; mas não sei por que meu coração está inquieto. Permiti, Senhor, que possamos ser tão felizes aqui quanto fomos nos velhos quartos apertados!

Ivánovna não pôde deixar de sorrir. "Dê-me um pouco mais de tempo – pensou ela –, pois não serão estes os aposentos em que vamos morar!".

A alegria de Ivánovna, no entanto, murchou bastante no mesmo dia: assim que chegou a noite, um assobio estridente ecoou pelos quartos, e os postigos das janelas bateram com força.

– Que é isso? – gritou Ivánovna.

– É o vento – respondeu Onúfritch com indiferença – pelo visto, as janelas não fecham bem; amanhã vamos ter que consertar.

Ela se calou e lançou a Macha um olhar significativo; pois no assobio do vento via semelhança com a voz da velhota.

No momento, Macha, sentada em um canto com resignação, não ouviu o assobio do vento nem a batida dos postigos da janela – estava pensando em

Ulián. À Ivánovna pareceu ainda mais assustador que só ela tivesse ouvido a voz da velhota. Depois do jantar, foi para o vestíbulo para guardar os vasilhames da ceia modesta; dirigiu-se ao armário, colocou uma vela no chão a seu lado e começou a arrumar as tigelas e os pratos na prateleira. De súbito, ouviu um farfalhar próximo, e alguém bateu de leve em seu ombro... Ela se voltou... Atrás de si estava a defunta, com o mesmo vestido com que havia sido enterrada!... Seu rosto estava zangado; ela levantou o braço e a ameaçou com o dedo. Ivánovna, tomada de pavor, deu um grito. Onúfritch e Macha acudiram ao vestíbulo.

– O que aconteceu? – exclamou Onúfritch, vendo a mulher pálida como um lençol e tremendo com todos os membros.

– Titia! – disse com voz balbuciante.

Ela quis prosseguir, mas a titia apareceu de novo em sua frente... Seu rosto parecia ainda mais zangado – e ela a ameaçava mais severamente. As palavras congelaram nos lábios de Ivánovna.

– Deixe os mortos em paz – respondeu Onúfritch, tomando-a pela mão e levando-a de volta para a sala. – Reze a Deus, e a visão vai passar. Vamos, deite-se na cama, é hora de dormir!

Ivánovna deitou-se, mas a defunta continuava a surgir diante de seus olhos com a mesma figura zangada. Onúfritch, despindo-se com calma, começou a rezar em voz alta, e Ivánovna percebeu que, à medida que ouvia as preces, a visão da defunta tornava-se mais e mais translúcida – e finalmente desapareceu por completo.

Macha também passou aquela noite inquieta. Ao entrar no quarto, pareceu-lhe que a sombra da avó tremeluzia em sua frente – mas não com aquela figura zangada que havia aparecido para Ivánovna. Seu rosto estava alegre, ela lhe sorria com ternura. Macha persignou-se – e a assombração desapareceu. A princípio atribuiu a visão à sua imaginação, e o pensamento em Ulián ajudou-a a dissipar o pensamento na avó; mais tranquila, deitou-se e logo adormeceu. De súbito, por volta da meia-noite algo a despertou. Sentiu que uma mão gelada afagava seu rosto... Ela se levantou de um pulo. Diante do ícone havia uma vela acesa, e no quarto não se via nada incomum; mas seu coração trepidava de medo: ela ouvia com nitidez alguém andando pelo quarto e suspirando com pesar... Depois, foi como se a porta se abrisse e rangesse... E alguém descia pela escada.

Macha tremia como vara verde. Em vão tentou cair no sono outra vez. Levantou-se da cama, ajeitou o castiçal e se aproximou da janela. A noite estava escura. No início não viu nada; depois lhe pareceu que no pátio, bem

perto do poço, acendiam-se duas pequenas luzes. Essas luzes se apagavam e reacendiam; depois, era como se brilhassem com mais intensidade, e Macha viu com clareza a avó falecida, parada diante do poço, que a chamava com a mão... Às suas costas, o gato preto estava sentado nas patas traseiras e seus olhos faiscavam na escuridão espessa como dois fogos. Macha afastou-se da janela, atirou-se na cama e envolveu a cabeça com o cobertor. Por muito tempo, pareceu-lhe que a avó andava pelo quarto remexendo pelos cantos e chamando-a baixinho pelo nome. Em uma dessas vezes, teve a impressão de que a velhota até quis puxar seu cobertor; e Macha enrolou-se nele com muito mais força. Finalmente tudo se acalmou; Macha, porém, já não conseguiu fechar os olhos o resto da noite.

No dia seguinte, ela resolveu avisar a mãe de que iria revelar tudo ao pai e lhe entregaria a chave recebida da avó. Ivánovna, em vista do pavor da noite anterior, teria ficado feliz, ela mesma, em desistir de todos os tesouros; mas quando, ao alvorecer, o solzinho vermelho se levantou e iluminou o quarto com raios brilhantes, o medo desapareceu, como se nunca tivesse existido. Em seu lugar, imagens alegres da futura vida feliz voltaram a ocupar sua imaginação. "Não é para sempre que a defunta virá me assustar – pensou ela –, logo Macha se casa e a velhota vai se acalmar. O que será que ela quer agora? Não estará zangada porque eu não pretendo preservar os seus tesouros? Não, Titia, fique com toda a raiva que quiser, mas nós vamos botar seus rublos para circular!".

Macha lhe implorou em vão que a deixasse revelar o segredo a seu pai.

– Você insiste em empurrar sua felicidade para longe – respondeu Ivánovna. – Espere ao menos uns dois dias – seu noivo deverá aparecer logo, e tudo se ajeitará.

– Dois dias! – repetiu Macha. Eu não sobrevivo a outra noite como a de ontem.

– Bobagem – disse-lhe a mãe – talvez hoje mesmo tudo chegue ao fim.

Macha não sabia o que fazer. Por um lado, sentia a necessidade de contar tudo ao pai; por outro, tinha medo de irritar a mãe, que nunca a perdoaria. Em completa confusão sobre o que decidir, ela saiu de casa e por muito tempo vagou, pensativa, pelas ruas mais afastadas do bairro de Lafiértovo. Por fim, sem conseguir pensar em nada, voltou para casa. Ivánovna foi ao seu encontro no vestíbulo.

– Macha! – disse ela. – Suba logo a seu quarto e vista uma roupa melhor: há mais de uma hora, seu noivo está sentado com seu pai, à sua espera.

O coração de Macha disparou, e ela foi para o quarto. Então, todo um rio de lágrimas correu de seus olhos. Ulián surgiu em sua imaginação com o mesmo aspecto tristonho com que o vira pela última vez. Ela nem se lembrou de trocar de roupa. Até que, por fim, a voz severa da mãe interrompeu seus devaneios.

– Macha! Será que vai demorar muito para se enfeitar? – gritou ela de baixo. – Desça aqui!

Macha desceu às pressas com o mesmo vestido com que havia entrado no quarto. Ela abriu a porta e ficou paralisada!... Sentado no banco, ao lado de Onúfritch, estava um homem não muito alto, de casaca verde militar – e o rosto que a encarava era o mesmo que ela havia visto outrora, no gato preto. Ela se deteve na porta, sem conseguir se mover.

– Chegue mais perto! – disse Onúfritch. – O que há com você?

– Papai! Esse é o gato preto da vovó – respondeu Macha, perdendo a noção das conveniências e apontando para o visitante, que volteava a cabeça de forma estranha e lhe lançava olhares ternos, com os olhinhos semicerrados.

– Você perdeu o juízo! – gritou Onúfritch, aborrecido. – Que gato? Este é o Conselheiro Titular Aristarkh Faliéleitch Murlíkin[6], que está lhe fazendo a honra de pedir sua mão.

A essas palavras, Aristarkh Faliéleitch levantou-se – aproximou-se com pisadas macias e quis beijar sua mão. Macha soltou um grito e recuou. Onúfritch pulou do banco com fúria.

– Que significa isso? – gritou. – Você é mal-educada como uma camponesa!...

Macha nem o ouvia.

– Papai! – dizia ela fora de si. – Pense o que quiser! É o gato preto da vovó! Diga-lhe para tirar as luvas; você verá suas garras – e com essas palavras, saiu a correr para o quarto.

Aristarkh Faliéleitch resmungava algo sob seu focinho. Onúfritch e Ivánovna estavam muito confusos; mas Murlíkin aproximou-se deles ainda sorrindo.

– Não é nada, senhor! – disse, sem pronunciar os "rr". – Não é nada, senhora, por favor, não se zanguem! Amanhã eu volto, e amanhã a querida noiva vai me receber melhor.

---

[6] Do verbo мурлыкать (*murlikat*), ronronar. (n.t.)

Depois se inclinou algumas vezes, arqueando graciosamente suas costas arredondadas, e foi embora. Macha olhou pela janela e viu Aristarkh Faliéleitch descer a escada e retirar-se, movendo os pés no chão sem nenhum ruído; mas tendo chegado ao fim da casa, ele, de súbito, dobrou a esquina e se pôs a correr como uma flecha. O cachorro grande do vizinho, latindo alto, lançou-se atrás dele, mas não conseguiu alcançá-lo.

Bateu meio-dia; chegou a hora de almoçar. Em profundo mutismo, os três sentaram-se à mesa, e ninguém queria comer. Ivánovna, de tempos em tempos, lançava um olhar zangado a Macha, que estava de cabeça baixa. Onúfritch também estava pensativo. No fim da refeição trouxeram-lhe uma carta; ele a abriu – e a alegria estampou-se em seu semblante. Então ele se levantou, vestiu às pressas uma sobrecasaca nova, pegou o chapéu e a bengala, pronto para sair.

– Onde você vai, Onúfritch? – perguntou Ivánovna.

– Eu volto logo – ele respondeu, e saiu.

Assim que ele fechou a porta atrás de si, Ivánovna começou a ralhar com Macha.

– Imprestável! – disse-lhe. – É assim que você ama e honra sua mãe? É assim que você obedece a seus pais? Mas eu lhe digo que vou colocá-la nas rédeas! Apenas ouse fazer bobagens de novo quando Aristarkh Faliéleitch voltar amanhã!

– Mamãe! – respondeu Macha entre lágrimas. – Fico feliz em lhe obedecer em tudo, só não me façam casar com o gato da vovó!

– Que absurdo você está dizendo de novo? – disse Ivánovna. – Tenha vergonha, moça; todos sabem que ele é conselheiro titular.

– Então talvez seja, mamãe – respondeu a pobre Macha, chorando amargamente. – Mas ele é um gato, eu juro que é um gato!

Por mais que Ivánovna a repreendesse, por mais que tentasse convencê-la, ela não parava de afirmar que jamais aceitaria se casar com o gato da avó; e, por fim, Ivánovna, zangada, expulsou-a da sala. Macha foi para seu quarto e recomeçou a chorar com amargura.

Após algum tempo, ela ouviu que seu pai retornara, e pouco depois a chamaram. Ela desceu; Onúfritch tomou-lhe a mão e abraçou-a com ternura.

– Macha – disse ele – você sempre foi uma boa menina e uma filha obediente! – Macha começou a chorar e beijou-lhe a mão. – Agora você pode provar que nos ama! Ouça-me com atenção. Penso que você se lembra do comerciante sobre quem eu sempre lhes falava e com quem tive grande

amizade durante a guerra turca: ele, então, era um homem pobre, e eu tive a oportunidade de prestar-lhe serviços relevantes. Nós fomos forçados a nos separar e nos prometemos sempre nos lembrarmos um do outro. Desde então, mais de trinta anos se passaram, e o perdi completamente de vista. Hoje, no almoço, recebi uma carta sua; ele chegou a Moscou há pouco, e descobriu onde moro. Fui vê-lo *incontinenti*; você pode imaginar como ficamos felizes de ver um ao outro. Meu amigo teve ocasião de firmar contratos, ficou rico e agora veio aqui para viver sossegadamente. Quando soube que tenho uma filha, ele ficou feliz; nós nos apertamos as mãos e eu prometi você ao seu único filho. Os velhos não gostam de perder tempo – e esta noite mesmo os dois estarão aqui.

Macha chorou com ainda mais amargura; ela se recordava de Ulián.

– Escute, Macha! – disse Onúfritch. – Hoje de manhã Murlíkin pediu sua mão; ele é um homem rico, conhecido de todos nestas redondezas. Você não quis aceitá-lo; e reconheço – embora eu saiba muito bem que um conselheiro titular não pode ser um gato, ou um gato, um conselheiro titular – que a mim também ele me pareceu suspeito. Mas o filho do meu conhecido é um homem jovem, bom, e você não tem nenhum motivo para recusá-lo. Então, ouça minha última palavra: se você não quiser dar sua mão ao homem que eu escolhi, então amanhã pela manhã se prepare para aceitar a proposta de Aristarkh Faliéleitch... Vá e pense bem.

Macha voltou para o quarto em grande angústia. Há muito tempo que ela decidira não se casar com Murlíkin por nada neste mundo; porém, pertencer a qualquer outro que não fosse Ulián... eis o que lhe parecia atroz! Pouco depois entrou Ivánovna.

– Querida Macha! – disse-lhe ela. – Ouça meu conselho. Tanto faz para você casar-se com Murlíkin ou com o comerciante: recuse o último e case-se com o primeiro. Embora seu pai tenha dito que o comerciante é rico, eu conheço seu pai! Para ele, qualquer um que tenha cem rublos no bolso é rico. Macha! Pense quanto dinheiro teremos... E Murlíkin, na verdade, não é tão ruim. Apesar de ele não ser tão jovem, como é educado, como é gentil! Ele vai carregá-la nos braços.

Macha chorava, sem responder palavra; quanto a Ivánovna, pensou que ela havia concordado, e saiu para que o marido não percebesse que a tinha convencido. Enquanto isso, Macha, com o coração apertado, resolveu sacrificar ao pai o seu amor por Ulián. "Tentarei esquecê-lo – disse consigo mesma –, que o papai fique contente com minha obediência. Já sou culpada diante dele por ter feito acordo com a vovó contra a sua vontade!".

Assim que escureceu, Macha desceu as escadas em silêncio e dirigiu-se diretamente para o poço. Foi só ela pisar no pátio e se ergueu um redemoinho ao seu redor, e a terra pareceu tremer sob seus pés... Um gordo sapo lançou-se à sua frente com um grito repulsivo; mas Macha fez o sinal da cruz e prosseguiu com firmeza. Ao se aproximar do poço, ela ouviu um gemido de lamento que parecia vir bem lá do fundo. O gato preto estava sentado, tristonho, na beirada de madeira, e miava com uma voz sorumbática. Macha virou a cabeça e chegou mais perto; com mão firme, tirou de seu pescoço o cordão com a chave que havia recebido da avó.

– Tome de volta o seu presente! – disse ela. – Não preciso nem do seu noivo, nem do seu dinheiro; tome, e nos deixe em paz.

Ela jogou a chave dentro do poço; o gato preto guinchou e se lançou atrás dela; a água do poço começou a ferver... Macha preparou-se para voltar. Tirara uma pedra enorme de seu peito.

Próximo a casa, Macha ouviu uma voz desconhecida que conversava com seu pai. Onúfritch veio ao seu encontro e tomou-a pela mão.

– Aqui está minha filha! – disse, conduzindo-a ao banco onde estava sentado um senhor respeitável, de barba grisalha. Macha curvou-se até a cintura.

– Onúfritch! – disse o velho. – Apresente-a a seu noivo!

Macha se virou com timidez – e viu que a seu lado estava Ulián! Ela soltou um grito e caiu em seus braços...

Eu não tenho palavras para descrever o enlevo de ambos os amantes. Onúfritch e o velho descobriram que estes já se conheciam há muito tempo – e sua alegria duplicou. Ivánovna consolou-se quando soube que o futuro consogro tinha várias centenas de milhares em dinheiro vivo na casa de penhores. Ulián também ficou surpreso com essa notícia; ele nunca havia pensado que seu pai fosse tão rico. Passadas cerca de duas semanas, casaram-se.

No dia do matrimônio, quando, no jantar em casa de Ulián, os alegres convidados bebiam à saúde dos noivos, o guarda amigo de Onúfritch entrou na sala e lhe comunicou que, na mesma hora em que Macha estava se casando, o teto de sua casa em Lafiértovo desabara e a habitação inteira havia desmoronado.

– Na verdade, eu não tinha mais intenção de morar nela... – disse Onúfritch. – Sente-se conosco, velho camarada; encha uma taça de vinho pelos recém-casados – e que sejam felizes para sempre!

O PINHEIRAL E O PINHEIRAL DESTRUÍDO

XAVIER BONFILL I TRIAS

O TEXTO: Dois contos de Xavier Bonfill i Trias: "O pinheiral" ("La pineda") e "O pinheiral destruído" ("La pineda destruída"), que integram a coletânea *El meu poble* (*Meu povoado*), publicada em 1948 pela antiga Biblioteca Pública de Sant Boi de Llobregat, na Catalunha, em homenagem ao escritor. As narrativas foram publicadas ao longo de sua vida na revista local *Or i Grana* (*Ouro e Grená*) e posteriormente compiladas. As narrativas, correlatas entre si, falam da floresta de pinheiros do povoado, muito estimada pela população local e por aqueles que a visitam, descrita com detalhes cheios de afeto, e seu rápido e doloroso processo de destruição causado pela intervenção humana.

Texto traduzido: Bonfill i Trias, Xavier. "La pineda" i "La pineda destruïda" In. *El meu poble*. Sant Boi de Llobregat: Arxiu Històric Municipal de Sant Boi de Llobregat, 1948.

O AUTOR: Xavier Bonfill i Trias (1888-1939), de pseudônimo Jordi Català, escritor catalão, nasceu em Girona. Ainda na infância, mudou-se para Sant Boi de Llobregat, comunidade autônoma catalã localizada na região metropolitana de Barcelona, Espanha. Escreveu romances, artigos literários e contos para as revistas infantis *En Patufet* e *Virolet*. Colaborou para diversas revistas catalãs, entre as quais, *Ilustració Catalana*, na qual estreou em 1913, e *L'Esquella de la Torratxa*, e participou de transmissões de rádio para a Rádio Barcelona e a Rádio Asociación. Ganhou diversos prêmios literários nos Jocs Florals de Barcelona. Faleceu ao final da Guerra Civil Espanhola.

A TRADUTORA: Elisa Bicca é arquiteta e tradutora, formada em Arquitetura e Urbanismo pela UFRGS e graduanda do curso de Letras: Tradução Espanhol-Português pela mesma instituição.

LA PINEDA I LA PINEDA DESTRUÏDA

"Els pins exhalen llurs sentors benèfiques
i mostren l'espessa taca vellutada."

XAVIER BONFILL I TRIAS

LA PINEDA

A tocar del poble, s'eleva una muntanyola que convida i atrau amb una magnificència de verds que enamoren. Els pins exhalen llurs sentors benèfiques i mostren l'espessa taca vellutada que contrasta amb la gamma més fresca i viva de les gatoses. No és pas gens alterosa la muntanyeta; però, així i tot, des del seu cim hom pot gaudir d'una visió plaent i diversa, segons la direcció que l'esguard prengui. Si és de cara a mar, l'espectador es delecta amb aquella catifa multicolor que arriba fins a la llenca blava que limita la planúria; catifa que és abundosament alterada per la blancor d'un altre poble rialler que sembla unit al nostre per un doble rengle d'arbres traçats en perfecta línia recta... Si és girant-se a ponent que hom llença la mirada, la massa de la muntanya veïna coronada per l'ermita del Sant miracler atrau l'atenció i la simpatia, i més lluny la serralada suau i sinuosa que tanca el pla del Llobregat, que va fent-se estret a mida que s'allunya de la mar. I des d'allí fins a on neix el dia els pobles que en l'altra riba destaquen llur taca d'albura per entre el verd de les hortes i la massa de la gran urbs catalana que la calitja difuma suaument.

Es tota discreta la pineda del meu poble. És com una d'aquelles persones amables, modestes i senzilles que semblen creades a posta per fer bé; sense ostentacions, amb la simplicitat tan simpàtica d'un deure que s'acompleix. Ella, la muntanyola vestida de verd, s'ofereix als vilatans i als forasters amb una discreció graciosa, sense extremositats ni vanes pompes. Us acull amb

una lleu remor que és l'oració que els pins llencen al vent, us dóna un xic de la sentor que guarda, us proporciona una ombra reposadora que no us amaga, però, del tot la blavor del cel i la claror del cel, us convida a un passeig gens fatigós per la lleu sinuositat del seu llom i us afavoreix encara amb ben delectables punts d'albir.

Per això és força visitada per qui té un llibre per a llegir, per qui vol gaudir del dolç vagar en una estona de lleure, per qui té necessitat de llum i d'aire i poques cames per anar-los a cercar més lluny i més amunt, i pels infants que l'omplen de rialles, de crits i de cançons.

LA PINEDA DESTRUÏDA

Croc! croc! De bon matí se senten ja els cops de la destral en ferir l'arbre. I això ja fa temps que dura i a mida que passen els dies, la muntanyeta va quedant despullada – tràgicament nua! – dels pins sanitosos i bells i acollidors que eren l'encís i el goig dels vilatans i d'aquells que ací venien en necessitat de repòs i de bon viure. Cap millor atractiu que el d'aquesta pineda tan ponderada, tan ben posada, ni massa gran ni massa petita, situada en un puig fàcilment accessible, àdhuc per a infants i persones d'edat, i prou alt per albirar des d'ell el panorama magnífic de la ciutat no gaire llunyana i el pla immediat i les serralades vers el nord i les que s'orienten cap a ponent.

Arrencant de les mateixes cases de la vila, la muntanyeta, amb la seva verda i espessa cabellera de pins força crescuts, convidava a donar-hi un tomb en caure la tarda dels dies d'estiu i per un passeig amable en els matins assolellats de l'hivern. Era un lloc adequat pels innocents jocs infantils i un indret a propòsit per l'intercanvi de tendreses i d'esperances dels enamorats i també per la tertúlia de "flirt" i de tisora dels estiuejants i per la xiroia berenada dels prudents excursionistes dominicals.

Des del camp de futbol, des de les eixides d'una bona part del poble, des de la galeria de casa, s'oferia a l'esguard la tofa de verdor que guarnia gentilment el pujolet graciós i d'ell venia, a l'impuls de l'aire, la sentor sanitosa i agradable dels pins i, en dies de vent, aquella música greu que llencen els arbres en ésser sacsejats amb certa violència i que sonen com uns cants de queixa.

Ara som nosaltres – els amants de la natura – els que llencem sospirs de tristesa i que exhalem planys de dolor. La pineda desapareix i ja no la veurem més. La destral, la fúria dels homes, la sensibilitat esmussada per aquest temps de guerra, l'han morta en poques setmanes. Amb ella sembla que es morin moltes de les nostres il·lusions; amb ella desapareix el lloc on han transcorregut fets i escenes de la nostra vida d'infant, d'adolescent, de jove i d'home fet.

És amb pregona emoció que li diem el darrer "adéu", talment com es fa amb un ésser volgut que se'n va d'aquest món per a tota l'eternitat. Si no fos que ens recordem que som homes i que cal demostrar-ho simulant una gran fortitud, fins ploraríem de pena... i de ràbia.

O PINHEIRAL E O PINHEIRAL DESTRUÍDO

"Os pinheiros exalam deliciosos aromas
e configuram uma espessa mancha aveludada."

XAVIER BONFILL I TRIAS

O PINHEIRAL

Beirando o povoado, eleva-se uma montanha que nos convida a se apaixonar por seus verdes exuberantes. Os pinheiros exalam deliciosos aromas e configuram uma espessa mancha aveludada que contrasta com a gama fresca e viva da mata. A montanha não é muito alta, mas, ainda assim, é possível desfrutar de uma vista agradável e diversificada de seu topo, conforme a direção que se decida observar. Se estiver voltado para o mar, o espectador irá se deleitar com aquele tapete multicolorido que se estende até a faixa azul que limita a planície; tapete que contrasta com a brancura de outro povoado acolhedor, que parece se unir ao nosso por uma dupla fileira de árvores perfeitamente alinhadas... Se estiver virado para o poente, verá a maior parte da montanha vizinha, coroada pela imagem do santo milagreiro, que irá atrair sua atenção e simpatia, e um pouco mais distante, uma cordilheira suave e sinuosa que limita a planície do Llobregat[1], afunilando-se à medida que se afasta do mar. Desde ali até onde nasce o dia, os povoados da margem oposta se destacam em direção à mancha esbranquiçada, entre o verde das hortas e o volume da grande cidade catalã[2] que a neblina cobre suavemente.

A floresta de pinheiros do meu povoado é bem discreta. É como aquelas pessoas amáveis, modestas e simples que parecem criadas propositalmente

[1] O rio Llobregat se estende do Mar Mediterrâneo até o município de El Prat de Llobregat, aos arredores de Barcelona, sendo considerado o segundo maior rio da Catalunha. (n.t.)
[2] Referência a Barcelona, capital da Catalunha. (n.t.)

para fazer o bem; sem ostentação, com uma simplicidade simpática de dever cumprido. Ela, a montanha vestida de verde, oferece-se aos moradores e visitantes com uma discrição graciosa, sem luxo, sem exageros. Acolhe a todos com um leve ruído, que é a oração que os pinheiros lançam ao vento. Oferece um punhado de seu aroma e proporciona uma sombra reparadora. E o azul e a claridade do céu convidam a todos para um passeio agradável pela leve sinuosidade do seu dorso, presenteando-os ainda com encantadoras paisagens.

Por isso, é muito visitada por quem quer ler um livro, por quem quer aproveitar um doce passeio em um momento de ócio, por quem sente falta de luz natural, de ar fresco e de uma caminhada cada vez mais longa e ascendente, sendo também muito visitada pelas crianças, que a povoam de risadas, gritos e canções.

O PINHEIRAL DESTRUÍDO

Tac! Tac! Logo pela manhã já se ouvem os golpes do machado ferindo as árvores. Já faz um tempo que isso acontece e, com o passar dos dias, a montanha dos pinheiros saudáveis, belos e acolhedores, que eram o charme e a alegria dos moradores e daqueles que aqui vinham buscar descanso e bem-estar, vai ficando nua – tragicamente nua.

Não havia melhor atrativo que esta floresta de pinheiros, tão equilibrada, tão bem localizada, nem muito grande nem muito pequena, situada em uma colina de fácil acesso, tanto para crianças quanto para idosos. E era suficientemente alta para se admirar desde seu topo a planície imediata, as serras ao norte e as que se orientam a oeste, e as magníficas paisagens da cidade, não muito distante.

A montanha, com sua verde e espessa cabeleira de pinheiros já crescidos, convidava a dar um passeio à tardinha nos dias de verão e nas manhãs ensolaradas de inverno. Era um lugar perfeito para as inocentes brincadeiras infantis e um ambiente apropriado para a troca de afetos e de expectativas entre casais apaixonados, e também para os "flertes", a caminhada dos veranistas e os piqueniques de grupos de excursão dominicais.

Desde o campo de futebol, desde o entorno de uma boa parte do povoado, desde as varandas das casas, os verdes tufos que adornavam gentilmente a graciosa montanha se ofereciam ao olhar. O impulso do ar trazia o aroma saudável e agradável dos pinheiros e, em dias de vento, trazia também aquele ruído baixo que as árvores lançam ao serem sacudidas com certa fúria, que se parece a um canto de lamúria.

Agora somos nós – os amantes da natureza – que lançamos suspiros de tristeza e exalamos gemidos de dor. A floresta de pinheiros desaparece e nunca mais a veremos. O machado, a fúria dos homens, a falta de sensibilidade nestes tempos de guerra, mataram-na em poucas semanas. Com ela morrem muitas das nossas ilusões; com ela desaparece o lugar onde transcorreram momentos e cenas da nossa vida na infância, na adolescência, na juventude e na vida adulta.

É com muita tristeza que damos nosso último "adeus", assim como fazemos a um ente querido que parte deste mundo para toda a eternidade. Se não nos recordássemos que somos humanos e que devemos demonstrar uma grande força interior, até choraríamos de tristeza… e de raiva.

Cenas de Lima

Juana Manuela Gorriti

O texto: A série de microcontos "Cenas de Lima" ("Escenas de Lima"), de Juana Manuela Gorriti, faz parte do livro *Panoramas de la vida: colección de novelas, fantasías, leyendas y descripciones americanas*, de 1876. As narrativas, escritas em forma de breves crônicas citadinas, sucedem na capital peruana, retratando a sociedade e os costumes da época, falando de sessões de ópera e teatro, de passeios por bairros famosos de Lima, de casamentos e cortejos, sempre em meio a conversas entre mulheres.

Texto traduzido: Gorriti, Juana Manuela. "Escenas de Lima". In. *Panoramas de la vida: colección de novelas, fantasías, leyendas y descripciones americanas*. Tomo II. Buenos Aires: Imprenta y Librerías de Mayo, 1876, pp. 347-368.

O autor: Juana Manuela Gorriti (1818-1892), poeta argentina, nasceu em Buenos Aires. Inscrita no romantismo literário, publicou seu primeiro livro, *La quena*, em 1848, obra que marcou o início da novela na Argentina. Sua obra é marcada por conflitos políticos e sociais da época, como a guerra civil, e também por introduzir temáticas que envolvem a participação da mulher na sociedade, em um momento histórico em que poucas ousavam a exposição no meio artístico. Realizou salões literários e escreveu relatos autobiográficos. Além de sua terra natal, viveu na Bolívia e no Peru. Em seus textos é possível analisar como foi construído um espaço feminino dentro da cultura de cada país, assim como outros aspectos culturais.

A tradutora: Roberta Vilas Boas é formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero. Realizou o Programa Formativo para Tradutores Literários da Casa Guilherme de Almeida, assim como o curso Revisão de Literatura Traduzida pela mesma instituição, feito em parceria com a Universidade do Livro (Unil).

Contato: robertavboas@gmail.com

ESCENAS DE LIMA

"Tus recuerdos, risueños, frescos,
datan de ayer, y los encierra una aurora."

JUANA MANUELA GORRITI

RISAS Y GORJEOS

¡Helas ahí! Como las golondrinas en una mañana de primavera, llegan riendo, cantando y derramando en todas partes a su paso, luz y alegría; en todas partes... ¡hasta en mi corazón! Sus nombres mismos son armoniosos y dulces como una caricia: ¡Emma! ¡Julia! ¡Rosa! ¡Eleodora! ¡Cristina! ¡Florinda! El alma rejuvenece al contacto de esas jóvenes flores que comienzan a abrir su cáliz a las promesas de la vida; y plácele seguir el vuelo vagaroso de sus ilusiones, como a la mirada el de esas bandadas de blancas aves que cruzan el cielo en las tardes de verano.

– ¡Qué trozo tan bello es ese que acabas de cantar, querida mía! No lo conozco. ¿A qué partitura pertenece?

– Es una romanza de la ópera *Guaraní*, la última pieza de mi estudio. Cierto que es una música deliciosa, llena de dulzura, y de un carácter original. Sin embargo, la música no es para mí realmente bella, sino cuando refleja el recuerdo.

– ¿No es verdad?... Pero, ¡ah! tus recuerdos, risueños, frescos, datan de ayer, y los encierra una aurora.

Julia suspiró profundamente; y dejando la romanza de *Guaraní* entonó, con los ojos llenos de lágrimas – *Caro nome que el mio cor* – esa cascada de perlas del *Rigoletto*.

Entre las compañeras de Julia, una voz murmuró un nombre: *Maximiano*. Recordé entonces, que no hacía mucho tiempo, una mano aleve dio la muerte a ese bello joven tan querido en la sociedad. ¡Pobre Julia! ¡En el riente miraje de sus recuerdos, alzábase ya una cruz!

– *¡Al viento las penas!* – exclamó Florinda, pasando su pañuelo sobre los húmedos ojos de la cantora –. ¡Oh! si cada una fuera a hablar de las suyas, el cuartel de Santa Ana, en el cementerio, puede decir si yo tengo derecho de estar entre los vivos.

– También tu – gritó Emma –. ¡Esto amenaza volverse un *de profundis*! ¡Bah! ¡silencio! ¡y basta de sombra!... ¿Quién ha oído anoche el violín encantador de la señora Filomeno?

– Yo.

– Y yo.

– Yo también.

Todas.

– ¡Qué melodía celestial! ¡Ese instrumento tiene una alma, y siente, habla, ríe, llora!

– *¡Y un sueño en Lima!* ¡Qué horizontes inmensos de azul y grana, poblados de doradas quimeras, describen las notas melodiosas de esa brillante fantasía! Al escucharla, creía percibir el murmullo de los ríos, el canto de las aves, el susurrar de la brisa entre la fronda de las selvas.

– Tú te inclinas al idilio. A mí me aparecía un castillo feudal erizado de almenas y torreones. Yo era su castellana, y escuchaba, asomada a una gótica ojiva, el amartelado canto de un trovador.

– ¡Aristócrata hasta en sueños! Alma mía, esa raza está amenazada de una enfermedad mortal: la polilla. Yo, nieta de un prócer de la Independencia, hija de un republicano, sueño con un tribuno joven y elocuente, que, invocando el símbolo sagrado de la ventura humana: Libertad, Fraternidad, Igualdad, electriza al pueblo con el calor de su palabra; con el fuego de su mirada; y que al descender del pavés donde lo ha elevado el entusiasmo de la multitud, cae a mis pies y me llama su esposa.

Aquellas hermosas soñadoras que reían, cantaban, y hablaban de sus halagüeñas ilusiones, en tanto que la guerra civil abría a sus pies su espantosa sima, parecíanme una legión de ángeles sembrando flores sobre un abismo.

UNA BANDADA DE MARIPOSAS

Han invadido, de súbito, mi cuarto, arrancando la pluma de mi mano, y obligándome a volverme para mirarlas.

Estaban bellas. Con sus vaporosos vestidos blancos adornados con lazos, unos azules, otros color de rosa, ligeras, risueñas y juguetonas, semejaban en efecto a esas aladas flores del espacio.

– Papeles a la imprenta, mi vida, y vamos al teatro – exclamaba una.

– Esta noche es el beneficio de la señora Felices, y representan de *Los amantes de Teruel*.

– Mi ideal es Marcilla. Así, mañana me parecerán vulgares todos los hombres.

– ¿Hasta Octavio?

– ¡Ah! él se le parece: ¡es bello, rendido y espiritual!

– ¿Quién es esa maravilla?

– Mi novio, señora; y si vienes con nosotras al teatro, tendrá el honor de serle presentado.

– Consiento a condición de mostrarme su retrato.

– El retrato de un buen mozo da siempre gusto de ver.

CRÓNICA DE LAS VEREDAS

– Nada hay nuevo debajo del sol, según el *Eclesiastés* – ha exclamado un joven amigo mío, al estrechar la mano que escribe estas líneas.

– En efecto; ¿pero a qué viene ese exordio?

– Para probar a usted que no es invención mía la que va a oír respecto a su amigo Z. L.

– No hay tal amistad; pero, ¿qué es ello?

– Iba no ha mucho delante de mí, abstraído, y hablando con un interlocutor invisible. No lo extrañé, pues conozco su manía por el monólogo; pero cuando me hube acercado más, oí que iba diciendo, fijos los ojos en las baldosas de la acera:

– ¿No es verdad averiguada que aquella ingrata te ha hecho mil partidas malas, y que, por fin, ya no te ama?

– Sí.

– Entonces ¿por qué trepidas? ¡No, no cabe más ninguna cobarde vacilación! ¡Olvídala, olvídala, miserable! ¡arrójala del corazón! ¡relégala al desprecio! – Sí... Pero... ¡esos magníficos ojos negros!... ¡aquella boca que cuando quiere sabe decir palabras tan hechiceras, y aquel cuello! ¡y aquel pie! ¡y aquella mano!... y... todo, en aquel ser aborrecible y... ¡encantador!

Y pálido, y vagarosa la mirada, seguía adelante en dirección al Puente; y yo, a vista de la honda desesperación que revelaba su acento, pensé en el río, que en furiosa creciente sonaba no lejos con ruido siniestro. «¡Zenen! ¡Zenen!» – gritó un joven, pasando delante de mí, y dando una palmadita en el hombro al infortunado que me precedía –. «¿Qué tienes, chico?».

Se diría que vas soñando.

– ¡Soñando! – respondió L. cambiando súbitamente en fatua sonrisa, la tétrica expresión de su semblante –. Al contrario, muy real y seriamente, voy discutiendo con mi ingenio la manera de desasir de mí el amor incontrastable que Elvira se obstina en consagrarme.

– ¡Qué no me vengan a mí esas dichas!

– ¡Te regalo la mía!

– ¡Acepto!... ¡Ser el Hernani de esa soberbia hermosura!... Pero sé generoso hasta el fin... ¡despéjame el campo!

– ¡Retirarme de la casa!

– ¡Sin duda! ¿Cómo le manifestarás, de otro modo, tu despego?

– ¡Ah! es que ella ha jurado suicidarse el día que eso acontezca.

– ¿Lo habrá ya intentado?

– ¡Oh! ¡mil veces!

– Entonces, nada hay dicho; y preciso es dejarte bajo el peso de tu felicidad. ¡Adiós!

Y el joven se alejó en dirección a la plaza.

– ¡Fingir! ¡ah! ¡cuán duro es, cuando el corazón está destrozado! – exclamó Zenen, suspirando.

Y desviándose de mi camino, tomó por el lado de los Desamparados.

– ¡Ah! ¡ah! ¡ah! – rió una señora mayor, que había ido disputándome tácitamente el paso para escuchar aquellas endechas –. ¡Ah! ¡ah! ¡ah! ¡aaah! ¿Estos son los seductores? En la conciencia todos se reconocen, como este, seducidos, encadenados. Nunca pasé por el lado de dos hombres que hablan,

sin oírles decir: «¡Ella! ¡con ella! ¡por ella! ¡sin ella!». Nunca, entre mujeres, que no vayan diciendo con fervor apasionado: «¡Mis rizos! ¡mis blondas! el último vestido que me mandó la modista». Sin mencionar para maldita la cosa a sus presuntos tenorios. ¡Tenorios! ¡Tenorias! ¡digo yo!

Y mirándome con picaresca ironía, rió en mis barbas y se fue.

– Querido amigo – dije al cronista callejero –, yo creo que la señora tiene razón...

– Aguarde usted – exclamó él, interrumpiéndome –, si todavía no ha dado fin mi aventura.

Como para corroborar las palabras de aquella sibila, una hora después, pasando casualmente por delante de la casa de la cruel Elvira, he ahí que la veo aparecer, bella, alegre, elegante. Papá, mamá, hermanas, toda la familia salía a paseo. Las jóvenes formaron de dos en fondo, regazaron sus largas colas, y echaron a andar calle abajo, volviéndose, de vez en cuando para remirarse y dejar ver unas botitas de última importación, lo más lindo imaginable; pero que costarían un dineral.

– Papá – decía una de ellas – nosotras guiaremos, ¿no es cierto?

– Ya se ve que sí.

– Y ¿sabes dónde vamos a parar?

– No llega a tanto mi penetración.

– ¿No? Pues vamos al almacén de Soldevila. Le han llegado *novedades*.

– Yo necesito un lazo para mi vestido rosa.

– Yo una sombrilla blanca, de gro y blondas.

– Yo un abrigo de cachemira para salir del teatro.

– Yo un pañuelo de batista bordado con calados de *guipure*.

–Y yo los zapatitos de raso blanco, que codicié en las vidrieras del *Gallo*.

– ¡Estas niñas son capaces de empobrecer a Goyeneche!

– ¡Te espanta esa bagatela! – observó la matrona –. ¿Qué piden las pobrecitas? trapos que llevan hasta las hijas de los sacristanes.

– Papá, creo que vienes regañando por lo que vas a comprar. Calla y recuerda que hoy es día de san *Gastón*.

– Y además, nos has dado tu palabra: palabra de rey... o de coronel, que es lo mismo.

– ¡Ah! si el cajero fiscal oyera estos propósitos, había de tapiar la puerta de la Tesorería.

– Elvira, mira a Zenen, que va a entrar donde Gavard.

– ¿Quién piensa en ese tonto? ¡repara en estas lindísimas castañas!

Las graciosas casquivanas entraron al deseado almacén, y yo he venido a dar a usted esta pequeña muestra de la ingratitud mujeril.

– Gracias a Dios, hace tiempo, que yo digo como madama Geofroid «*quand j'étais femme*».

LUZ Y SOMBRA

Grato y de propicio agüero es comenzar con un epitalamio, ya sea un libro o una simple conseja. Cuán dulce luz derraman los rientes mirajes de una unión formada por el amor, y en cuya aureola brillan la juventud, el genio, la belleza.

¡Una boda! es decir: la primavera en el paraíso, con la ciencia del bien.

¡Una boda! mágica frase, acogida siempre con una sonrisa misteriosa.

¡Una boda! es decir: el paso desde el azulado nimbo donde el alma dormitaba solitaria, a la región dorada, esplendorosa, de una noble existencia.

¡Una boda! es decir: mundos de tul, de encajes de sedosas gasas; ríos de brillantes; bellísimas flores; perfumes exquisitos; el nácar y el marfil bajo todas las formas; tesoros de raso, gro, terciopelo, blondas, oro y perlas derramados en faldas, colas, pufes, manteletas, sombrillas, zapatitos, botas, pantuflas; y allá en el fondo de un suntuoso retrete, sobre una columna de alabastro, ese delicioso vestido, ensueño de las jóvenes, compuesto de tul *chantilly* sobre *moirée* blanco, guarnecido de anchos volantes de *valencienne*, con una túnica del mismo tul, e iguales guarniciones recogidas con ramilletes de azahares.

Desde lo alto de la columna, tan largo como la cola que se extiende en cascada de blondas, esa prenda alegórica de la desposada, un velo de malinas, orlado con una ancha guarda de bordado exquisito, se derrama sobre el delicioso vestido como una vaporosa niebla.

Coronando ese *todo* maravilloso, una guirnalda de las mismas flores que adornan la túnica, abre sus blancos pétalos entre hojas de esmeralda, dejando caer hacia atrás dos largos festones hasta lo bajo de la falda.

La bella María Rosa realzaba ese elegante traje, menos con sus valiosas joyas que con la modestia y la gracia innata de su porte.

¡Y él, Eugenio! Una aureola de felicidad circundaba su frente y daba nuevo realce a su varonil belleza.

Así hablaba un apuesto joven al referir la fiesta nupcial que acababa de presenciar.

Embebidas, y la mente en dulces ensueños, escuchábanlo mis lindas amigas, cuando él añadió: dentro de poco Pablo R., servidor de ustedes, y Emilia T., su amada, serán los protagonistas en una escena igual.

Pablo era amanuense en un Ministerio; Emilia, hija de un indefinido.

Al siguiente día, vilo llegar desesperado.

– Emilia no me ama ya – exclamó –. ¿Lo creeréis? La ingrata me pide que le devuelva sus juramentos; ¡que la dejé libre para dar a otro su corazón y su mano!... ¡Ah! ¡por dicha hay en el mundo tósigos y revólveres!

Y dándome una mirada sombría, díjome adiós, y se fue. Alarmada por el estado en que había visto al desgraciado Pablo, fui a reñir a Emilia y echarla en cara su conducta con aquel a quien tanto amó.

– Antes de condenarme – respondió ella – escucha el sueño que he tenido esta noche, y juzga si no debo ver en él una revelación del cielo.

Soñé que vestida de blanco y envuelta en el velo de novia, tendía mi mano a Pablo para acercarme al altar; y yo miraba complacida a mi futuro esposo, que nunca me pareció tan bello.

De repente, vi detrás de él surgir un espectro horrible, descarnado, lívido, que enviándome una mirada siniestra, alzó la mano en señal de amenaza.

Yo temblé por Pablo; y abrazándome a él, apóstrofe al fantasma:

– ¿Quién eres? – le dije – ¿y por qué nos amenazas?

– Soy la miseria – respondió con voz cavernosa, y os aguardo en el ocaso de esa dulce luna que vais a comenzar.

El fantasma calló; y levantando el harapo que cubría su seno, mostrome prendidos con avidez a sus pechos dos niños flacos, pálidos, hambrientos.

– Estos serán vuestros hijos – añadió – porque despreciáis el ejemplo de las aves del cielo, que forman el nido antes de traer la familia.

Desperté, muy contenta de que aquello fuera un sueño, pero resuelta a escuchar en él la voz de Dios.

Y yo desahucié a Pablo; porque, en efecto, aquella visión era horrible.

* * *

– Señoras – decía la otra noche un viajero en una *soirée* –, el diablo es un tonto de capirote. Pues, ¿no cuenta como un poderoso medio de tentación el espectáculo del mundo? ¡Ah! yo lo he visto, no de lo alto de la montaña, cual él lo mostró al Hombre-Dios, sino palpado con la mano, recorrido del septentrión al mediodía, desde el ocaso a la aurora; helo contemplado, bajo todos sus prismas; y vuelvo desalentado, y con una sola aspiración: hacerme ermitaño.

Ayer, contemplando el gentío que llenaba las calles, en pos de una procesión, recordaba las sombrías palabras de aquel pesimista; porque nada hay más triste que el aspecto de esa personificación del mundo: la multitud. ¿Dónde se revela con expresión más elocuente esa adolescencia perpetua que comenzó a las puertas del Paraíso, y que solo acabará el día último de los tiempos? Aquí una madre, caminando rodeada de seis niños, asidos a ella como náufragos a una tabla de salvamento. Es la viuda de un héroe, muerto en defensa de la patria; ¡de la patria que deja a su familia en la miseria! Allí, una joven, vistiendo el sayal de la penitencia, desnudos los pies, y en la mano un cirio de expiación. Marcha sola, bajos los ojos y la actitud contrita.

– ¿Quién es? – preguntan en torno suyo, y alguien responde –: es la hermana de un sentenciado; y espera rescatar con ese voto de humillación, la vida y el crimen de Caín.

¡Cuánto respeto inspiraba aquella hermosa joven, que así se ofrecía en holocausto por la redención de su hermano!

OASIS

¡Cuán bellos son los que circundan a Lima, formando en torno suyo un collar de esmeraldas! Destácanse en semicírculo como verdes ramilletes en las rojas arenas de la costa.

Bellavista, que se asienta entre el bullicioso ferrocarril, y el callado cementerio; *La Magdalena*, oculto como un nido en la fronda de los vergeles; *Matalechuza*, la de los exóticos huertos; *Miraflores*, con sus alamedas de pinos y sus orientales palmeras; *El Barranco*, trozo del Edén, suspendido a pico sobre las rocas del océano; *Borja*, *Piedraliza*, *Bocanegra* y otros.

Así enumeraban en una velada, esos parajes floridos, asilo de solaz en los calurosos días del verano.

– Mamá, tengo una idea. ¿Me permites expresarla? – dijo la más linda de las hijas de la casa.

– ¡Veamos! Una idea de Manuelita es siempre original.

– ¡Tanto mejor! Hela aquí: mañana es cumpleaños, y...

Un joven. – ¡Mañana! Yo creía que era el viernes.

– Ese día me bautizaron... ¡Oh! ¡qué importuna es una interrupción! Mañana es mi cumpleaños; y tú, como de costumbre, me obsequiarás doscientos soles, sin contar banquete y *soirée*, ¿no es esto?

– Sí, y creo que este año no tendrás queja de mí.

– Pues bien, mamá mía, quiero ahorrarte esos gastos, y con mis doscientos soles organizar una cabalgata para recorrer esos rientes sitios, y comprar todas las flores y frutas que hallemos al paso.

– Pero, hija mía, en las actuales circunstancias ese paseo es terriblemente riesgoso. ¿Y los montoneros?

– Los montoneros son soldados, no ladrones.

– Pero hay ladrones que pueden hacerse montoneros y cargar, no solo con tus soles, sino con sus conductoras.

– Nos acompañarán estos caballeros, y en caso necesario, sabrán defendernos.

Tres jovencitos a la vez. – ¡Oh! ¡sí! que si ellos son montoneros, nosotros somos guardias nacionales.

– ¡Qué diferencia, hijos míos! Los montoneros no temen ni deben; y ustedes, si no temen, se deben al amor de sus madres y a la esperanza de sus familias...

Mas, no obstante esas reflexiones, la alegre cabalgata partió seguida de un criado conductor de dos mulas cargadas de capachos para llevar los fiambres, y traer la sabrosa y perfumada compra...

. . . . . .

– ¿Y mi parte en el rico botín de los oasis? ¿dónde están las frutas y las flores prometidas?

Así llegué preguntando a las turistas de la víspera.

– Helas aquí – dijo la del cumpleaños, presentándome un magnífico ramillete compuesto de flores y frutas –, pero la compra monstruo, con grande gozo mío, no ha tenido lugar.

– ¿Cómo fue eso? ¿Te dolió un gasto tan fuerte?

– Mejor que eso. Habíamos cosechado en *Matalechuza*, cuyo propietario nos recibió con feudales honores, y recorridas las huertas de la Magdalena en su lado exterior, sin poder penetrar en su recinto, a causa de la ausencia de sus dueños, dirigímonos a *Surco* para hacer allí nuestra provisión.

Al atravesar los rieles del ferrocarril, en la estación de *El Barranco*, vimos bajo de un olivo, sentadas en el suelo dos personas que llamaron dolorosamente nuestra atención. Eran, una anciana y una joven pálida y demacrada, que reclinando la cabeza en el hombro de aquella, dormitaba con la respiración exhausta y oprimida. Cerca de ellas veíanse algunos bagajes: una pobre cama envuelta en un petate, y un saco de viaje raído y casi vacío. Sin consultarnos, mis hermanas y yo, saltamos del caballo, y nos encontramos rodeando al triste grupo.

La anciana nos refirió, entonces, que los médicos de la Sociedad de Señoras de Caridad habían ordenado a su nieta, enferma del pecho, el aire del campo; y que ella la había traído, esperando hallar una habitación de precio proporcionado a su miserable situación, pero llegada allí, encontró tan caro aun el alquiler del más pobre cuartucho, que se veía en la necesidad de regresar a Lima, y resignarse a ver morir a su hija.

– ¡Oh! ¡no será así! – exclamamos a la vez, mis hermanas y yo.

– ¿No es verdad, Manuelita? – decían ellas, pensando en los doscientos soles que tenía en mi cartera.

– ¡Ciertamente! Y llorando, a la vez que de pena, de gozo al remediar aquella desgracia, tomé mis diez billetes de veinte soles y los puse en manos de la señora, que me miraba, muda de sorpresa y de enternecimiento. Luego, auxiliada por mis compañeras, alquilé un bonito cuarto con ventanas al campo y todo amueblado, compramos varias provisiones, trasladamos a la enferma, y limitando hasta allí nuestro paseo, regresamos muy contentas, no sin visitar los bellos jardines de Miraflores.

– ¡Ven a mis brazos noble criatura! – exclamé, llorando a mi vez de enternecimiento –. La santa obra con que ayer celebraste el día de tu natalicio habrá sido glorificada por los ángeles en cánticos celestiales.

MEMENTO

Mucho es para la humanidad, eternamente afanosa en pos del placer, a fin de ocultar su hereditaria dolencia, mucho es consagrar al dolor una de las

trescientas sesenta y cinco jornadas que el año encierra. Por ello, necesario es tenerlo en cuenta.

Desde la víspera del día dedicado por la Iglesia a la conmemoración de los muertos, largas caravanas de peregrinos, saliendo por la portada de Maravillas, dirígense a esa blanca metrópoli que yace bajo la fronda inmóvil de los cipreses. Llegan; la cercan, y esperan con palpitante impaciencia. Apenas la grande verja se abre, penetran en el fúnebre recinto, y lo invaden en toda su extensión, llevando los ardientes rumores de la vida al helado silencio de la muerte.

Óyese por todas partes algo como el ruido de puertas que se abren. Diríase el matinal despertar de una ciudad. ¿Qué es eso?

Son los vivos que abren las puertas de los sepulcros; unos para regarlos con lágrimas; otros para cambiar con frescas flores la triste yerba del olvido.

Allí van los bomberos, apuestos mancebos, llevando con gracia su brillante uniforme, y anudado al brazo el crespón de duelo. Detiénense ante los mausoleos de sus compañeros; órnanlos con guirnaldas de flores; y en sentidos discursos ensalzan las virtudes de aquellos que en el cumplimiento del deber murieron.

Grupos de hermosas jóvenes en busca de sus amigas, muertas, recorren las líneas de epitafios, leyendo entre suspiros, sollozos y dolorosas exclamaciones; ¡Delia! ¡Elisa! ¡Emilia! ¡Rosa! ¡María! ¡Leonor! ¡Clorinda! nombres armoniosos, radiantes de poesía y de vida, que, sin embargo ¡ay! no son ya sino una memoria, un eco lejano de las beldades que los llevaron:

«Ángeles que un mundo infortunado
por la inmortal morada abandonaron
y su inocente labio separaron
del cáliz de la vida acibarado».

CHARLA FEMENIL

Espiritual, picante, y con toda la sal del Ática es la de las lindas amigas que sentadas en corro al lado mío, platican sobre las cosas más halagüeñas de la vida, en tanto que yo escribo lúgubres frases. Sus frescas risas, sus graciosos dichos, mezclados al sombrío cuadro que traza mi pluma, parécenme esos blancos lirios que la primavera abre entre las grietas de los mármoles

sepulcrales. Pero así como estos perfuman el cementerio, aquellos derraman su alegría donde, hace tanto tiempo, habita el dolor.

Mas, he aquí la reina de la elegancia, la bella ** que llega con un vestido de gro negro, cuya larga cola está adornada de pequeños volantes orlados de raso granate que se pierden en las bandas de la misma tela y color, colocadas a cortos espacios veladas con tul en el delantal. El peto del mismo raso, cubierto de tul negro, lleva en su parte superior un rizado de tul blanco que rodea el cuello.

La que con tanta gracia lleva este elegante vestido, está peinada de castaña y pequeños rizos sobre la frente, ocultos a medias con una echarpa *chantillí*, cuyas largas puntas flotan a la espalda.

La sombrilla, complemento de ese gracioso atavío es de las mismas estofas y colores que el vestido; y su mango de ébano tiene incrustados ocho carbunclos.

A la aparición de este tipo de elegancia, las parlanchinas enmudecen un momento para examinarla con curiosas miradas, y luego prorrumpen en exclamaciones y preguntas sin fin.

– ¡Qué bien se viste usted!

– ¡Con qué gracia!

– ¡Con qué *chic*!

– ¿Por qué las modistas varían siempre para usted la moda?

– Será porque yo corrijo a las modistas y no las permito vestirme a su gusto sino al mío.

CENAS DE LIMA

"Suas memórias, sorridentes, frescas,
vêm de ontem, e uma aurora as encerra."

JUANA MANUELA GORRITI

RISOS E GORJEIOS

Aqui estão elas! Como as andorinhas em uma manhã de primavera, chegam rindo, cantando e espalhando por todas as partes, em sua passagem, luz e alegria; por todas as partes... até em meu coração! Até seus próprios nomes são harmoniosos e ternos como um carinho: Emma! Julia! Rosa! Eleodora! Cristina! Florinda! A alma rejuvenesce ao contato com essas jovens flores que começam a desabrochar às promessas da vida; e tem prazer em seguir o voo vagaroso de suas ilusões, como aqueles bandos de pássaros brancos que cruzam o céu nas tardes de verão.

– Que peça mais linda é essa que você acaba de cantar, querida! Não conheço. A qual partitura pertence?

– É um romance da ópera *O Guarani*, última peça do meu estudo. Com certeza é uma música deliciosa, cheia de ternura e um caráter original. No entanto, a música não é realmente linda para mim, só quando reflete a lembrança.

– Não é verdade?... Mas, ah! Suas memórias, sorridentes, frescas, vêm de ontem, e uma aurora as encerra.

Julia suspirou profundamente; e, deixando o romance *O Guarani,* cantou, com os olhos cheios de lágrimas, *Caro nome che il mio cor*, aquela joia da Rigoletto.

Entre as companheiras de Julia, uma voz murmurou um nome: *Maximiano*. Lembrei-me então, que não faz muito tempo, uma mão traiçoeira matou aquele belo jovem tão amado pela sociedade. Pobre Julia! Na risonha miragem de suas memórias, já se erguia uma cruz!

– *Ao vento as dores!* – Florinda exclamou, passando seu lenço sobre os olhos úmidos da cantora. Ah! Se cada uma falasse das suas, o quartel de Santa Ana, no cemitério, poderia dizer se tenho direito de estar entre os vivos.

– Você também – Emma gritou –. Isso pode se tornar um *de profundis*! Ah! Silêncio! E chega de escuridão!... Quem ouviu ontem à noite o encantador violino de Dona Filomeno?

– Eu.

– E eu.

– Eu também.

Todas.

– Que melodia celestial! Esse instrumento tem alma, e sente, fala, ri, chora!

– *E um sonho em Lima!* Que horizontes imensos de azul e escarlate, povoados com quimeras douradas, descrevem as notas melodiosas dessa brilhante fantasia! Ao escutá-la, achava que ouvia o ruído dos rios, o canto dos pássaros, o sussurrar da brisa entre a folhagem das florestas.

– Você se inclina para o idílio. Para mim, parecia um castelo feudal erguido com ameias e torres. Eu era sua castelhana e escutava, debruçada sob arcos góticos, o apaixonante canto de um trovador.

– Aristocrata até em sonhos! Oh, alma minha, essa raça está ameaçada por uma doença mortal: o vício. Eu, neta de um herói da Independência, filha de um republicano, sonho com um jovem e eloquente tribuno, que, invocando o símbolo sagrado da ventura humana: a Liberdade, a Fraternidade, a Igualdade, contagia o povo com o calor de sua palavra; com o fogo de seu olhar; e que, ao descer do palanque para onde o entusiasmo da multidão o levou, cai aos meus pés e me chama de sua esposa.

Aquelas lindas sonhadoras que riam, cantavam e falavam de suas alentadas ilusões, enquanto a guerra civil abria um espantoso abismo a seus pés, pareciam-me uma legião de anjos semeando flores no abismo.

UM BANDO DE BORBOLETAS

Invadiram, de repente, meu quarto, arrancando a pena de minha mão, e obrigando-me a virar para vê-las.

Eram belas. Com seus vestidos brancos esvoaçantes enfeitados com laços, alguns azuis, outros róseos, leves, sorridentes e brincalhonas, elas realmente se assemelhavam àquelas flores aladas do campo.

– Papéis são para a gráfica, minha querida, vamos ao teatro – exclamou uma delas.

– Esta noite é a peça da senhora Felices, e encenam *Os amantes de Teruel*.

– Marcilla é meu ideal. Assim, amanhã todos os homens me parecerão vulgares.

– Até Otávio?

– Ah! Ele se parece com Marcilla: é belo, polido e espiritual!

– Quem é essa maravilha?

– Meu namorado, senhora; e se vier conosco ao teatro, terá a honra de ser apresentada a ele.

– Eu concordo, com a condição de que você me mostre seu retrato.

– O retrato de um homem bonito é sempre um prazer de se ver.

CRÔNICA DAS CALÇADAS

– Não há nada de novo sob o sol, segundo o *Eclesiastes* –, exclamou um jovem amigo meu, ao apertar a mão que escreve estas linhas.

– Verdade; mas o que é esse exórdio?

– Para provar-lhe que não é invenção minha o que a senhora vai ouvir sobre seu amigo Z.L.

– Não existe tal amizade; mas o que é?

– Ele andava não muito à minha frente, distraído e falando com um interlocutor invisível. Não estranhei, pois conheço sua mania de fazer monólogos; mas quando me aproximei mais, ouvi que falava, com os olhos fixos na calçada:

– Não é a mais pura verdade que aquela ingrata pregou mil peças em você, e que, por fim, já não o ama mais?

– Sim.

– Então, por que titubeia? Não! Não há espaço para mais hesitações covardes! Esqueça-a, esqueça-a, miserável! Arranque-a do coração! Relegue-a ao desprezo! – Sim... Mas... Aqueles magníficos olhos pretos!... Aquela boca que sabe dizer palavras tão sedutoras quando quer, e aquele pescoço! E aquele pé! E aquela mão!... E... tudo naquele ser repugnante e... encantador!

E pálido, com o olhar errante, seguia em direção à Ponte; e eu, por conta do profundo desespero revelado em sua fala, pensei no rio, que soava com fúria crescente não muito longe, com um ruído assustador. "Zenen! Zenen" – gritou um jovem, passando diante de mim, e dando um tapinha no ombro do infeliz que me precedia. "O que você tem, menino?".

Dir-se-ia que estava sonhando.

– Sonhando! – respondeu L., mudando subitamente a expressão tétrica de seu semblante para um sorriso fátuo. – Pelo contrário, muito real e seriamente, estou discutindo comigo mesmo a maneira de me libertar do amor incontestável que Elvira teima em me consagrar.

– Não me venha com essas coisas!

– Eu juro a você!

– Acredito!... Ser o Hernani dessa beleza soberba!... Mas seja generoso até o fim... deixe-me limpo o campo!

– Sair de casa!

– Sem dúvida! De que outra forma você mostrará sua indiferença?

– Ah! É que ela jurou suicidar-se no dia em que isso acontecer.

– Já terá tentado?

– Ah! Mil vezes!

– Então, nada foi dito; e convém deixá-lo sob o peso de sua felicidade. Adeus!

E o jovem afastou-se em direção à praça.

– Fingir! Ah, como é duro quando o coração está partido! – exclamou Zenen, suspirando.

E desviando-se de meu caminho, foi pelo lado dos Desamparados.

– Ah! ah! ah! – riu uma senhora mais velha, que vinha me acompanhando silenciosamente ao lado para ouvir aquela conversa. – Ah! ah! ah! aaah! Estes são os sedutores? Na consciência todos se reconhecem, como este, seduzidos, acorrentados. Nunca passei ao lado de dois homens conversando

sem ouvi-los dizer: "Ela! Com ela! Por ela! Sem ela!". Nunca, entre mulheres, que não vão dizendo com fervor apaixonado: "Minhas madeixas! Minhas sedas! O último vestido que a modista me mandou". Sem mencionar a maldita coisa de seus supostos sedutores. Sedutores! Sedutoras! Eu digo!

E olhando-me com uma ironia picaresca, riu na minha cara e se foi.

– Caro amigo – disse ao cronista transeunte –, acredito que a senhora tem razão…

– Espere – ele exclamou, interrompendo-me –, que ainda não acabou a minha aventura.

Como a corroborar as palavras daquela sibila, uma hora depois, passando casualmente pela casa da cruel Elvira, eis que a vejo surgir, bela, alegre, elegante. Pai, mãe, irmãs, toda a família saía para dar uma volta. As moças formaram duplas, prenderam as caudas compridas de seus vestidos e começaram a descer a rua, virando-se de vez em quando para se olharem e verem umas botas importadas da última moda, a coisa mais linda que se poderia imaginar; mas que custariam uma fortuna.

– Papai – disse uma delas – nós que vamos dirigir, certo?

– Já se vê que sim.

– E sabe onde vamos parar?

– Minha imaginação não chega a tanto.

– Não? Pois bem, vamos ao armazém Soldevila. Chegaram *coisas novas*.

– Eu preciso de um laço para meu vestido rosa.

– Eu, uma sombrinha branca, de seda e renda.

– Eu, um casaco de *cashmere* para sair do teatro.

– Eu, um lenço de cambraia bordado com fitas de guipure.

– E eu os sapatinhos de cetim branco, que cobicei nas vitrines do *Gallo*.

– Estas meninas são capazes de empobrecer Goyeneche!

– Essa ninharia o assusta – observou a matrona. – O que pedem as pobres coitadas? Trapos que até as filhas dos sacristãos usam.

– Papai, acho que você anda reclamando do que vai comprar. Fique quieto e lembre-se que hoje é dia de São *Gastão*.

– E também você nos deu sua palavra: a palavra de um rei... ou de um coronel, que é a mesma coisa.

– Ah! Se o fiscal de caixa ouvisse essas coisas, teria que fechar a porta da Tesouraria.

– Elvira, veja, é o Zenen, que vai entrar no Gavard.

– Quem pensa nesse idiota? Vejam essas lindíssimas castanheiras!

As graciosas cabeças de vento entraram na desejada loja, e eu venho dar a você essa pequena amostra de ingratidão feminina.

– Graças a Deus, faz muito tempo que eu digo, como Madame Geofroid, «*quand j'étais femme*[1]».

LUZ E SOMBRA

Presságio agradável e propício é começar com um epitalâmio, seja um livro ou um simples conselho. Quão doce luz é derramada pelas risonhas miragens de uma união formada pelo amor e em cuja aura brilham a juventude, o gênio e a beleza.

Um casamento! Ou seja: a primavera no paraíso, com a ciência do bem.

Um casamento! Frase mágica, sempre acolhida com um sorriso misterioso.

Um casamento! Ou seja: a passagem do nimbo azulado onde a alma dormia solitária, à região dourada, esplendorosa, de uma existência nobre.

Um casamento! Ou seja: os mundos de tule, de rendas de gaze sedosas; rios de brilhantes; flores lindíssimas; perfumes requintados; madrepérola e marfim em todas as formas; tesouros de cetim, seda, veludo, rendas, ouro e pérolas espalhadas pela saia, caudas, pufes, xales, guarda-chuvas, sapatinhos, botas, pantufas; e ao fundo de uma suntuosa toalete, em uma coluna do alabastro, aquele vestido delicioso, sonho das jovens, feito de tule *chantilly* em *moirée* branco, ornado de longos babados *valencienne*, com uma túnica do mesmo tule, e os mesmos enfeites reunidos em um buquê de flores de laranjeira.

Do alto da coluna, longa como a cauda que se estende em cascata de rendas, esse alegórico traje da noiva, um véu de malina, enfeitado com uma larga fita de primorosos bordados, derrama-se sobre o delicioso vestido como uma névoa vaporosa.

Coroando toda essa maravilha, uma guirlanda das mesmas flores que enfeitam a túnica, abre suas pétalas brancas entre folhas de esmeralda, deixando cair dois longos ornamentos na barra da saia.

[1] Em francês: "Quando eu era mulher". (n.t.)

A bela Maria Rosa realçava esse traje elegante, menos com suas joias valiosas do que com a modéstia e graça inata a seu porte.

E ele, Eugênio! Uma aura de felicidade circulava seu rosto e dava um novo realce à sua beleza varonil.

Assim falava um charmoso jovem ao se referir à festa nupcial que acabava de presenciar.

Absorvidas, e com a mente em doces sonhos, minhas belas amigas o escutavam, quando ele acrescentou: em breve, Pablo R., seu criado, e Emilia T., sua amada, serão os protagonistas de uma cena semelhante.

Pablo era funcionário de um Ministério; Emilia, filha de um indefinido.

No dia seguinte, eu o vi chegar desesperado.

– Emilia não me ama mais – exclamou. – Você acredita? A ingrata me pede para devolver seus juramentos; que a deixe livre para dar o coração e a mão a outro!… Ah! Para tal coisa há, no mundo, venenos e revólveres!

E me olhando de forma sombria, disse-me adeus e se foi. Alarmada pelo estado em que vi o infeliz Pablo, fui repreender Emília e jogar na cara sua conduta com aquele a quem tanto amou.

– Antes de me condenar – respondeu ela – ouça o sonho que tive esta noite, e julgue se não devo ver nele uma revelação dos céus.

Sonhei que, vestida de branco e envolta no véu de noiva, estendia a mão a Pablo para chegar ao altar, e olhava contente para meu futuro esposo, que nunca esteve tão belo.

De repente, vi surgir atrás dele um espectro horrível, descarnado, lívido, que, olhando-me de forma sombria, levantou a mão em sinal de ameaça.

Tremi por Pablo; e abraçando-o, interpelei ao fantasma:

– Quem é você? – disse – e por que nos ameaça?

– Sou a miséria – respondeu com voz cavernosa, e os aguardo no ocaso dessa doce lua de mel que vocês vão começar.

O fantasma ficou em silêncio; e levantando o trapo que lhe cobria o peito, mostrou-me duas crianças magras, pálidas e famintas agarradas avidamente em seu peito.

– Estes serão seus filhos – acrescentou – porque você despreza o exemplo das aves do céu, que fazem o ninho antes de trazer a família.

Acordei muito feliz de que aquilo fosse um sonho, mas determinada a escutar nele a voz de Deus.

E terminei com Pablo, porque, de fato, aquela visão era horrível.

* * *

– Senhoras – dizia na outra noite um viajante em uma *soirée*[2] –, o diabo é um idiota de capuz. Então, não conta como um poderoso meio de tentação o espetáculo do mundo? Ah! Eu o vi, não do alto da montanha, que ele mostrou ao Homem-Deus, mas o senti com a minha mão, viajei de norte a sul, do pôr do sol ao amanhecer; contemplei-o sob todos os seus prismas; e volto desanimado, e com uma única aspiração: tornar-me um eremita.

Ontem, contemplando a multidão que enchia as ruas, após uma procissão, lembrava-me das sombrias palavras daquele pessimista; porque não há nada mais triste que o aspecto dessa personificação do mundo: a multidão. Onde se revela, com uma expressão mais eloquente, aquela adolescência perpétua que começou às portas do Paraíso, e que só acabará no fim dos tempos? Aqui está uma mãe, caminhando rodeada por seis crianças, agarradas a ela como náufragos a uma tábua de salvamento. É a viúva de um herói, morto em defesa da pátria; da pátria que deixa a família na miséria! Lá, uma jovem, vestindo o burel da penitência, com os pés descalços, e na mão uma vela de expiação. Caminha sozinha, de olhos baixos e atitude contrita.

– Quem é? – perguntam ao seu redor, e alguém responde –: é a irmã de um condenado; e espera resgatar, com esse voto de humilhação, a vida e o crime de Caim.

Quanto respeito inspirava aquela linda jovem, que assim se oferecia em holocausto pela redenção do irmão!

OÁSIS

Como são belos os que cercam Lima, formando ao seu redor um colar de esmeraldas! Destacam-se em semicírculo como ramalhetes verdes nas areias vermelhas da costa.

Bellavista, que fica entre a movimentada ferrovia e o tranquilo cemitério; *La Magdalena*, escondido como um ninho na folhagem dos pomares; *Matalechuza*, o dos jardins exóticos; *Miraflores*, com suas alamedas de pinhais e palmeiras orientais; *El Barranco*, um pedaço do Éden, suspenso bem acima das rochas do oceano; *Borja*, *Piedraliza*, *Bocanegra* e outros.

[2] Em francês: "noitada". (n.t.)

Assim enumeravam em uma noite aqueles lugares floridos, um refúgio para se consolar nos dias quentes de verão.

– Mãe, eu tenho uma ideia. Posso dizê-la? – falou a mais linda das filhas da casa.

– Vamos ver! Uma ideia de Manuelita é sempre original.

– Melhor ainda! Aqui está: amanhã é meu aniversário, e...

Um jovem. – Amanhã! Eu pensei que era sexta-feira.

– Esse dia me batizaram… Ah! quão importuna é uma interrupção! Amanhã é meu aniversário; e você, como de costume, vai me dar duzentos soles, sem contar o banquete e a *soirée*, não é mesmo?

– Sim, e acho que este ano você não vai se queixar de mim.

– Bem, minha mãe, quero poupá-la dessas despesas, e com os meus duzentos soles organizar um passeio a cavalo para percorrer esses lugares risonhos e comprar todas as flores e frutas que encontrarmos pelo caminho.

– Mas, minha filha, nas atuais circunstâncias, esse passeio é terrivelmente arriscado. E os montoneros[3]?

– Os montoneros são soldados, não ladrões.

– Mas há os ladrões que podem virar montoneros e levar, não somente os soles, como também as condutoras.

– Estes senhores nos acompanharão e, caso necessário, saberão nos defender.

Três jovenzinhos, por sua vez. – Ah! Sim! Se eles são montoneros, nós somos guardas nacionais.

– Que diferença, meus filhos! Os montoneros não temem nem devem; e vocês, se não temem, devem isso ao amor de suas mães e à esperança de suas famílias...

Mas, apesar dessas reflexões, a alegre cavalgada partiu seguida por um criado condutor e duas mulas carregadas de cestos para levar os frios, e trazer a saborosa e perfumada compra…

. . . . . .

– E minha parte do rico butim dos oásis? Onde estão as frutas e flores prometidas?

[3] Grupo de guerrilheiros formados por camponeses, indígenas e negros que lutou pela independência do Peru no início do século XIX. (n.t.)

Assim cheguei, perguntando às turistas na véspera.

– Estão aqui – disse a aniversariante, presenteando-me com um magnífico ramalhete de flores e frutas –, mas a compra monstruosa, para minha grande alegria, não aconteceu.

– Como foi isso? Você não quis gastar tanto?

– Melhor que isso. Tínhamos colhido em *Matalechuza*, cujo dono nos recebeu com honras feudais, e tendo percorrido os pomares de *La Magdalena* pelo seu lado exterior, sem poder entrar no recinto devido à ausência dos donos, fomos a *Surco* fazer as provisões.

Ao cruzarmos os trilhos da ferrovia, na estação de *El Barranco*, vimos, sentadas no chão sob uma oliveira, duas pessoas que dolorosamente nos chamaram a atenção. Eram uma idosa e uma jovem pálida e abatida que, com a cabeça reclinada no ombro da primeira, dormia com a respiração exausta e oprimida. Perto delas havia algumas bagagens: um colchonete pobre embrulhado em um saco e uma bolsa de viagem puída e quase vazia. Sem dizermos nada, eu e minhas irmãs saltamos dos cavalos e nos encontramos ao redor delas.

A idosa nos contou, então, que os médicos da Sociedade das Damas de Caridade haviam mandado a neta, doente do peito, para respirar ar do campo; e que ela a trouxera na esperança de encontrar um quarto por um preço compatível com sua miserável situação, mas quando ela chegou lá, achou o aluguel do quarto mais pobre tão caro que sentiu a necessidade de voltar a Lima e se resignar a ver sua neta morrer.

– Ah! Não vai ser assim! – exclamamos ao mesmo tempo, minhas irmãs e eu.

– Não é a verdade, Manuelita? – disseram elas, pensando nos duzentos soles que eu tinha na carteira.

– Certamente! E chorando, ao mesmo tempo de dor e de alegria por remediar aquele infortúnio, peguei minhas dez notas de vinte soles e as coloquei nas mãos da senhora, que me olhou muda de surpresa e ternura. Mais tarde, com a ajuda das minhas companheiras, aluguei um bonito quarto com janelas para o campo e tudo mobiliado, compramos vários mantimentos, transferimos a doente, e limitando o nosso passeio a esse ponto, voltamos muito felizes, não sem visitar os belos jardins de Miraflores.

– Venha para meus braços, nobre criatura! – exclamei, chorando de ternura. – A santa obra com que você celebrou ontem o dia do seu nascimento terá sido glorificada pelos anjos em cânticos celestiais.

MEMENTO

É muito para a humanidade, eternamente ansiosa em busca do prazer para esconder sua doença hereditária, é muito dedicar à dor um dos trezentos e sessenta e cinco dias que encerra o ano. Portanto, é necessário levá-lo em consideração.

Desde a véspera do dia dedicado pela Igreja à celebração de finados, longas caravanas de peregrinos, partindo pela porta de Maravillas, dirigem-se a essa metrópole branca que jaz sob as frondes imóveis dos ciprestes. Eles chegam; cercam-na e esperam com impaciência palpitante. Assim que o grande portão se abre, entram no recinto fúnebre e o invadem em toda a sua extensão, levando os rumores ardentes da vida ao silêncio gelado da morte.

Ouve-se por todos os lados algo como o ruído de portas se abrindo. Dir-se-ia que era o despertar matinal de uma cidade. O que é isso?

São os vivos que abrem as portas dos sepulcros; alguns para regá-los com lágrimas; outros para trocar a triste erva do esquecimento por flores frescas.

Lá vão os bombeiros, jovens bonitos, vestindo graciosamente seu uniforme brilhante e o crepe de luto amarrado em seus braços. Param diante dos mausoléus de seus companheiros; enfeitam-nos com guirlandas de flores; e em discursos sinceros exaltam as virtudes daqueles que morreram no cumprimento do dever.

Grupos de belas jovens em busca de suas amigas mortas percorrem as linhas dos epitáfios, lendo entre suspiros, soluços e exclamações dolorosas; Delia! Elisa! Emilia! Rosa! Maria! Leonor! Clorinda! Nomes harmoniosos, radiantes de poesia e de vida, mas que, ai!, agora são apenas uma lembrança, um eco longínquo das beldades que os levaram:

> "Anjos que um mundo infortunado
> pela imortal morada abandonaram
> e seu inocente lábio separaram
> do cálice da vida amargado".

CONVERSA FEMININA

Espiritual, picante, e com todo o sal da Ática é o das belas amigas que, sentadas em roda ao meu lado, falam das coisas mais lisonjeiras da vida, enquanto eu escrevo frases lúgubres. Suas risadas frescas, seus provérbios

graciosos, misturados ao quadro sombrio que minha pena escreve, parecem-me aqueles lírios brancos que a primavera abre entre as rachaduras dos mármores sepulcrais. Mas assim como estes perfumam o cemitério, aquelas derramam sua alegria onde, por tanto tempo, habita a dor.

Mas, eis aqui a rainha da elegância, a bela ** que chega com um vestido de seda preto, cuja longa cauda é enfeitada com pequenos babados orlados em cetim castanho que se perdem nas faixas do mesmo tecido e cor, colocadas em espaços curtos, velados com tule na bata. O mesmo colete de cetim, coberto de tule preto, traz, na parte superior, um tule branco encaracolado que circula o pescoço.

A que tão graciosamente usa este elegante vestido, tem os cabelos castanhos e cachinhos na testa, meio escondidos em uma echarpe *chantilly*, cujas longas pontas flutuam nas costas.

A sombrinha, complemento desse gracioso traje, é confeccionada nos mesmos tecidos e cores do vestido; e seu cabo de ébano tem oito rubis incrustados.

À aparição desse tipo de elegância, as tagarelas se calam por um momento para examiná-la com olhares curiosos, e logo irrompem em intermináveis exclamações e perguntas.

– Como você se veste bem!

– Com que graciosidade!

– Que *chic*!

– Por que as modistas sempre variam a moda para você?

– Será porque eu corrijo as modistas e não permito que me vistam ao seu gosto, mas ao meu.

O RATO MORTO

L. S. SIMCKES

O TEXTO: Publicado em 1972, no primeiro número da legendária revista literária nova-iorquina *Fiction*, o conto "O rato morto" ("Dead Mouse"), de L. S. Simckes, sintetiza a relação entre literatura e psicoterapia que caracteriza a obra do autor, igualmente definida pelo absurdo. Escrito em uma linguagem literalmente curta e simples, a narrativa envolve três pequenos irmãos, Damon, Aida e Monty, deixados a sós em uma noite em casa, que descobrem a presença de um rato morto, enquanto dialogam entre si, em meio a receios internos e condutas pueris, mas que já refletem o comportamento humano.

Texto traduzido: Simckes, L.S. "Dead Mouse". *Fiction*, vol. 1, n. 1, New York, 1972.

Agradecimentos: ao escritor L. S. Simckes, pela concessão de publicação.

O AUTOR: Lazarre Seymour Simckes (1937-), escritor, educador e psicoterapeuta estadunidense, nasceu em Saratoga Springs, Nova Iorque. Sua obra, caracterizada pelo absurdo, funde literatura e psicoterapia, escrita e cura, inclusive na utilização de escrita criativa em suas terapias. Suas primeiras publicações datam da década de 1960, com o conto "Behold My Servant!", publicado em *Stanford Short Stories*, em 1962, seguido dos romances *Seven Days in Mourning*, de 1963, e *The Comatose Kids*, de 1975. Sua primeira peça, *Seven Days of Mourning*, foi encenada na Broadway, e em 2022, suas peças foram compiladas no volume *My Collected Plays*. É também tradutor do hebraico, tendo traduzido vários autores israelenses para o inglês.

O TRADUTOR: Tiago Hermano Breunig é bacharel e licenciado em Letras, mestre e doutor em Literatura pela UFSC. É professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Para a (n.t.) traduziu Paul Valéry e Stéphane Mallarmé.

DEAD MOUSE

"Onto the linoleum wobbled a bloated, frail mouse, poisoned."

L. S. SIMCKES

1

Saying it was dark out, she laughed and pulled down *all* the shades. Saying but God's always with you, she left.

2

Aida (age 6.3) from her bed, asked, Where does she go?

From his bed on another room, Monty (8.2) answered, Who, Mrs. DeKellen?

Mother! screamed Aida. Mother, mother!

She's Mrs DeKellen, said Monty, Mrs. DeKellen, Mrs. DeKellen! Got up and, barefoot, started kicking a wall.

Laughing his heart out, Damon (4.9) wiggled a foot from under his covers and pushed it high into the air.

What are you doing that for, stupid? said Monty, angry.

So it can breathe, hiccuped Damon.

You like God? asked Monty.

His excess laughter turning into spit, Damon said, Yes.

I don't, said Monty, he's invisible. And kept kicking that wall.

Still crying, Aida screamed, Who's kicking?

I am, said Monty. Shut up or I'll kick your ass.

Why are you kicking? cried Aida.

To scare away the mice, answered Monty. He meant it.

Aida wouldn't stop crying, Damon stop laughing, Monty stop kicking. Then everything went dead.

3

Monty was now in the bathroom, Damon in Monty's bed, asleep, and Aida at the window, watching the sun for an hour. When it set, she simply stayed there for another hour, watching the gruesome spread of darkness.

What are you doing? asked Monty from the bathroom doorway.

Damon awoke. Aida said, I'm resting.

Resting? said Monty, coming down the hall with his bottom pajamas off. Stupid, rest in bed, not standing at the window. You think that'll bring Mrs. DeKellen home any sooner?

What were *you* doing in the bathroom? answered Aida.

I had a dream, said Damon, appearing, no pajamas on at all.

Shut up, said Monty, *I* was dreaming, not *you*.

Aida said, Don't yell at him, maybe he was dreaming too.

No, said Damon, Monty's right. I wasn't dreaming, Monty was, because I was in Monty's bed.

Damon started laughing again.

You sick? said Monty.

Yup, said Damon. I got a fever, feel. And he stuck out his rear.

Monty kicked him with his knee. Damon fell on his head, Aida screamed.

O.K., said Monty, now *you're* going to get it. He picked up a chair and threw it against her. There's no God in this house, he yelled. Understand?

My breasts, my breasts, wept Aida. You hurt them, they won't grow now, they won't.

So what, said Monty, what do you want bumps for, stupid?

Now they hurt, they hurt, cried Aida.

Come on, said Monty, let's go look for something to eat. Let her die.

Waving Aida good-by, Damon said, Put on some Vicks, and followed Monty, hanging his nose in Monty's bare bottom, dog-fashion. I don't mind, said Monty, go ahead, sniff, get a good whiff, that's what it's for, dope, that's it, sniff!

This time of year, said Damon, I like to goose everybody.

4

Eating a cucumber and handing his brother a carrot, Monty yelled to Aida's room, When life's happening, it's horrible! Understand? Lie down, on your belly, maybe they'll grow. What are you doing?

The answer came a moment later, I'm resting.

Where? asked Monty.

In a chair. The one you threw.

That's no good, screamed Monty. Get in your bed or I'll shove all your dresses inside your mouth. I don't care a nickel for you or your tits. You're nothing, you don't even have a name, I'm sorry I ever touched you.

My name's Aida DeKellen.

That's what you think. You're nobody. Go answer the window, idiot, it's knocking.

Damon put his carrot halfway up his nose and asked, What's wrong with Aida? Why's she resting? She sick?

What are you two doing? asked Aida.

We're still eating, said Damon. Want some of my carrot?

Know where you're heading? yelled Monty to Aida. A grave.

Aida wept, Why?

Nobody can fool God, said Damon.

Shut up, dope, said Monty. God can fool himself.

Coughing, laughing, Damon said, Monty's right, he can fool himself.

Why? pleaded Aida. Why am I going there?

Because you never eat, dummox, said Monty. What did you eat for supper? What did you eat for lunch? What did you eat for breakfast? Nothing, stupid.

After a few seconds, Monty yelled, You there, in the broken chair, I want you out of this house.

I'm not in a chair, answer Aida, crying.

Where are you?

I'm not telling.

Go find out, Monty instructed his brother, and step on her feet.

Leave me alone, screamed Aida. I'm like mother.

You are not, shouted Damon. Mother never cries. Never.

I mean I'm *like* mother, I'm *like* her, a girl, you have to treat me *like* a mother.

Go kick her, said Monty.

Damon left to do his job.

Mother! screamed Aida.

Mrs. DeKellen's not here, shouted Monty. Did you kick her?

Yup, said Damon, back again. I kicked her.

Where?

I don't remember. Someplace here, said Damon, pointing.

In the ankle?

Ya, in the ankle.

Good. Where was she?

I don't remember.

In the closet, stupid?

Nope.

Under the bed?

Nope.

On her dresser?

Ya, there, looking in the mirror. Sitting on the dresser. The dresser.

5

Monty ate another unpeeled cucumber.

The way I know, said Monty, she's not good for anything, like Mrs. DeKellen.

Damon started laughing.

You're just like her, said Monty.

Like Aida? said Damon.

No, said Monty. Like Mrs. DeKellen. You laugh just like her. Why?

Mrs. DeKellen? howled Damon, and laughed so hard his carrot fell out of his nose.

Monty began eating a raw potato and Damon started on a raw beet.

What do you think happened to Mr. DeKellen? asked Monty.

He's gone, said Damon. He's not here.

I know that, stupid. Where is he, stupid?

Mother didn't say.

Don't say mother, yelled Monty. Say Mrs. DeKellen.

Ya, said Damon, pulling his mouth open like a rubber band. Mrs DeKellen didn't say.

Didn't she ever tell you anything else?

Nope, that's all, he's gone and may never come back.

What do you think? asked Monty. Is he dead?

Not at all.

How do you know?

Mrs. DeKellen never said it.

Then Mrs. DeKellen is not a widow.

Nope. What's a widow?

And we're not orphans.

Nope. What's that? asked Damon.

That's right, said Monty and threw his bitten potato against a wall. We couldn't be. Hey, he shouted toward Aida's room, what are you doing now? And he kicked the table and slapped the sink.

Then a shriek inside the bathroom.

What's the matter? asked Monty, kicking the locked bathroom door. Damon sat on the kitchen threshold sucking his beet. Monty's right, he said, what's the matter? You're always sick!

Her eyes covered by a towel, Aida emerged. Don't say I'm not good for anything, she said. Look. Look. I do nice things sometimes. Look!

Where, stupid, anywhere?

Inside, under the tub, look.

Monty looked, Damon looked. There was nothing there, except a bar of orange soap.

O.K., said Monty. Why did you call us in here? You want us to wipe your ass? We're busy.

Isn't it there?

What?

Monty's right, said Damon.

The mouse.

Monty ripped away Aida's towel. All right, he said, where's this mouse?

Aida examined under the tub. Nothing.

Monty kicked her.

It was, she pleaded. Right there.

There it is, said Damon. Under the radiator. There, it's coming out.

Onto the linoleum wobbled a bloated, frail mouse, poisoned.

What a silly animal, said Damon.

It's dying, wept Aida. And ran to get some food.

Monty picked it up by its ear.

You dying?

Damon laughed.

Lettuce in one hand, a radish in the other, Aida was back.

Don't hold a mouse that way, she screamed.

It's not a mouse, said Monty.

Monty's right, said Damon. That's no mouse.

It is so, said Aida.

You're crazy, said Monty. That's Mr. DeKellen.

Appalled, Aida pushed the lettuce inside her mouth.

Same ears, same nose. Remember? said Monty. Stupid, do you remember him? Mr. DeKellen?

Monty's right, said Damon. He scratched the mouse's face. Same eyes.

Aida wept, Daddy's dead.

No, said Monty, just dying. Aren't you? Mr. DeKellen?

Damon laughed.

This mouse is just a front, said Monty.

Monty's right, said Damon.

Aida wept.

Stupid, said Monty. Don't you know anything? He's been hiding here all year. I knew long ago. God told me. Like him for that?

You can't fool Monty, said Damon.

Aida was shivering. Her mouth started bleeding.

Yup, said Monty. Mr. DeKellen was HIDING. And somebody poisoned him by mistake. You, probably. Idiot! Damon, get the garbage bag.

No, screamed Aida, wobbling. You'll have to kill me first.

That's easy, said Monty.

Monty's right, said Damon.

Monty swirled the dead mouse around his finger.

Aida fainted.

Easy as pie, said Monty. See? Now both of them are dead. Open the window.

6

Laughter at the front door. A key turning.

Mrs. DeKellen's back, said Monty, dropped the mouse on Aida's face, and kicked Damon. Before the door opened, Monty and Damon were in bed.

I'm back, screamed Mrs. DeKellen. Children, children. Mother's here. Mother's back. And she laughed.

The wind from the opened window lifted Aida's hair and her hair covered the mouse.

O RATO MORTO

"No piso cambaleava um rato inchado e fraco, envenenado."

L. S. SIMCKES

1

Dizendo que estava escuro lá fora, ela gargalhou e baixou todas as cortinas. Dizendo mas Deus está sempre com vocês, ela saiu.

2

Aida (6.3 de idade), de sua cama, perguntou: – Aonde ela vai?

De sua cama, em outro quarto, Monty (8.2 de idade) respondeu: – Quem, Sra. DeKellen?

– Mãe! gritou Aida. – Mãe, mãe!

– Ela é a Sra. DeKellen – disse Monty. – Sra. DeKellen, Sra. DeKellen! – Levantou-se e, descalço, começou a chutar uma parede.

Rindo a plenos pulmões, Damon (4.9 de idade) sacudiu um pé embaixo de suas cobertas e o levantou alto no ar.

– Por que você está fazendo isso, idiota? – disse Monty, com raiva.

– Assim ele pode respirar – soluçou Damon.

– Você gosta de Deus? – perguntou Monty.

Com sua risada excessiva virando cuspe, Damon disse: – Sim.

– Eu não – disse Monty. – Ele é invisível –. E continuou chutando a parede.

Ainda chorando, Aida gritou: – Quem está chutando?

– Eu – disse Monty. Cale a boca ou vou chutar você.

– Por que você está chutando? – choramingou Aida.

– Para assustar os ratos – respondeu Monty. Ele falava sério.

Aida não parava de chorar, Damon parava de chorar, Monty parava de chutar. E então tudo emudeceu.

3

Monty estava agora no banheiro, Damon na cama de Monty, dormindo, e Aida na janela, olhando o sol por uma hora. Quando ele se pôs, ela simplesmente continuou lá por mais uma hora, olhando a escuridão se espalhar tenebrosamente.

– O que você está fazendo? – perguntou Monty da porta do banheiro.

Damon acordou. Aida disse: – Estou descansando.

– Descansando? – disse Monty, vindo pelo corredor sem a parte de baixo do pijama. – Idiota, descanse na cama, não em pé na janela. Você acha que isso trará Sra. DeKellen para casa mais cedo?

– O que você estava fazendo no banheiro? – respondeu Aida.

– Eu tive um sonho – disse Damon, aparecendo completamente sem pijama.

– Cale a boca – disse Monty – eu estava sonhando, não você.

Aida disse: – Não grite com ele, talvez ele estivesse sonhando também.

– Não – disse Damon –, Monty está certo. Eu não estava sonhando, Monty estava, porque eu estava na cama de Monty.

Damon começou a gargalhar novamente.

– Você está doente? – disse Monty.

– Sim – disse Damon. – Estou com febre, sinta –. E pôs para fora seu traseiro.

Monty o chutou com o joelho. Damon caiu de cabeça, Aida gritou.

– O.K. – disse Monty – agora vocês vão entender –. Ele pegou uma cadeira e a atirou contra ela. – Não há Deus nesta casa – ele gritou. – Entenderam?

– Meus seios, meus seios – chorou Aida. – Você os machucou, agora eles não vão crescer, não vão.

– E daí – disse Monty – você quer calombos para quê, idiota?

– Agora eles doem, eles doem – chorou Aida.

– Vamos – disse Monty –, vamos procurar algo para comer. Deixe-a morrer.

Acenando para Aida, Damon disse: – Passa um pouco de Vick – e seguiu Monty, metendo o nariz no rabo dele, como um cachorro. – Eu não me importo! – disse Monty. – Vamos, cheire, dê uma boa cheirada, é para isso mesmo, tolo, isso, cheira!

– Nesta época do ano – disse Damon – eu gosto de cutucar todo mundo.

4

Comendo um pepino e entregando uma cenoura ao irmão, Monty gritou para o quarto de Aida: – Quando a vida está acontecendo, é horrível! Entende? Deite-se, de barriga para baixo, talvez eles cresçam. O que você está fazendo?

A resposta veio um tempo depois: – Estou descansando.

– Onde – perguntou Monty.

– Em uma cadeira. A que você atirou.

– Isso não é bom – gritou Monty. – Vá para a cama ou eu vou enfiar todos os seus vestidos em sua boca. Eu não dou a mínima para você ou para os seus seios. Você não é nada, você nem mesmo tem um nome, desculpe por ter tocado em você.

– Meu nome é Aida DeKellen.

– Isso é o que você pensa. Você não é ninguém. Vá abrir a janela, idiota, estão batendo –. Damon meteu metade de sua cenoura no nariz e perguntou: – O que há de errado com Aida? Por que ela está descansando? Ela está doente?

– O que vocês dois estão fazendo? – perguntou Aida.

– Ainda estamos comendo – disse Damon. – Quer um pouco da minha cenoura?

– Sabe para onde você está indo? – gritou Monty para Aida. – Um túmulo.

Aida choramingou: – Por quê?

– Ninguém pode enganar a Deus – disse Damon.

– Cale a boca, imbecil – disse Monty. – Deus pode enganar a si mesmo.

Tossindo, rindo, Damon disse: – Monty está certo, ele pode enganar a si mesmo.

– Por quê? – implorou Aida. – Por que estou indo para lá?

– Porque você nunca come, boba – disse Monty. – O que você comeu no jantar? O que você comeu no almoço? O que você comeu no café da manhã? Nada, idiota.

Depois de alguns segundos, Monty berrou: – Você aí, na cadeira quebrada, quero você fora desta casa.

– Eu não estou em uma cadeira – respondeu Aida, chorando.

– Onde você está?

– Não vou dizer.

– Descubra – Monty instruiu o irmão – e pise nos pés dela.

– Deixe-me em paz – gritou Aida. – Eu sou como a mãe.

– Não é, não – gritou Damon. – A mãe nunca chora. Nunca.

– Quero dizer que sou como a mãe, sou como ela, uma garota, você tem que me tratar como uma mãe.

– Vá chutá-la – disse Monty.

Damon foi fazer seu trabalho.

– Mãe! – gritou Aida.

– A Sra. DeKellen não está aqui – gritou Monty. – Você a chutou?

– Sim – disse Damon, de volta. – Eu a chutei.

– Onde?

– Eu não lembro. Em algum lugar aqui – disse Damon, apontando.

– Na canela?

– Sim, na canela.

– Ótimo. Onde ela estava?

– Eu não lembro.

– No armário, idiota?

– Não.

– Embaixo da cama?

– Não.

– Na penteadeira?

– Sim, lá, olhando para o espelho. Sentada na penteadeira. A penteadeira.

5

Monty comeu outro pepino com casca.

– Pelo que sei, ela não serve para nada, como a Sra. DeKellen.

Damon começou a rir.

– Você é como ela – disse Monty.

– Como Aida? – disse Damon.

– Não – disse Monty. – Como a Sra. DeKellen. Você ri como ela. Por quê?

– Sra. DeKellen? – uivou Damon, e riu tanto que a cenoura caiu de seu nariz.

Monty começou a comer uma batata crua e Damon uma beterraba crua.

– O que você acha que aconteceu com o Sr. DeKellen? – perguntou Monty.

– Ele se foi – disse Damon. – Ele não está aqui.

– Disso eu sei, idiota. Onde ele está, idiota?

A mãe não disse.

– Não diga mãe – berrou Monty. – Diga Sra. DeKellen.

– Sim – disse Damon, abrindo sua boca como uma borracha. – A Sra. DeKellen não disse.

– Ela não disse mais nada para você?

– Não, nada mais, ele se foi e pode nunca mais voltar.

– O que você acha? – perguntou Monty. – Ele morreu?

– Não mesmo.

– Como você sabe?

– A Sra. DeKellen nunca disse isso.

– Então a Sra. DeKellen não é uma viúva.

– Não. O que é uma viúva?

– E nós não somos órfãos.

– Não. O que é isso? – perguntou Damon.

– Certo – disse Monty, atirando a batata mordida contra uma parede. – Não poderíamos ser. Ei – gritou para o quarto de Aida –, o que você está fazendo agora? – E chutou a mesa e deu um tapa na pia.

Então, um grito de dentro do banheiro.

– Qual é o problema? – perguntou Monty, chutando a porta do banheiro trancada.

Damon sentou na soleira da cozinha chupando sua beterraba. – Monty está certo – ele disse – qual é o problema? Você está sempre doente!

Com os olhos cobertos por uma toalha, Aida emergiu. – Não diga que eu não sirvo para nada – ela disse. – Olhe. Olhe. Eu faço coisas boas às vezes. Olhe!

– Onde, idiota, em qualquer lugar?

– Aqui dentro, embaixo da banheira, olhe.

Monty olhou, Damon olhou. Não havia nada, exceto uma barra de sabonete laranja.

– O.K. – disse Monty. – Por que você nos chamou aqui? Quer que limpemos sua bunda? Estamos ocupados.

– Não está ali?

– O quê?

– Monty está certo – disse Damon.

– O rato.

Monty arrancou a toalha de Aida. – Certo – ele disse –, onde está esse rato?

Aida examinou embaixo da banheira. Nada.

Monty a chutou.

– Estava – ela implorou – bem ali.

– Está ali – disse Damon. – Embaixo do aquecedor. Ali, está saindo.

No piso cambaleava um rato inchado e fraco, envenenado.

– Que animal bobo, disse Damon.

– Ele está morrendo – choramingou Aida. E correu para pegar comida.

Monty o pegou pela orelha.

– Você está morrendo?

Damon riu.

Alface em uma mão, um rabanete na outra, Aida voltou.

– Não segure o rato assim – ela gritou.

– Não é um rato – disse Monty.

– Monty está certo – disse Damon. – Não é um rato.

– É, sim – disse Aida.

– Você está louca – disse Monty. – É o Sr. DeKellen.

Chocada, Aida enfiou a alface em sua boca.

– Mesmas orelhas, mesmo nariz. Lembra? – disse Monty. – Imbecil, você lembra dele? O Sr. DeKellen?

– Monty está certo – disse Damon. Ele arranhou o rosto do rato. Mesmos olhos.

Aida choramingou: – Papai está morto.

– Não – disse Monty –, apenas morrendo. Não é, Sr. DeKellen?

Damon riu.

– Esse rato é apenas uma fachada – disse Monty.

– Monty está certo – disse Damon.

Aida chorou.

– Idiota – disse Monty. – Você não sabe de nada? Ele esteve escondido aqui o ano inteiro. Eu sabia faz tempo. Deus me contou. Gosta dele por isso?

– Você não pode enganar Monty – disse Damon.

Aida estava tremendo. Sua boca começou a sangrar.

– Sim – disse Monty. – O Sr. DeKellen estava se ESCONDENDO. E alguém o envenenou por engano. Você, provavelmente. Idiota! Damon, pegue o saco de lixo.

– Não – gritou Aida, cambaleando. – Você vai ter que me matar primeiro.

– Isso é fácil – disse Monty.

– Monty está certo – disse Damon.

Monty enrolou o rato morto em volta de seu dedo.

Aida desmaiou.

– Moleza – disse Monty. – Viu? Agora os dois estão mortos. Abra a janela.

6

Risos na porta da frente. Uma chave virando.

– A Sra. DeKellen voltou – disse Monty, soltou o rato no rosto de Aida e chutou Damon. Antes que a porta se abrisse, Monty e Damon estavam na cama.

– Voltei – gritou a Sra. DeKellen. – Crianças, crianças. A mãe está aqui. A mãe voltou –. E ela riu.

O vento da janela aberta levantou o cabelo de Aida e seu cabelo cobriu o rato.

UNE PARISIENNE AU BRÉSIL

ADÈLE TOUSSAINT-SAMSON

O TEXTO: Tradução do prefácio e parte do primeiro capítulo de *Uma parisiense no Brasil* (*Une parisienne au Brésil*), de Adèle Toussaint-Samson, obra publicada em 1883. No prefácio, a autora deixa entrever algumas características de seu estilo, ao narrar com toques de humor e ironia a saga em busca de um editor para o livro. E no capítulo intitulado "A vida a bordo", fala da emoção da despedida e descreve o ambiente das instalações do veleiro, não se furtando em narrar detalhes do cotidiano da viagem, como o agitado percurso até a capital do Brasil de então, o Rio de Janeiro. Seu olhar crítico nada deixa escapar e revela, em linguagem perspicaz e sensível, o talento de uma viajante europeia e instruída para a literatura de viagens, gênero pouco explorado por mulheres no século XIX.

Texto traduzido: Toussaint-Samson, Adèle. « Avant-propos. » et « La Vie de Bord ». In. *Une parisienne au Brésil*. Paris : P. Ollendorff, 1883, p. I-26.

A AUTORA: Adèle Toussaint-Samson (1826-1911), escritora e poeta francesa, nasceu em Paris. Iniciou sua atividade literária em 1843. Por volta de 1849 e 1850, partiu com o marido para o Brasil, onde viveu por doze anos. No Rio de Janeiro, dedicou-se ao ensino de línguas e colaborou com o *Jornal das Senhoras*. De volta a Paris, publicou *Épaves, sourires et larmes*, em 1870, e foi premiada pela Académie Française em 1880 por seu estudo de costumes *Les chemins de la vie*. Após a morte do marido, reuniu suas memórias no livro de relatos *Une parisienne au Brésil*, publicado em 1883 na França e traduzido em folhetim no Brasil no mesmo ano, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

A TRADUTORA: Vera Lúcia de Azevedo Siqueira é licenciada em Letras Português-Francês pela UFRJ e mestra em Educação pela UnB. Profissional de preparação de textos e revisão, dedica-se à tradução editorial desde 2018. Tem publicado resenhas em revistas eletrônicas nas áreas de patrimônio cultural, literatura e educação em museus. Para a (n.t.) traduziu Alphonse Daudet e Gérard de Nerval.

UNE PARISIENNE AU BRÉSIL

EXTRACT

"Puisque les journaux refusent mes Souvenirs du Brésil,
il me les faut offrir au public sous forme de livre."

ADÈLE TOUSSAINT-SAMSON

Avant-propos.

S'il vous a jamais été donné, lecteur, d'être une fois en votre vie à la poursuite d'un éditeur, votre sympathie m'est assurément acquise, et je puis commencer l'historique de ce livre.

Lorsque je revins du Brésil, il y a quelques années, rapportant sur ce pays et ses habitants des notes récoltées pendant mon long séjour à Rio de Janeiro, qui, à défaut d'autre mérite, avaient du moins celui de la plus scrupuleuse véracité, auxquelles étaient jointes les photographies des principales églises et places de la capitale du Brésil, ainsi que des types d'Indiens, de mulâtres et de nègres, pris sur le vif, je m'imaginai que tout cela pouvait offrir quelque intérêt à mes compatriotes et que je trouverais facilement à l'éditer. J'avais complètement oublié les us et coutumes de mon pays natal, comme vous allez bien le voir.

J'écrivis d'abord au rédacteur en chef d'un de nos principaux journaux illustrés, pour qui je n'étais pas la première venue, en lui offrant mes Etudes sur le Brésil. Sa réponse ne se fit pas attendre: « Il ne fallait pas prendre la peine de lui envoyer non manuscrit, me disait-il, parce qu'il possédait tant de documents sur l'Amérique du Sud, et avait déjà publié tant de choses sur le Brésil, que la matière lui semblait épuisée. »

J'avais heureusement toute la collection du journal jusqu'à ce jour. Je sautai avidement sur la Table, au mot : *Brésil*, qui me renvoya à *trois articles*

de vingt à trente lignes chacun, traitant du sujet en question. Le premier donnait la date de la découverte de l'Amérique, ainsi que le nom des premiers navigateurs qui prirent possession du Brésil. C'était déjà bien piquant, vous en conviendrez, et tout à fait nouveau, surtout !

Dans le second article, qui affichait la prétention d'être une étude de mœurs sur l'Amérique du Sud, l'auteur, qui avait puisé ses documents dans des récits de voyageurs enterrés depuis un demi-siècle, m'apprenait à moi, qui avais habité douze ans ce pays, une chose que j'ignorais totalement, c'est-à-dire que les habitants de Rio de Janeiro n'allaient faire leurs visites qu'en habit à la française, en culotte courte et le tricorne sous le bras. Ceux de l'intérieur, selon lui, ne sortaient, pour aller à l'église, que sur de grands chars à deux roues de bois, et la gravure qui accompagnait le texte représentait, en effet, le susdit char surmonté d'une espèce de dais, sous lequel des femmes, vêtues en Espagnoles, étaient assises, les jambes pendantes, tandis que des nègres, vêtus aussi dans le genre des guérillas, menaient l'attelage de bœufs ; toute cette scène se passait dans un paysage nu et aride, où l'on ne voyait que rochers et sable. Or, au Brésil, les rochers mêmes sont couverts de la plus luxuriante végétation, les murs des habitations et les toits sont chargés de plantes parasites. Tout cela était donc absolument fantaisiste. S'il y avait jamais eu quelque chose de vrai dans le costume des Brésiliens qu'on dépeignait, cela pouvait remonter à une soixantaine d'années pour le moins. Cependant, il paraît que ces renseignements pleins de fraîcheur suffisaient amplement à l'abonné parisien, qui s'en montrait absolument satisfait.

Voyant cela, je dus m'incliner et m'adresser à une autre feuille illustrée, dans laquelle j'avais déjà publié plusieurs choses. Ce fut bien une autre affaire !

– Ya-t-il des tigres, des serpents, des missionnaires mangés par les sauvages dans ce que vous m'apportez ? Telle fut la première question du directeur.

– Mon Dieu ! non, répondis-je humblement ; je viens vous proposer une étude sur les mœurs et coutumes d'un pays que j'ai habité douze ans ; je dis ce que j'ai vu et n'invente rien.

– Tant pis ! reprit-il, inutile alors de me laisser votre manuscrit. Nous avons publié dernièrement une nouvelle dont la scène se passait au Brésil, et qui a eu beaucoup de succès : onces, jaguars, serpents boas, et sauvages, rien n'y manquait : c'était très émouvant.

– Je n'en doute pas ; mais, sans doute, l'auteur avait voyagé dans l'intérieur et exploré tout le pays ?

– Pas le moins du monde, continua en riant le directeur du journal. L'auteur, c'était moi. Je m'étais aidé de quelques récits plus ou moins vrais sur l'Amérique, et j'y avais cousu ma fable. Ce qu'il faut, avant tout, c'est amuser le lecteur.

– Mais ne peut-on espérer de l'intéresser, du moins, avec une peinture vraie ?

– Non, il lui faut avant tout des émotions.

– Servez-lui donc des tigres ; quant à moi, je suis désolée de n'en avoir pas le plus petit à vous offrir. Et là-dessus, je partis, remportant, pour la seconde fois, mon manuscrit vierge de toute lecture.

« Puisque les journaux refusent mes Souvenirs du Brésil, pensais-je, il me les faut offrir au public sous forme de livre. »

Je pris donc mon courage un jour, et allai trouver un éditeur. Comme j'ouvrais la bouche pour lui expliquer un peu ce que je lui apportais.

– Avant tout, me dit-il, combien de pages cela fera-t-il?

– Deux cent cinquante, à peu près, je crois.

– Comment ! vous croyez ? Vous n'en êtes pas sûre... C'est bien peu, cela, madame, dit-il d'un ton doctoral; même avec les gravures, c'est bien, peu ; il nous faudrait une centaine de pages en plus.

– C'est que je craindrais d'ajouter peut-être quelques détails oiseux. J'ai choisi dans mes souvenirs ce que je croyais intéressant.

– N'importe! ne pouvez-vous broder?

– Je ne veux pas broder.

– Alors délayez la matière, délayez.

– Je désire encore moins délayer, ayant toujours pensé qu'un des principaux mérites du style était la concision.

– Il s'agit bien de cela, vraiment !... On voit que vous n'êtes plus dans le courant, madame. Voici de quelle façon travaillent tous nos auteurs à la mode, aujourd'hui. Ils savent qu'un volume se compose généralement de 300 pages pour le moins, de 24 lignes chacune. Que font-ils? Ils commencent par couper ce nombre de pages rayées de 24 lignes, dont chacune doit donner tant de mots ; puis, chaque jour, ils s'imposent la tâche d'en remplir qui, quinze, qui, vingt pages, selon leur plus ou moins de facilité dans le travail ; si leur sujet comporte plus, ils le rognent; s'il comporte moins, ils retirent, et c'est ainsi, madame, qu'ils peuvent arriver au jour et à l'heure, ne donnant à leurs éditeurs ni un mot de plus ni un de moins que ce qui a été stipulé.

– Vous m'ouvrez de nouveaux horizons, monsieur ; tout cela me paraît on ne peut mieux.

– N'est-il pas vrai? nous vivons dans un siècle pratique... Et votre titre?

– Mon Dieu ! monsieur, je ne sais encore; j'avais pris tout bonnement : *Souvenirs du Brésil par une Parisienne*.

– Impossible ! madame, impossible ! Qui est-ce qui lirait cela?... Le titre, c'est tout ! Que diriez vous de : *Un drame dans les forêts vierges ?*

– Mais, monsieur, je dirais que mon ouvrage ne renferme pas, par malheur, le plus petit drame dans les forêts vierges.

– Ce n'est pas une raison; le titre, madame, le titre, tout est là! Apportez-moi 300 pages et un bon titre, et alors nous nous arrangerons sans que j'aie besoin de lire votre manuscrit; pensez-y.

– J'y penserai certainement. Vous ne voulez que 300 pages et un titre; c'est bien cela, n'est-ce pas? Au revoir, monsieur.

Un second éditeur me montra une montagne de manuscrits accumulés dans une grande chambre:

– J'ai tout cela à lire avant de m'occuper de vous, me dit-il ; repassez dans un an.

Enfin, un troisième, auquel on m'avait recommandée chaudement, se *décida* à confier mon manuscrit à l'un de ses examinateurs, lequel déclara dans son rapport que mon ouvrage ne pouvait convenir au genre de publication de la maison, mais que le style en était *aimable*. J'étais femme, on ne pouvait m'accorder davantage ; c'était déjà beaucoup d'honneur qu'on me faisait.

Je repassai alors dans ma pensée tout ce qui m'avait été dit : l'un trouvait les Brésiliens de 1809 pleins d'actualité ; l'autre demandait des tigres et des anthropophages ; le troisième ne désirait qu'un titre et des pages ; le quatrième me remettait aux calendes grecques, et, enfin, le dernier, le seul qui m'eût lue, baptisait mon style d'*aimable*. C'était la première fois que cette épithète lui était accordée. Jusque-là, on lui avait reconnu, au contraire, des qualités et des défauts tout opposés. Que faire donc ? Renoncer à faire paraître mes Etudes sur le Brésil, puisque mes compatriotes ne voulaient absolument pas de la vérité vraie, et que je ne voulais pas, moi, me moquer d'eux.

– Serrons tout cela dans mon bureau, me dis-je, et n'en parlons plus.

Cependant, sur ces entrefaites, l'empereur du Brésil étant venu à Paris, je voulus prouver à quel point tout ce que j'avais écrit était vrai, puisque je ne craignais pas de le publier au moment même où Dom Pedro II se trouvait parmi nous. J'écrivis donc à Villemessant pour lui demander s'il voulait pu-

blier, dans le *Figaro*, un fragment de mes souvenirs qui avait trait à l'empereur et à toute sa famille. Il trouva que ce serait tout à fait d'actualité, et me donna l'hospitalité dans son journal, comme il l'avait fait, du reste, plusieurs fois, en me rétribuant très largement. Mais alors, voilà bien une autre histoire !

Toute la colonie brésilienne résidant à Paris s'émeut et déclare qu'elle ne trouve pas du tout mon style *aimable*, elle ! J'ai dit que la race brésilienne était abâtardie : c'est monstrueux ! Il paraît qu'au contraire elle peut lutter, comme force et comme grandeur, avec les peuples les plus robustes du Nord. J'ai prétendu que le Brésilien était indolent; rien n'est plus faux : on m'assure qu'il est plein d'énergie. J'ai annoncé qu'il était orgueilleux : un toile général s'élève contre cette affirmation, et tous les journaux de Rio de Janeiro me mettent à l'index. On en appelle à l'empereur, qui, étant le plus libéral de tous ses sujets, ne trouve pas qu'il y ait lieu à s'émouvoir, car, ajoute-t-il, les peuples, de même que les individus, ne se peuvent juger eux-mêmes.

En somme, j'ai dit le bien comme le mal sur un peuple qui m'est sympathique, et n'ai voulu surtout rien exagérer.

Quand on représente un Brésilien chez nous, on a l'habitude d'en faire un peau-rouge, de lui mettre des bijoux à tous les doigts, et de lui donner des allures de sauvage ou de singe.

J'ai voulu qu'il fût mieux connu ; je l'ai montré ce qu'il est : intelligent, hospitalier, très bon dans sa famille, et ayant progressé en vingt ans plus qu'aucun autre peuple en un demi-siècle. Qu'il me permette donc de lui dire ses défauts comme ses qualités, afin que l'impartialité apportée dans mon jugement donne à ce jugement toute sa valeur. Qu'il sache entendre la vérité, c'est le signe de la force morale.

Et maintenant, que dois-je penser de mon style ? Est-il vraiment aussi *aimable* que l'a dit ce monsieur, ou n'est-il pas absolument, comme le prétendent les Brésiliens? C'est au public à m'en dire son avis, et à juger, en dernier ressort, si j'ai eu raison de tirer ce livre du fond de mon bureau, où je l'avais relégué, et d'espérer que ces Esquisses sur les mœurs brésiliennes, absolument vraies, pourront avoir quelque intérêt pour mes compatriotes. Je le souhaite, et demande aussi aux Brésiliens de les bien accueillir; car, quoiqu'ils en puissent penser, elles ont été écrites par une plume impartiale mais amie.

Ad. Toussaint.

La Vie de Bord

Nous avions un oncle *en* Amérique, et non *d'*Amérique, ce qui change bien la thèse ; cependant ce brave oncle ayant fait une assez jolie fortune au Brésil, nous eûmes l'idée de tenter comme lui l'aventure. En dix ans, nous disait-on, nous devions être riches. Dix ans d'exil, c'était bien quelque chose, mais le pays était si beau, et nous reviendrions si jeunes encore!... Il y eu bien des hésitations de ma part, bien des pleurs versés ; puis, enfin, nous primes notre résolution, et, après avoir embrassé parents et amis, nous montâmes en wagon. Nous allions au Havre, où nous devions nous embarquer pour l'Amérique du Sud.

Lorsque, près d'arriver à la station du Havre, j'aperçus de loin tous ces hauts mâts, pressés les uns contre les autres, qui semblaient une forêt sur la mer, mon cœur se serra, et je compris par combien d'attaches je tenais à la patrie. Pourtant, le sort en était jeté : il fallait aller jusqu'au bout.

Le clipper, *la Normandie*, qui était en partance pour Rio-de-Janeiro, et sur lequel nos places étaient retenues, se balançait sur ses ancres comme un cheval qui piaffe avant de partir. C'était un fin navire, à l'immense voilure, qui devait fendre l'eau mieux que pas un. Mon mari me demanda si je désirais le visiter avant notre départ, qui était fixé au lendemain matin. J'y consentis et montai avec lui l'escalier-échelle que tous les navires posent à leurs flancs, quand ils sont en rade.

Sur la dunette, se tenaient les officiers du bord, qui vinrent nous saluer, et l'un d'eux s'offrit à nous faire visiter *la Normandie* dans tous ses détails.

En effet, il ne nous fit grâce de rien ; depuis la dunette, avec ses immenses cages à poules, pleines de volailles de toute espèce, jusqu'à l'avant du navire, où l'équipage dort au milieu de singes, de perroquets et d'oiseaux de toute espèce ; depuis l'office, avec ses longues files de tasses, de verres et d'assiettes, si bien aménagé, que le plus petit espace est utilisé; jusqu'au roufle, jusqu'à rentre-pont même, nous vîmes tout, et ce que je considérai le plus attentivement, ce fut la *chambre*, c'est-à-dire ce qui devait être désormais pour moi le salon, la salle à manger, le cabinet de travail.

Quant à notre cabine, lorsque je vis ces deux cadres superposés, dont un petit matelas de 60 centimètres de largeur, posé sur une planche entre deux autres planches, formait tout le coucher, je pensai qu'il devait être impossible d'y reposer jamais, et je ne me trompais guère. Une vache était installée aans un compartiment de l'avant, des moutons étaient déjà parqués dans la grande chaloupe de sauvetage placée sur le rouile; des gigots et des jambons pen-

daient aux cordages ; l'office et les armoires étaient bourrés de conserves de toute sorte. Les canots, amarrés aux deux côtés du navire, s'emplissaient de légumes et de fruits, que les paysans apportaient. Cela nous rassura toujours sur la question alimentaire.

Nous revînmes à l'hôtel en silence, si préoccupés de la grave résolution que nous avions prise, que nous n'osâmes pas échanger une parole à ce sujet, mon mari et moi. Ce qui me tourmentait le plus, c'était mon enfant ; car j'emmenais avec moi mon fils aîné, que je nourrissais encore, et je me demandais avec anxiété comment nourrice et nourrisson supporteraient un si long voyage. Je ne fermai pas l'œil de la nuit, et le lendemain, à huit heures du matin, nous nous rendions à bord de *la Normandie*.

Chaque voyageur arriva bientôt avec son bagage, qu'il fallait descendre à l'entrepont à l'aide d'un treuil. On faisait de l'eau, on embarquait du charbon, on recevait les provisions; c'était un bruit, une confusion, un tohu-bohu impossible. Beaucoup d'amis ou de parents accompagnaient les voyageurs jusqu'à la dernière heure, de sorte qu'on n'entendait que ces mots : « Vous m'écrirez aussitôt votre arrivée; – Donne moi ton adresse le plus vite possible ; – Ne m'oublie pas ! – Bon voyage ! – Revenez-nous riches ; – Que Dieu vous garde!...» Et pendant la demi-heure qui précéda le départ, ce ne furent qu'embrassements, pleurs, sanglots, mêlés aux cris des matelots, aux commandements des officiers, au grincement du treuil et au bruit sourd de la vague frappant les flancs du navire.

Cependant le sifflet du contre-maître avait retenti : c'était le signal du départ. Il fallut se séparer.

Les canots s'approchent, les amis se quittent, l'ancre est levée, la voile s'enfle. Adieu parents, amis, patrie !... les mouchoirs s'agitent quelque temps encore, puis la jetée disparaît dans la brume, et les côtes de France s'effacent à leur tour... Alors plus rien, rien que le ciel et l'eau à l'horizon.

Presque tous les passagers étaient restés sur le pont, les yeux humides, le cœur oppressé, perdus dans leurs pensées pour la plupart, tant que leur œil avait pu distinguer dans le brouillard une forme vague de la patrie. Mais tout à coup le temps se couvrit, le vent s'éleva, un *grain* s'annonçait, le roulis commença. Les visages pâlirent. Mon voisin de droite se pencha sur le bord du navire, pris de légers haut-le-corps ; ma voisine de gauche venait de descendre dans la chambre, se soutenant à peine ; un passager, roulé dans son manteau, était étendu sur la dunette comme une masse inerte ; un autre arpentait le pont avec rapidité ; un petit jeune homme affectait de fumer et de rire avec les officiers ; mais, hélas ! bientôt notre héros chancela, jeta son

cigare, demanda un verre de madère, qu'il avala tout d'un trait en essayant de faire bonne contenance jusqu'à la fin. Peine inutile! le madère alla rejoindre le cigare. C'est alors que le mousse commença à monter et à descendre sans arrêter : c'était significatif.

Il faut avoir le cœur solide pour résister à tout cela; aussi ne luttais-je qu'en respirant à pleins poumons cet air vif de la mer qui me fouettait le visage. Mais le vent devenant par trop violent, force me fut bien de quitter le pont et de descendre dans la chambre, où un spectacle des plus pittoresques frappa mes regards. Des hommes étaient étendus sur les canapés du fond, les uns à moitié assoupis, d'autres se tenant la tête dans les deux mains, tandis que les plus courageux arpentaient la chambre à grands pas, poussés par le roulis tantôt à droite, tantôt à gauche. De chaque cabine sortaient, au milieu des hoquets et des plaintes, ces mots incessants : « Mousse ! mousse ! » et le pauvre enfant, ainsi appelé de tous côtés, se livrait à un va-et-vient de cuvettes qui, nous devons le dire, manquait totalement de poésie.

Au milieu de tout cela, l'heure du dîner avait sonné. Le capitaine prit place au haut bout de la table, le second au milieu, et le lieutenant au bas bout. Presque jamais de femmes à table, le premier jour de l'embarquement, quand il y a gros temps ; les unes sont très malades dans leurs cabines, et les plus vaillantes se font servir un bouillon ou une aile de poulet sur la dunette ; mais aucune ne saurait braver encore impunément les émanations méphitiques de la chambre. Je puis vous le dire, moi, qui ai fait cinq fois ce voyage.

Le dîner terminé et la nuit venue, il fallut bien se résigner à entrer enfin dans sa cabine, quoiqu'on en eût.

Dans le petit carré qui vous est assigné, et qui contient deux cadres, une commode-toilette et des porte-manteaux, quand vous êtes deux, vous ne pouvez plus ouvrir ni fermer la porte; il faut donc s'arranger pour se lever et faire sa toilette l'un après l'autre. Sous le cadre du bas, vous devez avoir le soin de garder une petite caisse contenant le linge de corps nécessaire à votre traversée. Deux filets sont placés à la tète et au pied de chaque lit, et c'est là que vous entassez successivement votre sac de voyage, des fruits, votre lorgnette, les quelques livres qui seront vos compagnons de route, votre buvard, votre tapisserie (si vous êtes femme), votre boîte de cigares, au cas contraire. Cette installation faite, il vous faut, pour arriver à vous coucher dans le cadre supérieur, être passé maître en gymnastique, le tabouret sur lequel vous devez monter pour y arriver étant poussé par le roulis tantôt à gauche, tantôt à droite. Pourtant, après bien des essais, vous saisissez le bon moment, vous vous élancez, et vous voilà enfin couché entre deux planches

qui vous brisent les côtes et se renvoient constamment votre pauvre corps comme une balle au jeu de paume.

En face de moi était un hublot par lequel je distinguais de hautes vagues entourant le navire de toute part, et un coin de ciel où couraient de sombres nuages. Je me sentais si petite devant cette vaste mer, si isolée au milieu de ce ciel et de cette eau, si *inconfortablement* installée, comme diraient nos voisins d'outre-Manche, que j'aurais voulu à tout prix échapper à la réalité par le sommeil. Aussi l'appelais-je à mon aide de toutes mes forces, et je commençais à en ressentir l'engourdissement précurseur, lorsque de nouveaux hoquets se firent entendre bientôt dans la cabine voisine de la nôtre, accompagnés des cris : « Maître d'hôtel ! un verre d'eau sucrée ! – Mousse ! la cuvette ! » qui se renouvelaient à chaque coup de roulis.

Un peu de calme finit cependant par succéder à tout ce fracas. Dix heures venaient de sonner. Tout était éteint. Le maître d'hôtel achevait d'installer son lit sur un des canapés de la chambre. Enfin, nous allons donc pouvoir dormir! pensai-je. Fol espoir!... Un enfant poussa tout à coup des cris perçants, et un autre, placé vis-à-vis de nous, y répondit par d'autres cris non moins perçants. Le mien se mit de la partie. « Qu'est-ce que tu as, mon chéri? – J'ai du *bobo*. – Bois un peu d'eau. – Non, je ne veux pas rester dans un lit qui remue; moi, je veux dormir dans mon petit lit qui ne remue pas. – Pauvre mignon ! mets tes petits bras autour de mon cou. – Maman, j'ai mal au cœur. »... Plus loin, c'était un poitrinaire qui se plaignait et toussait ; puis le maître d'hôtel, qui, fatigué de sa journée, ronflait à poings fermés, et toujours, comme accompagnement obligé de ce vacarme, le bruit sourd de la vague frappant les flancs du navire, les craquements du clipper, qui semblait prêt à s'entr'ouvrir, le roulis qui nous secouait incessamment, la vaisselle qui dansait dans l'office et le vent, qui soufflait bruyamment dans la voile. Enfin, de temps à autre, le bruit de la manœuvre et le chant monotone et strident des matelots, prenant des ris.

Tout cela, je vous le jure, peut donner, au malheureux passant une première nuit à bord, un avant-goût de l'enfer.

Heureusement, vers les trois heures du matin, succombant à la fatigue, nous perdîmes enfin conscience de tout ; un lourde sommeil allait réparer nos forces. Ah ! bien oui ! quatre heures sonnent ; aussitôt commence au-dessus de notre tête le plus horrible des charivaris. On gratte, on brosse, on piétine, des coups sourds nous éveillent en sursaut. Ne pouvant rien comprendre à tout ce bruit, nous nous hâtons de monter sur le pont, à moitié vêtus ; mais, à peine nous y sommes-nous hasardés, que nous recevons entre

les jambes un énorme seau d'eau, qui nous donne aussitôt la clé de ce vacarme. Tous les matelots, jambes et pieds nus, sont en train de laver et de briqueter le pont et la dunette, et je puis vous affirmer qu'ils n'y vont pas de main morte, et que les seaux d'eau ne sont pas épargnés.

Espérant reprendre notre sommeil interrompu, nous regagnons cependant ce qui s'appelle notre lit. Mais, en bas, le même tintamarre ne tarde pas à se faire entendre, Le maître d'hôtel, aidé par le mousse, lave et astique avec soin la chambre. Quand il a tout mis en état, rétabli les planches à roulis autour de la table, fait reluire les cuivres, et que tout brille à souhait, ce roi de la chambre agite gravement une sonnette, signal du premier repas. Il est sept heures.

A cet appel, les cabines s'entr'ouvrent une a une pour laisser passer des têtes plus ou moins ridicules dans leurs coiffures de nuit, dont quelques-unes même sont ornées du classique bonnet de coton. Les hommes se groupent autour de là table, prennent du café, du thé, les plus communs de la liqueur. Il est rare que, même pendant les plus beaux jours, les femmes apparaissent à ce premier déjeuner ; le maître-d'hôtel les sert dans leurs cabines. Chacun, après, s'occupe de son installation et de sa toilette ; et, lorsqu'à dix heures, le *vrai* déjeuner sonne, les portes se rouvrent de nouveau pour laisser passer, cette fois, des têtes soigneusement peignées et des mentons rasés de frais.

Voilà le moment où l'on va se trouver tous réunis pour la première fois, et savoir avec qui on voyage, car, la veille, on s'est à peine entrevu. Chacun se regarde en dessous et s'étudie avec soin.

Soyez sûrs, d'abord, que la dame placée à la droite du capitaine est celle que celui-ci considère comme la plus marquante de ses passagères, soit au point de vue de la beauté, soit à celui de l'argent ou de la position sociale. La dame placée à sa gauche devra naturellement succéder à l'autre, comme ayant droit aux attentions et aux petits soins. Après cela, les autres passagères se placent comme elles l'entendent. Cependant, généralement, les plus distinguées occupent le centre de la table, et les autres le bas bout.

Maintenant, je crois devoir vous donner un conseil, Mesdames : si jamais vous voyagez seules, soyez, à bord, le plus réservées possible, car il n'y a pas de petite ville de province, de loge de concierge même, où il se fasse autant de commérages que ici. Si vous avez pour compagnons de route des Anglais, ne les saluez pas, surtout, et n'ayez même pas l'air de les voir pendant les huit premiers jours. L'Anglais veut savoir qui il salue, et se donne la peine d'étudier un peu son monde avant de risquer la moindre politesse. (Trouvez vous qu'il ait bien tort?) Mais, dès qu'il vous a jugée digne de sa société, l'Anglais

devient alors le plus aimable compagnon de route, prévenant sans galanterie, poli sans flatterie, et toujours gentleman dans ses relations avec les femmes.

Il n'en est pas, malheureusement, toujours ainsi de nos compatriotes en voyage, qui se montrent pour la plupart assez peu convenables : tantôt d'une galanterie frisant la fatuité avec les jeunes et jolies femmes, tantôt d'une impolitesse frisant la grossièreté avec les femmes laides ou âgées ; ils ne savent qu'afficher une femme ou la tourner en ridicule. Méfiez-vous surtout, Mesdames, méfiez-vous des officiers du bord. Rien n'égale la fatuité de ces messieurs ; il leur faut, à chaque traversée, inscrire une conquête de plus sur leur liste. Comme les égards, le bien-être, les mille détails de la vie matérielle dépendent d'eux, en quelque sorte, il n'est point d'agaceries et de coquetteries que les passagères ne se permettent en leur faveur.

Lorsque, dans une de ces longues traversées, il y a à bord une ou deux femmes... comment dirons-nous?... légères?... oui... eh bien c'est une joûte entre elles pour savoir à qui l'emportera, qui captivera le capitaine, le second, le lieutenant. En effet, être dans les bonnes grâces du capitaine, c'est avoir la meilleure place, le meilleur morceau, c'est faire mettre la tente sur la dunette les jours de calme et de soleil, y avoir un bon fauteuil, être autorisée à garder de la lumière dans sa cabine, c'est obtenir la permission de faire monter à tous propos ses malles de l'entrepont, pour en exhiber chaque jour une toilette nouvelle ; c'est, *enfin* et *surtout*, primer toutes les autres femmes. Jugez que d'efforts!... que d'œillades assassines pour en arriver là !...

Il y a généralement à bord trois ou quatre sortes de voyageuses, que j'ai rencontrées dans tous mes voyages. La première est celle que j'appellerai la *poseuse*. Celle-là, à cause de son rang ou de sa fortune, se *croit* tellement au-dessus de ses compagnons de route, qu'elle ne daigne apparaître à table que bien rarement. D'ordinaire, elle se fait servir chez elle, occupe seule la cabine-salon, ne daigne échanger quelques paroles qu'avec le capitaine, a l'air de ne pas même voir les autres personnes, passe deux ou trois heures à sa toilette, et ne fait son apparition que vers les deux heures, toujours accompagnée d'une femme de chambre, portant son manteau ou son flacon.

La seconde appartient à la classe appelée *cocotte*. Celle-là change de robes deux ou trois fois par jour, rit et parle très haut, est généralement du dernier bien avec le second et le lieutenant, prend des airs d'ingénue un jour, et, le lendemain, dit des choses qui feraient rougir un dragon; passe sa journée étendue sur la dunette, les cheveux au vent, sans perdre une occasion de montrer son pied et sa jambe, fait la charge des autres femmes, chante des airs d'opéra quand la nuit vient, danse et valse les jeudis et dimanches, reste

sur le pont jusqu'à une heure du matin avec les officiers et les passagers de son choix, et défraie la traversée par une foule d'épisodes plus ou moins piquants.

La troisième est la voyageuse *sérieuse* ou artiste, échangeant des paroles avec tous sans se lier avec personne, montant sur le pont, quand tout le monde en descend, pour jouir d'un beau lever du soleil ou d'un splendide clair de lune, arrangeant sa journée pour se garder quelques heures d'étude ou d'isolement, faisant sa correspondance, lisant, brodant, vêtue simplement, mais chaussée et gantée avec soin, ne se mêlant d'aucuns cancans, ne recherchant ni ne fuyant la société de ses compagnons de route, et ne désirant *enlever* aucun cœur, passant calme au milieu de toutes ces petitesses et de toutes ces vanités, s'attirant le respect de chacun, et souvent plus entourée à la fin du voyage que celles qui ont désiré l'être. C'est dans cette classe, Mesdames, que nous vous conseillons de vous ranger, si jamais il vous arrivait de voyager seules, ce que nous ne vous souhaitons pas.

Dès le second jour de route, chacun a déjà ses sympathies et ses antipathies. On échange quelques saluts, voire même quelques phrases. Le surlendemain, les conversations s'entament.

Il y a le passager *communicatif*, qui ne demande qu'à *s'épancher*, et qui vient vous raconter toutes ses histoires de famille ; il ne vous fait grâce ni d'une tante ni d'un cousin, et interrompt de temps à autre sa narration pour aller chercher les photographies de son père, de sa mère, de ses soeurs, frères et cousines. Il faut absolument que vous connaissiez jusqu'à la nourrice de son neveu.

Ensuite, vient le passager *mélancolique*, un beau garçon qui pose pour un amour malheureux, tout en envoyant des regards langoureux aux dames qu'il attendrit, et qui voudraient toutes déjà le consoler. Il exhibe aussi à certains jours le portrait de son ingrate, qu'il conserve nuit et jour sur son cœur. Celui-là a toutes les chances pour être adoré, car l'obstacle est un attrait puissant, et chaque fille d'Eve rêve en secret de guérir ce pauvre amoureux de sa funeste passion.

Après cela, nous avons le passager *boute-en-train*, ayant toujours un refrain aux lèvres, la moustache retroussée, le pantalon à la hussarde, payant presque tous les jours du Champagne aux officiers et faisant la cour à la *cocotte* et à la femme de chambre de la *poseuse*.

Enfin, le passager *maussade*, toujours mécontent de la nourriture, de la marche du navire, des manières des officiers, de la tenue des femmes, du temps, qu'il trouve tantôt trop chaud et tantôt trop froid. Il cause à voix

basse dans un coin comme un conspirateur, et cherche à recruter autour de lui tous les mécontents du navire. C'est généralement lui qu'on voit apparaître le matin, coiffé du bonnet de coton classique, souvenir de son ancien état, probablement.

Au bout de huit jours, on connaît les goûts et les habitudes de chacun. « Capitaine, passez donc l'aileron à Mlle X..., vous savez que c'est son morceau de prédilection. – Vous allez nous quitter, Madame, car voilà votre heure de lecture. – Avez-vous fini votre fleur de tapisserie votre tâche habituelle? – N'allez-vous pas faire votre partie d'échecs avec le capitaine, monsieur? » Voilà les paroles qui s'échangent. On se sait par cœur : M. G... fait la cour à Mlle S... Mme W... paraît folle du docteur. On a surpris un baiser donné... que sais-je ? Tels sont les propos débités sur la dunette, entre chaque repas. Que dire, en effet, que faire pour charmer ces interminables journées du bord, si l'on n'éreintait pas un peu son prochain?... Il y a bien, de temps à autre, quelques petits événements qui viennent rompre la monotonie du tous les jours : c'est une dorade qu'on vient de pêcher, un requin qu'on harponne, une voile à l'horizon ; ce sont les îles du cap Vert qu'on aperçoit, puis les Açores, quelque navire qu'on bêle ; mais tout cela n'empêche que le temps se traîne bien lentement pour ceux surtout qui ne savent pas s'occuper en mer comme à terre.

UMA PARISIENSE NO BRASIL

EXCERTO

"Já que os jornais recusam minhas Lembranças do Brasil,
é preciso oferecê-las ao público sob a forma de livro."

ADÈLE TOUSSAINT-SAMSON

Prefácio

Se você, leitor, nunca teve na vida a chance de estar em busca de um editor, já ganhou minha simpatia e posso começar a história deste livro.

Quando voltei do Brasil, há alguns anos, trazendo sobre aquele país e seus habitantes apontamentos recolhidos durante minha longa estada no Rio de Janeiro que, a despeito de outro mérito, eram pelo menos da mais escrupulosa veracidade, e aos quais estavam anexadas as fotografias das principais igrejas e praças da capital do Brasil, bem como de indígenas, de mulatos e de negros, feitas com exatidão, imaginava que tudo isso poderia provocar algum interesse em meus compatriotas e que conseguiria facilmente editá-lo.

Eu havia esquecido completamente os usos e costumes de meu país natal, como perceberão.

De início, escrevi ao redator-chefe de um dos principais jornais ilustrados, para quem eu não era uma desconhecida, oferecendo-lhe meus estudos sobre o Brasil. Sua resposta não se fez esperar: "Não valia a pena enviar-lhe o manuscrito", disse ele, "porque tinha tantos documentos sobre a América do Sul e havia publicado tantas coisas sobre o Brasil que o assunto lhe parecia esgotado".

Felizmente, eu tinha toda a coleção do jornal até aquele dia. Corri avidamente até o índice, na palavra *Brasil*, que me levou a *três artigos* de vinte a

trinta linhas cada um, tratando do tema em questão. O primeiro mencionava a data da descoberta da América, bem como o nome dos primeiros navegadores que tomaram posse do Brasil. Já era bem estimulante, convenhamos, e sobretudo completamente novo!

No segundo artigo, que anunciava a pretensão de ser um estudo de costumes sobre a América do Sul, o autor, que extraíra seus documentos dos relatos de viajantes enterrados havia meio século, ensinava para mim, que habitara doze anos naquele país, uma coisa que eu ignorava totalmente, ou seja, que os habitantes do Rio de Janeiro só faziam visitas com trajes à francesa, de calção curto e tricórnio debaixo do braço. Segundo ele, os do interior saíam para ir à igreja apenas em grandes carretas com duas rodas de madeira, e a gravura que acompanhava o texto representava, de fato, a dita carreta encimada por uma espécie de dossel, sob o qual mulheres, vestidas de espanholas, estavam sentadas com as pernas penduradas, enquanto negros, vestidos ao modo dos guerrilheiros, conduziam a parelha de bois; toda essa cena se passava em uma paisagem agreste e árida, onde se viam apenas rochedos e areia. Ora, no Brasil, mesmo os rochedos são cobertos da mais luxuriante vegetação, os muros das casas e os telhados são carregados de plantas parasitas. Logo, tudo aquilo era absolutamente fantasioso. Se algum dia houve alguma coisa de verdadeiro nos costumes dos brasileiros descritos, isso remontaria a, pelo menos, sessenta anos. No entanto, parece que essas informações cheias de frescor eram suficientes ao assinante parisiense, que se mostrava bem satisfeito com elas.

Ao constatar isso, resignei-me e dirigi-me à outra gazeta ilustrada, na qual eu já havia publicado várias coisas. Foi totalmente diferente!

– Há tigres, serpentes, missionários comidos pelos selvagens nos relatos que a senhora me traz? – foi essa a primeira pergunta do diretor.

– Meu Deus, não! – respondi humildemente. – Venho lhe propor um estudo sobre os costumes e usos de um país no qual morei por doze anos; digo o que vi e não invento nada.

– Que pena! – ele respondeu. – Então é inútil me deixar seu manuscrito. Acabamos de publicar, com muito sucesso, uma novela cujo enredo se passava no Brasil: onças, jaguares, serpentes e selvagens, não faltava nada: foi muito emocionante.

– Não duvido; mas será que o autor viajou pelo interior e explorou todo o país?

– De jeito nenhum – respondeu, rindo, o diretor do jornal. – O autor era eu. Baseei-me em alguns relatos mais ou menos verdadeiros sobre a América e costurei meu enredo. O que é preciso, antes de tudo, é divertir o leitor.

– Mas não se pode, ao menos, esperar interessá-lo com uma descrição verdadeira?

– Não, antes de tudo ele precisa de emoção.

– Então, sirva-lhe tigres. Quanto a mim, sinto muito não ter o mínimo para lhe oferecer.

Dito isso, parti, levando pela segunda vez meu manuscrito virgem de qualquer leitura.

"Já que os jornais recusam minhas Lembranças do Brasil", pensei, "é preciso oferecê-las ao público sob a forma de livro".

Então, certo dia, tomei coragem e fui procurar um editor. Quando abri a boca para lhe explicar um pouco o que trazia...

– Antes de tudo – disse-me ele – quantas páginas teria o livro?

– Acho que cerca de duzentas e cinquenta.

– Como assim? Acha? Não tem certeza... Isso é bem pouco, senhora – disse ele em tom doutoral. – Mesmo com as gravuras, é muito pouco. Precisaríamos de umas cem páginas a mais.

– É que eu temia acrescentar talvez alguns detalhes inúteis. Escolhi em minhas lembranças o que achava interessante.

– Pouco importa. A senhora não pode fantasiar?

– Não quero fantasiar.

– Então, encha linguiça, encha.

– Muito menos encher linguiça; sempre pensei que um dos principais méritos do estilo fosse a concisão.

– Realmente é disso que se trata!... Dá para ver que a senhora não está atualizada. Eis como trabalham hoje em dia todos os autores da moda. Sabem que um volume se compõe, geralmente, de pelo menos trezentas páginas, com 24 linhas cada. O que é que eles fazem? Começam por cortar esse número de páginas pautadas de 24 linhas, das quais cada uma deve dar tantas palavras; depois, todo dia, se dão ao trabalho de preencher, este quinze, aquele vinte páginas, segundo a maior ou menor facilidade de trabalho. Se o assunto comporta mais, o reduzem; se comporta menos, o espicham. E é assim, senhora, que chegam sem falta ao fim, não dando a seus editores nem uma palavra a mais nem a menos do que foi combinado.

– O senhor me abre novos horizontes; melhor, impossível.

– Não é mesmo? Vivemos em um século prático. E o seu título?

– Meu Deus, senhor, ainda não sei; pensei simplesmente em *Lembranças do Brasil por uma parisiense*.

– Impossível, senhora, impossível. Quem leria isso?... O título é tudo! O que acha de *Um drama nas florestas virgens*?

– Mas, senhor, eu diria que minha obra, infelizmente, não inclui o menor drama nas florestas virgens.

– Isso não é justificativa. O título, senhora, o título, está tudo aí! Traga-me trezentas páginas e um bom título, e então vamos nos entender sem que eu tenha que ler seu manuscrito; pense nisso.

– Vou pensar, com certeza. O senhor quer apenas trezentas páginas e um título; é isso, não? Passe bem, senhor!

Um segundo editor me mostrou uma montanha de manuscritos acumulados em uma grande sala:

– Tenho tudo isso para ler, antes de lhe dar atenção – disse ele. – Volte daqui a um ano.

Por fim, um terceiro, ao qual me haviam recomendado com entusiasmo, *decidiu* confiar meu manuscrito a um de seus examinadores, que declarou no relatório que minha obra não era conveniente ao gênero de publicação da casa, mas que o estilo era *agradável*. Eu era mulher; não era possível me conceder mais; já era muita honra que me conferiam.

Repassei então, em minha cabeça, tudo o que me disseram: um achava os brasileiros de 1809 bem atuais; outro pedia tigres e antropófagos; o terceiro só queria um título e páginas; o quarto me mandou às calendas gregas e, finalmente, o último, o único que me havia lido, batizou meu estilo de *agradável*. Era a primeira vez que esse epíteto lhe era dado. Até então, pelo contrário, tinham lhe reconhecido qualidades e defeitos opostos. Então, o que fazer? Desistir de publicar meus estudos sobre o Brasil, já que meus compatriotas não queriam de jeito nenhum a verdade *verdadeira* e eu não queria fazer pouco caso deles?

"Fechemos tudo na escrivaninha, pensei, e não se fala mais nisso".

No entanto, naquele intervalo, o imperador do Brasil viera a Paris, e eu queria provar até que ponto tudo o que havia escrito era verdadeiro, já que não temia publicá-lo no momento em que D. Pedro II se encontrava entre

nós. Escrevi, portanto, a Villemessant[1] para lhe perguntar se queria publicar, no *Figaro*, um fragmento de minhas lembranças que se referia ao imperador e à sua família. Ele achou que seria bem atual, e acolheu-me em seu jornal, como havia feito, aliás, várias vezes, remunerando-me generosamente. Mas eis que surge outra história!

Toda a colônia brasileira residente em Paris agita-se e declara que não acha de jeito nenhum meu estilo *agradável*. Eu disse que a raça brasileira era abastardada: é monstruoso! Parece, ao contrário, que ela pode rivalizar, em força e em grandeza, com os povos mais robustos do Norte. Afirmei que o brasileiro era indolente; nada mais falso: garantem-me que é cheio de vigor. Anunciei que era orgulhoso: um brado geral eleva-se contra essa afirmação e todos os jornais do Rio de Janeiro põem-me no índex. Apela-se ao imperador que, sendo o mais liberal de todos os seus súditos, não acha que seja o caso de inquietar-se, pois, acrescenta, os povos, assim como os indivíduos, não podem julgar a si próprios.

Em suma, eu disse o bem e o mal de um povo que me é simpático e, sobretudo, não quis exagerar nada.

Quando um brasileiro é representado por aqui, tem-se o costume de mostrá-lo como um pele-vermelha, com joias em todos os dedos, e de lhe dar ares de selvagem ou de macaco. Eu quis que ele fosse mais bem conhecido; mostrei-o como é: inteligente, hospitaleiro, bondoso em família, e tendo progredido em vinte anos mais do que nenhum outro povo em meio século. Logo, que me permitam falar tanto de seus defeitos quanto de suas qualidades, a fim de que a imparcialidade de meu julgamento dê a esse juízo todo seu valor. Que ele saiba ouvir a verdade, eis o sinal da força moral.

E agora? O que devo pensar de meu estilo? É realmente tão *agradável* quanto disse aquele senhor, ou nem um pouco, como dizem os brasileiros? Cabe ao público dar-me sua opinião e julgar, em última instância, se tive razão em tirar este livro do fundo da escrivaninha, onde o relegara, e esperar que estes esboços sobre os costumes brasileiros, absolutamente verdadeiros, possam ser de algum interesse para meus compatriotas. Assim o desejo e peço aos brasileiros que os recebam bem; pois, o que quer que pensem sobre eles, foram escritos por uma pena imparcial, mas amiga.

Ad. Toussaint

[1] Hippolyte Auguste Villemessant (1810-1879), jornalista francês, diretor de vários jornais, incluindo *Le Figaro*. (n.t.)

A vida a bordo

Tínhamos um tio *na* América e não *da* América, o que é outra coisa; como esse corajoso tio fizera uma belíssima fortuna no Brasil, tivemos a ideia de tentar, como ele, a aventura. Em dez anos, ao que se dizia, devíamos ficar ricos. Dez anos de exílio não era pouca coisa, mas o país era tão lindo e voltaríamos tão jovens ainda!... Houve muita hesitação de minha parte, muitas lágrimas derramadas; então, enfim, tomamos nossa decisão e, depois de abraçar parentes e amigos, subimos no vagão. Íamos até o Havre, onde embarcaríamos para a América do Sul.

Quando, quase ao chegar à estação, avistei de longe todos aqueles altos mastros, prensados uns contra os outros, que pareciam uma floresta no mar, meu coração apertou-se e compreendi por quantos laços estava ligada à pátria. No entanto, a sorte estava lançada: era preciso ir até o fim.

O veleiro *La Normandie*, de partida para o Rio de Janeiro, e no qual nossos lugares estavam reservados, balançava-se sobre suas âncoras como um cavalo que bate os cascos no chão antes de partir. Era uma boa embarcação, com grande velame, que devia singrar a água melhor que qualquer outro. Meu marido perguntou se eu queria visitá-lo antes de nossa partida, marcada para a manhã seguinte. Concordei e subi com ele a escada que todos os navios põem em seus costados quando estão ancorados.

No tombadilho, estavam os oficiais de bordo, que vieram nos cumprimentar, enquanto um deles se ofereceu para nos mostrar *La Normandie* em todos os detalhes.

De fato, ele nada deixou escapar; do tombadilho, com suas imensas gaiolas com galinhas, cheias de aves de todo o tipo, até a proa do navio, onde a tripulação dorme em meio aos macacos, papagaios e pássaros de toda a espécie; da copa, com suas longas fileiras de xícaras, copos e pratos, tão bem organizada que o mínimo espaço é bem utilizado; até o camarote do convés, até mesmo o porão, vimos tudo, e o que observei mais atentamente foi a *câmara,* ou seja, o que seria para mim, dali em diante, o salão, a sala de jantar e o gabinete de trabalho.

Quanto à nossa cabine, quando vi aqueles dois estrados sobrepostos, nos quais um pequeno colchão de sessenta centímetros de largura, colocado sobre duas tábuas entre duas outras tábuas, era a cama, pensei que seria impossível alguém se repousar ali e não me enganava. Uma vaca estava instalada no compartimento da proa, carneiros já estavam presos na grande chalupa de salvamento colocada sobre o camarote do convés; pernas de carneiros e pre-

suntos pendiam de cordas; a copa e os armários estavam cheios de conservas de todo o tipo. Os botes, amarrados nos dois lados do navio, estavam carregados de legumes e frutas trazidos pelos camponeses. Isso nos tranquilizava quanto à questão alimentar.

Voltamos ao hotel em silêncio, tão preocupados com a grave decisão que tínhamos tomado, que não ousamos, meu marido e eu, trocar uma só palavra sobre o assunto. O que mais me preocupava era o bebê; pois levava comigo meu primeiro filho, que ainda amamentava, e perguntava-me, ansiosa, como mãe e filho suportariam tão longa viagem. Não consegui dormir à noite e, na manhã seguinte, às oito horas, subimos a bordo do *La Normandie*.

Logo cada viajante chegou com sua bagagem que era preciso descer até o porão com a ajuda de um guincho. Abasteciam com água, embarcavam carvão, recebiam provisões; era um barulho, uma confusão, uma barafunda inacreditável. Muitos amigos e parentes acompanhavam os viajantes até o último minuto, de modo que só ouvíamos estas palavras: "Escreva assim que chegar. – Dê seu endereço o mais rápido possível. – Não se esqueça de mim! – Boa viagem! – Voltem ricos. – Que Deus os proteja!...". E meia hora antes da partida, foram só abraços, lágrimas, soluços, misturados aos gritos dos marinheiros, às ordens dos oficiais, ao rangido do guincho e ao ruído surdo das ondas batendo nos costados do navio.

No entanto, ouviu-se o apito do contramestre: era o sinal da partida. Foi preciso separar-se.

Os botes aproximam-se, os amigos afastam-se, a âncora é levantada, a vela estufa-se. Adeus, parentes, amigos, pátria!... Os lenços ainda se agitam por algum tempo, depois o quebra-mar desaparece na bruma e o litoral da França dissipa-se por sua vez... Agora mais nada, nada mais que o céu e a água no horizonte.

Quase todos os passageiros tinham ficado na ponte, olhos úmidos, coração apertado, a maioria perdida em seus pensamentos, enquanto o olhar podia distinguir na névoa uma forma vaga da pátria. Mas de repente o tempo ficou encoberto, a ventania aumentou, um *aguaceiro* anunciou-se, o balanço começou. Os rostos empalideceram. Meu vizinho da direita debruçou-se sobre a borda do barco, tomado por leves tremores; minha vizinha da esquerda acabou descendo para a câmara, mal se sustentando; um passageiro, enrolado em seu casaco, ficou estendido no tombadilho, como uma massa inerte; outro percorreu o convés com rapidez; um rapaz fingia rir e fumar com os oficiais; mas, infelizmente, logo nosso herói cambaleou, jogou fora seu charuto, pediu um cálice de Madeira, que tomou de um gole só, tentando

manter a compostura até o fim. Esforço inútil! O Madeira juntou-se ao charuto. Foi então que o grumete começou a subir e a descer sem parar: era sintomático.

É preciso ter estômago para resistir a tudo aquilo; assim, eu também só conseguia lutar respirando a plenos pulmões aquele ar intenso do mar que me fustigava o rosto. Mas como o vento ficou muito violento, fui obrigada a deixar a ponte e descer à câmara, onde um espetáculo dos mais pitorescos atraiu meu olhar. Homens estavam estendidos nos canapés do fundo, alguns meio adormecidos, outros com a cabeça entre as mãos, enquanto os mais corajosos percorriam a câmara a passos largos, empurrados pelo balanço, tanto à direita, quanto à esquerda. De cada cabine, saíam, em meio a soluços e lamentos, estas palavras incessantes: "Grumete! Grumete!", e o pobre rapaz, assim chamado de todos os lados, entregava-se a um vaivém de bacias que, convenhamos, nada tinha de poético.

Em meio a tudo aquilo, soou a hora do jantar. O capitão sentou-se na cabeceira da mesa, o imediato no meio e o lugar-tenente na ponta. Quase nunca há mulheres à mesa no primeiro dia de embarque, quando o tempo está ruim; algumas estão enfermas em suas cabines, e as mais corajosas são servidas por uma sopa ou uma asa de frango no tombadilho; mas nenhuma saberia enfrentar ainda que impunemente as emanações fétidas da câmara. Eu posso garantir-lhes, pois já fiz cinco vezes essa viagem.

Jantar terminado e chegada a noite, era preciso resignar-se a entrar, enfim, na cabine, apesar de tudo. No pequeno quadrado reservado, e que contém dois estrados, uma cômoda-toucador e cabideiros, pelo fato de sermos dois, não é mais possível abrir ou fechar a porta. Logo, é preciso arranjar-se para levantar e fazer a higiene, um após o outro. Sob o estrado de baixo, deve-se ter o cuidado de guardar uma pequena arca com a roupa branca necessária para a travessia. Duas redes estão dispostas na cabeceira e nos pés da cama e é ali que se amontoam, em caso contrário, a mala de mão, as frutas, o binóculo, alguns livros que serão seus companheiros de rota, o mata-borrão, o bordado (se você é mulher) e a caixa de charutos. Feito isso, para chegar ao leito no estrado superior, é preciso ser atleta, já que o tamborete onde é preciso subir para se chegar lá é empurrado pelo balanço do veleiro, ora à esquerda, ora à direita. No entanto, depois de várias tentativas, aproveita-se o momento certo para se jogar e finalmente deitar entre duas tábuas que quebram suas costas e continuamente arremessam uma à outra seu pobre corpo, como uma bola no jogo de tênis.

Na minha frente, havia uma escotilha através da qual eu podia ver altas ondas cercando o navio de todos os lados e um canto de céu onde corriam nuvens sombrias. Sentia-me tão pequena diante daquele mar imenso, tão isolada no meio daquele céu e daquela água, tão *desconfortavelmente* instalada, como diriam nossos vizinhos do outro lado da Mancha, que desejava a qualquer preço escapar da realidade pelo sono. Enquanto o chamava com todas as minhas forças e começava a sentir o torpor inicial, novos soluços foram ouvidos na cabine vizinha à nossa, acompanhados de gritos: "Mordomo! Um copo de água com açúcar! – Grumete, a bacia!", repetidos a cada balanço.

No entanto, um pouco de calma acabou por se seguir a todo aquele pandemônio. Acabavam de soar as dez horas. Tudo se apagou. O mordomo acabara de instalar seu leito em um dos canapés da câmara. Enfim, vamos poder dormir! – pensei. Tola esperança. De repente, uma criança lançou um grito estridente, e uma outra, à nossa frente, respondeu com gritos não menos estridentes. O meu se pôs a participar da gritaria. "O que é que você tem, meu amor? – Estou *dodói.* – Bebe um pouco de água. – Não, não quero ficar em uma cama que balança; quero dormir em meu berço que não balança. – Meu querido! Põe os bracinhos em volta do meu pescoço. – Mamãe, estou com vontade de vomitar". Mais adiante, havia um tísico que se lamentava e tossia; depois o mordomo que, fatigado de sua lida, roncava a sono solto, e sempre, como acompanhamento obrigatório daquele alarido, o rumor surdo das ondas batendo nos costados, os estalidos do veleiro, que parecia prestes a se entreabrir; o balanço que nos sacudia sem cessar, os utensílios que dançavam na copa e o vento que soprava ruidosamente na vela. E por fim, de vez em quando, o ruído da manobra e o canto monótono e estridente dos marinheiros, enquanto rizavam as velas.

Tudo isso, juro-lhes, pode dar ao infeliz que passa a primeira noite a bordo uma degustação do inferno.

Felizmente, quase às três da manhã, sucumbindo à fadiga, perdemos finalmente a consciência; um sono pesado iria nos restaurar as forças. Ah! Pois sim! Soam as quatro horas; de repente, acima de nossa cabeça, começa a pior das confusões. Esfrega-se, escova-se, pisoteia-se, batidas surdas nos despertam em sobressalto. Sem entender nada daquele barulho, nos apressamos em subir até a ponte, semivestidos. Mas bastou nos arriscarmos até lá, para recebermos entre as pernas um enorme balde de água, que logo nos dá a chave do barulho. Todos os marinheiros, com pernas e pés nus, estão lavando e areando a ponte e o tombadilho, e posso garantir que não estão de brincadeira e não economizam nos baldes de água.

Na esperança de retomar o sono interrompido, voltamos para o que se chama nosso leito. Mas, embaixo, o mesmo barulho não tarda a se ouvir. O mordomo, ajudado pelo grumete, lava e encera a câmara. Quando pôs tudo em ordem, recolocou as grades de proteção em volta da mesa, fez reluzir os metais e que tudo brilhe com perfeição, esse rei da câmara agita gravemente um sino, sinalizando a primeira refeição. São sete horas.

A esse chamado, as cabines se abrem uma a uma para deixar passar cabeças mais ou menos ridículas em suas toucas de dormir, algumas até mesmo enfeitadas com o clássico gorro de algodão. Os homens reúnem-se ao redor da mesa, tomam café, chá ou, mais habitualmente, licor. É raro que, mesmo nos dias mais bonitos, as mulheres apareçam nesse primeiro café da manhã; o mordomo as serve nas cabines. Depois, cada qual cuida de sua instalação e de sua toalete; e quando, às dez horas, o *verdadeiro* café soa, as portas reabrem-se para deixar passar, dessa vez, cabeças cuidadosamente penteadas e queixos recém-barbeados.

Eis o momento em que vamos nos encontrar reunidos pela primeira vez com quem viajamos, pois, na véspera, a gente mal se viu. Todos se olham disfarçadamente e estudam-se com cuidado.

Saibam, em primeiro lugar, que a senhora sentada à direita do capitão é aquela que ele considera a mais importante de suas passageiras, seja quanto à beleza, seja quanto à fortuna ou posição social. A senhora sentada à sua esquerda deverá naturalmente suceder à outra, no direito às atenções e aos pequenos cuidados. Após isso, as demais passageiras sentam-se como quiserem. No entanto, as mais distintas geralmente ocupam o centro da mesa, enquanto as demais, a ponta.

Agora, senhoras, devo dar-lhes um conselho: se alguma vez viajarem sozinhas, sejam, a bordo, reservadas, o que for possível, pois não há provinciazinha nem mesmo alojamento de porteiro onde se faça mais mexerico do que ali. Se tiverem ingleses como companheiros de percurso, não os cumprimentem, principalmente, nem façam questão de vê-los durante os oito primeiros dias. O inglês quer saber quem o cumprimenta e faz questão de estudar um pouco seu entorno antes de arriscar a mínima cortesia (vocês acham que ele está errado?). Mas, desde que a julgou digna da sociedade, torna-se então o mais amável companheiro de percurso, atencioso sem galanteio, educado sem adulação e sempre um cavalheiro na relação com as mulheres.

Infelizmente, nem sempre isso acontece com nossos compatriotas em viagem, que se mostram, para a maioria, bem pouco convenientes: às vezes,

de uma cortesia beirando a presunção com as jovens e belas mulheres, às vezes, de uma indelicadeza beirando a grosseria com as mulheres feias ou idosas; eles só sabem exibir uma mulher ou torná-la ridícula. Desconfiem, principalmente, senhoras, desconfiem dos oficiais a bordo. Nada se compara à presunção desses senhores; a cada travessia, precisam inscrever uma conquista a mais em sua lista. Como as atenções, o bem-estar, os mil detalhes da vida material dependem deles, de algum modo, não há atrevimentos e provocações que as passageiras não se permitam em favor deles.

Quando, em uma dessas longas travessias, há a bordo uma ou duas mulheres... como dizer?... levianas?... sim... pois bem, há uma disputa entre elas para saber quem vencerá, quem cativará o capitão, o imediato, o lugar-tenente. De fato, cair nas graças do capitão é ter o melhor lugar, o melhor bocado, é instalar a barraca no convés nos dias de calma e de sol, ter uma boa cadeira, ser autorizada a manter a luz acesa na cabine, é ter permissão de subir, a cada instante, suas malas da entrecoberta, para exibir, a cada dia, um figurino novo; é, *enfim e principalmente*, vencer todas as outras mulheres. Imaginem quanto esforço!... Quantas olhadelas pérfidas para chegar até lá!...

Há geralmente a bordo três ou quatro espécies de viajantes que encontrei em todas as minhas viagens. A primeira é aquela que chamarei de *pretensiosa*. Devido à sua classe ou fortuna, ela se *acredita* tão acima de suas companheiras de jornada que só raramente se digna a aparecer à mesa. Geralmente, é servida em seu aposento, ocupa sozinha a cabine-sala, presta-se a trocar algumas palavras apenas com o capitão, aparenta mesmo não ver as outras pessoas, passa de duas a três horas fazendo sua toalete e só aparece quase às duas horas, sempre acompanhada de uma aia que leva seu casaco ou seu frasco de perfume.

A segunda pertence à classe chamada *cocote*. Troca de vestido três ou quatro vezes por dia, ri e fala bem alto, geralmente se dá muito bem com o imediato e o lugar-tenente, em um dia faz ares de ingênua e no seguinte diz coisas que fariam corar um dragão; passa o tempo estendida no tombadilho, cabelos ao vento, sem perder uma chance de mostrar o pé ou a perna, caricaturando outras mulheres, canta árias de ópera quando a noite cai, dança e valsa nas quintas e domingos, fica na ponte até uma da manhã com os oficiais e os passageiros de sua escolha, e é o assunto principal da travessia por uma série de episódios mais ou menos picantes.

A terceira é a viajante *séria* ou artista, que troca palavras com todos sem se ligar a ninguém, subindo ao convés quando todos estão descendo, para desfrutar de um belo alvorecer ou de um esplêndido anoitecer, organizando

o seu dia para ter algumas horas de estudo ou de isolamento, cuidando da correspondência, lendo, bordando, vestida com simplicidade, mas calçada e enluvada com cuidado, não se ocupando de mexericos, nem buscando nem evitando a companhia de seus colegas de trajeto e, sem querer *encantar* algum coração, passa calma no meio de toda essa frivolidade e de toda essa vaidade, atraindo o respeito de todos e, com frequência, mais cercada no fim da viagem do que aquelas que o desejavam ser. É nessa categoria, senhoras, que lhes aconselho a se colocar, se alguma vez tiverem de viajar a sós, o que não lhes desejo.

Desde o segundo dia de trajeto, cada qual já tem suas simpatias e antipatias. Trocam-se alguns cumprimentos e até mesmo algumas frases. Dois dias depois, entabulam-se as conversas.

Há o passageiro *comunicativo*, que deseja apenas *se abrir* e vem lhe contar todas as próprias histórias familiares; ele não poupa nem uma tia nem um primo e, de vez em quando, interrompe a narração para buscar fotos do pai, da mãe, das irmãs, irmãos e primas. É preciso que você conheça até a ama de seu sobrinho.

Em seguida, vem o passageiro *melancólico*, um belo rapaz que se faz notar por um amor infeliz, enviando olhares lânguidos às damas que comove e que gostariam, todas, de consolá-lo. Mostra também em certos dias o retrato de sua ingrata, que conserva dia e noite em seu peito. Este tem toda chance de ser adorado, pois o obstáculo é um atrativo poderoso, e cada filha de Eva sonha em segredo curar esse pobre apaixonado de sua funesta paixão.

Em seguida, temos o passageiro *animado*, sempre com um refrão nos lábios, bigode retorcido, calça à hussarda, pagando quase todo dia champanhe aos oficiais e fazendo a corte à *cocote* e à aia da *pretensiosa*.

Por fim, o passageiro *rabugento*, sempre descontente com a comida, o movimento do navio, as maneiras dos oficiais, o traje das mulheres, o tempo, que acha às vezes frio, às vezes quente. Ele cochicha pelos cantos, como um conspirador, e busca reunir ao seu redor todos os descontentes do navio. Geralmente é ele que se vê aparecer de manhã, com o gorro clássico de algodão, provável lembrança de sua condição anterior.

Ao fim de oito dias, já se conhece os gostos e hábitos de cada um. "Capitão, passe a ponta da asa para a Senhora X..., o senhor sabe que é seu pedaço preferido. – A senhora vai nos deixar porque chegou a sua hora de leitura. – Acabou a flor de tapeçaria, seu trabalho habitual? – O senhor não vai jogar sua partida de xadrez com o capitão?" Eis as palavras trocadas. Já sabemos de cor: o senhor G... faz a corte à senhorita S... A senhora W... parece

louca pelo doutor. Flagrou-se um beijo dado... que sei eu? Tais são as palavras ditas no tombadilho, entre cada refeição. Que dizer, de fato, que fazer para encantar aqueles intermináveis dias a bordo se a gente não falasse um pouco mal do próximo? Há, realmente, de vez em quando, alguns pequenos acontecimentos que vêm quebrar a monotonia diária: é um dourado que se acaba de pescar, um tubarão que se arpoa, uma vela no horizonte; são as ilhas de Cabo Verde que se avistam, depois os Açores, algum navio que se chama de longe; mas isso tudo não impede que o tempo se arraste devagar, sobretudo para quem não sabe ocupar-se no mar como em terra.

ensaios

(n.t.)|Yerevan

ENTRE O QUÉCHUA E O ESPANHOL: A ANGÚSTIA DO MESTIÇO

JOSÉ MARÍA ARGUEDAS

O TEXTO: No ensaio "Entre o quéchua e o espanhol: a angústia do mestiço", publicado originalmente em 1939 na revista *Huamanga*, José María Arguedas descreve a situação da língua quéchua nos Andes em face da imposição linguística do idioma espanhol. Para o escritor, o mestiço, ao fim, torna-se dono de uma literatura mesclada, que leva seu nome, mas que, ao mesmo tempo, representa o silenciamento sofrido pela língua quéchua e, por conseguinte, por toda a cultura andina, que poderia ser descrita em seu idioma original, e não subsidiada linguisticamente.

Texto traduzido: Arguedas, José María. "Entre el kechwa y el castellano: la angustia del mestizo". In. *Indios, mestizos y señores*. Lima: Editorial Horizonte, [1939] 1985, pp. 34-38.

O AUTOR: José María Arguedas (1911-1969), escritor e antropólogo peruano, nasceu em Andahuaylas. Considerado um dos grandes representantes da literatura moderna peruana, introduziu na literatura de seu país uma visão mais incisiva do mundo indígena e do povo andino em contraposição ao mundo ocidental e do povo espanhol que o colonizou. Os dilemas e as esperanças desse encontro intercultural são o cerne de sua obra, que estreou em 1935, com a publicação de seu primeiro livro de contos, *Agua*. Além de romancista, foi tradutor de literatura quéchua e estudioso do folclore de seu país, particularmente da música andina, ocupações que compartilhou com os cargos de funcionário público e professor.

O TRADUTOR: Sergio Ricardo Oliveira é licenciado em Letras e mestre em Educação pela UFF, e doutor em Serviço Social pela UFRJ. Tradutor e professor, suas atuais pesquisas voltam-se ao tempo histórico e à relação literatura-educação-sociedade. Para a (n.t.) traduziu Robert Graves e William Blake.

ENTRE EL KECHWA Y EL CASTELLANO: LA ANGUSTIA DEL MESTIZO

"El kechwa es la expresión legítima del hombre de esta tierra, del hombre como criatura de este paisaje."

JOSÉ MARÍA ARGUEDAS

Vallejo marca el comienzo de la diferenciación de la poesía de la costa y de la sierra en el Perú. Porque en Vallejo empieza la etapa tremenda en que el hombre del Ande siente el conflicto entre su mundo interior y el castellano como su idioma. El cambio violento que hay entre "Los Heraldos negros" y "Trilce" es principalmente la expresión de ese problema. Ya José Bergamín lo dijo; observó que el estilo oscuro de "Trilce" es consecuencia de la lucha entre el alma del poeta y el idioma. Aunque Bergamín no conoce la causa íntima de este conflicto. Nosotros lo sabemos. Y este conflicto explica, además, el retraso de nuestra poesía de tema y de inspiración mestiza.

El kechwa es la expresión legítima del hombre de esta tierra, del hombre como criatura de este paisaje y de esta luz. Con el kechwa se habla en forma profunda, se describe y se dice el alma de esta luz y de este campo, como belleza y como residencia.

Pero vino otra gente con otro idioma, otro idioma expresión de otra raza y de otro paisaje. Con ese idioma hicieron, tanto tiempo, mala literatura, los hombres nacidos en este lado del Perú. La armonía entre el hombre de la costa y este idioma se logra en un proceso de cuatro siglos. Y se logra pronto, porque el yunga era de menor resistencia cultural que el kechwa; porque el paisaje de la costa es de menos influencia sobre el hombre que este mundo del Ande y sus hombres son más independientes de la tierra; y porque el empuje del español y de Occidente fue más violento y continuo en la costa. Al

cabo de cuatro siglos, Eguren y Westphalen hablan el castellano, como el francés su francés y el hispano su español.

En nosotros, la gente del Ande, hace pocos años ha empezado el conflicto del idioma, como real y expreso en nuestra literatura; desde Vallejo hasta el último poeta del Ande. El mismo conflicto que sintiera, aunque en forma más ruda, Huamán Poma de Ayala. Si hablamos en castellano puro, no decimos ni del paisaje ni de nuestro mundo interior; porque el mestizo no ha logrado todavía dominar el castellano como su idioma y el kechwa es aún su medio legitimo de expresión. Pero si escribimos en kechwa hacemos literatura estrecha y condenada al olvido.

Y permítanme aquí que me refiera a mi propio problema que es, seguramente, un ejemplo tipo. Cuando empecé a escribir, relatando la vida de mi pueblo, sentí en forma angustiante que el castellano no me servía bien. No me servía bien ni para hablar del cielo y de la lluvia de mi tierra, ni mucho menos para hablar de la ternura que sentíamos por el agua de nuestras acequias, por los árboles de nuestras quebradas, ni menos aun para decir con toda la exigencia del alma nuestros odios y nuestros amores de hombre. Porque habiéndose producido en mi interior la victoria de lo indio, como raza y como paisaje, mi sed y mi dicha lo decía fuerte y hondo en kechwa. Y de ahí ese estilo de "Agua", del que un cronista decía en voz baja y con cierto menosprecio, que no era ni kechwa ni castellano, sino una mistura. Es cierto, pero sólo así, con ese idioma, he hecho saber bien a otros pueblos, del alma de mi pueblo y de mi tierra. Mistura también, y mucho más, es el estilo de Huamán Poma de Ayala; pero si alguien quiere conocer el genio y la vida del pueblo indio de la Colonia, tiene que recurrir a él.

Esa mistura tiene un signo: El hombre del Ande no ha logrado el equilibrio entre su necesidad de expresión integral y el castellano como su idioma obligado. Y hay, ahora, una ansia, una especie de desesperación en el mestizo por dominar este idioma.

De la mala y advenediza literatura en castellano que hasta hace poco se ha hecho en la sierra no se puede deducir en forma concluyente que el castellano no es idioma apropiado para la expresión del mestizo. Hasta los primeros años de este siglo hicieron literatura aquí sólo gente desarraigada de nuestro suelo, gentes que no sentían nuestro paisaje y que vivían en un tremendo aislamiento de las inquietudes y del alma de nuestro pueblo. Y de ahí la pobreza y la intrascendencia de esa literatura.

Pero hoy que el hombre auténtico de esta tierra siente la necesidad de expresarse y de expresarse en un idioma que ha hablado poco, se ha visto

ante esta angustiante realidad: el castellano aprendido a viva fuerza, escuela, colegio o universidad, no le sirve bien para decir en forma plena y profunda su alma o el paisaje del mundo donde creció. Y el kechwa, que es todavía su idioma genuino, con el que habla en la medida de sus inquietudes y con el que describe su pueblo y su tierra hasta colmar su más honda necesidad de expresión, es idioma sin prestancia y sin valor universal.

De aquí nace el ansia actual del mestizo por dominar el castellano. Pero cuando lo haya logrado, cuando pueda hablar y hacer literatura en castellano con la absoluta propiedad con que ahora se expresa en kechwa, ese castellano ya no será el castellano de hoy, de una insignificante y apenas cuantitativa influencia kechwa, sino que habrá en él mucho del genio y quizá de la intima sintaxis kechwa. Porque el kechwa, expresión legitima del hombre de esta tierra, del hombre como criatura de este paisaje y de esta luz, vive en el mestizo como parte misma, y esencial, de su ser y de su genio.

Esta ansia de dominar el castellano llevará al mestizo hasta la posesión entera del Idioma. Y su reacción sobre el castellano ha de ser porque nunca cesará de adaptar el castellano a su profunda necesidad de expresarse en forma absoluta, es decir, de traducir hasta la última exigencia de su alma, en la que lo Indio es mando y raíz.

¿Y por qué recién brota en la literatura, por qué recién se ve en sus frutos este tropezarse del mestizo con el castellano como su idioma?

En casi todo el período republicano se mantuvo al mestizo en la misma condición de inferioridad y de silencio que tuvo durante la Colonia. Es por esta causa que ni en la literatura de la Colonia ni en la de los primeros tiempos de la república se encuentra ninguna obra de verdadero valor como expresión del pueblo andino y del paisaje en que vive. Ya me referí a esta cuestión en otra parte de mi artículo. Pero los mestizos siguieron aumentando en número y en cultura, y llegaron a ser el pueblo, mayoría en el Ande del Perú como ciudadanos y como espíritu. Y no pudo dominar Occidente a este mestizo porque su profunda entraña India lo defendió. Y siguió y sigue pugnando por crearse una propia personalidad cultural.

Al mismo tiempo que el mestizo conquistaba el dominio espiritual del pueblo andino, se definía en su alma la lucha entre lo indio y lo español, que empezó con el primer mestizo. Lo indio es ya dominio en la psicología del mestizo peruano; ha ganado la contienda porque le ayudaron todo este mundo del Ande: la tierra, el aire, la luz, y este gran pueblo indio que es aún el sesenta por ciento del ambiente humano del Perú. Y por eso, porque en el

espíritu del mestizo es ya más lo indio quo lo español, el castellano puro no puede ser su idioma legitimo.

Esta realidad social y humana que he descrito no podía dejar de tener su expresión en la literatura. Dominio como número y como espíritu, la literatura que se hace en el Ande del Perú es literatura mestiza. Y en toda esa literatura se siente la angustia del mestizo, su ansia por un medio legítimo de expresión. Y esa ansia, esa angustia tiene la culpa de que casi toda esta literatura sea aún de escaso valor. Y la obra de algún mérito que aquí se ha escrito es de aquellos que han hablado en castellano influenciado ya por el kechwa.

Estamos asistiendo aquí a la agonía del castellano como espíritu y como idioma puro e intocado. Lo observo y lo siento todos los días en mi clase de castellano del colegio Mateo Pumaccahua, de Canchis. Mis alumnos mestizos, en cuya alma lo indio es dominio, fuerzan el castellano, y en la morfología intima de ese castellano que hablan y escriben, en su sintaxis destrozada, reconozco el genio del kechwa.

ENTRE O QUÉCHUA E O ESPANHOL: A ANGÚSTIA DO MESTIÇO

"O quéchua é a expressão legítima do homem
desta terra, do homem como criatura desta paisagem."

JOSÉ MARÍA ARGUEDAS

Vallejo marca o início da diferenciação entre a poesia da costa e a da serra no Peru. Porque em Vallejo começa a etapa tremenda em que o homem dos Andes sente o conflito entre seu mundo interior e o espanhol como seu idioma. A violenta mudança que existe entre "Los Heraldos negros" e "Trilce" é sobretudo a expressão desse problema. José Bergamín já dizia isso; observou que o estilo obscuro de "Trilce" é consequência da luta entre a alma do poeta e o idioma. Ainda que Bergamín não conheça a causa íntima deste conflito. Nós sabemos. E este conflito explica, além disso, o atraso de nossa poesia de motivo e inspiração mestiços.

O quéchua é a expressão legítima do homem desta terra, do homem como criatura desta paisagem e desta luz. A partir do quéchua fala-se, descreve-se e diz-se de modo profundo a alma desta luz e deste campo enquanto beleza e morada.

Mas veio outro povo com outro idioma, outro idioma expressando outra raça e outra paisagem. Com esse idioma os homens nascidos neste lado do Peru produziram, por tanto tempo, má literatura. A harmonia entre o homem da costa e este idioma foi conseguida em um processo de quatro séculos. E foi conseguida rapidamente, porque o yunga oferecia menor resistência cultural que o quéchua; porque a paisagem da costa oferecia menos influência sobre o homem que este mundo dos Andes, e seus homens são mais independentes da terra; e porque o impulso do espanhol e do ocidente foi mais violento e sistemático na costa. Após quatro séculos, Eguren e

Westphalen falam espanhol, assim como os franceses, o francês, e os hispanos, o espanhol.

Em nós, o povo dos Andes, o conflito do idioma iniciou há poucos anos, tão real e expresso em nossa literatura; desde Vallejo até o último poeta dos Andes. O mesmo conflito que Huamán Poma de Ayala sofreu, embora de forma mais bruta. Se falamos em espanhol puro, não estamos falando da paisagem ou do nosso mundo interior; porque o mestiço ainda não conseguiu dominar o espanhol como seu idioma e o quéchua ainda é seu meio legítimo de expressão. Mas se escrevermos em quéchua, produzimos uma literatura limitada e condenada ao esquecimento.

E permitam-me que aborde meu próprio problema, que é, certamente, um exemplo típico. Quando comecei a escrever, relatando a vida de meu povo, senti de forma angustiante que o espanhol não me servia. Não me servia nem para falar do céu e da chuva da minha terra, nem para falar da ternura que sentíamos pela água de nossas fossas de irrigação, pelas árvores de nossos barrancos, muito menos ainda para dizer, com toda a exigência da alma, dos nossos ódios e nossos amores. Porque, tendo ocorrido dentro de mim a vitória do índio como raça e paisagem, minha sede e alegria eram ditas vigorosa e profundamente em quéchua. Daí o estilo de "Água", o qual um cronista dizia em voz baixa e com certo desprezo, que não era nem quéchua nem espanhol, mas uma mistura. De fato, e só assim, com esse idioma, permiti que outros povos conhecessem bem minha alma, meu povo e minha terra. Mesclado também, e muito mais, é o estilo de Huamán Poma de Ayala; e se alguém deseja conhecer a genialidade e a vida do povo indígena da colônia deve recorrer a ele.

Essa mistura tem um sinal: O homem dos Andes não conquistou o equilíbrio entre a sua necessidade de expressão integral e o espanhol como seu idioma imposto. E aparece, agora, uma ânsia, uma espécie de desespero no mestiço pelo domínio deste idioma.

A partir da má e emergente literatura em espanhol que até pouco tempo foi produzida na serra, não se pode deduzir conclusivamente que o espanhol não seja um idioma apropriado para a expressão do mestiço. Até os primeiros anos deste século somente pessoas desarraigadas de nossa terra produziram literatura, povos que não sentiam nossa paisagem e que viviam um isolamento tremendo das inquietudes e da alma de nosso povo. Daí a pobreza e a irrelevância dessa literatura.

Mas hoje, que o homem autêntico desta terra sente a necessidade de se expressar e de se expressar em um idioma que pouco utilizou, se vê diante

desta angustiante realidade: o espanhol aprendido à força na escola, na faculdade ou na universidade, não lhe serve bem para falar plena e profundamente sobre sua alma ou a paisagem do mundo em que cresceu. O quéchua, que ainda é seu idioma genuíno, com o qual fala na medida de suas inquietudes e com o qual descreve seu povo e sua terra até satisfazer a sua mais profunda necessidade de expressão, é um idioma sem prestígio e sem valor universal.

Daqui nasce o anseio atual do mestiço pelo domínio da língua espanhola. Mas quando tiver conseguido, quando puder falar e fazer literatura em espanhol com a absoluta propriedade com que se expressa agora em quéchua, esse idioma já não será o espanhol de hoje, o de uma insignificante ou pouca influência quéchua; haverá nele, sim, muito da genialidade e talvez até da sintaxe íntima do quéchua. Porque o quéchua, expressão legítima do homem desta terra, do homem como criatura desta paisagem e desta luz, vive no mestiço como parte essencial de seu ser e de seu gênio.

Este desejo de dominar a língua espanhola levará o mestiço à plena posse do idioma. E sua reação ao espanhol será porque nunca cessará de adaptar essa língua à sua profunda necessidade de se expressar de modo absoluto, ou seja, de traduzir até a última exigência de sua alma, na qual o índio é comando e raiz.

E por que brota agora na literatura, por que agora se vê em seus frutos este tropeço do mestiço com o espanhol como seu idioma?

Em quase todo o período republicano, o mestiço se manteve na mesma condição de inferioridade e de silêncio que tinha na época colonial. É por essa razão que nem na literatura da colônia nem na da primeira época da república há alguma obra de verdadeiro valor como expressão do povo andino e da paisagem em que vive. Já tratei dessa questão em outro lugar de meu artigo. Porém, os mestiços continuaram aumentando seu contingente em número e em cultura, e chegaram a ser o povo, a maioria nos Andes do Peru como cidadãos e como espírito. E o Ocidente não pôde dominar o mestiço porque sua essência indígena profunda o defendeu. E continuou e continua se esforçando para criar uma personalidade cultural própria.

Ao passo que o mestiço conquistava o reino espiritual do povo andino, definia-se na sua alma a luta entre o índio e o espanhol, que começou com o primeiro mestiço. O índio já é dominante na psicologia do mestiço peruano; ganhou a disputa porque todo o mundo andino o ajudou: a terra, o ar, a luz, e este grande povo indígena que ainda constitui sessenta por cento do ambiente humano do Peru. E por isso, porque no espírito do mestiço há na

verdade mais o indígena do que o espanhol, a língua espanhola pura não pode ser seu idioma legítimo.

Essa realidade social e humana que descrevi não poderia deixar de ter sua expressão na literatura. Havendo o domínio em número e em espírito, a literatura feita nos Andes do Peru é literatura mestiça. E em toda essa literatura sente-se a angústia do mestiço, seu anseio por um meio legítimo de expressão. E esse anseio, essa angústia carrega a culpa de que quase toda essa literatura ainda seja de pouco valor. E a obra de algum mérito que aqui foi escrita é dos que falavam o espanhol influenciado pelo quéchua.

Estamos assistindo aqui à agonia do espanhol como espírito e como idioma puro e intocado. Observo e sinto isso todos os dias em minha turma de espanhol do colégio Mateo Pumaccahua, em Canchis. Meus alunos mestiços, em cuja alma o indígena é dominante, forçam o espanhol, e na morfologia íntima desse espanhol que falam e escrevem, em sua sintaxe destroçada, reconheço a genialidade do quéchua.

AFORISMOS

SEVERO SARDUY

O TEXTO: Tradução da série de "Aforismos", de Severo Sarduy, pertencentes ao livro *Epitafios*, de 1994. No conjunto, os textos são um *imago mundi*, uma espécie de retropoética do autor depois de sua experiência na Índia e sua imersão na religião. Deixam antever alguns elementos de seu estilo, como seu interesse pelas artes plásticas, pelo signo e pela cosmologia, que são tomados e incorporados à sua escrita por meio de textos destecidos, onde a vida e obra se entrelaçam formando uma só ilusão.

Texto traduzido: Sarduy, Severo. "Aforismos". In. *Epitafios*. Miami: Ediciones Universal, 1994, pp. 42-50.

O AUTOR: Severo Sarduy (1937-1993), poeta, escritor e jornalista cubano, nasceu em Camagüey. Considerado um dos maiores escritores cubanos do século XX, após estudar em Havana, com o triunfo da revolução, colaborou no *Diario Libre* e *Lunes de la Revolución*, como crítico de arte e literário. Em 1960, viajou a Paris para estudar História da Arte na École du Louvre, de onde nunca mais voltou. Ligou-se ao círculo de escritores da revista literária *Tel Quel*. Além de poeta e ensaísta, foi também narrador, pertencente ao neobarroco latino-americano. Em sua obra, retrata suas viagens ao Oriente, onde conheceu a solidão e o silêncio, e aborda o erotismo na literatura, expandindo suas possibilidades.

O TRADUTOR: Marco Antonio Bojorquez Martínez é professor, pesquisador e tradutor, residente na Cidade de México. Estudou Língua e Literatura na UNAM e publicou traduções em parceria com Carlos Vitale em *La Reversible*, círculo de tradução em Barcelona, verteu um *Cancioneiro* de Vanderley Mendonça e uma antologia de poemas de Hilda Hilst. Para a (n.t.) traduziu Octavio Paz.

AFORISMOS

"Utilizar el caos, convocar el azar, insistir en lo imperceptible, privilegiar lo inacabado."

SEVERO SARDUY

I

El instructor aconsejaba: «No seguir ningún guía, no adoptar los preceptos de ninguna religión ni secta, descartar toda autoridad espiritual o moral. Ni sentimientos, que robustecen el yo y enajenan, ni utopías, cualquiera que sea su matiz. Al gurú, darle la espalda, para que surja la libertad.»

Aplicaron su enseñanza al pie de la letra: tampoco a él lo siguieron.

Hoy en día, de regreso de ese laborioso comercio con la vacuidad, son negociantes ávidos, adictos a la usura, siniestros vendedores de seguros. Afiliados a sectas compulsivas, repiten día y noche, hasta caer exhaustos, ante un altarito desplegable de franca procedencia nipona, mantras estrafalarios, que auspician la prosperidad de la empresa y acrecientan el capital.

Seguros, esta vez, de estar en la Verdad.

II

Escritos en el exilio, en el desvelo, tantos libros que nadie ha leído; tantos cuadros, minuciosos hasta la ceguera, que no compró ningún coleccionista ni museo alguno solicitó; tanto ardor, que no calmo ningún cuerpo.

«Mi vida – me digo en un balance prepóstumo – no ha tenido *telos*, no ha brindado el espacio en que se despliega un destino.»

Pero de inmediato rectifico. «Sí lo ha tenido. ¿Cómo no ver en esta sucesión de frustraciones, de fracasos, enfermedades y abandonos, el golpetazo reiterado de la mano de Dios?»

III

Rogamos, simplones y testarudos, para que los dioses abandonen su reserva y se manifiesten. Añoramos milagros, éxtasis, aportes de objetos inexplicables, perfumes, resurrecciones, sentimiento de Su presencia. O simplemente una armonía, una razón.

Misticismo ingenuo. Ya que el ser de la divinidad es *precisamente* lo no manifiesto, lo que no tiene acceso al mundo de los fenómenos ni a la percepción. Ni siquiera como presencia inmaterial o «intuición» de lo místico. Les pedimos, en definitiva, que renuncien a su esencia y *sean* en la nuestra, que es la mirada.

Pero es inútil.

No abandonan jamás esa *noche*, ese hueco negro que, para siempre, los devoró.

IV

A pesar de todo, sigo creyendo en Dios. ¿A quién pedir, sino, que maldiga a más de uno?

V

Morandi: esas botellas enyesadas, esos búcaros sordos nos llegan, caen, si así puede decirse, de la noche de lo no manifiesto. Han depuesto por un momento su firme reticencia a lo visible, su principio absoluto: no aparecer.

Pronto regresan a su caos, maltrechos por esa breve residencia en la mirada, refractarios al brillo chillón del día, a la nitidez de todo dibujo, al estampido del color. A la luz.

VI

La obra de arte, excepcional o no, requiere adjetivos brillantes, sorpresas sintácticas, invención o juego de palabras: todo un despliegue técnico cuya finalidad es deslumbrar al lector.

La obra sublime – esa que nos otorga un instante la *noche* y lleva la traza de su larga estancia en el no ser – al contrario, es más bien rudimentaria, inhábil, veteada de asperezas, apagada, siempre mate.

Así, el *Cántico espiritual* contiene la cacofonía más repelente de la historia de la lengua castellana: *un no sé qué que quedan balbuciendo*.

Poco importa. Dios, que dictó los otros versos, borró ese gagueo. Y de un soplo.

VII

Marcel Duchamp, John Cage, Octavio Paz: se trata de imitar la naturaleza. Pero, por supuesto, no en su apariencia – proyecto del realismo ingenuo – sino en su *funcionamiento*: utilizar el caos, convocar el azar, insistir en lo imperceptible, privilegiar lo inacabado. Alternar lo fuerte, continuo y viril, con lo interrumpido y femenino. Teatralizar la unidad de todos los fenómenos. Olvidar el resto. Pero no hay resto.

VIII

Cioran, hay que reconocerlo, está desilusionado de todo. Desengañado. De regreso. Harto del Hombre y sus criminales iniciativas, de la Literatura y sus astucias, del mundillo parisino y sus intrigas.

Vive solo. Nunca ve a nadie ni concede entrevistas. Publica muy poco. Cuando se le habla es muy amable pero nunca elocuente.

Hay sin embargo, cuando se le lee con atención, algo que se impone como una evidencia: la calidad y justeza de su estilo, la elegancia – inspirada en el siglo XVIII francés – de sus frases, como si esos breves aforismos que constituyen su obra estuvieran cincelados por el insomnio y la perfección que de él emana con frecuencia, tallados una y otra vez. Hay, pues, más allá de la desesperanza total, algo que persiste, una fe. En el lenguaje y sus facultades, en la palabra.

Hay que interpretar, en función de lo precedente, el silencio final del Buda.

AFORISMOS

"Utilizar o caos, invocar o acaso, insistir no imperceptível, privilegiar o inacabado."

SEVERO SARDUY

I

O instrutor aconselhou: "Não siga nenhum guia, não adote os preceitos de nenhuma religião ou seita, descarte toda autoridade espiritual ou moral. Nem sentimentos, que fortalecem o eu e alienam, nem utopias, quaisquer que sejam suas cores. Vire as costas para o guru, para que a liberdade surja".

Aplicaram seus ensinamentos ao pé da letra: tampouco o seguiram.

Hoje em dia, de volta daquele laborioso comércio com o vazio, são negociadores ávidos, usurários, sinistros vendedores de seguros. Filiados a seitas compulsivas, repetem dia e noite, até caírem exaustos, diante de um altarzinho desdobrável de franca origem japonesa, mantras extravagantes que patrocinam a prosperidade da empresa e aumentam o capital.

Certos, desta vez, de estar com a Verdade.

II

Escritos no exílio, no desvelo, tantos livros que ninguém leu; tantas pinturas, detalhadas a ponto de cegar, que nenhum colecionador comprou e museu algum solicitou; tanto ardor, que não acalmo nenhum corpo.

"Minha vida – digo a mim mesmo em um balanço pré-póstumo – não teve *telos*, não ofereceu o espaço onde se desenrola um destino".

Mas imediatamente corrijo. "Sim, ele teve. Como não ver nesta sucessão de frustrações, fracassos, doenças e abandonos, o golpe repetido da mão de Deus?"

III

Rogamos, simplórios e teimosos, que os deuses abandonem seu posto e se manifestem. Ansiamos por milagres, êxtases, contribuições de objetos inexplicáveis, perfumes, ressurreições, sensação de Sua presença. Ou simplesmente uma harmonia, uma razão.

Misticismo ingênuo. Pois o ser da divindade é *precisamente* o que não se manifesta, o que não tem acesso ao mundo dos fenômenos ou da percepção. Nem mesmo como presença imaterial ou "intuição" do místico. Pedimos, em suma, que renunciem à sua essência e que *convirjam* na nossa, que é o olhar.

Mas é inútil.

Jamais abandonam aquela *noite*, aquele buraco negro que, para sempre, os devorou.

IV

Apesar de tudo, ainda acredito em Deus. Senão, a quem pedir para amaldiçoar mais de um?

V

Morandi: essas garrafas engessadas, essas vasilhas surdas vêm até nós, caem, se assim se pode dizer, da noite do não manifesto. Deixaram de lado por um momento sua firme reticência ao visível, seu princípio absoluto: não aparecer.

Logo voltam ao seu caos, castigados por aquela breve residência no olhar, refratários à claridade estridente do dia, à nitidez de todo desenho, à explosão das cores. À luz.

VI

A obra de arte, excepcional ou não, requer adjetivos brilhantes, surpresas sintáticas, invenção ou jogo de palavras: todo um aparato técnico cuja finalidade é deslumbrar o leitor.

A obra sublime – aquela que nos concede um instante à *noite* e traz o esboço de sua longa permanência no não ser – ao contrário, é até rudimentar, inábil, repleta de rugosidades, apagada, sempre fosca.

Assim, o *Cântico espiritual* contém a cacofonia mais repulsiva da história da língua espanhola: *não sei o que é que ficam tagarelando*.

Pouco importa. Deus, que ditou os outros versos, apagou aquele gaguejo. E em um sopro.

VII

Marcel Duchamp, John Cage, Octavio Paz: trata-se de imitar a natureza. Mas, claro, não em sua aparência – um projeto do realismo ingênuo –, mas em seu *funcionamento*: utilizar o caos, invocar o acaso, insistir no imperceptível, privilegiar o inacabado. Alternar o forte, contínuo e viril, com o interrompido e feminino. Teatralizar a unidade de todos os fenômenos. Esquecer o resto. Mas não há resto.

VIII

Cioran, é preciso admitir, está decepcionado com tudo. Desiludido. De retorno. Farto do Homem e de suas iniciativas criminosas, da Literatura e de suas astúcias, do mundinho parisiense e de suas intrigas.

Vive sozinho. Nunca vê ninguém nem concede entrevistas. Publica muito pouco. Quando se fala com ele, é muito amável, mas nunca eloquente.

Há, porém, quando o lemos com atenção, algo que se impõe como uma evidência: a qualidade e o rigor de seu estilo, a elegância – inspirada no século XVIII francês – de suas frases, como se os breves aforismos que constituem sua obra tivessem sido cinzelados pela insônia e pela perfeição que dele emana com frequência, esculpidos uma e outra vez. Há, pois, além da total desesperança, algo que persiste, uma fé. Na linguagem e suas faculdades, na palavra.

É preciso interpretar, em função do precedente, o silêncio final do Buda.

memória

(n.t.) | Sanahin

AMOR

GUY DE MAUPASSANT

O TEXTO: Tradução do conto "Amor" ("Amour"), de Maupassant, publicado originalmente na revista parisina *Gil Blas*, em dezembro de 1886, e depois na coletânea *Le Horla*, em 1887. Na voz do narrador, que acaba de ler uma notícia publicada em um jornal sobre um crime ocorrido entre um casal, vemos se desenrolar uma estranha recordação de caça e uma pretensa história de amor ocorrida entre dois pássaros abatidos. No Brasil, a tradução deste conto apareceu em 1941 na seção "O Conto Estrangeiro", da *Revista do Brasil*, e depois no *Diário de Notícias*, em 1947, assinado por Olívia Krähenbühl. Após 82 anos de sua primeira aparição, o republicamos pela terceira vez a modo de homenagem à tradutora, e pela primeira vez ao lado de sua contraparte, o original.

Preparação dos originais: Gleiton Lentz, da (n.t.).

Fontes consultadas: em português: Maupassant, G. "Amor". Trad. de Olívia Krähenbühl. In. *Diário de Notícias*, nº 7641, 21 de setembro de 1947, pp. 05-06 (seção "Letras Artes Ideias Gerais"); em francês: Maupassant, G. "Amour". In. *Le Horla*. Paris: Paul Ollendorff, 1887, pp. 69-84.

Licença: Hemeroteca da Biblioteca Nacional / Gallica.

O AUTOR: Guy de Maupassant (1850-1893), escritor e poeta francês, nasceu em Dieppe. Considerado um dos grandes contistas da literatura mundial, sua obra se destaca por retratar situações psicológicas e pela crítica social de viés naturalista. Na década de 1870 se transferiu para Paris, onde entrou em contato com os grandes escritores realistas de sua época, como Zola e Flaubert, e começou a escrever seus contos, que o tornaram célebre, como "Bola de Sebo" e "O Horla". Escreveu cerca de 300 contos breves, publicados em revistas e livros, sobretudo entre os anos de 1875-1885.

A TRADUTORA: Olívia Krähenbühl (1900-1973), escritora e tradutora brasileira, nasceu em Piracicaba. Na década de 1940, após se estabelecer no Rio de Janeiro, começou a publicar esporadicamente artigos, poemas e traduções em revistas e jornais da época, estreando, em livro, com *O caminho da perdição*, de Upton Sinclair, em 1945. A partir de 1956, passou a trabalhar para a José Olympio, e anos mais tarde, em São Paulo, para a Cultrix e a Pioneira. Foi uma prolífica tradutora, tendo vertido inúmeros clássicos da literatura universal, sobretudo de autores de língua inglesa, como Edgar Wallace, Herman Melville, Jack London, entre outros.

AMOUR

"Parce qu'il me rappelle un souvenir
de ma jeunesse, où m'est apparu l'Amour."

GUY DE MAUPASSANT

Trois pages du *livre d'un chasseur*

… Je viens de lire dans un fait divers de journal un drame de passion. Il l'a tuée, puis il s'est tué, donc il l'aimait. Qu'importent Il et Elle ? Leur amour seul importe ; et il ne m'intéresse point parce qu'il m'attendrit ou parce qu'il m'étonne, ou parce qu'il m'émeut ou parce qu'il me fait songer, mais parce qu'il me rappelle un souvenir de ma jeunesse, un étrange souvenir de chasse où m'est apparu l'Amour comme apparaissaient aux premiers chrétiens des croix au milieu du ciel.

Je suis né avec tous les instincts et les sens de l'homme primitif, tempérés par des raisonnements et des émotions de civilisé. J'aime la chasse avec passion ; et la bête saignante, le sang sur les plumes, le sang sur mes mains, me crispent le cœur à le faire défaillir.

Cette année-là, vers la fin de l'automne, les froids arrivèrent brusquement, et je fus appelé par un de mes cousins, Karl de Rauville, pour venir avec lui tuer des canards dans les marais, au lever du jour.

Mon cousin gaillard, de quarante ans, roux, très fort et très barbu, gentilhomme de campagne, demi-brute aimable, d'un caractère gai, doué de cet esprit gaulois qui rend agréable la médiocrité, habitait une sorte de ferme-château dans une vallée large où coulait une rivière. Des bois couvraient les collines de droite et de gauche, vieux bois seigneuriaux où restaient des arbres magnifiques et où l'on trouvait les plus rares gibiers à plume de toute cette partie de la France. On y tuait des aigles quelquefois ; et les oiseaux de

passage, ceux qui presque jamais ne viennent en nos pays trop peuplés, s'arrêtaient presque infailliblement dans ces branchages séculaires comme s'ils eussent connu ou reconnu un petit coin de forêt des anciens temps demeuré là pour leur servir d'abri en leur courte étape nocturne.

Dans la vallée, c'étaient de grands herbages arrosés par des rigoles et séparés par des haies ; puis, plus loin, la rivière, canalisée jusque là, s'épandait en un vaste marais. Ce marais, la plus admirable région de chasse que j'aie jamais vue, était tout le souci de mon cousin qui l'entretenait comme un parc. À travers l'immense peuple de roseaux qui le couvrait, le faisait vivant, bruissant, houleux, on avait tracé d'étroites avenues où les barques plates, conduites et dirigées avec des perches, passaient, muettes, sur l'eau morte, frôlaient les joncs, faisaient fuir les poissons rapides à travers les herbes et plonger les poules sauvages dont la tête noire et pointue disparaissait brusquement.

J'aime l'eau d'une passion désordonnée : la mer, bien que trop grande, trop remuante, impossible à posséder, les rivières si jolies mais qui passent, qui fuient, qui s'en vont, et les marais surtout où palpite toute l'existence inconnue des bêtes aquatiques. Le marais c'est un monde entier sur la terre, monde différent, qui a sa vie propre, ses habitants sédentaires, et ses voyageurs de passage, ses voix, ses bruits et son mystère surtout. Rien n'est plus troublant, plus inquiétant, plus effrayant, parfois, qu'un marécage. Pourquoi cette peur qui plane sur ces plaines basses couvertes d'eau ? Sont-ce les vagues rumeurs des roseaux, les étranges feux follets, le silence profond qui les enveloppe dans les nuits calmes, ou bien les brumes bizarres, qui traînent sur les joncs comme des robes de mortes, ou bien encore l'imperceptible clapotement, si léger, si doux, et plus terrifiant parfois que le canon des hommes ou que le tonnerre du ciel, qui fait ressembler les marais à des pays de rêve, à des pays redoutables cachant un secret inconnaissable et dangereux.

Non. Autre chose s'en dégage, un autre mystère, plus profond, plus grave, flotte dans les brouillards épais, le mystère même de la création peut-être ! Car n'est-ce pas dans l'eau stagnante et fangeuse, dans la lourde humidité des terres mouillées sous la chaleur du soleil, que remua, que vibra, que s'ouvrit, au jour le premier germe de vie ?

J'arrivai le soir chez mon cousin. Il gelait à fendre les pierres.

Pendant le dîner, dans la grande salle dont les buffets, les murs, le plafond étaient couverts d'oiseaux empaillés, aux ailes étendues, ou perchés sur des

branches accrochées par des clous, éperviers, hérons, hiboux, engoulevents, buses, tiercelets, vautours, faucons, mon cousin pareil lui-même à un étrange animal des pays froids, vêtu d'une jaquette en peu de phoque, me racontait les dispositions qu'il avait prises pour cette nuit même.

Nous devons partir à trois heures et demie du matin, afin d'arriver vers quatre heures et demie au point choisi pour notre affût. On avait construit à cet endroit une hutte avec des morceaux de glace pour nous abriter un peu contre le vent terrible qui précède le jour, ce vent chargé de froid qui déchire la chair comme des scies, la coupe comme des lames, la pique comme des aiguillons empoisonnés, la tord comme des tenailles, et la brûle comme du feu.

Mon cousin se frottait les mains : « Je n'ai jamais vu une gelée pareille, disait-il, nous avions déjà douze degrés sous zéro à six heures du soir. »

J'allai me jeter sur mon lit aussitôt après le repas, et je m'endormis à la lueur d'une grande flamme flambant dans ma cheminée.

À trois heures sonnantes on me réveilla. J'endossai, à mon tour, une peau de mouton et je trouvai mon cousin Karl couvert d'une fourrure d'ours. Après avoir avalé chacun deux tasses de café brûlant suivies de deux verres de fine champagne, nous partîmes accompagnés d'un garde et de nos chiens : Plongeon et Pierrot.

Dès les premiers pas dehors, je me sentis glacé jusqu'aux os. C'était une de ces nuits où la terre semble morte de froid. L'air gelé devient résistant, palpable tant il fait mal ; aucun souffle ne l'agite ; il est figé, immobile ; il mord, traverse, dessèche, tue les arbres, les plantes, les insectes, les petits oiseaux eux-mêmes qui tombent des branches sur le sol du, et deviennent durs aussi, comme lui, sous l'étreinte du froid.

La lune, à son dernier quartier, toute penchée sur le côté, toute pâle, paraissait défaillante au milieu de l'espace, et si faible qu'elle ne pouvait plus s'en aller, qu'elle restait là-haut, saisie aussi, paralysée par la rigueur du ciel. Elle répandait une lumière sèche et triste sur le monde, cette lueur mourante et blafarde qu'elle nous jette chaque mois, à la fin de sa résurrection.

Nous allions, côte à côte, Karl et moi, le dos courbé, les mains dans nos poches et le fusil sous le bras. Nos chaussures enveloppées de laine afin de pouvoir marcher sans glisser sur la rivière gelée ne faisaient aucun bruit ; et je regardais la fumée blanche que faisait l'haleine de nos chiens.

Nous fûmes bientôt au bord du marais, et nous nous engageâmes dans une des allées de roseaux secs qui s'avançaient à travers cette forêt basse.

Nos coudes, frôlant les longues feuilles en rubans, laissaient derrière nous un léger bruit ; et je me sentis saisi, comme je l'avais jamais été, par l'émotion puissante et singulière que font naître en moi les marécages. Il était mort, celui-là, mort de froid, puisque nous marchions dessus, au milieu de son peuple de joncs desséchés.

Tout à coup, au détour d'une des allées, j'aperçus la hutte de glace qu'on avait construite pour nous mettre à l'abri. J'y entrai, et comme nous avions encore près d'une heure à attendre les réveil des oiseaux errants, je me roulais dans ma couverture pour essayer de me réchauffer.

Alors, couché sur le dos, je me mis à regarder la lune déformée, qui avait quatre cornes à travers les parois vaguement transparentes de cette maison polaire.

Mais le froid du marais gelé, le froid de ces murailles, le froid tombé du firmament me pénétra bientôt d'une façon si terrible que je me mis à tousser.

Mon cousin Karl fut pris d'inquiétude : « Tant pis si nous ne tuons pas grand'chose aujourd'hui, dit-il, je ne veux pas que tu t'enrhumes ; nous allons faire du feu. » Et il donna l'ordre au garde de couper des roseaux.

On en fit un tas au milieu de notre hutte défoncée au sommet pour laisser échapper la fumée ; et lorsque la flamme rouge monta le long des cloisons claires de cristal, elles se mirent à fondre, doucement, à peine, comme si ces pierres de glace avaient sué. Karl, resté dehors, me cria : « Viens donc voir ! » Je sortis et je restai éperdu d'étonnement. Notre cabane, en forme de cône, avait l'air d'un monstrueux diamant au cœur de feu poussé soudain sur l'eau gelée du marais. Et dedans, on voyait deux formes fantastiques, celles de nos chiens qui se chauffaient.

Mais un cri bizarre, un cri perdu, un cri errant, passa sur nos têtes. La lueur de notre foyer réveillait les oiseaux sauvages.

Rien ne m'émeut comme cette première clameur de vie qu'on ne voit point et qui court dans l'air sombre, si vite, si loin, avant qu'apparaisse à l'horizon la première clarté des jours d'hiver. Il me semble à cette heure glaciale de l'aube, que ce cri fuyant emporté par des plumes d'une bête est un soupir de l'âme du monde !

Karl disait : « Éteignez le feu. Voici l'aurore. »

Le ciel en effet commençait à pâlir, et les bandes de canards traînaient de longues taches rapides, vite effacées, sur le firmament.

Une lueur éclata dans la nuit, Karl venait de tirer ; et les deux chiens s'élancèrent.

Alors, de minute en minute, tantôt lui et tantôt moi, nous ajustions vivement dès qu'apparaissait au-dessus des roseaux l'ombre d'une tribu volante. Et Pierrot et Plongeon, essoufflés et joyeux, nous rapportaient des bêtes sanglantes dont l'œil quelquefois nous regardait encore.

Le jour s'était levé, un jour clair et bleu ; le soleil apparaissaient au fond de la vallée et nous songions à repartir, quand deux oiseaux, le col droit et les ailes tendues, glissèrent brusquement sur nos têtes. Je tirai. Un d'eux tomba presque à mes pieds. C'était une sarcelle au ventre d'argent. Alors, dans l'espace au-dessus de moi, une voix, une voix d'oiseau cria. Ce fut une plainte courte, répétée, déchirante ; et la bête, la petite bête épargnée se mit à tourner dans le bleu du ciel au-dessus de nous en regardant sa compagne morte que je tenais entre mes mains.

Karl, à genoux, le fusil à l'épaule, l'œil ardent, la guettait, attendant qu'elle fut assez proche.

– Tu as tué la femelle, dit-il, le mâle ne s'en ira pas.

Certes, il ne s'en allait point ; il tournoyait toujours, et pleurait autour de nous. Jamais gémissement de souffrance ne me déchira le cœur comme l'appel désolé, comme le reproche lamentable de ce pauvre animal perdu dans l'espace.

Parfois, il s'enfuyait sous la menace du fusil qui suivait son vol ; il semblait prêt à continuer sa route, tout seul à travers le ciel. Mais ne s'y pouvant décider il revenait bientôt pour chercher sa femelle.

– Laisse-la par terre, me dit Karl, il approchera tout à l'heure.

Il approchait, en effet, insouciant du danger, affolé par son amour de bête, pour l'autre bête que j'avais tuée.

Karl tira ; ce fut comme si l'on coupait la corde qui tenait suspendu l'oiseau. Je vis une chose noire qui tombait ; j'entendis dans les roseaux le bruit d'une chute. Et Pierrot me le rapporta.

Je les mis, froids déjà, dans le même carnier… et je repartis, ce jour-là, pour Paris.

AMOR

"Porque me lembra uma recordação
da mocidade, onde o Amor apareceu."

GUY DE MAUPASSANT

(Três páginas do livro de um caçador)

Acabo de ler, no noticiário de um jornal, um drama de paixão. *Ele* matara-a; em seguida, matara-se... Logo: *ele* a amava...

Mas que me importam *ele* ou *ela*? A mim, unicamente seu amor importa. Não porque me espante ou me enterneça; nem porque me comova ou me induza a cismar; mas porque me lembra uma recordação da mocidade – uma estranha memória de caçada – onde o Amor apareceu, assim como aos primeiros cristãos apareciam cruzes no meio do céu.

Nasci dotado de todos os instintos e sentidos do homem primitivo, temperados por emoções e raciocínios de civilizado. Amo apaixonadamente a caça; e o animal ensanguentado, com o sangue nas penas, e o sangue em minhas mãos, tudo isso me confrange ao ponto de sentir o coração desfalecer.

Naquele ano, pelo fim do outono, o frio entrou intempestivamente, e eu fui chamado por um de meus primos, Karl de Rauville, para sair com ele, ao romper do dia, à matança de patos no brejal.

Esse primo, latagão de quarenta anos, ruço, muito forte e muito barbudo, gentil-homem campesino, semibruto amável, de caráter alegre, dotado daquele espírito gaulês que ameniza a mediocridade, habitava uma espécie de fazenda-castelo, num amplo vale banhado por um rio. À direita e à esquerda, os bosques recobriam as colinas, velhos bosques senhoriais, onde remanesciam algumas árvores magníficas e se deparavam as mais raras caças de pena de toda aquela parte de França. Aí, algumas vezes, se matavam águias; e as

aves forasteiras, aquelas que jamais se encontram nas regiões muito povoadas, descansavam, quase infalivelmente, sobre as ramagens seculares, como se houvessem conhecido, ou reconhecido, um cantinho da floresta antiga, que aí permanecesse para lhes servir de abrigo em sua breve parada noturna.

No vale cresciam ervas altas, banhadas de regos d'água, separadas por sebes; mais além, o rio, até então canalizado, expandia-se num vasto pântano. Esse pântano, a mais admirável região de caça que até hoje conheci, era a preocupação de meu primo, que o trazia como um parque. Por entre a multidão de juncos que o cobria, e que o tornava vivo, ondulante, marulhoso, traçaram-se avenidas, onde as barcas chatas, conduzidas e guiadas a varejão, passavam mudas sobre a água morta, roçando os juncos, afugentando os peixes rápidos através das ervas e fazendo mergulhar as galinholas selvagens, cuja cabeça negra e pontuda imergia bruscamente.

Amo a água com paixão desordenada: o mar; embora demasiado grande e agitado, impossível de ser possuído; os rios tão belos, que deslizam, que fogem, que despencam, e os pantanais, sobretudo, onde palpita toda a existência ignorada dos animais aquáticos. É o pantanal um inundo inteiro sobre a face da terra – um mundo diferente, com vida própria, possuindo seus habitantes e viajantes de passagem, suas vozes e rumores, e, além de tudo, seu mistério peculiar. Nada mais perturbador, nem mais inquietante, nem mais aterrador, às vezes, que o pantanal. Qual o motivo desse medo que paira sobre tais planícies baixas, cobertas d'água? Serão os vagos burburinhos, os estranhos fogos-fátuos, o silêncio profundo que as envolve em noites calmas; serão as brumas caprichosas, que se arrastam sobre os juncos como vestidos de mulheres mortas; será, ainda, o marulho imperceptível, a um tempo leve e doce, e mais terrível que o canhão dos homens ou o trovão celeste – será tudo isso que faz assemelharem-se os pantanais àquelas terras de sonho, terras amedrontadoras, que escondem um segredo perigoso e indecifrável?

Não. Algo diferente emana do pantanal. Um mistério diferente, mais profundo e mais grave, flutua em seus nevoeiros espessos: talvez o próprio mistério da Criação. Pois não foi na água lodosa e estagnada, na pesada umidade das terras embebidas sob o calor do sol, que se agitou, que estremeceu e desabrochou à luz do dia o primeiro embrião de vida?

Cheguei à tarde à casa de meu primo. Gelava de rachar as pedras.

Durante o jantar, no salão onde os armários, as paredes e o teto se recobriam de aves empalhadas, de asas abertas, e onde se empoleiravam, nos

ramos enganchados em pregos, gerifaltes, garças, mochos, gaviões, papaventos, falcões, condores e nebris – nesse salão, meu primo Karl, vestido com um paletó de pele de foca e semelhando um estranho animal de terras frias, relatava-me as disposições tomadas para aquela noite.

Deveríamos partir às 3.30 da madrugada a fim de chegarmos aproximadamente às 4.30 ao ponto escolhido para a tocaia. Nesse lugar havia uma cabana construída com pedaços de gelo para abrigar-nos contra o vento pavoroso que precede a manhã – aquele vento que estraçalha a carne como serras, que a corta como lâminas, que a punge como ferrões envenenados, que a torce como tenazes e a abrasa como fogo.

Meu primo esfregava as mãos.

– Jamais vi regelamento igual a este – dizia ele. – Às seis da tarde já estávamos com doze graus abaixo de zero.

Atirei-me ao leito logo após o repasto e adormeci à claridade de uma grande chama ardendo na lareira.

Acordaram-me ao bater das três. Por minha vez enverguei uma pele de carneiro e fui encontrar meu primo envolvido numa pele de urso. Depois de engolirmos, cada um, duas xícaras de café fervendo seguidas de dois copos de "champagne" fino, partimos ambos, acompanhados de um guarda e de nossos cães, Mergulhão e Pierrot.

Desde os primeiros passos ao ar livre, senti-me enregelar até os ossos. Era uma daquelas noites em que a terra parece morta de frio. O ar gélido torna-se palpável, resistente à torça de maltratar. Nenhum sopro o agita: ei-lo congelado e imóvel. E morde, penetra, resseca, mata as árvores, as plantas, os insetos, os próprios passarinhos, que caem dos ramos sobre o chão duro e que a seu turno se inteiriçam sob o amplexo do frio.

A lua minguante, pendida para um lado, inteiramente pálida, parecia desfalecer no espaço, e tão enfraquecida que já não mais podia caminhar. Permanecia lá no alto, também presa, paralisada pela inclemência do céu, espalhando sobre o mundo aquela luz seca e triste, aquela claridade agonizante e alvar que sobre nós projeta cada mês, antes de sua ressurreição.

Karl e eu caminhávamos lado a lado, ambos curvados, as mãos nos bolsos, o fuzil sob o braço. Nossos calçados, envolvidos em lã para evitar os escorregões da marcha sobre o rio gelado, não faziam o mínimo rumor; e eu contemplava a fumaça branca do hálito dos cães.

Dentro em breve alcançamos as margens do pantanal onde nos metemos por uma das aleias de juncos ressecados, que avançava através daquela floresta de pouca altura.

Nossos cotovelos, roçando as longas fitas das folhas, deixavam para trás um leve ruído; e eu senti-me tomado, como nunca antes, pela emoção poderosa e singular que em mim despertam os pantanais.

De repente, a uma volta da aleia, percebi a cabana construída para nosso abrigo. Aí penetrei: e como dispuséssemos de quase uma hora de espera, até que despertassem os pássaros errantes, enrolei-me na manta a fim de me aquecer.

Deitados de costas, pus-me a contemplar a lua deformada, que se me apresentava com quatro cornos, através das paredes vagamente translúcidas daquela casa polar.

Mas o frio do pântano gelado, o frio daquelas muralhas, o frio que cala do firmamento – todo esse frio me penetrou dentro em pouco de um modo tão horrível, que me pus a tossir.

Meu primo Karl inquietou-se:

– Tanto pior, se nada caçarmos hoje – disse ele. – Não quero que te resfries. Vamos fazer uma fogueira.

E ordenou ao guarda que fosse cortar juncos.

Fez-se um montão deles no meio da cabana derruída no topo para dar vazão à fumaça; e quando a chama rubra galgou os claros tabiques de cristal, estes puseram a derreter-se a custo, e tão de mansinho, que se diria estarem aquelas pedras de gelo porejando suor. Karl, que se conservara do lado de fora, gritou-me de repente:

– Anda! Vem ver!

Saí e fiquei tonto de espanto. Nossa cabana, em forma de cone, semelhava um monstruoso diamante de coração em fogo, que brotasse repentinamente sobre a água gelada do pantanal. Transpareciam dentro dela duas formas fantásticas – as silhuetas dos cães, que ali se estavam aquecendo.

Mas um grito estranho, um grito desesperado, um grito errante, passou sobre nossas cabeças. O clarão da lareira acordava os pássaros selvagens.

Nada me comove mais que esse primeiro clamor de vida invisível trespassando o ar sombrio – grito breve e longínquo – antes que surja no horizonte a primeira claridade das manhãs de inverno. Àquela hora glacial da alvorada, dir-se-ia que esse grito, levado em plumas de ave, é a própria alma do mundo que suspira.

Ouvi Karl que dizia:

– Apaga o fogo. A aurora chegou.

Com efeito, o céu começava a empalidecer, e bandos de patos arrastavam compridas manchas velozes, logo apagadas, na face do firmamento.

Um clarão estourou dentro da noite: era Karl que acabava de atirar. Nossos cães desembestaram.

Em seguida, de minuto a minuto, ora eu, ora ele, nós ambos alvejávamos rapidamente, assim que aparecia em cima do juncal a sombra de uma tribo alada. Pierrot e Mergulhão, resfolegantes e contentes, traziam-nos na boca as aves ensanguentadas, cujo olhar algumas vezes ainda nos fitava.

O dia levantara-se, um dia claro e azul; o sol emergia do fundo do vale. Estávamos já pensando em regressar, quando duas aves, o pescoço tendido e as asas espalmadas, deslizaram bruscamente sobre nossas cabeças. Atirei. Uma delas caiu-me quase junto aos pés. Era uma marreca de ventre argentado. Imediatamente, no alto do espaço, gritou a voz de uma ave um lamento breve, repetido, dilacerante; e aquela ave, a ave que poupáramos, pôs-se a dar voltas no firmamento, contemplando a companheira que eu segurava entre as mãos.

Karl, de joelhos, a espingarda ao ombro, o olho ardente, visava-a, esperando que ela chegasse mais perto.

– Mataste a fêmea – disse ele. – O macho não sairá daqui.

Era verdade: o macho não se afastava do lugar Girando ininterruptamente, parecia chorar ao redor de nós. Nenhum gemido de angústia me dilacerou jamais o coração como o apelo desolado, como a censura lamentosa daquele pobre animal perdido no espaço.

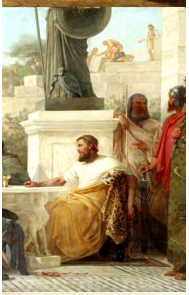
Afastava-se, às vezes, diante da ameaça do fuzil que lhe seguia o voo. Dir-se-ia então que estava pronto a prosseguir sozinho em sua rota através do azul. Mas, incapaz de decidir-se, regressava rápido em busca da fêmea.

– Larga-a no chão – disse Karl – que daqui a pouco o macho chegará mais perto...

Com efeito, o macho avizinhava-se, descuidoso do perigo, enlouquecido em seu amor de bicho ao outro bicho que eu matara.

Karl atirou. Foi como se alguém houvesse cortado a corda que trazia a ave suspensa no ar. Vi algo negro que caía; ouvi nos juncos o ruído de uma queda. E eis que Pierrot ma vem trazendo...

Meti os dois, já enregelados, dentro de meu surrão de caça... e naquele mesmo dia regressei a Paris.



INDEX

CAPA:

Mosteiro de Sanahin, Armênia
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
Polinização, 2023
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

Armênia (pp. 9, 105, 121, 276 e 303)
Fotos de Gleiton Lentz
ARQUIVO (n.t.)

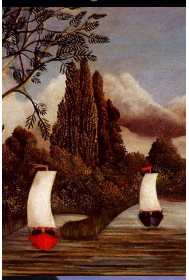
ENTRADAS:
Badianus Codex (p. 10)
Placa 68, 1552
Manuscrito
INSTITUTO NACIONAL DE ANTROPOLOGÍA E HISTORIA, MÉXICO D.F.

Luigi Mayer (p. 28)
Um monge maronita e peregrinos do Monte Líbano, 1804
Aquatinta colorida à mão
THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

Edward Armitage (p. 41)
Detalhe de *Juliano, o Apóstata, na conferência de sectários*, 1875
Óleo sobre tela
WALKER ART GALLERY, LIVERPOOL

Oscar Jespers (p. 61)
Capa da revista *Bezette stad* (Antuérpia), 1921
Xilogravura
GALERIE RONNY VAN DE VELDE, ANTUÉRPIA

Helga Aichinger (p. 72)
Detalhe de *Jonas e o Peixe Grande*, 1970
Ilustração
CROWELL PUBLISHER, NOVA IORQUE



Jacques-Émile Blanche (p. 83)
Detalhe de *Retrato da Condessa Anna de Noailles*, 1919
Óleo sobre tela
MUSÉE D'ART MODERNE ET CONTEMPORAIN, ESTRASBURGO

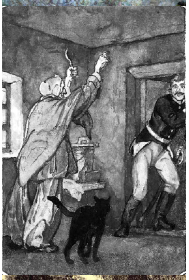
Jean-Pierre Paraggio (p. 90)
Frontispício de *Secret de ma jeunesse*, 2019, de P. Peuchmaurd
Colagem
PIERRE MAINARD EDITIONS, PARIS

Henri Rousseau (p. 106)
Detalhe de *Margens do Oise*, 1905
Óleo sobre tela
SMITH COLLEGE MUSEUM OF ART, NORTHAMPTON

Martiros S. Saryan (p. 122)
Detalhe de *Contos de fada*, 1971
Óleo sobre tela
WIKIART.ORG

Templo Tokeiji (lugar) (p. 134)
Detalhe de memorial a Toshiko Tamura, em Yamanouchi, c. 1945
Rocha natural com inscrições
GOOGLE IMAGENS

Boris Alexandrovich Dekhterev (p. 158)
A vendedora de roscas de papoula de Lafiértovo, 1992
Ilustração
ДЕТСКАЯ ЛИТЕРАТУРА, MOSCOU

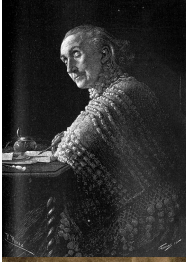


Sant Boi de Llobregat (lugar) (p. 201)
Vista do canal ao lado da rua Dr. Pujades (A.T.V. 2998)
Cartão postal
UNIÓN POSTAL UNIVERSAL

Paciano Ross (p. 208)
Srª. Dª. Juana Manuela Gorriti, c. 1891-1892
Ilustração
BIBLIOTECA VIRTUAL DE PRENSA HISTÓRICA, MADRI

Peter Newell (p. 233)
A pobre coisinha sentou-se e chorou, 1901
Litografia
HARPER & BROTHERS PUBLISHERS, NOVA IORQUE

August Muller (p. 249)
Rio de Janeiro visto da Ilha das Cobras, c. 1840-1845
Óleo sobre tela
MUSEU IMPERIAL, RIO DE JANEIRO

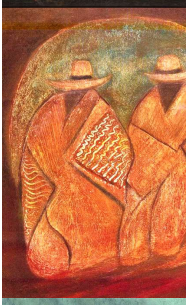


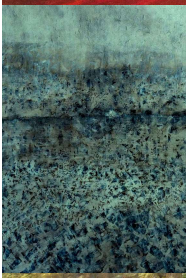
Oliva Lara (p. 277)
Mamakuna I, [s.d.]
Óleo sobre tela
MUSEO JUAN ZORRILLA DE SAN MARTÍN, MONTEVIDÉU

Severo Sarduy (p. 286)
Paisagem, c. 1990-1991
Acrílico sobre papel
GALERIE LINA DAVIDOV, PARIS

Pierre-Auguste Renoir (p. 304)
Detalhe de *Baile em Bougival*, 1882-1883
Óleo sobre tela
MUSEUM OF FINE ARTS, BOSTON

CONTRACAPA:
Escritório de Tradução em Yerevan, Armênia, 2019
Foto de Gleiton Lentz
ARQUIVO (n.t.)





⁘

A (n.t.) | 26º acabou-se de editar em 1º de setembro de 2023,
na Ilha do Desterro, Santa Catarina, Brasil.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Russo: **Palatino Lynotipe** Árabe: **Sakkal Majalla**
Japonês: **MingLiu**,

UMA REVISTA DE TRADUTORES